



Elaine Cristiny Evangelista dos Reis

**Diversidade, sexualidade e especificidade cultural em materiais educativos:**  
caracterização e análise do contexto sociocultural e da rede de ensino em Santarém, Pará

Santarém

2021

Elaine Cristiny Evangelista dos Reis

**Diversidade, sexualidade e especificidade cultural em materiais educativos:**  
caracterização e análise do contexto sociocultural e da rede de ensino em Santarém, Pará

Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, na Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Saúde Pública. Área de concentração: Determinação dos Processos Saúde-Doença: Produção/Trabalho, Território e Direitos Humanos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Marly Marques da Cruz.

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Eliane Portes Vargas.

Santarém

2021

Título do trabalho em inglês: Diversity, sexuality and cultural specificity in educational materials: characterization and analysis of the sociocultural context and the educational system in Santarém, Pará

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Catlogação na fonte  
Fundação Oswaldo Cruz  
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde  
Biblioteca de Saúde Pública

R375s Reis, Elaine Cristiny Evangelista dos.  
Diversidade, sexualidade e especificidade cultural em materiais educativos: caracterização e análise do contexto sociocultural e da rede de ensino em Santarém, Pará / Elaine Cristiny Evangelista dos Reis. — 2021.

211 f. : il. color. ; tab.

Orientadora: Marly Marques da Cruz.

Coorientadora: Eliane Portes Vargas.

Tese (doutorado) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Santarém-PA, 2021.

1. Sexualidade. 2. Jovens. 3. Materiais Educativos e de Divulgação. 4. Diversidade Cultural. 5. Diversidade Sexual. I. Título.

CDD – 23.ed. – 301.4179

Elaine Cristiny Evangelista dos Reis

**Diversidade, sexualidade e especificidade cultural em materiais educativos:**

caracterização e análise do contexto sociocultural e da rede de ensino em Santarém, Pará

Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, na Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Saúde Pública. Área de concentração: Determinação dos Processos Saúde-Doença: Produção/Trabalho, Território e Direitos Humanos.

Aprovada em: 01 de julho de 2021.

Banca examinadora

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Danielle Ribeiro de Moraes  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Instituto de Nutrição

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Evelyse dos Santos Lemos  
Fundação Oswaldo Cruz - Instituto Oswaldo Cruz

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Tatiana Wargas de Faria Baptista  
Fundação Oswaldo Cruz - Instituto Fernandes Figueira

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Roberta Gondim de Oliveira  
Fundação Oswaldo Cruz - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Eliane Portes Vargas (Coorientadora)  
Fundação Oswaldo Cruz - Instituto Oswaldo Cruz

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Marly Marques da Cruz (Orientadora)  
Fundação Oswaldo Cruz - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

Santarém

2021

...Alô, alô, alô papai, alô mamãe

Põe a vitrola pra tocar

Podem soltar foguetes

Que eu passei no vestibular

Eu agora não me iludo

Estou com a cuca controlada

Já não sou mais cabeludo

Estou de cabeça raspada

Tudo agora é alegria

Vou alegre pintando o sete

Com a turma na folia

Dando tiros de confete...

Trecho da Música: Marcha do vestibular – Pinduca

## AGRADECIMENTOS

A mão que embalou meus primeiros sonhos, me levou para a escola e foi abrigo. Quando não pôde ser mão, se tornou lembranças e presença de amor - Mãe!

As mãos da infância, que a fizeram leve, pelas brincadeiras na rua e a correria pelos quintais do bairro – Aos amigos de infância!

As mãos que sempre me ajudaram a sorrir, mesmo diante de tantas desventuras, foram sopro de esperança e sonho – As tias, primos e primas!

As mãos que corrigiram minhas primeiras lições e me ajudaram a amar estudar – As queridas professoras do reforço escolar da pratinha!

As mãos daquelas que me ajudaram a conquistar sonhos e quando tudo parecia perdido, eu encontrava esperança – As minhas irmãs!

As mãos que foram luz e me ajudaram a conquistar meu primeiro sonho: Passar no vestibular – Aos professores e amigos do ensino médio!

As mãos que foram apoio, força e confiança e me ajudaram a formar Enfermeira – Aos professores e amigos da graduação!

As mãos que plantaram sorrisos, encontros e euforia –Aos amigos do patins!

As mãos que ajudaram a madurecer meu olhar sobre pesquisa e sobre a importância do educador – Aos professores e amigos do Mestrado!

A mão daquela que sempre dividi sonhos e caminha comigo a 16 anos - Amada amiga!

As mãos que foram acolho, colo, incentivo, abrigo e proteção – Família Reis!

As mãos espalhadas em Teresina e no Rio de Janeiro que me ajudaram a construir o sonho do Doutorado, plantaram sorrisos na exaustão, regaram amor e incentivo – Aos professores e colegas da turma do doutorado!

As mãos dos que me acolheram, confortaram, incentivaram e são alicerces para a construção de uma educação crítica, reflexiva e significativa - Aos amigos da UFOPA – ISCO.

As mãos de duas flores, que me ensinaram a plantar, a regar e admirar, seja a mais bela flor, ou aquela florzinha ainda crescendo, me fizeram ver luz, calma, alegria e a entender que as vezes é preciso reconstruir – As amadas orientadoras!

A mão que foi colo, intensidade, amor, choro, risos, descobertas e sonhos – Ao parceiro de vida!

A caminhada se fez com várias mãos!

## RESUMO

A sexualidade se expressa de forma dinâmica através de construções que ultrapassam a esfera biológica e se atrelam a aspectos sociais, culturais, psicológicos e históricos. No contexto educacional contemporâneo, abordar temáticas relacionadas à sexualidade, exige a capacidade de desenvolver experiências pedagógicas diversificadas e alinhadas com a sociedade na qual os jovens estão inseridos. Nessa perspectiva, os materiais de ensino, sobretudo os materiais educativos, têm papel relevante para uma aprendizagem significativa e requerem condições básicas para que os novos conhecimentos adquiram significado para os jovens, para desatrelar de propostas pedagógicas amparadas em concepções religiosas e higienistas. Assim, o estudo objetivou, analisar o tema da sexualidade, considerando a diversidade sociocultural, no contexto dos materiais educativos voltados para alunos do ensino fundamental e médio na rede pública de ensino de Santarém/PA. Adotou-se a abordagem qualitativa, exploratória e descritiva e os dados foram coletados na primeira fase da pesquisa (pré-pandemia) com aplicação de questionário e entrevistas nas escolas para caracterização do grupo da pesquisa e de forma documental, por meio de revisão da Literatura, de dados da Secretaria Municipal de Educação (SMS), da Secretaria Regional de Educação e de materiais educativos. O estudo foi desenvolvido em Santarém no estado do Pará que é a segunda maior unidade federativa do Brasil em território e é dividido em 144 municípios e a cidade se caracteriza por uma grande diversidade social e cultural, devido à população ser composta por quilombolas, ribeirinhos e indígenas. O estudo permitiu ampliar o olhar sobre a abordagem da sexualidade e ajudar a compreender estratégias mais adequadas as necessidades de cenários repleto de diversidade sociocultural, imersos em vulnerabilidades individuais, sociais e programáticas que forma um espaço único, repleto de singularidades em razão do perfil epidemiológico, populações específicas de difícil acesso e entraves para a entrada aos serviços de saúde e educação, indicando que as propostas de ensino da sexualidade devem ser pautadas naquilo que é significativo para os jovens, sem uma intencionalidade em reforçar os padrões de saúde definidos por instâncias governamentais, projetados em mudanças comportamentais, reconhecendo às particularidades de cada região e as diferentes juventudes, que permita a valorização do saber popular e a participação daqueles que, não como técnicos ou cientistas, vivem as questões, mas, podem ajudar a resgatar a autonomia, a identidade e protagonismo juvenil.

Palavras-chave: Sexualidade; Jovens; Materiais Educativos e de Divulgação; Diversidade Cultural; Diversidade Sexual.

## ABSTRACT

Sexuality is dynamically expressed through constructions that go beyond the biological sphere and are linked to social, cultural, psychological and historical aspects. In the contemporary educational context, addressing themes related to sexuality, requires the ability to develop diverse educational experiences aligned with the society in which young people are inserted. In this perspective, teaching materials, especially educational materials, have a relevant role for meaningful learning and require basic conditions for new knowledge to acquire meaning for young people, to untangle pedagogical proposals supported by religious and hygienist conceptions. Thus, the study aimed to analyze the theme of sexuality, considering the socio-cultural diversity, in the context of educational materials aimed at elementary and high school students from the public school system in Santarém / PA. The qualitative, exploratory and descriptive approach was adopted and the data were collected in the first phase of the research (pre-pandemic) with the application of a questionnaire and interviews in schools to characterize the research group and in a documentary way, through literature review. , data from the Municipal Education Secretariat (SMS), the Regional Education Secretariat and educational materials. The study was developed in Santarém in the state of Pará, which is the second largest federative unit of Brazil in territory and is divided into 144 municipalities and the city is characterized by a great social and cultural diversity, due to the population being composed of quilombolas, riverside residents and indigenous peoples. The study made it possible to broaden the view on the approach to sexuality and help to understand more appropriate strategies for the needs of scenarios full of socio-cultural diversity, immersed in individual, social and programmatic vulnerabilities that form a unique space, full of singularities due to the epidemiological profile specific populations that are difficult to access and barriers to entry to health and education services, indicating that sexuality education proposals must be based on what is meaningful for young people, without an intention to reinforce the health standards defined by governmental bodies, projected in behavioral changes, recognizing the particularities of each region and the different youths, which allows the valorization of popular knowledge and the participation of those who, not as technicians or scientists, live the issues, but can help to recover autonomy, identity and youth protagonism.

Keywords: Sexuality; Young; Educational and Dissemination Materials; Cultural Diversity; Sexual Diversity.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Identificação dos materiais selecionados.....	38
Quadro 2 -	Caracterização dos materiais selecionados.....	40
Quadro 3 -	Modelo de quadro síntese dos artigos selecionados na RIL.....	54
Quadro 4 -	Escolas do ensino Fundamental Médio por ensino e grupo.....	64
Quadro 5 -	Escolas Indígenas e Quilombolas por Zona e Ensino.....	64
Quadro 6 -	Distribuição de escolas por Zona, Ensino e Grupo.....	69
Quadro 7 -	Número de alunos do ensino Fundamental e Médio por Zona.....	70
Quadro 8 -	Distribuição de alunos por Zona, Ensino e Grupo.....	70
Quadro 9 -	Distribuição de alunos por Zona e Grupo.....	74
Quadro 10 -	Síntese das vulnerabilidades individual, social e programática.....	83
Quadro 11 -	Identificação dos materiais educativos.....	95
Quadro 12 -	“ME 1”: Educação em sexualidade.....	97
Quadro 13 -	“ME 2”: Entendo a diversidade sexual.....	98
Quadro 14 -	“ME 3”: Adolescência e Saúde.....	99
Quadro 15 -	“ME 4”: DST.....	100
Quadro 16 -	“ME 5”: Álbum Seriado das IST.....	101
Quadro 17 -	“ME 6”: Cuidando delas.....	103
Quadro 18 -	“ME 7”: Cuidando deles.....	104
Quadro 19 -	“ME 8”: IST.....	105
Quadro 20 -	“ME 9”: Vamos falar sobre sexualidade? .....	106
Quadro 21 -	“ME 10”: Para ficar numa boa e sem sustos.....	107
Quadro 22 -	“ME 11”: Primeira Infância e gravidez na adolescência.....	108
Quadro 23 -	“ME 12”: Cuidando deles: A saúde do homem.....	109
Quadro 24 -	“ME 13”: Menina Esperta sabe seus direitos.....	110
Quadro 25 -	“ME 14”: Psicologia, Sexualidades e Identidade de Gênero.....	111
Quadro 26 -	“ME 15”: E aí garota? .....	112
Quadro 27 -	“ME 16”: Prevenção Combinada.....	113
Quadro 28 -	“ME 17”: IST.....	114
Quadro 29 -	“ME 18”: Sexualidade na adolescência.....	115
Quadro 30 -	“ME 19”: DST/AIDS na mira.....	116
Quadro 31 -	“ME 20”: Adolescentes, Aids e Sexualidade.....	117
Quadro 32 -	“ME 21”: Diversidade sexual e a cidadania LGBT .....	118

Quadro 33 -	“ME 22”: Sexualidade e deficiência Intelectual.....	119
Quadro 34 -	“ME 23”: Jovem não é careta.....	120
Quadro 35 -	“ME 24”: Tudo dentro.....	121
Quadro 36 -	“ME 25”: Cartilha do GTPCEGDS.....	122
Quadro 37 -	Potencialidades e Barreiras.....	142
Quadro 38 -	Síntese dos ME - Linguagem.....	186
Quadro 39 -	Síntese dos ME - Formato.....	188
Quadro 40 -	Síntese dos ME - Recursos visuais.....	190
Quadro 41 -	Síntese dos ME - Puberdade.....	192
Quadro 42 -	Síntese dos ME - Diversidade Sexual.....	194
Quadro 43 -	Síntese dos ME - Prevenção e Orientação.....	195
Quadro 44 -	Síntese dos ME - Cultura.....	197
Quadro 45 -	Síntese dos ME – Cidadania.....	199
Quadro 46 -	Síntese dos ME - Potencialidades.....	201
Quadro 47 -	Síntese dos ME – Fragilidades.....	202
Quadro 48 -	Resultado da RIL sobre os ME.....	204

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dimensões de análise dos materiais.....	58
Figura 2 - Eixos de análise organizacional.....	58
Figura 3 - Eixos de análise conceitual da sexualidade.....	59
Figura 4 - Eixos de análise contextual da sexualidade.....	60
Figura 5 - Grupos de relações das vulnerabilidades individual.....	84
Figura 6 - Grupos de relações das vulnerabilidades social.....	88
Figura 7 - Grupos de relações das vulnerabilidades programática.....	88
Figura 8 - Capa da cartilha produzida pelo NEFIES.....	97
Figura 9 - Capa da cartilha: Entendo a diversidade sexual.....	98
Figura 10 - Capa da cartilha: Adolescência e saúde.....	99
Figura 11 - Capa da cartilha: DST.....	100
Figura 12 - Capa da cartilha: Álbum Seriado das IST.....	101
Figura 13 - Capa da cartilha: Cuidando delas: a saúde da mulher.....	103
Figura 14 - Capa da cartilha: Cuidando deles.....	104
Figura 15 - Capa da cartilha: Infecções Sexualmente Transmissíveis.....	105
Figura 16 - Capa da cartilha: Vamos falar sobre sexualidade? .....	106
Figura 17 - Capa da cartilha: Para ficar numa boa e sem sustos.....	107
Figura 18 - Capa da cartilha: Primeira Infância e gravidez na adolescência.....	108
Figura 19 - Capa da cartilha: Cuidando deles: A saúde do homem.....	109
Figura 20 - Capa da cartilha: Menina Esperta sabe seus direitos.....	110
Figura 21 - Capa da cartilha: Psicologia, Sexualidades e Identidade.....	111
Figura 22 - Capa da cartilha: E aí garota?.....	112
Figura 23 - Capa do Folder: Prevenção combinada.....	113
Figura 24 - Capa do Folder: Em Pernambuco.....	114
Figura 25 - Capa do Folder: Sexualidade na adolescência.....	115
Figura 26 - Capa da cartilha: DST/AIDS na mira.....	116
Figura 27 - Capa da cartilha: Adolescentes, Aids e Sexualidade.....	117
Figura 28 - Capa da cartilha: Diversidade sexual e a cidadania LGB.....	118
Figura 29 - Capa da cartilha: Sexualidade e deficiência Intelectual.....	119
Figura 30 - Capa da cartilha: Jovem não é careta.....	120
Figura 31 - Capa da cartilha: Tudo dentro.....	121
Figura 32 - Capa da cartilha: GTPCEGDS.....	122

## LISTA DE FOTOS

Foto 1: Comunidade quilombola Maicá.....	75
Foto 2: Abastecimento de água na Comunidade Maicá.....	75
Foto 3: Navio da saúde - Abaré.....	92

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Síntese dos artigos disponibilizados na SCOPUS.....	77
Tabela 2- Síntese dos artigos disponibilizados na BVS.....	77
Tabela 3- Perfil das publicações selecionadas para o estudo .....	78
Tabela 4- Principais vulnerabilidades.....	81

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIA	Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ANDES	Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CEDECA	Centro de Defesa de Crianças e do Adolescente
CRVV	Centro de Referência as Vítimas de Violência
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
CRAI	Centro de Referência no atendimento Infanto-juvenil
CTA	Centro de Testagem e Aconselhamento
CVV	Centro de Valorização da Vida
CID	Código Internacional de Doenças
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CRP	Conselho Regional de Psicologia
CF	Constituição Federal
DCNE	Diretrizes Curriculares Nacionais
DECA	Departamento Estadual da Criança e do Adolescente
DIVE	Departamento de Vigilância Epidemiológica
DIU	Dispositivo Intra Uterino
DIP	Doença Inflamatória Pélvica
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FEPIPA	Federação dos Povos Indígenas do Pará
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FUNPAPA	Fundação papa João XXIII
GMB	Grupo de Mulheres do Brasil
GTPOS	Grupo de trabalho e pesquisa em orientação sexual
GTPSIG	Grupo de Trabalho Psicologia, Sexualidades e Identidades de Gênero

HPV	Vírus Papiloma Humano
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IFAN	Instituto da Infância
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LGBTTT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
LD	Livro Didático
ME	Materiais educativos
MEC	Ministério da Educação
MEI	Materiais Educativos Impressos
MS	Ministério da Saúde
MOPROM	Movimento de Promoção da Mulher
MMCC	Movimento de Mulheres do Campos e da Cidade
NEFIES	Núcleo de Estudos Sobre Famílias e Instituições Educacionais e Sociais
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
PROMUNDO	Organização não governamental que atua em diversos países do mundo
PCCU	Preventivo do Câncer de Colo do Útero
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PATE	Posto de Atendimento ao Trabalhador
PrEP	Profilaxia Pré-Exposição
PEP	Profilaxia Pós-Exposição
PNE	Plano Nacional da Educação
RNPI	Rede Nacional da Primeira Infância
SMS	Secretaria Municipal de Saúde
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SEDUC	Secretaria Estadual de Educação
SOMOS	Comunicação Saúde e Sexualidade
SPC	Serviço de Proteção à Criança
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a ciência e a cultura
URE	Unidade Regional de Educação

UFC	Universidade Federal do Ceará
UFOPA	Universidade Federal do oeste do Pará
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFPI	Universidade Federal do Piauí
USP	Universidade de São Paulo



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>2. SITUAÇÃO PROBLEMA E QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO</b> .....	22
2.1. JUSTIFICATIVA .....	24
2.2. PRESSUPOSTOS.....	26
<b>3. OBJETIVOS</b> .....	29
3.1. OBJETIVO GERAL.....	29
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	29
<b>4. REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	30
4.1. INÍCIO DE CONVERSA - JUVENTUDES E DIVERSIDADE.....	30
4.2. AMPLIANDO O OLHAR - VULNERABILIDADES .....	32
4.3. ABRINDO AS CAIXAS – OS MATERIAIS EDUCATIVOS .....	36
<b>5. MATERIAIS E MÉTODOS</b> .....	51
5.1. ABORDAGEM DO ESTUDO E CENÁRIO DA PESQUISA.....	51
5.2. COLETA DE DADOS E INSTRUMENTO DE COLETA .....	53
5.3 ANÁLISE DE DADOS .....	56
5.4 EXEQUIBILIDADE DO ESTUDO .....	61
5.5. ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA .....	63
<b>6. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	64
6.1. UM PEDACINHO DO NORTE: CARACTERIZAÇÃO .....	64
6.2. VULNERABILIDADES .....	77
6.3. MATERIAIS EDUCATIVOS .....	94
6.4. POTENCIALIDADES E BARREIRAS .....	138
<b>7. CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA PARA O CAMPO: CARTILHA</b> .....	145
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	146
<b>REFRÊNCIAS</b> .....	152
<b>APÊNDICE A – ARTIGO 1</b> .....	171
<b>APÊNDICE B – QUADRO SÍNTESE: LINGUAGEM</b> .....	187
<b>APÊNDICE C - QUADRO SÍNTESE: FORMATO</b> .....	189
<b>APÊNDICE D - QUADRO SÍNTESE: RECURSOS VISUAIS</b> .....	191
<b>APÊNDICE E - QUADRO SÍNTESE: PUBERDADE</b> .....	193
<b>APÊNDICE F - QUADRO SÍNTESE: DIVERSIDADE</b> .....	195
<b>APÊNDICE G - QUADRO SÍNTESE: PREVENÇÃO</b> .....	196
<b>APÊNDICE H - QUADRO SÍNTESE: CULTURA</b> .....	198

<b>APÊNDICE I - QUADRO SÍNTESE: CIDADANIA .....</b>	<b>200</b>
<b>APÊNDICE J - QUADRO SÍNTESE: POTENCIALIDADES .....</b>	<b>202</b>
<b>APÊNDICE L - QUADRO SÍNTESE: FRAGILIDADES.....</b>	<b>203</b>
<b>APÊNDICE M – QUADRO RESULTADOS DA RIL SOBRE OS ME .....</b>	<b>205</b>
<b>APÊNDICE N – AUTORIZAÇÃO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO.....</b>	<b>207</b>
<b>APÊNDICE O – AUTORIZAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO .....</b>	<b>209</b>
<b>ANEXO 1 –AUTORIZAÇÃO CEP – CONEP .....</b>	<b>211</b>

## APRESENTAÇÃO

Nasci em Belém do Pará, filha de uma doméstica e de pai ausente, que saiu de casa por volta dos meus 5 anos, para tentar uma vida melhor, mas, acabou construindo outra família. Deixou uma mãe com muita coragem, amor e três filhas.

Cresci livre e feliz na periferia de Belém, ouvindo brega, lambada, a briga dos vizinhos, vendendo canjica na porta de casa e morando nos fundos da casa da nossa avó materna. Estudei quase a vida toda na escola estadual do bairro e fui tocada na escola, pela fala de um ex-aluno que contou sobre sua aprovação no vestibular em uma universidade pública e me causou grande impressão, já que todos achavam aquele rapaz incrível e desde então, descobri que queria estudar e passar no vestibular, afinal, também queria me sentir incrível!

No penúltimo ano do ensino médio as escolas públicas do nosso estado enfrentaram uma greve que durou meses e com muito esforço sair da escola pública, para uma escola particular, bem em conta, para concluir o 2º ano, lá acabei conhecendo algumas pessoas que me estenderam a mão e fui cursar o 3º ano em uma escola particular com bolsa quase integral. Passava o dia todo nessa escola, porque inicialmente achava que era “burra”, porque não conseguia acompanhar as aulas, mas, em pouco tempo percebi que não conseguia acompanhar porque tratavam-se de assuntos que não vi, então, assistia todas as mesmas aulas em dois turnos.

Fiz vestibular para Enfermagem na Universidade Federal do Pará (UFPA) e passei em 11º lugar, dias antes do resultado nossa mãe teve um AVC e nossos papéis mudaram, porque assumimos a função de mãe. No dia do resultado do vestibular, vivíamos a alegria de ser a primeira pessoa da família a entrar na Universidade, mas, a dor pelo estado de saúde da nossa mãe. Lembro que nesse dia, assim como tantos outros a gente não tinha nada para comer em casa, mas, a festa chegou! Em alguns minutos os amigos, os familiares, chegaram em casa e quando vimos tinha ovo e trigo para a comemoração, a marcha do Pinduca e até churrasco. Foi incrível!

A universidade foi um mundo novo! O início foi difícil, porque faltava tudo: Para o transporte, porque as aulas aconteciam de manhã e de noite, então eu ia de manhã e ficava a tarde na biblioteca estudando para aguardar a aula da noite e faltava um real para comer no restaurante universitário. Mas, consegui meu primeiro estágio e passei a ganhar 270 vezes mais do que antes e achava que era muito dinheiro e com todo esse dinheiro eu conseguia pagar o transporte, a alimentação do restaurante universitário e ajudar em casa.

Durante a graduação, realizei vários estágios extracurricular, como no Programa de Reorientação da Formação profissional em Saúde – Pró- Saúde, o Projeto Rondon - Operação vale do Ribeira no Paraná e sempre atuava realizando atividades educativas e desse contato veio minha aproximação com o campo da sexualidade, que na época se limitava a abordagem das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Dessas experiências com o universo das IST estruturei meu TCC que resultou na publicação de um capítulo do livro: Saúde Coletiva na Amazônia: experiências acadêmicas em Enfermagem, publicado em Belém, ISBN 978-85-89377-20-1 e desde então as minhas pesquisas caminharam nesse universo.

Formei enfermeira pela UFPA em 2009 e logo em seguida passei para professora substituta dessa universidade. Foi muito natural a minha saída da graduação e ingresso como docente, por que sempre me vi como professora, quando criança ensinava outras crianças e quando adolescente e na faculdade trabalhava dando aulas de reforço, então era um universo que conhecia e gostava. Atuo como professora a 11 anos, entre experiências no ensino profissionalizante e no ensino superior, em diversas instituições, como cursos técnicos, preparatórios para concurso público, faculdade particulares e universidades públicas.

Ao longo da caminhada acadêmica, cursei duas especializações uma em Urgência e emergência na UFPA, por conta das crises convulsivas e do agravamento do Alzheimer da minha mãe e outra em Redes de Atenção à Saúde pela Fiocruz. E em 2011 ocupei uma das cinco vagas, no Mestrado em Enfermagem na UFPA na linha de educação e defendi minha dissertação em novembro de 2013. Com os jovens e o comportamento sexual como pauta de estudo.

No decorrer da caminhada como docente, percebi a necessidade de continuar a formação acadêmica e então veio o sonho do Doutorado. Como no estado do Pará, não tem um Programa de Doutorado na área de saúde pública, meu caminho foi cruzado com a Escola Nacional de Saúde Pública em 2017, através de um edital para uma turma que ocorreria em Teresina- Piauí e sem pensar duas vezes, sair de Belém e conquistei o terceiro lugar nesse processo seletivo e me tornei estudante do curso de Doutorado do Programa de Saúde Pública.

Em 2018, fiz concurso para professora efetiva da Universidade Federal do Oeste do Pará, em uma área que sempre trabalhei: educação em saúde e fui aprovada em primeiro lugar e assim mudei para a cidade de Santarém e nesse entrelaço de vida, entre incontáveis conexões entre o Norte e o Nordeste, escrevi minha tese. O acesso à educação me permitiu mais do que sobreviver, me fez alimentar sonhos e encontrar o meu lugar no mundo.

## 1. INTRODUÇÃO

Em âmbito internacional um importante avanço nas ações de educação em saúde no campo da sexualidade foi o Plano de Ação do Cairo em 1994 que favoreceu a liberdade a abordagem da sexualidade de forma “saudável” (BUGLIONE, 2002). Assim, o Estado passa a ser o responsável por adotar campanhas educativas relativas à saúde sexual e reprodutiva e por inserir ações de educação sobre o tema nos currículos nacionais escolares, de modo a atingir, indistintamente, meninas e meninos (VENTURA, 2003).

No Brasil, as ações e políticas de educação sexual voltadas para jovens, se configura na segunda metade do século XX, quando se iniciaram importantes transformações quanto aos padrões de enfoque da sexualidade e dos comportamentos sexuais (BONFIM, 2009). No decorrer das décadas de 1960 e 1970, a introdução da educação sexual formal na escola enfrentou fluxos e refluxos com o desenvolvimento de experiências de educação sexual em que se observava a implementação de propostas no currículo voltadas à orientação sexual das meninas, às doenças, a normatização das condutas e o preparo das meninas para o papel de mãe e esposa (ALTMANN, 2006; 2007).

No contexto da abertura política, iniciada em 1978, o Conselho Federal de Educação aprovou a implantação da educação sexual como conteúdo curricular das escolas de Ensino Fundamental e Médio, na disciplina denominada Programa de Saúde. O enfoque era nos aspectos anatômicos, centrado nas questões biológicas e médicas, sem abordar comportamentos e valores (ALMEIDA, 2009).

Quartiero (2009), aponta que conquistas e avanços em relação aos direitos sociais alavancaram o campo da sexualidade e assim, em 1996, foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e foram estabelecidos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). A relevância desses parâmetros deve-se ao fato de ter inserido a educação sexual como tema transversal a ser abordado em todas as disciplinas, no Ensino Fundamental e Médio, reconhecendo-se sua importância e necessidade. Contudo, Altmann (2007) afirma que foram os livros didáticos de ciências que inseriram concretamente o tema da sexualidade na escola ministrado pelos professores de biologia com um enfoque biológico, o que caracteriza, portanto, uma perspectiva disciplinar.

As duas últimas décadas foram marcadas, no Brasil, por mudanças na cultura sexual e de gênero e na escala de valores em relação à sexualidade (SILVA et al., 2014). Nesta direção, devemos levar em conta, no que concerne a estas transformações de valores, a heterogeneidade de códigos culturais e experiências sociais existentes na sociedade brasileira, o que não nos permite generalizá-las. Tendo em vista os diferentes grupos sociais e culturais

que a caracterizam. Faz-se necessário uma especial atenção com relação ao uso da identidade de gênero no que tange à uma transposição linear desta categoria na análise da sexualidade em grupos específicos do ponto de vista cultural. Este é o caso do contexto deste estudo dedicado à sua caracterização e à análise voltados aos materiais educativos na rede de ensino de Santarém, Pará.

Em que pese tais reflexões que encontram limites neste trabalho devido às mudanças no projeto original em razão da Pandemia de Covid-19, mas que alertam para a existência de diferentes contextos na análise das identidades relativas ao gênero, pode-se afirmar que o país chega ao final do século XX como uma sociedade dotada de um aperfeiçoado sistema normativo de proteção aos jovens. Este deve ser mobilizado na luta por políticas públicas voltadas para a melhoria das condições de atendimento à saúde, incluindo a sexual e reprodutiva, e ao acesso à informação e aos insumos necessários para a efetiva adoção de medidas preventivas (BUSS, 2007).

Tomando a análise dos resultados do estudo conduzido por Sfair; Bittar e Lopes (2015), destaca-se que os avanços das décadas de 1990 e 2000 no campo da educação sexual de jovens no Brasil são marcantes, mas insuficientes para a superação dessa perspectiva de educação sexual apenas de aspectos anatomofisiológicos, para o avanço nas discussões e práticas que cercam a vida sexual de jovens, promovendo conhecimento e reflexão autônomos, apresentando novas possibilidades para além dos aspectos com os quais entram em contato na família, na escola, na religião e na sociedade, oferecendo-lhes elementos para desenvolver seus próprios posicionamentos, ações e permitir se afastar do campo das vulnerabilidades.

A vulnerabilidade pode ser muitas vezes atrelada a noções de carências e de exclusão. Algumas pessoas, famílias e comunidades são vulneráveis por não disporem de recursos necessários para o enfrentamento dos riscos a que são ou estão submetidos, nem de capacidades para adotar ações e estratégias que lhes possibilitem o alcance oportuno de segurança pessoal e coletiva. O conceito de vulnerabilidade refere-se à suscetibilidade de um indivíduo ao adoecimento, como na vulnerabilidade individual, que compreende os aspectos biológicos, cognitivos e atitudes dos indivíduos; na vulnerabilidade social, que inclui fatores sociais, culturais e econômicos; e na vulnerabilidade programática, que faz menção aos recursos que são necessários para proteção e qualidade de vida dos indivíduos (AYRES et al., 2003).

Um segmento que convive em constantes situações que podem expor ao aumento da vulnerabilidade no campo da sexualidade, são os jovens, uma vez que esse grupo social acaba enfrentando dificuldades, considerando que as ações educativas ainda estão fortemente

centralizadas e voltadas ao contexto da reprodução humana, além das questões culturais que reforçam barreiras atitudinais arraigadas ao preconceito de que o sexo deve ser uma prática de adultos, bem como problemas nos serviços de saúde e educação, implicando em falhas na oferta de cuidados qualificados para essa demanda e questões de discriminação associadas ao gênero, a raça e etnia que dificultam o desenvolvimento pleno da sexualidade (MONTEIRO, CECCHETTO & VARGAS, 2010).

Assim, o estudo pretende **compreender Sexualidade e diversidade sociocultural em materiais educativos na rede pública de ensino de Santarém-Pa.**

## 2. SITUAÇÃO PROBLEMA E QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO

O estudo conduzido por Dicenso e Griffith (2002), sobre o impacto de programas de educação sexual voltados para adolescentes mostraram que as estratégias de prevenção inspiradas na transmissão de informação não retardam a iniciação sexual, não aumentam o uso de métodos contraceptivos entre homens ou mulheres jovens, nem reduzem a gravidez na adolescência, objetivos frequentes dos programas implantado. Nesse sentido, Gazzinelli e colaboradores (2005), também apontam que práticas educativas pautadas na aquisição de saber, não resultam, necessariamente, em mudanças de comportamento e destacam que as subjetividades associadas à sexualidade dos jovens como comportamentos e valores, e o desafio de compreender como, apesar de ações de prevenção as IST estarem contempladas nas propostas oficiais da educação e da saúde e apostarem na instituição escolar para orientação sexual, os jovens permanecem nas estatísticas epidemiológicas com tendência crescente de casos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), implicando na necessidade de discussões sobre a abordagem que vem sendo realizada quanto a sexualidade durante a juventude.

Na fase da juventude os indivíduos se encontram em situação de aprendizagem, possibilitando a adoção de reflexões frente à sua sexualidade. Nesta fase da vida, os jovens estão construindo concepções acerca do mundo, da vida, da sexualidade por meio dos conhecimentos adquiridos, das informações de várias fontes que podem ser aceitas ou negligenciadas, e que podem nortear suas ações (DANTAS et al., 2013). A percepção do jovem é formulada a partir de suas diversificadas experiências cotidiana, na família, escola, entre os amigos e no que é divulgado pela mídia. Assim, considerando a condição de vulnerabilidade em que os jovens podem estar expostos frequentemente, é preciso considerar a enorme responsabilidade que esses atores têm (AMORAS; CAMPOS; BESERRA, 2012).

Entre esses atores, a escola destaca-se por ser um local em que os jovens passam grande parte do seu tempo, tratando-se de um dos principais campos para contatos interpessoais (COSTA et al., 2013). A educação sexual na escola está sugerida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), dando autonomia aos estabelecimentos de ensino para decidirem a melhor forma de abordar a temática. No entanto, para abordar os temas chamados “transversais”, há ainda uma fragilidade na formação acadêmica dos docentes do ensino fundamental e médio, quanto a metodologia ou formas de orientação. Essa fragilidade na capacitação de professores para lidar com temáticas relacionadas à sexualidade, reforça a propagação de propostas pedagógicas amparadas em concepções religiosas, higienistas, heteronormativas e facilita a perda de um momento importante para abordagem da



sexualidade dos jovens que deveria ser iniciada durante a infância. Assim, é importante que esses educadores sejam qualificados para trabalharem essa temática e que a família seja convidada e estimulada a participar desse processo (MACEDO, 2013).

No campo político, desde 2004, com o surgimento do movimento “Escola sem Partido”, aproximadamente 60 projetos de lei tramitaram ou tramitam no Congresso Nacional e casas legislativas objetivando impedir a “doutrinação política e ideológica” de alunos nas escolas (FERREIRA, 2015). Dentre as solicitações, encontra-se a exclusão dos termos orientação sexual e gênero do Plano Nacional da Educação (PNE) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC), esta última homologada em 22 de dezembro de 2017. Esta exclusão caracteriza um retrocesso político no campo da educação sexual, que retirou da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) os termos gênero e orientação sexual e generalizou esses temas para “dimensões da sexualidade humana” (BRASIL, 2017).

Além das atividades educativas que abordam sexualidade no espaço da escola, vem se acompanhando o aumento do acesso aos meios de comunicação, através de telefonia móvel, uso da internet, maior facilidade de deslocamento, ampliação da abordagem do tema de prevenção de IST em programas de televisão, difusão de cartilhas educativas em escolas e disponibilização de plataformas educativas. No entanto, a redução da vulnerabilidade dos jovens às IST, não acompanha essa velocidade; a ampliação da abordagem da sexualidade, ainda é direcionada a padrões norteadores de condutas; a diversidade sociocultural que compõe o Brasil ainda se encontra nas entrelinhas e as desigualdades socioeconômicas entre as regiões brasileiras, estados e cidades, introduz realidades conflitantes e um muro de iniquidades (HARTMANN; CESAR, 2013).

Nesse cenário de diversidade regionais, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE - 2012) que aborda o comportamento sexual em adolescentes brasileiros, revelou que o maior percentual de relação sexual entre jovens da 9ª série está na região Norte com 38,2%. Esses dados que apontam reflexões a respeito de educação e comportamento sexual de jovens brasileiros sobre IST em âmbito nacional, acaba evidenciando a região Norte, com relação ao início da atividade sexual entre jovens, permitindo refletir além de questões relacionadas ao início da vida sexual, mas, esbarrando na estrutura de diferenças regionais, nas questões da sexualidade humana e no questionamento que talvez a identificação da idade do início da relação sexual dos jovens não seja o ponto chave das questões de entendimento, e sim a compreensão da sexualidade de forma que permita a autonomia para decisões responsáveis e seguras, implicando em refletir, sobre o direcionamento que vem sendo adotado na educação quanto a sexualidade de jovens (OLIVEIRA-CAMPOS ET AL., 2014). Assim, o presente estudo procura responder a seguinte questão de investigação: **Como o tema da sexualidade**

**tem sido abordado no contexto dos materiais educativos voltados para alunos do ensino fundamental e médio na rede pública de ensino de Santarém/PA considerando a diversidade sociocultural e as especificidades deste grupo?**

## 2.1. JUSTIFICATIVA

Apesar da ampliação ao acesso à saúde com o advento do SUS em 1990, os avanços desse sistema não acompanharam a progressão da epidemia de algumas IST como AIDS, uma vez que por muitos anos foi priorizado o tratamento ao invés da prevenção e ainda se vive o desconhecimento da situação epidemiológica mais real das demais IST, devido às subnotificações e ao pouco interesse relacionado a elas (ARAÚJO et al., 2012). E paralelamente a esse aspecto, a abordagem da sexualidade entre os jovens ainda é muito limitada e direcionada as questões biológicas e higienistas, considerando como foco da discussão a prevenção de doenças e da gravidez e colocando na invisibilidade diversos temas que estão presentes cotidianamente na vida dos jovens, como a diversidade sexual, prazer, desejo, questões de gênero, cultura, direitos, entre outros (COUTO JUNIOR; OSWALD; POCAHY, 2018).

Dessa forma, compreender diversos aspectos relacionados a juventude, implica na abertura para o diálogo entre a escola, a família e os pares, para se criar redes de enfrentamento das desigualdades e vulnerabilidades sociais e sobretudo, manter um canal de comunicação para troca de informação e estabelecimento dos vínculos necessários ao atendimento de problemas de saúde sexual, reprodutiva e se aproximar da dimensão mais abrangente da sexualidade (MACEDO, 2013). Já que o distanciamento de informações seguras, de qualidade e um suporte efetivo aos jovens pode dificultar as suas escolhas, o conhecimento sobre sua sexualidade e tomadas de decisão. Ainda que a informação não seja salvadora, existe a necessidade de reforçar estudos que visam compreender grupos específicos e nesse sentido, o espaço da escola e seus atores, assim como a família, colocam-se como estratégicos para a abordagem das discussões sobre a sexualidade (FIGUEIRÓ, 2010).

Dito isso, coloca-se na escola a necessidade de maior envolvimento para que estas possam identificar o seu papel de destaque, enquanto gestora escolar responsável por promover e garantir o cumprimento de políticas públicas educacionais, que, entre outras finalidades, visam contribuir com a emancipação e a participação do jovem, no sentindo aproximá-los das questões da sexualidade, reconhecendo que existe uma limitação na compreensão dos aspectos individuais, estruturais e socioculturais que envolvem a

sexualidade dos jovens (FURLANI, 2008). Implicando por negligenciar as experiências desses sujeitos, abordando conteúdos puramente biológicos sem significados para os indivíduos e propondo metodologias e ou atividades alheias às percepções e necessidades do público alvo a que elas se destinam (CICCO, 2012).

Nesse sentido, a educação no âmbito da sexualidade, precisa reconhecer que o conhecimento adquirido em sala de aula parta também das experiências vivenciadas pelos sujeitos, visto que as expectativas dos alunos se estendem para além dos conteúdos curriculares e das informações contidas nos Livros Didáticos, perpassam pela oportunidade em esclarecer as dúvidas mais gerais que envolvem a prática sexual, as infecções, prevenção, atenção aos sintomas e pela expectativa de ouvir experiências vivenciadas por outras pessoas que não fazem parte do seu núcleo familiar ou de seus pares (OLIVEIRA et al., 2013; DCNE, 2016).

E apesar da sexualidade no contexto escolar já ter sido discutido por muitos autores, como Malta; Martins; Almeida (2013); Silva; Moura (2013); Macedo (2013), Oliveira-Campos et al (2014), a presente proposta de investigação é de extrema importância, por buscar analisar o tema da sexualidade, considerando a diversidade sociocultural, no contexto dos materiais educativos voltados para alunos do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino de Santarém/PA. E poucos são os estudos sobre essa temática numa região tão marcada por desigualdades sociais e diversidade sociocultural. A cidade de Santarém, no Oeste do Pará, é rica em história, cultura e diversidade com populações em áreas ribeirinhas, quilombolas, rurais e indígenas, com acesso muitas vezes difícil a essas localidades, o que dificulta a realização de estudos, gerando uma carência de informações sobre a área e a necessidade de pesquisas que possam conhecer uma realidade tão distinta (BARBOSA, 2010). Assim, o estudo ganhou relevância, por possibilitar responder a uma lacuna de conhecimento no que diz respeito a caracterização das escolas de ensino fundamental e médio da rede pública de ensino de Santarém/Pa quanto a distribuição territorial, quantitativos de alunos e diversidade sociocultural; bem como por caracterizar as principais vulnerabilidades dos jovens no contexto sociocultural da região Norte no que diz respeito a sua sexualidade e identificar as principais potencialidades e as possíveis barreiras aos jovens quanto ao tema da sexualidade.

Dessa forma, possibilitar uma ampliação do diálogo de um objeto na interface entre área da saúde e da educação e avançar no debate da sexualidade em contextos de desigualdades e diversidade sociocultural, talvez tenha como ponto importante, direcionar o olhar para como as práticas educativas estão ocorrendo, para que estas possam deixar de ser estruturada para o jovem e possam a ser construída com os jovens (REIS et al., 2019). E nos

moldes atuais, o que se observa cotidianamente no espaço escolar é uma responsabilidade majoritária do professor de ciências e/ou biologia enquanto que deveria ser uma responsabilidade multidisciplinar como apontado nas linhas gerais dos PCN, sendo o protagonista o jovem (CICCO, 2012).

## 2.2. PRESSUPOSTOS

O contexto educacional contemporâneo exige dos professores a capacidade de desenvolver experiências pedagógicas diversificadas e alinhadas com a sociedade na qual estão inseridos. Nessa perspectiva, os materiais de ensino, e, sobretudo o livro didático e materiais educativos, têm papel relevante para uma aprendizagem e no campo do ensino da sexualidade requer que os conhecimentos adquiram significado para o sujeito (SOUZA; MORAIS; OLIVEIRA, 2015). Colocando ao educador a necessidade de estar preparado para abordar a temática, por outro lado, a realidade nem sempre é essa. Além disso, Oliveira et al., (2015), aponta a existência de dualismo quanto a sexualidade, pois, ao mesmo tempo em que o jovem ouve e vê sobre a vida sexual em diversos cenários, existem resistências em educar, sensibilizar e oferecer os meios para a compreensão da sexualidade.

As ações educativas e de prevenção no campo da sexualidade devem contemplar uma perspectiva integradora e participativa, buscando contribuir para que os sujeitos se reconheçam como agentes do processo, devendo ser incorporadas por diferentes níveis da sociedade, buscando-se uma articulação interdisciplinar (LOURO, 1999). Se o conteúdo a ser aprendido se relacionar com a vida do aprendiz de maneira que faça sentido para ele, estimulando o contato com intervenções voltadas para a necessidade específica de cada grupo, apoiado em livros didáticos e materiais educativos apropriados e com propostas de ensino que reconheça o estudante com sua sexualidade e particularidades locais, sociais e culturais, existe maior possibilidade de eficiência no processo de ensino-aprendizagem (CARNEIRO et al., 2015).

As propostas de ensino da educação sexual devem ser pautadas naquilo que é significativo para os jovens sem uma intencionalidade em reforçar os padrões de saúde definidos, sendo importante observar o sujeito na sua totalidade, ou seja, a partir de seus processos intelectuais, afetivos e culturais, já que o entendimento sobre cada conteúdo, dependerá das representações que os sujeitos fazem a partir da sua vivência social (GAZZINELLI et al, 2005). Isso demonstra que os programas de Educação em Saúde não

deveriam restringir suas iniciativas à descrição de temas e condutas e deveriam buscar integrar os valores, costumes e aspectos sociais que constrói o cotidiano dos jovens.

É necessário um reconhecimento cada vez maior da importância da realização de atividades educativas que abordem o tema da sexualidade através da perspectiva dos atores envolvidos como integrantes de um grupo que vive diferentes juventudes (STOTZ, 2005). E essas vivências são decorrentes do seu contexto de inserção, da sua percepção pessoal, do poder de escolha de decisão em uma era globalizada que requer uma agilidade de resposta e aceitação de culturas, experiências e retratos que muitas vezes estão imersos em um contexto de vulnerabilidades (AMORIM; ROSITO; FREIRE, 2007). Entendendo a vulnerabilidade segundo Sevalho (2018), como uma questão social que aponta para condições mutáveis, sendo definida pelo entrelaçamento de condições materiais, psicológicas, culturais, morais, jurídicas, políticas, que podem direcionar saberes e práticas em saúde (AYRES et al., 2003; 2006).

Nesse sentido, Kowarick (2009) aponta que a vulnerabilidade remete à deterioração dos direitos civis, perda de garantias adquiridas, fragilização da cidadania, dificuldade de acesso à moradia, serviços de saúde, assistência social e emprego, além de uma coexistência de um apartheid social nos ambientes urbanos. Segundo Ayres e colaboradores (2003; 2006), o conceito de vulnerabilidade no sentido interdisciplinar é vinculado à garantia de cidadania de populações politicamente fragilizadas na perspectiva dos direitos humanos, configurando a superação do preconceito inspirado pela identificação de grupos de risco e da culpabilização individual que acompanhava a focalização ultrapassada de comportamentos de risco. Nesse estudo além da perspectiva da vulnerabilidade individual, social e programática, será considerado a vulnerabilidade a partir de análises multidimensionais (MEYER et al., 2006). Uma vez que reconhecemos a necessidade de valorizar o trabalho educativo através de um cunho multidisciplinar na perspectiva de atingir a multiplicidade em que a sociedade é construída.

Talvez, essa ideia ainda pareça muito remota por que provavelmente ainda se nutre a esperança que o Ministério da Saúde produza uma única cartilha, filme ou folheto capaz de atender uma demanda tão plural que consiste a construção das juventudes na sociedade (TARANTOLA, 2000). Uma vez que o Brasil é um país de dimensões diversas, com hábitos e comportamentos distintos, típicos de cada região, mergulhados em um contexto de regionalismo e singularidades e esperar que uma única forma de realizar abordagens educativas sobre sexualidade seja capaz de proporcionar concepções que minimizem a vulnerabilidade dos jovens as IST é minimamente uma visão simplória e unidirecional (AYRES, 2002).

Acredita-se na necessidade de um trabalho educativo adequado às particularidades de cada região, reconhecendo diferentes juventudes com menciona Stotz (2005) que permita a valorização do saber popular (RICOEUR, 2008). Permitindo a escrita da própria narrativa, da capacidade de decidir, respeitando a identidade de cada educando, fazendo com que o conteúdo tenha significado uma vez que passa a ser reconstruído a partir de sua visão de mundo, com uma construção compartilhada entre sujeito, sujeito e não sujeito objeto (FREITAS, 2008; FREIRE, 1996; CARVALHO; ACIOLI; STOTZ, 2001).

Assim, dimensiona-se que a educação em saúde significativa se afasta da saúde alicerçada em intervenções assistencialistas, autoritárias, verticalizadas, com modelos limitados e limitantes, dicotomizadas entre certo e errado, centradas na transmissão de informação, orientadas por um sentido de tutela que pretexta proteger e fazer valer direitos dos vulneráveis (OLIVEIRA; WENDHAUSEN, 2014; COSCRATO; BUENO, 2013). Já que a educação em saúde pode ser medicalizante e funcionar como poderoso instrumento de domesticação, instituidor de vulnerabilidade social (SEVALHO, 2018). E para Feito (2007) a educação não deve ser instrumento de controle por aqueles que se julgam exclusivos donos do conhecimento e impõem sua cultura e seu saber aos demais, percebendo-os como incapazes de produzir ciência para interpretar e conduzir a vida. Dessa forma, como diz Valla (1996) “Se negamos os saberes populares, é porque “a crise de interpretação é nossa” Pág. 178.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1. OBJETIVO GERAL**

Analisar o tema da sexualidade, considerando a diversidade sociocultural, no contexto dos materiais educativos voltados para alunos do ensino fundamental e médio na rede pública de ensino de Santarém/PA.

#### **3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

1. Caracterizar as escolas de ensino fundamental e médio na rede pública de ensino de Santarém/Pa quanto a distribuição territorial, quantitativos de alunos e diversidade sociocultural;
2. Caracterizar com base na literatura, as principais vulnerabilidades dos jovens no contexto sociocultural da região Norte no que diz respeito a sua sexualidade;
3. Analisar o tema da sexualidade nos materiais educativos utilizados na rede pública de ensino de Santarém/PA considerando a diversidade sociocultural e as especificidades dos alunos;
4. Identificar as principais potencialidades e as possíveis barreiras aos jovens a partir da análise realizada;

## 4. REVISÃO DA LITERATURA

### 4.1. INÍCIO DE CONVERSA - JUVENTUDES E DIVERSIDADE

A noção de juventude associada a um processo de transição entre estágios ou referente a uma faixa etária, encontra-se cada vez mais desatualizada. Entretanto, tradicionalmente é considerada como o período de vida que se estende da infância ou da adolescência à idade adulta. Por outro lado, a noção de juventude sempre significou mais do que uma mera etapa do desenvolvimento físico-psicológico, a concepção mais atualizada encontra-se intimamente relacionada com o status social que os jovens têm vindo a assumir na sociedade (DOUTOR, 2016).

Nesse sentido, o conceito de juventude emergiu como uma questão social, na medida em que os jovens foram definidos como protagonistas de comportamentos éticos e culturais bem particulares. Assim, pode-se pressupor que não existe uma só juventude, mas sim diferentes juventudes (BOURDIEU, 2002; SANTOS, 2014). Desta forma, a juventude deve ser olhada na sua diversidade, como uma realidade socialmente construída, na qual se poderia obter várias leituras, a partir das condições culturais, sociais, econômicas e políticas, colocando a juventude como uma noção construída socialmente, que não pode ser definida tendo em consideração critérios exclusivamente biológicos, cronológicos, psicológicos, sociológicos, entre outros (CAMPOS, 2010).

Nesse aspecto, a generalização em torno da juventude homogênea é desconstruída por Pais (2003) na sua obra intitulada “Culturas Juvenis”, em que o autor defende que a juventude aparece socialmente dividida em função das suas origens sociais, perspectivas e interesses. Contudo, a juventude pode ser homogênea se a compararmos com outras gerações ou heterogênea se a encaramos como um conjunto de atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros, como a cultura, classe, grupos e dinâmicas com múltiplas origens. Esta diversidade resulta da teia de relações que se estabelecem em torno do jovem, que simultaneamente conferem significados e definem a sua inserção nas sociedades, uma vez que a juventude contemporânea deixou de ser uma condição biológica e tornou-se, portanto, uma definição simbólica (MELUCCI, 1997). Isso quer dizer que as pessoas não são jovens apenas pela idade, assumem esta característica juvenil através da mudança cultural. Assim, a juventude deve ser então, compreendida como um fenômeno sociocultural inserido numa sociedade dinâmica e complexa. Neste sentido, Margulis (2001) afirma que a juventude deve ser analisada como uma condição relacional determinada pela interação social, cuja matéria básica é a idade processada pela cultura.



Nesse universo juvenil, os jovens passam por processos de desequilíbrios e instabilidades e demonstram para a sociedade períodos de introversão, alternando com audácia, timidez, descoordenação, urgência, desinteresse ou apatia, que se sucedem ou são concomitantes com conflitos afetivos, crises religiosas, condutas sexuais dirigidas para a heterossexualidade ou homossexualidade e este constructo que vai ajudar a estabelecer a sua identidade e a sua sexualidade (ABERASTURY; KNOBEL, 2009). E do ponto de vista social, a juventude é identificada muitas vezes, com um período da vida, no qual o indivíduo perde direito e privilégios de criança e começa a assumir direitos e responsabilidades de adulto (COLI, 2015). Assim, é possível visualizar a juventude sobre diversos aspectos e diferenciadas óticas, porém, compreendê-la exige das partes envolvidas, família, educadores, entre outros atores sociais uma ampliação do olhar para a dimensão da complexidade humana, ao ponto de reconhecer que não cabe uma definição estática, fechada e única para entender a juventude e a expressão da sua sexualidade (RAPOSO, 2009).

Dessa forma, a aproximação com essa perspectiva de juventude, requer um processo educativo capaz de considerar às características individuais de cada jovem, fornecendo informações, realizando orientações particularizadas, considerando contextos diversos, mas, sobretudo permitindo a construção crítica e reflexiva de forma autônoma e independente sobre diversas temas, como a sexualidade, o reconhecimento de diferenças, o respeito, o entendimento do preconceito e assim, se aproximando da educação com caráter significativo e libertador (DIAS et al., 2010). Uma vez que apesar da ampliação de acesso à tecnologia de informações como internet, televisão e smartphone a educação no campo da sexualidade, ainda acontece de forma frágil e essa contradição entre o aumento de disponibilidade de informação e a não ampliação da abordagem da sexualidade, permite considerar que pode existir fragilidades nas atividades de educação sexual ao não considerar o contexto da diversidade sociocultural (CAMPOS, 2010).

Nessa ótica, a diversidade cultural deve ser entendida em seu contexto de grande complexidade envolvendo as relações com pobreza, periferia, raça, religiosidade, sexualidade e todas as situações que requer o respeito ao outro no convívio social (YÚDICE, 2004). Colocando o reconhecimento da diversidade de indivíduos e dos grupos sociais como um desafio para as políticas sociais que particularmente na saúde e na educação, se apresentam sob a forma de demandas por novas relações entre os segmentos sociais, por mudanças efetivas na forma de ensinar e aprender que considerem o indivíduo entrelaçado nas questões culturais (AMARANTE; COSTA, 2012). Apontando a cultura como toda construção humana resultante de valores e práticas que se manifestam na totalidade de padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano (LARAIA, 2009). Assim, sustenta-se que o entendimento e a

expressão da sexualidade dos jovens, resultam das experiências vivenciadas por meio de seus costumes e suas crenças, imergidas em sua etnia, raça, linguagem, arte, entremeado em aspectos éticos da moral e de leis, além de outras aptidões e hábitos adquiridos como membro da sociedade, ainda que suas concepções sejam contrárias a essa prática (GEERTZ, 1989).

Assim, o tema da diversidade sociocultural em saúde está relacionado à desigualdade, equidade e iniquidade, muitas vezes de forma acumulativa como situações que se sobrepõem na determinação social e cultural das condições de vida e de saúde (ABREU, 2013). Portanto, conhecer a diversidade cultural, representa um dispositivo disparador de alternativas e possibilidades para auxiliar na solução de problemas e demandas (MATURANA, 1990). Dessa forma, a premissa básica necessária é o reconhecimento do saber popular como qualificador do grupo social e das pessoas, assim como dos costumes, para se fazer saúde e educação de acordo com a realidade e não ditando certo e errado ou moldando comportamentos e sim interpretando a realidade, escolhas e atendendo a demandas diferenciadas (MONTEIRO; VIEIRA, 2010).

#### 4.2. AMPLIANDO O OLHAR - VULNERABILIDADES

Nesse tópico será apresentado e discutido questões abordadas na literatura sobre as **Vulnerabilidades dos jovens e as abordagens sobre o tema da sexualidade na escola.**

Assumpção (2012) aponta que os jovens vivem sensações e emoções de maneira intensa, mas, diversas vezes não tem uma estrutura psíquica e condições de manter sua intensidade. Um vez, que precisam lidar com o entendimento e definição da própria identidade, com a capacidade de afirmar-se diante do seu grupo, de contemporizar a satisfação do desejo com a permissão social, com o sentimento ilusório de poder sobre a vida, as questões de autoestima, a manifestação de conflitos emocionais, relacionamentos instáveis com a família, amigos e namorados, justamente no momento de cobrança e definição do papel a ser assumido na vida em sociedade, aspectos estes, que podem dificultar o entendimento e a vivência da sexualidade, sendo primordial, promover e fortalecer a participação ativa da juventude e seus pares no processo da compreensão da sexualidade (COUTO JUNIOR; OSWALD; POCAHY, 2018).

Cunha & Lima (2013), apontam que as parcerias intersetoriais aproximam pais e escolas, dos jovens, possibilitando que a sexualidade possa ser vista e trabalhada com mais naturalidade e alcançando outras dimensões. Nesse sentido, a abordagem da sexualidade

servirá como um caminho para a prevenção de vulnerabilidades, construção de identidades, entendimento do corpo, da diversidade sexual e não somente para trabalhar as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) (GALLAND, 2013). Contudo as IST precisam ser abordadas, já que atingem a população jovem, algumas vezes pelo início precoce da vida sexual e em muitos casos pela relação desprotegida, tornando esses jovens portadores e transmissores de muitas IST, sendo relevante a abordagem desse aspecto, entretanto, não pode se transformar em temática única (COSTA et al., 2020).

Corroborando com essa discussão, Camargo et al., (2010), aborda que a vulnerabilidade dos jovens as IST ocorre por múltiplos fatores, como: baixa-renda, questões de gênero, dificuldade de acesso à informação de qualidade, não reconhecimento do autocuidado, distanciamento entre concepções e ações e pelo fato das políticas públicas não serem estruturadas considerando as particularidades desse público e a execução desses programas para a prevenção das IST nas escolas ainda serem desenvolvidos em um modelo biologicista, com ênfase para as questões de reprodução humana em detrimento ou pouca dimensão as questões da sexualidade, favorecendo que muitos jovens desenvolvam sua sexualidade com dúvidas e os aproximem de uma prática sexual insegura.

Dessa forma, Macedo (2013), aponta que inda existe uma insegurança dos pais em realizar a educação sexual com os filhos, por temerem que este tipo de informação venha encorajar os jovens a ter relações sexuais precoces, assim, algumas vezes preferem se omitir desta função imaginando que irá ocorrer a extinção das questões de sexualidade ou que a escola irá integralmente assumir esse papel. Entretanto, esquecem que os jovens, recebem informações sobre sexualidade, ainda que mais atrelado ao conteúdo sexual, proveniente de diversas fontes, como: da televisão, internet e revistas, que hora os incentivam à prática da relação sexual e horas veiculam mensagens de reprovação, provocando medo e apreensão referente ao assunto (LIMA, 2012). Neste contexto, deve-se refletir que a sexualidade apoiada estritamente a perspectiva sexual, de qualquer forma, não vem resultando em diminuição das práticas sexuais, sendo necessário questionar o entendimento e abordagem da sexualidade que vem sendo realizada com os jovens (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2011).

Para isso, é importante considerar as relações familiares, já que nas famílias em que a educação sexual é desenvolvida, é mais fácil a aceitação da sexualidade dos filhos pelos pais, e à medida que os pais transmitem a aceitação, maiores as possibilidades de se estabelecer uma relação que permita os jovens expressar dúvidas e experiências desse novo momento da vida, para viver de forma mais segura e com mais responsabilidade (LOYOLA, 2003). Uma vez que, a busca do jovem pela autonomia da sexualidade se destaca de forma singular e com a urgência própria de uma geração jovem. Assim, a compreensão da sexualidade busca

esclarecer questões relacionadas não somente a sexo, mas a questões que envolvem mudanças corporais, alterações psicológicas, entendimento do próprio corpo, desejos, prazer, gênero, orientação sexual, autoestima, saúde sexual, cultura, diversidade sexual, entre outros aspectos (MEYER; KLEIN; ANDRADE, 2007).

Assim, o objetivo principal da educação em sexualidade não é preparar os jovens para manter relação sexual, é despertá-los para desenvolver a responsabilidade de entender e cuidar de seu próprio corpo, para que não ocorram situações futuras indesejadas, como violência sexual, doenças preveníveis, gravidez não desejada, homofobia, estigmas e preconceitos, entre várias outras questões (PENNA et al., 2015). Sendo assim, as práticas de prevenção devem começar no lar, antes mesmo de a criança ingressar na escola e deve ser continuada durante o desenvolvimento, paralelamente aos ensinamentos quanto aos demais aspectos da vida e sem dúvida, precisa ser aprimorada na juventude, quando pelas transformações físicas determinadas pelo comando hormonal e pelos fatores psicossociais, o interesse sexual passa a ser aumentado (TORRES; BESERRA; BARROSO, 2007). Mas, na realidade o que se observa na maioria das famílias é o surgimento da preocupação com a sexualidade quando a criança já está chegando ou já atingiu a puberdade. Nesta hora, muito tempo já foi perdido e por isso, a educação sobre sexualidade deve ser construída naturalmente ao longo do desenvolvimento (WEEKS, 1999).

Por outro lado, a educação da sexualidade ainda é considerada por muitos como mecanismo unidirecional para a prevenção da gravidez na adolescência e de outros possíveis agravos decorrentes da prática sexual, como as IST. Entretanto, a compreensão da sexualidade tem finalidades mais amplas, com espaços para discussão de valores e atitudes, e para questionamento dos papéis sexuais em nossa sociedade e não há dúvidas que um bom trabalho de orientação, deva trazer em seu bojo, informações que possibilitem ao jovem uma sexualidade livre de ocorrências indesejadas, como as IST, mas, deve caminhar por outras perspectivas (VILLELA & ARILHA, 2003). Já que, a sexualidade dos jovens recebe interferência de vários fatores, como: a família, os amigos, os grupos sociais, a escola e a inserção sociocultural, implicando em suas decisões, comportamentos e relações, não podendo ser resolvidas com atividades pontuais de educação em saúde, apontando para a necessidade de estimular o processo de desenvolvimento da sexualidade saudável com a família, apoiado continuamente pela escola e a sociedade (HEILBORN et al., 2006).

Mas, na prática, o que ainda é observado é um grande despreparo das escolas neste campo, sejam escolas particulares ou públicas, os profissionais da educação ao desenvolverem atividades relacionadas a sexualidade, ainda focalizam em ações relacionadas o uso de preservativos e anticoncepcionais, em detrimento ao resgate do indivíduo, enquanto sujeito de

suas ações, bem com as reflexões e contextualização que o tema envolve, o que poderia favorecer o desenvolvimento da cidadania, do respeito, do compromisso, do autocuidado e do cuidado com o outro (CICCO, 2012). Nesse sentido, o debate realizado na escola sobre sexualidade ainda permanece com posturas impregnadas de preconceitos e tabus e com dificuldades para ampliar o discurso para questões mais relevantes que possibilitaria o aluno a enfrentar com maturidade, as manifestações da sexualidade, tornando-se necessário buscar instrumentos que permitam melhor preparar aquele que vai orientar e dentro desse enfoque, não só os professores de Ciências ou Biologia serão responsáveis pelo conteúdo, mas a escola e os espaços sociais como um todo (CARVALHO; MIRANDA; PACHECO, 2015).

Para isto, talvez o primeiro passo seja reconhecer o jovem como ser sexuado autônomo e potente e encarar a sexualidade não como sinônimo de sexo ou atividade sexual, mas, sim, como parte inerente do processo de desenvolvimento da personalidade (ALVES; BRANDÃO, 2009). Uma vez que a sexualidade humana nasce com o indivíduo e transforma-se constantemente ao longo de toda a sua evolução e só desaparece com a morte e envolve orientação sexual, erotismo, prazer, envolvimento emocional, amor e reprodução, sendo vivenciada e expressada por meio de pensamentos, fantasias, desejos, crenças atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos (COUTO JUNIOR; OSWALD; POCAHY, 2018).

Sabendo disso, que a escola ainda encontra dificuldade de lidar com a sexualidade dos jovens e que esta estrutura educacional não pode ser considerada com solucionadora de todas essas questões, é necessário se perguntar, o que pode ser feito para se aproximar da compreensão desse universo? E partir reconhecendo, que em todas as sociedades, as expressões de sexualidade são alvo de normas morais, de gênero, religiosas e científicas, que vão sendo aprendidas pelas pessoas desde a infância (CALAZANS, 2005). E que a escola, pode ser uma estrutura para a participação ativa de jovens na construção da sua própria sexualidade, na perspectiva que a educação favoreça a aquisição de atitudes, valores e saberes, referente as questões sociais, vislumbrando assegurar os seus direitos, na resolução de problemas, bem como os seus próprios desafios, lhes permitindo autonomia e redução de vulnerabilidades (QUARTIERO, 2009).

Dessa forma, os espaços sociais de construções compartilhada, que ultrapassam os muros das escolas e podem ser vivenciados em diversos cenários, como nas praças, ruas, centro comunitários, igrejas, podem ser locais indispensáveis para as construções no campo da sexualidade, permitindo refletir de maneira natural, sobre uma variedade de temas, já que, apesar da diversidade de fontes de informações disponíveis, os jovens mantêm muitas dúvidas

e questionamentos sobre a sexualidade e necessitam ser respondidos de maneira simples e franca por pessoas do seu convívio e nos seus círculos de interação (BUSSAB, 2008).

Todavia, abordar o assunto da sexualidade parece ser uma das tarefas mais difíceis e acaba por ser delegada para os professores, e grande parte dos docentes se sente despreparados em tratar o tema em sala aula, talvez, por existir um “certo estranhamento” do sujeito humano com sua própria sexualidade, o qual se encontra alicerçado por valores e crenças culturais e sociais (OLIVEIRA et al., 2017). Assim, não há dúvida, que independente da vontade dos pais e das escolas, a sexualidade será discutida e vivenciada em cenários múltiplos, que sobrepujam o ambiente escolar do cotidiano da sala de aula e alcançam as reuniões familiares, as relações entre os pares, as brincadeiras na rua, requerendo refletir criticamente sobre a sexualidade nos diversos espaços, para promover a autonomia de jovens, reduzir vulnerabilidades, desconstruir mitos e preconceitos e fomentar o respeito a diversidade sociocultural e ao convívio social (ARAÚJO, 2006).

#### 4.3. ABRINDO AS CAIXAS – OS MATERIAIS EDUCATIVOS

A escrita desse capítulo da tese: **O dito e o não dito sobre sexualidade e diversidade sociocultural nos materiais educativos**, foi estruturado devido à necessidade de compreender o que havia publicado sobre o tema, assim, foi realizado um amplo levantamento na literatura para apoiar os argumentos que sustentaram a discussão do estudo. Dessa forma, foi realizado uma Revisão Integrativa da Literatura (RIL), no intuito de se aproximar do que se tem publicado sobre sexualidade e diversidade sociocultural em materiais educativos.

Para a revisão, foi buscado artigos através da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) por meio da Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), com acesso por meio de login estudantil da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES) no portal de periódicos da CAPES em bases de dados referência no contexto da saúde, por intermédio de acesso online, na SCOPUS – ELSEVIER, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), na Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Google scholar. No Google scholar, além de artigos foi buscado Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e dissertações.

O tema foi pesquisado usando uma combinação de descritores, a fim de ampliar os resultados encontrados, assim foi usado os descritores: educational materials and sexuality e Sexuality and sex education nas bases: SCOPUS, BVS, SciELO. Para filtragem dos artigos, seguiu-se cinco etapas: Inserção dos descritores; filtragem dos materiais abertos; seleção das áreas: Ciências sociais, enfermagem, multidisciplinar e psicologia; seleção dos tipos de

materiais: artigos e seleção de materiais de acesso gratuito. Destaca-se que no Google scholar, foi usado o descritor em português: material educativo e sexualidade; o tipo de material buscado foi artigos, TCC e dissertações; o ano filtrado foi 2008 a 2021 e foi utilizado o filtro de relevância.

Para definir quais artigos comporiam esta revisão, a fim de compreender o que vem sendo abordado sobre sexualidade e diversidade sociocultural nos Materiais Educativo (ME), assumiu-se como critério seletivo de forma adaptada a abordagem adotada por Paiva e Vargas (2017) que os mesmos deveriam contribuir para responder aos seguintes questionamentos: Que tipos de materiais vem sendo analisados? Para quem se destinam esses materiais e onde esses materiais são buscados? Os materiais levantados serão apresentados de forma descritiva, por meio de identificação e caracterização, de acordo com os procedimentos descritos por Creswell (2007), de modo a responder os questionamentos apresentados anteriormente, para obter um panorama do conjunto de materiais publicados sobre a temática. Assim, o levantamento foi desenvolvido em quatro fases: Definição dos descritores, Seleção dos artigos, Identificação e classificação. A seguir será detalhado essas fases através das buscas realizada em cada base de dados e os resultados encontrados.

Na base de dados SCOPUS ao usar o descritor: “educational materials and Sexuality” e buscar por: Título, resumo e palavras chaves, foi encontrado 318 materiais, ao filtrar por materiais de acesso livre, restaram 94, ao filtrar por artigos, permaneceram 88, ao realizar a leitura do título, ficaram 22 materiais, ao fazer a leitura completa, permaneceram 2 artigos. Ao usar descritor: “Sexuality and sex education”, foi encontrado 7270 materiais, sendo 1836 de acesso livre, destes 1597 são artigos e ao filtrar pela palavra-chave: sexualidade, permaneceram 1192 artigos; após a filtragem pelas áreas: Ciências sociais, psicologia, multidisciplinar e enfermagem, ficaram 465 artigos; após a leitura do título, restaram 51 artigos e com a leitura completa, restou 1 artigo.

Na base de dados da BVS web of science, ao usar o descritor da revisão em português: “materiais educativos e sexualidade”, resultando 9 artigos; após a leitura destes, permaneceu 1 artigo. Ao usar o descritor: “ Sexualidade e educação sexual”, resultou 2382 materiais; ao filtrar por materiais completos restaram 1088; ao filtrar pelo tema sexualidade ficaram 672; ao realizar a leitura de títulos ficaram 37; após a leitura de resumos ficaram 7; após a leitura completa do material não restou nenhum artigo para ser incluído.

Ao buscar na SciELO usando o descritor: “educational materials and Sexuality”, resultaram 34 materiais; após a leitura destes, restaram 2 artigos. E ao usar o descritor: “Sexuality and sex education”, foi encontrado 222 artigos; após filtragem pela leitura do título restaram 12 artigos e após a leitura completa dos materiais, ficou 1 artigo.

E ao realizar a busca no Google Scholar usando o descritor: “materiais educativos e sexualidade”, resultou 3210 artigos ao classificar por relevância; ao filtrar pelo período de 2008 a 2021, resultaram 2790 materiais; após filtragem por título permaneceram 112 materiais; ao ler os resumos ficaram 24 artigos e ao realizar a leitura completa, ficaram 5 materiais, sendo 2 artigos, 1 TCC e 2 dissertações. Vale destacar que em função do reduzido número de filtros no Google scholar, não foi realizado a busca usando o descritor: “sexualidade e educação sexual”.

Dessa forma, a RIL foi construída após o levantamento de 11.086 materiais que resultou na necessidade de leitura completa de 168 artigos, resultando em 12 materiais que estruturaram essa revisão. Os materiais selecionados serão apresentados em dois quadros, um quanto à identificação (quadro 1) e outro quanto a caracterização (quadro 2).

No que se refere a identificação desses materiais, foi abordado: o tipo de material, o ano da publicação, o título, a revista de publicação, o local indexado, o qualis e local do estudo. Assim, dos 12 materiais identificados para essa revisão, têm-se: 9 artigos, 1 TCC e 2 dissertações, entre publicações em português e inglês; quanto ao ano, as publicações são de 2008, 2009, 2011, 2013, 2015, 2016, 2017, 2020 e 2021, o que remete a materiais de diferentes momentos políticos e culturais; quanto as revistas o Qualis CAPES varia entre A1 e B4 na área da saúde coletiva, sendo que a maioria são B3 e B4; no que se refere ao local de indexação, a maioria se encontra-se na SCOPUS, seguido da SciELO, repositório da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Google acadêmico e repositório da Universidade Federal do Ceará (UFC) e quanto ao local dos estudos, a maioria são da região sudeste, especificamente do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, seguido da região Nordeste na Bahia e um estudo do Estados Unidos. O que chamou a atenção, foi o fato de nenhum estudo ser da região Norte do Brasil, Sul ou Centro-Oeste. Esses dados encontram-se descrito no *Quadro 1*.

Quadro 1: Identificação dos materiais selecionados.

<b>Id.</b>	<b>Tipo</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Revista /Index</b>	<b>Qualis</b>	<b>Local</b>
1	Artigo	2015	Direitos sexuais e reprodutivos: influências dos materiais educativos impressos no processo de educação em sexualidade.	Saúde e Debate SciELO	B2	Bahia
2	Artigo	2009	"Amor e sexo: mitos, verdades e fantasias": jovens avaliam potencial de material multimídia educativo em saúde.	Ciência & Educação SciELO	B3	RJ
3	Artigo	2020	Produção de discursos sobre a prevenção do HIV/Aids e da sífilis para gestantes em materiais educativos	Interface SciELO	B1	RJ



			elaborados por instituições brasileiras (1995 - 2017).			
4	Dissert	2016	Discursos e sentidos sobre sexualidade e Aids a partir da análise de materiais educativos para adolescentes.	Repositório Fiocruz SCOPUS	-	RJ
5	Artigo	2011	Materiais audiovisuais didáticos e educação sexual na escola: uma pesquisa nos acervos videográficos do Ministério da Educação e Cultura e Ministério da Saúde do governo brasileiro.	Colloquium Humanarum SCOPUS	B4	REV
6	Artigo	2013	Métodos e materiais educativos utilizados por enfermeiros para prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis na adolescência: revisão integrativa.	Rev. Enfermagem da UFPE Repositório UFC	B4	REV
7	Artigo	2011	Criação compartilhada de um jogo: um instrumento para o diálogo sobre sexualidade desenvolvido com adolescentes.	Ciênc. & educação SCOPUS	B3	BH
8	TCC	2008	A sexualidade em cartilhas educativas oficiais: uma análise cultural.	Google acadêmico	-	REV
9	Artigo	2021	Three Decades of Research: The Case for Comprehensive Sex Education.	Journal of Adolescent Health SCOPUS	A1	EUA
10	Artigo	2009	Materiais educativos impressos sobre saúde sexual e reprodutiva utilizados na atenção básica em Belo Horizonte, MG: caracterização e algumas considerações.	RECIIS Google acadêmico	B4	BH
11	Artigo	2017	Os materiais educativos e seus públicos: um panorama a partir da literatura sobre o tema.	Práxis Google acadêmico	B3	REV
12	Dissert	2018	Análise de materiais educativos desenvolvidos em campanhas oficiais sobre gravidez na adolescência no Brasil: implicações para a prática e a educação em saúde	Repositório Fiocruz	-	RJ

Fonte: Construído pela autora, 2021.

Quanto a caracterização dos materiais selecionados, foram descritos: Autores, formação dos autores, sujeitos pesquisados, local da pesquisa, tipos de materiais analisados e aspectos metodológicos.

No que se refere a formação dos autores, é possível destacar uma formação multidisciplinar nas áreas de Enfermagem, educação artística, ciência biológicas, psicologia,

saúde coletiva, comunicação social, educação física, biblioteconomia, ciências sociais e sociologia, o que enriquece a escrita desses materiais por conter uma diversidade de reflexões de contextos variados das áreas das ciências da saúde, da educação, das ciências sociais, entre outras, ainda que a maior parte desses materiais tenham sido escritos por enfermeiras e psicólogas e quanto a titulação a maioria dos autores são doutores, seguidos de mestres e especialistas.

Quanto aos sujeitos pesquisados, a maioria dos estudos pesquisou o público jovem, seguido de escolares, gestantes, profissionais de saúde e usuários dos serviços, mostrando uma maior quantidade de materiais direcionados a jovens em ambiente escolar. Com relação à onde esses materiais foram pesquisados, a maior parte buscou esses materiais nos serviços de saúde, seguido das escolas, banco de dados, museu, comunidade e sites oficial como: Ministério da Educação (MEC), Ministério da Cultura e Secretaria Municipal de Saúde. Já, no que se refere aos tipos de materiais pesquisados, foi identificado, materiais educativos, como: Banners, folders, cartilhas, álbuns seriados, Panfletos, folhetos, cartazes, ventarolas, adesivos, cartões, marcadores de página, história em quadrinho, livretos, vídeos governamentais, jogos educativos e aplicativo multimídia. E por fim, ao que diz respeito aos aspectos metodológicos, os estudos realizados usaram quatro tipos de metodologia: qualitativa, quantitativa, documental e revisão, sendo que a maior parte dos estudos usou uma abordagem qualitativa. Conforme o *quadro 2*.

Quadro 2: Caracterização dos materiais selecionados

N	AUTORES	FORMAÇÃO AUTORES	SUJEITOS PESQUISA	LOCAL PESQUISA	MATERIAIS DE ANALISE	METODO
1	SOUZA, L. M. <sup>1</sup> , MORAIS, R. L. G. L. <sup>2</sup> , OLIVEIRA, J. S. <sup>3</sup> .	Enfermeira <sup>1,2,3</sup>	Enfermeiro do serviço e usuários.	Unidades de Saúde.	Banners, folders, cartilhas, álbuns seriados;	Qualitativo
2	MANO, S. M.F. <sup>1</sup> ; GOUVEIA, F. C. <sup>2</sup> ; SCHALL, V, T. <sup>3</sup> .	Artes plásticas <sup>1</sup> Bióloga <sup>2</sup> Psicóloga <sup>3</sup> Doutora <sup>1, 2, 3</sup>	Jovens monitores de 16 a 21 anos	Museu da vida.	Aplicativo multimídia.	Qualitativo
3	PONTES, B. S. <sup>1</sup> SANTOS, A. K. <sup>2</sup> MONTEIRO, S. <sup>3</sup>	Saúde Coletiva <sup>1</sup> Psicóloga <sup>2,3</sup> Mestra <sup>1</sup> Doutora <sup>2,3</sup>	Gestantes	Unidades de Saúde.	Panfletos, folhetos, cartazes, cartilhas, ventarolas, adesivos, cartões e marcadores.	Documental
4	REZENDE, R. F. C. <sup>1</sup>	Comunicação Social Mestre	Adolescentes Escola Estadual	Acervo El. de ME sobre DST/aids.	Folhetos, cartazes, livreto, cartilhas e história em quadrinho.	Qualitativo

5	PRADO, V.M <sup>1</sup> RIBEIRO, A, I, M <sup>2</sup> FAZANO, L. C <sup>3</sup>	Educador Físico <sup>1</sup> Biblioteconomia <sup>2</sup> Psicóloga <sup>3</sup> Doutor <sup>1,2</sup> Mestra <sup>3</sup>	Escolares	Site do MEC, MS	Vídeos governamentais	Quantitativo
6	FERREIRA, A. G. N <sup>1</sup> et al.,	Enfermeira Doutora <sup>1</sup>	Enfermeiras	Banco de dados	ME	Revisão
7	NOGUEIRA, M. J <sup>1</sup> et al.,	Socióloga Doutora <sup>1</sup>	Adolescentes	Favela	Jogo educativo	Qualitativo
8	VIANNA, T, F	Biólogo Especialista	Usuários	UBS Hospitais	Cartilhas e Folder	Qualitativo
9	GOLDFARB, E.S LIEBERMAN, L. D	PhD	Jovens	Escolas	ME e livros	Revisão
10	NOGUEIRA, M. J; MODENA, C. M; SCHALL, V.T;	Cientista social Psicóloga <sup>1,2</sup> Doutora <sup>1,3</sup> Pós-Doutora <sup>2</sup>	Adolescentes	SMS	Banners, folders, cartilhas Álbuns seriados;	Qualitativo
11	PAIVA, A. P. R. C <sup>1</sup> ; VARGAS, E. P <sup>2</sup>	Bióloga; Mestre <sup>1</sup> Ass. Social; Doutora <sup>2</sup>	Escolares	Serviços de saúde	ME	Revisão
12	SANTOS, E. R. L;	Comunicação Social Mestre	Grávidas Adolescentes	Órgãos governo	ME	Documental

Fonte: Construído pela autora com base em busca realizada no portal de periódicos CAPES, 2021.

E no intuito de compreender o que esses artigos revelaram ao analisar esses materiais educativos, foi estruturado um quadro contendo o objetivo proposto em cada estudo com o resultado encontrado. Conforme *apêndice 11*.

Mas, em síntese, os estudos apontaram de forma favorável quanto aos ME que: a comunicação horizontal e metodologias mais diversificadas, respeitando as especificidades do público-alvo, alcançam aprendizagem e autonomia; que os ME podem auxiliar os jovens na construção de conhecimento, no diálogo e compreensão sobre atitudes de cada gênero; que materiais com características de inovação, criatividade e respeito à realidade dos adolescentes são excelentes aliados para o aprendizado e podem contribuir para a compreensão sobre atitudes de cada gênero. Por outro lado, pouco foi discutido sobre a valorização da diversidade sexual; a sexualidade ainda é discutida nas cartilhas, com cunho predominantemente biológico; o pré-natal e o cuidado gestacional ainda é colocado como uma responsabilidade exclusiva da mulher; a iniciativa governamental para a confecção de materiais é insuficiente; os ME ainda são estruturados de forma vertical e por fim, ainda ocorre pouca articulação com o cotidiano dos jovens.

Assim, diante de diversos achados e reflexões sobre a temática dos materiais educativos, será iniciada a discussão da temática, trazendo o seguinte questionamento: “Para

que serve os materiais educativos? ”. O material educativo pode ser considerado como uma ferramenta facilitadora para o aprendizado, com potencial provocador de reflexões, com conteúdo capaz de dispensar a presença de mediadores, e que seja possível de ser inserido dentro do universo daqueles que o manipulam, seja de forma física ou virtual, considerando aspectos sociais, culturais, econômicos, emocionais e ambientais, sendo assim, é simplório considera-lo simplesmente como um agrupamento de informações sobre um tema para ser usado em um dado momento (KAPÚN, 2003); (ARAÚJO, 2006), (PAIVA & VARGAS, 2017).

Dito isso, talvez você esteja se questionando o que pode ser caracterizado como materiais educativos (ME)? E Monteiro & Vargas (2006), apontam que são considerados materiais educativos, vídeos, jogos, cartazes, cartilhas, folders, panfletos, folhetos, história em quadrinhos, ventarolas, adesivos, cartões, marcadores de página e livretos. E vale salientar, que independentemente do tipo de material usado, a forma como outro irá aprender sobre o tema, sofrerá interferência de uma série de aspectos que não estarão presentes necessariamente nos materiais, estes fatores, ultrapassam o conteúdo e as imagens escritas, estão intimamente relacionados com a forma com que o outro vivencia o assunto, sendo necessário que o conteúdo explorado seja significativo para quem ler, seja por despertar a atenção por ser um assunto vivenciado, ou por ser um tema de interesse; de qualquer forma, as decisões, adesões e reflexões, estarão intimamente relacionadas a análise e a atribuição de sentido que o assunto desperta (MONTEIRO; VARGAS; CRUZ, 2006); (NOGUEIRA; MODENA; SCHALL, 2009).

Logo, a produção de materiais educativos é um desafio e uma necessidade a ser superada em diversas áreas, como na saúde, educação, ambiente, entre outras (PAIVA & VARGAS, 2017), uma vez que existe a essencialidade de estruturá-los de modo a aproximá-lo do público alvo, considerando que estes materiais foram produzidos com o sujeito, sendo colocado na função de participante e não simplesmente de receptor que coloca o público alvo como algo estanque (NOGUEIRA; MODENA; SCHALL, 2009). Dessa forma, entende-se que estes materiais devem ser produzidos com o público direcionado e não para o público. Uma vez que, uso de materiais educativo não se restringe ao ensino formal, abrangem todas as áreas e ações que possuem como pressuposto a aprendizagem em função de um objetivo, tal como a promoção da saúde, por meio da educação em saúde (FREITAS, 2009).

E, ao longo dos anos, as ações de promoção a saúde estiveram estreitamente associadas a realização de atividades de educação em saúde. Estas, inicialmente estavam sendo desenvolvidas sem o devido planejamento e estruturação (GAZZINELI; REIS; MARQUES, 2006). E o reflexo desse processo é a produção de materiais que não levam a

autonomia do sujeito, não favorecem ao pensamento crítico e acabam refletindo em um formato educacional que não é efetivo, e que tão pouco promove a aprendizagem significativa, estando associado a transmissão de conhecimento, com uma lógica prescritiva e direcionada ao aspecto do certo e errado em que o receptor do processo educativo é colocado como passivo e não como o protagonista do aprendizado, implicando que a promoção da saúde não seja alcançada, uma vez que o aprendizado não foi significativo (HAESER; BÜCHELE; BRZOZOWSKI, 2012); (PELIZZARI et al., 2002).

Submergida nessas reflexões, surge os questionamentos de como os materiais educativos podem ser significativos e capazes de provocar essa autonomia? O estudo de Souza; Morais; Oliveira, (2015), aborda que a efetividade desses materiais ocorre no âmbito das interações cotidianas, entre os pares, por meio do poder de ampliação de questionamentos, reflexões e na decisão de escolhas, sejam elas certas ou erradas. A partir da problematização das realidades vivenciada por cada grupo que utiliza esses materiais, estes se tornam uma ferramenta de promoção da saúde, atribuindo-os um caráter de inserção horizontal por meio de uma linguagem acessível, favorecendo uma comunicação eficaz e colocando o usuário destes materiais como parte integrante do conhecimento produzido (GAZZINELI; REIS; MARQUES, 2006); (NOGUEIRA; MODENA; SCHALL 2009).

Assim, vale destacar o estudo de Souza; Morais; Oliveira, (2015), que analisou Banners, folders, cartilhas e álbuns seriados e apontou que o uso de material educativo ainda sofre muito com a influência do modelo biomédico, uma vez que o estudo evidenciou que esses materiais são visto pelos usuários dos serviços como um instrumento à obtenção de informações sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis, conferindo a temática da sexualidade uma associação unidirecional ao campo da patologia, sem considerar outros aspectos essenciais envolto ao assunto da sexualidade e que pouco vem sendo dito nos materiais, como: diversidade sexual, mudança corporal, anatomia feminina e masculina, métodos de anticoncepção, planejamento familiar, paternidade consciente, violência contra a mulher, direitos sexuais, entre outros.

Com isso, vale destacar o estudo conduzido por Mano; Gouveia; Schall (2009), que apontou a necessidade de envolver as diferentes instâncias para a promoção da saúde dos jovens, considerando os múltiplos cenários sociais e culturais para a produção de materiais que façam sentido para indivíduo com a coletividade, através de um discurso claro frente a um tema que tradicionalmente é silenciado e considerado de foro íntimo, ressaltando a necessidade de respeito a pluralidade de ideias, presentes na sociedade; a adequação da linguagem à faixa etária e o grupo populacional; estruturado com uma visão holística, que respeite as vivências, as diversas realidades e as escolhas pessoais. E nessa perspectiva, os

materiais multimídias podem conferir um diálogo participativo para auxiliar a compreensão de escolhas e riscos sobre o tema, favorecendo a autonomia do sujeito através de abordagens associadas ao lúdico (MANO, 2008).

Assim, outro aspecto que demonstrou-se relevante durante a revisão é que apesar da expressividade que a temática da igualdade de gênero ganhou na sociedade ao longo dos anos, ainda se encontra em grande parte dos materiais educativos sobre sexualidade, as responsabilidades de prevenção de gravidez indesejada e das Infecções Sexualmente Transmissíveis muito fortemente associada a mulher, bem como os cuidados relacionados ao pré-natal e ainda existe uma invisibilidade do papel que o homem representa nessas relações e de forma indireta, acaba sendo reforçado a ideia que a prevenção durante as relações sexuais e realização do pré-natal, são atributos de responsabilidade feminina (REZENDE, 2012). Nesse sentido, o estudo conduzido por Pontes; Santos; Monteiro, (2020), que analisou 14 materiais educativos, evidenciou a testagem no pré-natal como uma responsabilidade da mulher, além de mínimas as informações sobre uso do preservativo na gestação e ainda não mencionam o papel do parceiro na prevenção, reduzindo a dimensão do cuidado integral à saúde que é de responsabilidade do casal, a uma responsabilidade da mulher, demarcando o papel social da mulher na prevenção.

Dessa forma, diante dos gatilhos disparados com a discussão anterior, que levam a interpretação de que a abordagem da sexualidade nos ME ainda se encontra engessada e pouco avança nas discussões de gênero, indaga-se sobre o que vem sendo dito nos materiais educativos sobre a diversidade sexual? E na tentativa de responder esse questionamento, direcionou-se o olhar para o estudo conduzido por Rezende (2012) que analisou 26 Materiais Educativos sobre sexualidade e HIV/Aids e destaca-se que a abordagem da temática ainda se encontra mais focalizada em temas relacionados a prevenção da gravidez e das IST, caracterizando uma reprodução genérica da promoção da saúde, por meio da utilização do enfoque ao preservativo masculino e sendo realizada de forma verticalizada e por métodos tradicionais, que focalizam mais aspectos comportamentais, apontando cerceamentos para uma resposta social mais abrangente que considere a multiplicidade de temáticas que envolve a sexualidade, colocando temas importantes como a diversidade sexual, diante de uma barreira que precisa ser transposta.

Nesse sentido, Goldfarb & Lieberman (2020), apontam que é essencial trazer para discussão a diversidade sexual, já que é um tema pouco mencionado nos materiais educativos e existe entraves para explorar os assuntos envoltos nessa área. E dentro dessa temática da diversidade nos ME, a orientação sexual é o assunto que mais vem sendo abordado, ainda que de forma tímida, aparece caracterizada por: homossexual, bissexual e heterossexual,

colocando as relações ditas como homossexuais, como aquela em que as pessoas sentem atração afetivo-sexual por pessoas do mesmo sexo, como lésbicas e gays; bissexuais, quando as pessoas sentem atração afetivo-sexual por qualquer gênero e as relações heterossexuais, quando a pessoa sente atração afetivo-sexual por indivíduo de sexo diferente. Vale destacar que a orientação sexual é compreendida como uma atração, desejo e interesse involuntário que ocorre pelo outro, independentemente se este é do mesmo sexo ou de sexo diferente, sendo despertada de maneira espontânea e não influenciável e só pode ser conhecida de forma plena, quando se permite vivenciá-la, sendo diversos os aspectos que interferem na construção da orientação sexual, como: psicológicos, sociais, culturais e até genéticos. Dessa forma, é errôneo dizer que se trata de uma opção sexual, pois é alheio a escolhas conscientes e tão pouco pode ser aprendida e não necessariamente a orientação sexual coincidirá com a identidade de gênero: pode acontecer da pessoa sentir-se feminina, ter sexo biológico masculino e desejar outra mulher (PEDROSA & CASTRO, 2008).

Nesse universo da diversidade sexual, também pouco é encontrado nos materiais educativos sobre a identidade de gênero, identificada na sigla LGBTTT<sup>1</sup> (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), em que as letras LGB fazem referência a orientação sexual e as letras TTT, a identidade de gênero. Talvez o leitor que não tenha tanta aproximação com a temática esteja se perguntando, como caracterizar cada uma dessas letras?! Acredita-se, que seja extremamente complexo conseguir identificar cada uma dessas letras, por conta de processos históricos e de percepções particulares de identidade e representações, mas essas identidades passam por pessoas que não se enquadram nos padrões normativos esperados por regras e normas sociais e compreendem o universo da diversidade sexual quanto a identidade e/ou orientação sexual (FACCHINI, 2018). E de forma mais atual, se encontra a sigla LGBTQIA+, que se refere a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, Queer ou não Binário, Intersexos, Assexuais, +, que surge como forma de acolher todas as diversas possibilidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero que existem (OLIVEIRA, 2020).

Assim, não querendo fechar um conceito ou esgotar uma caracterização, mas, no

---

<sup>1</sup> No processo de construção dos movimentos sociais pelas identidades de gêneros e orientações sexuais, várias siglas foram estruturadas para abordar as identidades desses grupos. Por exemplo, GL (gays e lésbicas), GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), GLT (Gays, Lésbicas e Travestis), GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis), LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis), LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), conforme apontado por Facchini (2005). E recentemente LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Queer ou não binário, Assexual e + que se refere a todas as possibilidades de orientação e identidade). Essas não são as únicas siglas encontradas nesse universo e acredita-se que todas são extremamente válidas e essenciais para representatividade desses grupos (OLIVEIRA, 2020). Entretanto, foi adotado nesse estudo a expressão LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) por caracterizar os grupos mencionados nos materiais.

sentindo de orientar a compreensão dos termos utilizados, de forma pontual e limitada, será descrito um aspecto para que possa ajudar o leitor a compreender aspectos quanto a orientação sexual e identidade de gênero mencionadas na sigla LGBTTT. Logo, no que se refere a orientação sexual, a palavra Lésbicas, faz referência a mulheres que sentem atração afetivo-sexual por mulheres; a expressão Gays, designa homens que sentem atração afetivo-sexual por homens; a caracterização de Bissexuais é usada para pessoas que sentem atração afetivo sexual por pessoas de qualquer gênero. Já, no que se refere a identidade de gênero, Transexuais, pessoas que não se identificam com o gênero que foi atribuído ao nascimento; Transgêneros, indivíduos que realizaram cirurgia para mudança de sexo para se adequar ao gênero que se veem; Travestis, aqueles que se expressam frente a sociedade de acordo com a identidade de gênero e não se caracterizam em nenhuma referência predefinida como masculino ou feminino, construindo uma identidade que ultrapassa os gêneros para além de ser homem ou de ser mulher. A travesti é travesti (PARKER & AGGLETON, 2006).

E ampliando essa caracterização, inclui-se: as Drag queens, aqueles que constroem por meio de um personagem do sexo oposto, a partir de roupas e adereços para uma performance corporal e artística, para expressar os estereótipos de gênero (PEDROSA & CASTRO, 2008). Apesar da ampliação do discurso sobre essa temática com a mudança de governo em 2003 com a implementação de políticas de redução das desigualdades e de vulnerabilidades, o que gerou força e visibilidade para as políticas de direitos sexuais e as ações afirmativas contra a discriminação, estigma e preconceito, muito ainda precisa ser discutido nesse universo da diversidade sexual, para fortalecer as ações de enfrentamento a diversas formas de homofobia (MONTEIRO; VILLELA; KNAUTH, 2012). E até mesmo para se contrapor as questões políticas mais atuais que atingem diretamente essa temática.

Por isso, para se aproximar do universo da diversidade sexual, é necessário de antemão, retomar o conceito de sexualidade, sendo colocada como marcas identitárias dos sujeitos em um aspecto da vida dos seres humanos que ultrapassa a identificação por meio dos órgãos genitais externos, ou por fenômenos meramente fisiológicos, mas, expressivamente sendo marcada pelas relações desenvolvida nos espaços sociais, com base no contexto social, histórico e cultural vivenciado por cada indivíduo, ampliando a dimensão da sexualidade para aquela que não necessariamente se reduz a relação sexual, mas, que reforça uma multiplicidade de aspectos, como as mudanças corporais, o desejo, o prazer, direitos sexuais e reprodutivos, relações sexuais, orientação sexual, gênero, entre outros (LOURO, 1999).

Nesse sentido, vale destacar que o sexo biológico é identificado pelas características fenotípicas como mamas e barba e genotípicas como os genes masculinos femininos, pelo XY para homens e XX, para mulheres. Enquanto gênero, é a construção histórica, cultural e



política das diversas possibilidades de ser feminino (a) e/ou masculino (a), ultrapassando, portanto, os aspectos genéticos, originando diferentes papéis e funções sociais. Nesse sentido, a identidade de gênero faz referência ao que é construído por cada indivíduo frente ao que é vivenciado e entrelaçado com a cultura, é como a pessoa se enxerga e se comporta, de forma direta, é a interpretação que não nascemos homens e mulheres e sim nos tornamos ao longo da vida em função da interferência da sociedade, da cultura e do local que estamos inseridos (UZIEL; RIOS; PARKER, 2004).

Entre essas reflexões conceituais, talvez comece a ganhar força os questionamentos de que como algo tão natural, como a identidade de gênero e a orientação sexual na vida pessoal de um indivíduo, possa implicar e causar desconforto na vida de terceiros ao ponto de poder causar preconceito, discriminação, estigmas e homofobia? Talvez a resposta esteja na perspectiva equivocada de que a orientação sexual de um indivíduo precise responder aos anseios sociais e a adoção de comportamentos distintos a essas premissas sociais e modelos prescritos de comportamento, remetem a uma ótica da imoralidade, gerando nos transexuais e transgêneros, inseguranças, agravos, solidão, exclusão, culpa, e a imersão em um universo de vulnerabilidades em que suas identidades foram construídas por meio de associações ao errado, ao horror, a punição, a um conflito a ser combatido por não fazerem parte de um grupo considerado “normal, “comum” (SONTAG, 2007).

Assim, adentrando em um campo correlato a temática, a homofobia, precisa ser debatida e trazida para discussão, por se tornar um tema recorrente quando se aborda a diversidade sexual. Disto isto, é importante trazer o questionamento: Afinal, o que é a homofobia? Trata-se do termo usado para caracterizar o ódio, a aversão, a discriminação, o preconceito, o estigma e sobretudo a violência em relação as formas de orientação sexual e identidade de gênero, expressadas corriqueiramente aos homossexuais, bissexuais, transgênero, travesti e transexuais. Destaca-se também, que existe os termos mais específicos, como a lesbofobia, usado para descrever as situações de preconceitos e discriminações em relação às mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres e transfobia, para se referir a discriminação em relação a transexuais e travestis (PARKER & AGGLETON, 2006).

Diante dessas caracterizações é importante destacar que esse universo de homofobia, se sustenta em função de três aspectos: estereótipo, preconceito e discriminação. Entendendo o estereótipo como um rótulo ou uma imagem preconcebida sobre determinada pessoa, coisa ou situação; o preconceito como uma ideia, opinião ou sentimento desfavorável formado sem maior conhecimento, ponderação ou razão e a discriminação sendo o tratamento pior, desigual ou injusto dado a alguém por causa de características pessoais, refletindo em distinção,

exclusão, restrição ou preferência, motivado por raça, cor, sexo, idade, religião ou questões políticas. Logo, esse ciclo de preconceito, estigma e discriminação se formam no entrelaçamento de culturas estereotipadas com as lacunas de políticas públicas eficientes na área de educação, no sentido de fomentar a compreensão das concepções da diversidade sexual, para que possa gerar uma redução da reprodução de termos e condutas assumidos não só pelos indivíduos, mas por comunidades e pela própria estrutura pública em um processo que silenciosamente legitima a homofobia (PARKER & AGGLETON, 2006).

Assim, ao refletir sobre os impactos que essas questões de preconceitos e discriminações implicam na diversidade sexual, gera um anseio para buscar compreender o que pode ser feito para reduzir tais situações?! E o estudo de Prado; Ribeiro; Fazano, (2011), aponta que o trabalho sobre educação sexual nas escolas deve ser efetivado ultrapassando a dimensão biológica, alcançando os aspectos históricos, culturais, sociais e políticos que tangenciam o tema e refletem na consolidação de identidades culturais. Dessa forma, os materiais utilizados como suporte pedagógico para implementar essas intervenções são de grande importância para o trabalho do educador (FURLANI, 2008). Nesse sentido, o estudo conduzido por Ferreira et al., (2013), em que foi realizada uma análise em 12 artigos e suas intervenções educativas, apontou que os métodos e materiais usados, contribuíram para a reflexão crítica em escolas, comunidades e unidades de saúde para a compreensão da sexualidade de forma mais abrangente.

Corroborando com essa perspectiva, a pesquisa conduzida por Nogueira et al., (2011) descreve o processo de desenvolvimento de um Jogo Educativo, elaborado de forma compartilhada com adolescentes, constatou que o processo de criação do jogo, auxiliou os jovens na construção de conhecimento, no diálogo e compreensão sobre atitudes de cada gênero, permitindo que o material produzido possa ser utilizado como um subsídio para se obter um espaço saudável, repleto de trocas, sendo possível abordar assuntos relacionados a sexo e sexualidade, na lógica direcionada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Uma vez que apesar do tema da sexualidade, constar nos PCN entre os assuntos a serem trabalhados nas escolas de forma multidisciplinar e transdisciplinar, os estudos de Altmann, (2001); Sallas & Quintana, (2002); Villela & Arilha, (2003); Guimarães; Vieira; Palmeira, (2003), demonstram a dificuldade que a família e as escolas encontram para abordar o assunto entre crianças e jovens, colocando a sexualidade como um tema resumido a sexo e deixando de utilizar diversas ferramentas educativas que podem ser aliadas para abordar a temática em sua integralidade. Dessa forma, acabam não alcançando discussões mais profundas sobre questões individuais e sociais que cotidianamente preenchem o universo de jovens e adolescentes, como a compreensão do próprio corpo, as relações amorosas, a

responsabilidade sobre a saúde de quem se relaciona, as diversidades, grupos populacionais e questões culturais (SCHALL, 2005). Facilitando que comportamentos estigmatizante e ridicularizantes sejam propagados dentro da sociedade, uma vez que esse formato educacional acaba não estimulando a reflexão sobre o ambiente em que se vive e não anseia a estruturar novos aprendizados que requer processos particulares e inovadores, para se reconhecer no seu viver cotidiano (MACHADO et al., 2007).

Diante dessas reflexões, talvez o leitor comece a pensar que as problemáticas envoltas a abordagem da sexualidade na escola estejam associadas a precariedade de treinamentos realizados nesses espaços, porém o estudo conduzido por Nogueira et al., (2011), aponta que para uma abordagem transdisciplinar do tema da sexualidade entre jovens faz-se necessário mais do que a formação dos professores e materiais educativos e didáticos apropriados, já que a pesquisa conduzida por Mohr (2000) apontou que o livro didático é um dos instrumentos educacionais mais disponíveis e utilizados pelos docentes em todo o território nacional, entretanto, avaliações realizada por Silva e Carvalho (2005) em alguns tópicos dos livros de ciências, no que se refere à saúde, revelaram incorreções e conceituações falhas. Sendo, portanto, necessário mais do que livros, materiais educativos e treinamento de professores, implicando na incorporação e discussão do tema em cenários múltiplos, considerando o vasto universo cultural que compõe o Brasil, sendo representado não somente por estudantes tradicionais, mas sendo composto também por estudantes indígenas e quilombolas.

Com isso, vale mencionar o estudo conduzido por Viana & Guimarães (2008) que faz uma análise cultural sobre a sexualidade em cartilhas educativas oficiais e abordou que as cartilhas educativas trazem de forma indireta algumas características da nossa cultura que estão envoltas no processo de formação da identidade sexual de jovens e acabam normatizando alguns conceitos e hábitos que são vistos como “normais”, “comuns e “corretos”, como se o que estivesse fora desse círculo, fosse errado, estimulando a invisibilidade das questões relacionadas a orientação sexual e gerando uma visão limitada e pouco reflexiva sobre desigualdade, relações de gênero e diferenças culturais que muitas vezes não consideram crenças, atitudes e valores.

Dessa forma, em âmbito internacional, a pesquisa conduzida por Goldfarb & Lieberman (2020), realizada nos Estados Unidos, por meio de uma revisão sistemática da literatura de três décadas de pesquisa em programas escolares para encontrar evidências da eficácia da educação sexual abrangente, filtrou em média 8050 artigos relevantes e após os critérios específicos de revisão e expansão da pesquisa para fora dos Estados Unidos, revisaram 80 artigos e identificaram a necessidade de valorização da diversidade sexual, começando na escola primária, bem como da educação LGBTQ inclusiva em todo o currículo

escolar para o alcance da sexualidade saudável.

Assim, para finalizar essas reflexões sobre o que vem sendo dito nos materiais educativos sobre a diversidade sexual e cultural, expõe-se os achados de Santos e Peres (2018), que apontaram que apesar do esforço em adequar os mecanismos de linguagem dos materiais à realidade dos jovens, a escolha por formatos tradicionais ainda desarticuladas do cotidiano de inserção dos jovens, limitam o alcance desses materiais e sua função de promover a sexualidade de forma saudável que possa considerar a diversidade sexual e cultural. Apontando a necessidade da abordagem da sexualidade, entre os jovens e seus pares, em espaços informais e formais, contemplado em políticas públicas (GIOVANELLA, et al., 2012).

## 5. MATERIAIS E MÉTODOS

### 5.1. ABORDAGEM DO ESTUDO E CENÁRIO DA PESQUISA

Este estudo pretende compreender como o tema da sexualidade vem sendo abordada nos materiais educativos da rede pública de ensino de Santarém – PA; bem como vem sendo caracterizado na literatura, quanto as principais vulnerabilidades dos jovens no contexto sociocultural da região Norte e caracterizar as escolas e estudantes na rede pública de ensino de Santarém/Pa quanto a distribuição territorial, quantitativos de alunos e diversidade sociocultural. Adotou-se para isso, a abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, visto que esta realidade não é possível de ser somente quantificada, no intuito de obter um aprofundamento acerca do objeto da pesquisa e pela necessidade de uma maior aproximação com os materiais disponibilizado no cotidiano educacional dos estudantes, dentro de um universo particular com inúmeras heterogeneidades (MINAYO, 2003). Com esta abordagem exploratória e descritiva que foram coletados dados; na primeira fase da pesquisa (pré-pandemia) com aplicação de questionários e entrevistas nas escolas para caracterização do grupo da pesquisa e de forma documental, por meio de revisão da Literatura, de dados da Secretaria Municipal de Educação, da Secretaria Regional de Educação e de materiais educativos. A abordagem exploratória pode ser considerada o primeiro passo da investigação, e diz respeito a modalidade de estudo que busca descobrir se existe ou não um fenômeno, já o estudo descritivo, observa, examina, registra, analisa, para descrever de forma integral, manipulá-los ou diferenciá-lo de outro (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2019).

O estudo foi desenvolvido em Santarém no estado do Pará que é uma das 27 unidades federativas do Brasil, sendo a segunda maior destas em território e é dividido em 144 municípios. O estado se caracteriza por uma grande diversidade social e cultural, devido à população ser composta por quilombolas, ribeirinhos e indígenas, formando um espaço único, repleto de singularidades que demandam estudos nessa localidade em razão do perfil epidemiológico, populações específicas de difícil acesso e dificuldades de entrada aos serviços de saúde. No estado do Pará, temos a região do Baixo Amazonas, composta pelos municípios de Alenquer, Almeirim, Belterra, Curuá, Mojuí dos Campos, Faro, Juruti, Monte Alegre, Óbidos, Oriximiná, Prainha, Santarém e Terra Santa (BARBOSA, 2010). A pesquisa foi desenvolvida especificamente no município de Santarém, que está localizada no Oeste do Pará. Região que atualmente é foco de muitos interesses e ações de diferentes atores nas escalas local, regional, nacional e global e possui inúmeras características que a diferencia das demais regiões do país, tanto no que diz respeito a aspectos socioeconômicos e demográficos

como ambientais, geográficos e culturais. Dentre essas particularidades, destacam-se a baixa densidade demográfica e distribuição desigual da população e da renda, hábitos de consumo e cultura diversificados, tudo associado a uma grande biodiversidade (FIGUEIRA et al., 2012).

Santarém é uma cidade de médio porte na Amazônia que passa por um processo acelerado de urbanização, situada na confluência dos rios Tapajós e Amazonas, localizada a cerca de 800 km das metrópoles da Amazônia (Manaus e Belém), ficou conhecida poeticamente como "Pérola do Tapajós". É o principal centro socioeconômico do Oeste do estado do Pará, porque oferece melhor infraestrutura econômica e social, como escolas, hospitais, universidades, estradas, portos, aeroportos, comunicações, indústria, comércio e possui um setor de serviços mais desenvolvido. Entretanto, como sua população é formada por quilombolas, indígenas e ribeirinhos e estes enfrentam dificuldades de acesso à rede de serviços, infraestrutura e existe consideráveis diferenças ao longo do território (TRINDADE, 2011). A cidade de Santarém passa por um avanço econômico e social que engloba grandes projetos desenvolvimentistas como a expansão da monocultura da soja, a construção de um complexo hidrelétrico e a corrida por territórios para a compensação ambiental, conhecida como economia verde. Não obstante a essa onda de crescimento econômico, a população local, continua sem vez e sem voz e os planos de desenvolvimento não atendem os anseios locais e comprometem questões cruciais de planejamento de políticas públicas, especialmente aquelas voltadas aos interesses coletivos, como na área da saúde e educação. Essa região possui um IDH médio de 0,7 e nela encontram-se aproximadamente 20 comunidades quilombolas e 32 comunidades indígenas, representando cerca de 42% da população habitando na área rural (OLIVEIRA, 2008).

Vários são os problemas relacionados à região e envolvem diferentes setores que vão desde a dificuldade de circulação de pessoas e mercadorias devido às grandes distâncias e uma rede de transporte deficiente, até modificações ambientais que comprometem a saúde e a qualidade de vida da população amazônica. Como as dificuldades no acesso aos serviços de saúde e educação na região que são dadas principalmente pela indisponibilidade local da oferta destes serviços e pelas grandes distâncias geográficas até os mesmos e acrescenta-se a isso o fato da região ter um baixo desenvolvimento socioeconômico, onde a maior parte da população vive em condições precárias de saneamento básico (FIGUEIRA et al., 2012). Segundo o IBGE (2010), Santarém possui quatro distritos: o distrito sede chamado Santarém, com 251.970 habitantes; Alter do Chão, com 8.078 hab.; Boim, com 11.043 e Curuai, com 16.726 residentes.

## 5.2. COLETA DE DADOS E INSTRUMENTO DE COLETA

Os dados foram obtidos em **três etapas**: a **primeira etapa** foi realizada na Secretaria Municipal de Educação e na Secretaria Regional de Educação, para caracterizar as escolas de ensino fundamental e médio na rede pública de ensino de Santarém/PA quanto a distribuição territorial, quantitativos de alunos e diversidade sociocultural; a **segunda etapa** ocorreu por meio da Revisão Integrativa da Literatura, para caracterizar as principais vulnerabilidades dos jovens no contexto sociocultural da região Norte no que diz respeito a sua sexualidade; e a **terceira etapa**: foi realizada através de materiais educativos: cartilhas, folder e álbum seriados, a fim de analisar o tema da sexualidade nos materiais educativos utilizados na rede pública de ensino de Santarém/PA, considerando a diversidade sociocultural e as especificidades dos alunos. A seguir, será descrito como foi realizado a coleta de dados em cada uma dessas etapas.

A **primeira etapa**, que diz respeito ao levantamento de dados na Secretaria Municipal de educação de Santarém e na 5ª Unidade Regional de Educação de Santarém, foi realizada entre os meses de abril e maio de 2019 por meio ofício e posterior retorno de dados que foi catalogado e organizado pela pesquisadora, considerando: o número de alunos por escola, por ensino: Fundamental e Médio, por grupo: Tradicional, Indígenas e Quilombola e por localidade: Zona Urbana, Zona Rural e Planalto.

A **segunda etapa**, que se refere a coleta de dados na Literatura, para responder à questão de pesquisa, foram obtidos por meio da Revisão Integrativa da Literatura (RIL). A RIL, é o tipo de estudo que surgiu como alternativa para revisar, analisar rigorosamente e combinar estudos com diversas metodologias e autores, permite assim, associação de dados da literatura empírica e teórica que podem ser direcionados à definição de conceitos, identificação de lacunas nas áreas de estudos, revisão de teorias e análise metodológica dos estudos sobre um determinado tópico ou estudo. Os dados da RIL foram coletados a partir de levantamento bibliográfico, por ser uma das melhores formas de iniciar um estudo, permitindo buscar semelhanças e diferenças entre artigos de referência, sendo que a compilação de informações em meio eletrônico é um grande avanço para os pesquisadores, democratizando o acesso e proporcionando atualização frequente (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Na operacionalização dessa revisão, foram utilizados **seis passos** de acordo com os procedimentos descritos por Creswell (2007) e conforme apresentado no estudo de (PAIVA & VARGAS, 2017):

1. Elaboração da questão de pesquisa;

2. Busca na literatura dos estudos;
3. Coleta de dados;
4. Análise e síntese dos estudos incluídos;
5. Discussão dos resultados;
6. Apresentação da revisão;

O **primeiro passo** que refere a elaboração da pergunta de pesquisa, a RIL, objetivou: “Caracterizar as principais vulnerabilidades dos jovens no contexto sociocultural da região Norte no que diz respeito a sua sexualidade”.

O **segundo passo** que faz referência a busca na literatura dos estudos: Os arquivos bibliográficos foram buscados via Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) por meio da Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), com acesso através de login estudantil da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES) em bases de dados referência no contexto da saúde, por meio do acesso online, na SCOPUS – ELSEVIER e na Biblioteca Virtual da Saude (BVS) e foram utilizados artigos indexados nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF).

Foi selecionado artigos científicos de revistas do sistema brasileiro de avaliação de periódicos (QUALIS), mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), usando a classificação quadriênio 2013- 2016, na área da saúde coletiva ou interdisciplinar, usando o critério de visibilidade e acesso mundial para os pesquisadores a fim da legitimação da evidência científica da bibliografia consultada. Para a seleção dos artigos para a presente revisão integrativa foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: artigos científicos que respondessem à pergunta de pesquisa, publicados entre o período 2007 a 2021 e disponíveis e no idioma português, Inglês ou Espanhol. Como critérios de exclusão: relatos de casos informais, capítulos de livros, dissertações, teses, reportagens, notícias, editoriais, textos não científicos e artigos científicos sem disponibilidade do texto na íntegra online e para definição dos descritores – Foram realizadas buscas sucessivas com os descritores: ‘Sexualidade’, ‘vulnerabilidade sexual’, ‘Adolescente’.

Para a **terceiro passo**, que corresponde a coleta de dados dos artigos selecionados, foi realizada a leitura de todos os títulos e resumos dos artigos identificados e dentre os que geraram dúvida quanto à sua pertinência em relação ao estudo foi necessária uma leitura complementar dos objetivos ou até mesmo do artigo completo para proceder à sua inclusão (CRESWELL, 2007).

Para a **quarto passo** que se refere a análise e síntese dos estudos incluídos, foi realizada a classificação dos artigos selecionados por meio de leitura e extração, e a partir



deste procedimento, foi realizada uma ficha catalográfica, contendo as seguintes características: Identificação, Qualis, Ano, Revista, Local Indexado e local do estudo, já usado por Paiva & Vargas (2017), conforme modelo do quadro 3.

Quadro 3: Modelo de quadro síntese dos artigos selecionados na RIL

<b>Id.</b>	<b>Qualis</b>	<b>Ano</b>	<b>Revista</b>	<b>Indexado</b>	<b>Local do estudo</b>
A1	B1	2015	Rev. de Enferm. UERJ	LILACS e BDEFN	Rio de Janeiro
A2	B1	2019	REBEN	SCIELO	CE -Fortaleza
A3	B4	2015	PRACS	SCIELO	Amapá
A4	B1	2010	Saude soc.	SCIELO	Rio de Janeiro
A5	B2	2020	Ciencia y Enfermeria	LILACS e BDEFN	Brasil Central
A6	B1	2020	Rev. Escola Ana Nery	SCIELO	CE - Fortaleza
A7	B1	2021	Rev. Escola Ana Nery	LILACS E BDEFN	CE - Fortaleza
A8	B1	2020	Ciência e Saúde coletiva	BDEFN	SP - Botucatu
A9	B4	2021	Cogitare	LILACS	PB – Campina Grande
A10	B1	2013	Physis (Rio J.)	LILACS	Rio de Janeiro
A11	B1	2007	Rev. Escola Ana Nery	LILACS E BDEFN	CE - Fortaleza

Fonte: Construído pela autora, 2021.

O **quinto e sexto passo** que correspondem respectivamente: Discussão dos resultados e Apresentação da revisão, será apresentado no capítulo resultados e discussão da RIL, capítulo 5.

E por fim, para a **terceira etapa** que se refere a coleta de dados dos materiais educativos, aqui catalogados - cartilhas, folder e álbum seriados, foram buscados de três formas: online: por acesso aberto, em sites institucionais como Ministério da saúde, Biblioteca da Fiocruz e Google; de forma presencial na Secretaria Municipal e Estadual de Saúde de Santarém e por aplicativo de mensagens com professores da rede pública de Santarém. Essas buscas foram realizadas entre junho de 2020 e março de 2021.

Para as buscas **online** foi usado uma combinação de palavras chaves, como: “Material educativo e Sexualidade”; “Cartilha, Adolescentes, Sexualidade e IST”; “Folder, DST, Jovens e adolescentes”; Material educativo e diversidade sexual”; Material educativo, Santarém-Pará, Jovens e sexualidade”; “Diversidade, sexualidade, jovens e IST, Santarém-Pará”. Para

selecionar quais materiais seriam usados, foi considerado os materiais educativos de âmbito nacional; disponíveis em formato PDF; que possuíam acesso através de buscas online de forma aberta, uma vez que a pesquisa se propõe analisar materiais que possam ser acessados por qualquer pessoa; publicadas nos últimos 15 anos, entre 2006 e 2020; apresentando como público: jovens e adolescentes, homens, mulheres, indígenas, comunidade escolar, profissionais da saúde e a comunidade em geral; organizados ou coordenados por instituições oficiais, como Ministério da saúde, Universidades e Secretarias de Saúde e por representantes da sociedade civil ou organizada, como profissionais especializados na área da saúde e da educação e Organização Não Governamental (ONG) e somado a esses aspectos, utilizou-se três critérios de seleção, descritos a seguir:

Primeiro critério: o método de saturação de conteúdo, que consiste em levantar materiais que abordassem o tema da sexualidade e não somente a abordagem das IST. Segundo critério de seleção: a raridade (temas pouco abordados), que resultou na seleção de materiais que abordavam a diversidade sexual e cultural. E o terceiro critério foi a seleção de pelo menos um material produzido ou usado pela **Secretaria de Saúde** de Santarém, visando contemplar a produção local. Entretanto, com a pandemia de COVID-19 o retorno as solicitações nas duas secretarias, após 3 tentativas de contato, não foi obtido retorno com a justificativa que o setor de educação permanente estava sem funcionários para responder a demanda solicitada pela pesquisadora, e assim, para suprir esse critério, foi realizado o contato via **aplicativo de mensagens** com docentes da rede pública de ensino de Santarém, afim de obter a indicação de materiais usados em sala de aulas, ainda que não sejam de produção locais, mas, que os docentes alegaram utilizar em sala.

Os materiais educativos selecionados foram registrados em quadros que serão descritos como foram estruturados e com que base teórica, no item: Análise de dados – materiais educativos, logo abaixo.

### 5.3 ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados foi realizada de três formas, quanto: a caracterização das escolas, dos artigos e dos materiais educativos.

Quanto a **caracterização das escolas** os dados foram analisados através de **três etapas**, já usadas no estudo de Silva & Carvalho (2005), descritas por: **1.** Categorização; **2.** Exploração dos achados e **3.** Elaboração de síntese interpretativa. Quanto a categorização foi formulada **seis categorias**: *Zona*: urbana, rural e planalto; *Grupo*: Tradicional, Indígena e Quilombola; *Identificação*: Comunidades quilombolas, terras indígenas e áreas rurais; *Tipo de*

*Ensino*: Regular e Médio modular; *Ensino Fundamental*: do 6º ao 9º ano de escolas municipais e estaduais e *Ensino Médio*: do 1º ao 3º ano de escolas estaduais. Essas categorias, permitiram a exploração e elaboração de síntese interpretativa apresentada em quadros nos resultados do estudo no *capítulo 4*.

Quanto a **análise dos artigos** encontrados na RIL, foi usado para organização, como descrito anteriormente, o formato já utilizado por Paiva & Vargas (2017), assim, foi realizada a leitura de cada artigo científico a fim de verificar a sua real adequação com as questões que nortearam a presente investigação e a extração dos dados dos artigos científicos selecionados se deu por meio da caracterização dos estudos científicos, de acordo com os eixos: Identificação, Qualis, ano de publicação, revista de publicação, base de dados indexado e local de realização do estudo (descritos em resultados na tabela 3). Para melhor identificação, os estudos selecionados receberam um código de sequência alfanumérica (A1 até A11).

A análise desses dados foi realizada de forma descritiva que segundo Levine et al., (1996) é a melhor forma de compreensão dos achados, contendo: Identificação do artigo, Achado de pesquisa e o local do estudo (apresentado em resultados na tabela 4). A partir dessa descrição, emergiu três categorias temáticas: vulnerabilidade Individual, vulnerabilidade Social e Vulnerabilidade Programática, que foram analisadas conforme procedimentos descrito por Gomes (2007): Leitura compreensiva; Exploração e Elaboração de síntese interpretativa e encontra-se descrito em resultados no quadro 10 e com base nas três categorias de vulnerabilidades, permitiu a discussão dos achados.

É importante destacar que essa separação das vulnerabilidades em três categorias: Individual, social e programática, foi mais uma ferramenta de organização para ajudar a nortear a escrita, uma vez que se entende que é extremamente difícil separar uma vulnerabilidade da outra, conforme aponta Meyer et al., (2006), abordando que as vulnerabilidades acabam sendo interligadas e contendo limites imprecisos dentro de uma teia de fatores em que um ponto interfere na capacidade de desenvolvimento do outro. Dessa forma, a termo de procedimento metodológico, a discussão foi iniciada pela vulnerabilidade individual. Mas, em função da relação estreita entre as temáticas, em vários momentos os assuntos estarão interligados independente de categoria.

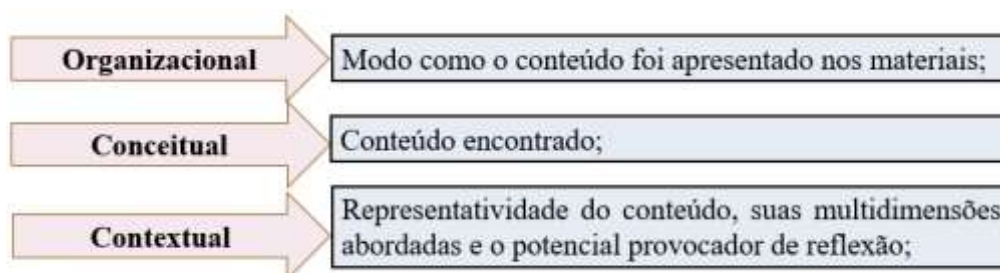
No que diz respeito a análise dos **materiais educativos** foram analisados por meio da técnica de Análise Exploratória de dados. O primeiro passo em qualquer análise de dados consiste em explorar os dados recolhidos para se ter uma ideia de alguns “padrões” que eles apresentem. Para Levine et al., (1996), a análise exploratória de dados, conhecida também como análise descritiva, é o método que envolve a coleta, caracterização e apresentação, de um conjunto de dados de modo a descrever apropriadamente as características deste conjunto.

A análise procedeu nos materiais por meio de uma descrição geral e uma descrição detalhada. Para a **descrição geral** das cartilhas, folder e álbum seriado, foi feita através de um quadro que contém: *Título, Tipo de material, Local de publicação, Ano, Instituição – Autor (es) e público* e foi estruturado a partir do acervo catalogado pela pesquisadora e organizado usando como identificação um sistema proposto por Monteiro & Vargas (2006). Conforme apresentado em resultados, capítulo 6, quadro 11.

Para **descrição detalhada**, os 25 materiais educativos contidos no estudo foram analisados usando um quadro criado conforme a necessidade do estudo e com base no modelo estruturado por Kelly-Santos (2009); Paiva e Vargas (2017) que foi usado para a caracterização referente a cada material do ponto de vista **organizacional, conceitual e contextual**, sendo identificado cada quadro pela sigla (ME) que se refere a material educativo, procedido de um número que se refere a ordem de catalogação do material, iniciando no número 1 e prosseguindo até o número 25. O quadro é formado por 4 grupos orientadores: **1) Identificação** – Título, Autores, Instituição, Tipo de material, Ano, Local de publicação, Estado, Região, N° de Páginas, Público, Objetivo e endereço de disponibilização Online; **2) Dimensão organizacional:** Linguagem, Formato e Recursos visuais; **3) Dimensão conceitual:** Sexualidade - a) Puberdade; b) Diversidade sexual; c) Prevenção e Orientação; d) Cultura e e) Cidadania; **4) Dimensão contextual:** Potencialidades e Fragilidades. Conforme apresentado em resultados, capítulo 6, quadro 12 ao quadro 36.

No que se refere as **três dimensões** usadas, seguiram a lógica empregada no estudo de Ferreira & Bonan (2020) que identifica essas dimensões, sendo: a organizacional, como o modo como que o conteúdo foi apresentado nos materiais; a conceitual, que diz respeito ao conteúdo encontrado e a contextual, que engloba a representatividade do conteúdo, suas multidimensões abordadas e o potencial provocador de reflexão imbricado em cada material, conforme sintetizado na *Figura 1*.

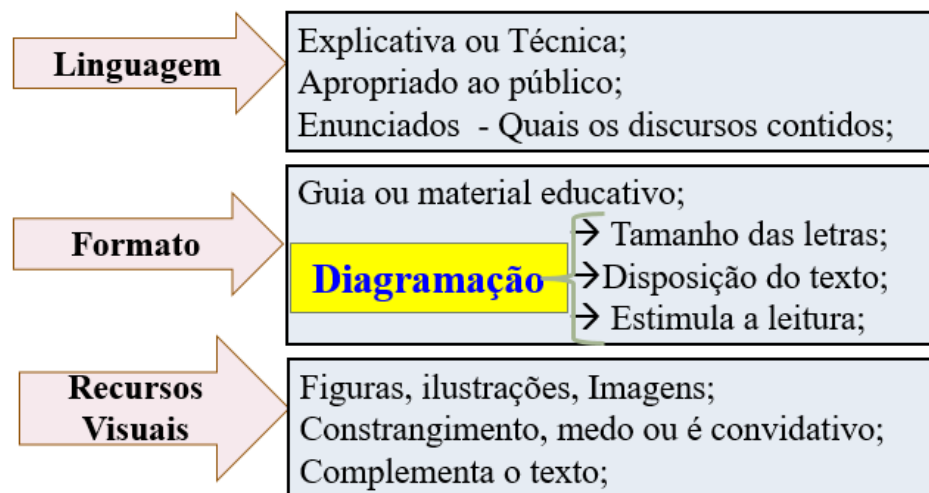
Figura 1 - Dimensões de análise dos materiais.



Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

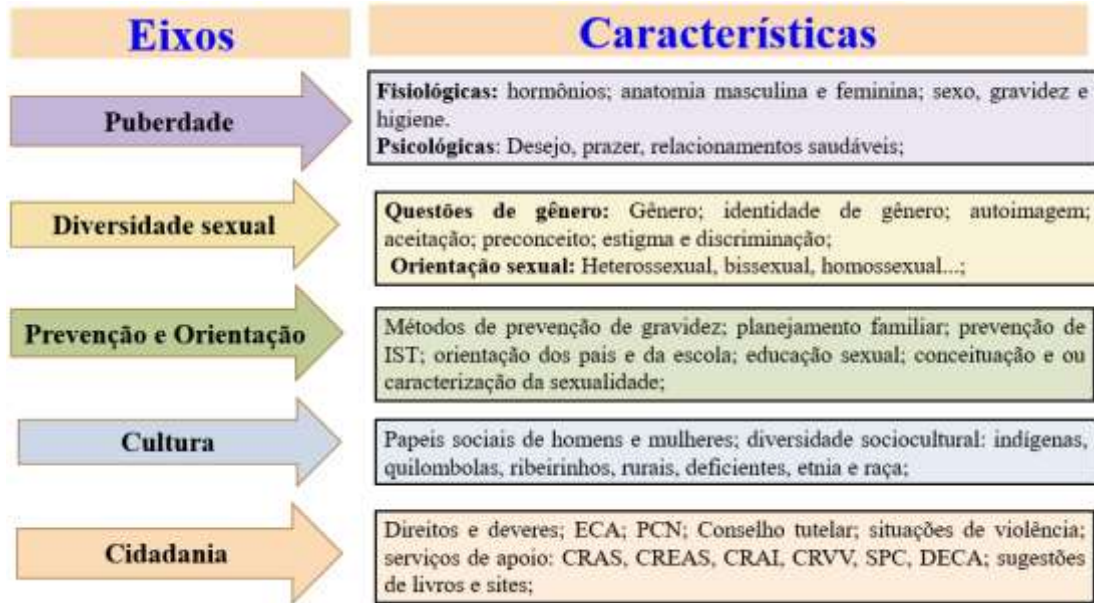
Quanto a interpretação da dimensão **organizacional** dos materiais educativos, foi estruturado um guia para nortear a análise e discussão, compostos por três eixos: Linguagem, Formato e Recursos visuais, estes eixos foram estruturados com base nos estudos de Kelly-Santos (2009a); Kelly-Santos et al., (2009b); Kelly-Santos et al., (2010); Monteiro & Vargas (2006), conforme sintetiza a *figura 2*.

Figura 2 - Eixos de análise **organizacional**



Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

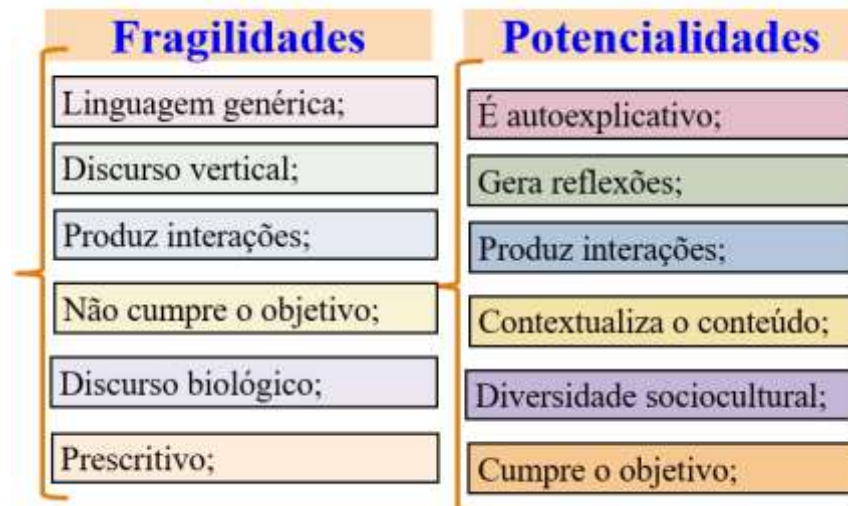
A interpretação **conceitual** dos materiais foi apresentado em quadros individuais para cada material, contendo cinco eixos de análise, que serviram como orientador para a coleta de informações nos materiais e esses eixos foram estruturados, usando como referência os estudos lidos e discutidos sobre o tema, produzidos por autores de referência em meio acadêmico para abordagem da temática, como os estudos de (PARKER & AGGLETON, 2006); (LOURO, 1997; 1999); (VARGAS & SIQUEIRA, 1999); (MEYER et al., 2007); (TAQUETTE, 2010); (PEDROSA & CASTRO, 2008); (SCHALL, 2005); (SOUZA, et al., 2015); (UZIEL, et al., 2004); (VILLELA & ARILHA, 2003), entre outros. Assim, ao realizar a análise dos materiais, buscava-se em cada um destes, os **cinco eixos de análise**: Puberdade, Diversidade Sexual, Prevenção e orientação, Cultura e Cidadania, para a compreensão da sexualidade, conforme a *figura 3*.

Figura 3 - Eixos de análise **conceitual** da sexualidade

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

Por fim, para analisar a dimensão contextual, foram criados 2 eixos: Potencialidades e fragilidades que foram estruturados com base nas propostas conduzidas por Cicco (2012) e Monteiro & Vargas (2006), conforme sintetizado na *figura 4*.

Figura 4 - Eixos de análise contextual da sexualidade



Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

Dessa forma, a análise e discussão dos materiais educativos foi conduzida através da perspectiva **organizacional, conceitual e contextual**, apoiada na base científica de autores de referências já mencionados.

#### 5.4 EXEQUIBILIDADE DO ESTUDO

Em função da pandemia de COVID-19 o estudo que inicialmente seria realizado com estudantes de escolas municipais e estaduais do 5º ao 9º ano e do 1º ao 3º ano de áreas urbanas e rurais, de comunidades ribeirinhas, quilombolas e indígenas de Santarém, por meio da aplicação de questionário e entrevistas, através de uma equipe de trabalho composta por 10 acadêmicos do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde e do Bacharelado em Saúde da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), que foram selecionados e treinados para compor a equipe não pôde ser realizada em decorrência do fechamento das escolas em Santarém em fevereiro de 2020, período que estava sendo iniciado a coleta de dados do estudo.

Dessa forma, a pesquisa de campo com estudantes foi inviabilizada em função do tempo para a conclusão do Doutorado, ainda que o estudo tenha obtido a autorização das Secretaria Estadual de Educação (Apêndice 12), Secretaria Municipal de Educação (Apêndice 13) e do Comitê de Ética em Pesquisa e do Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP (Anexo 1). Assim, o estudo precisou ser readequado de forma a ser executado em condições de segurança para a pesquisadora, sua equipe e todos os envolvidos e por isso o estudo foi reestruturado como uma pesquisa documental e com dados que já haviam sido coletados antes da pandemia em 2019 na Secretaria Municipal de Educação, na Unidade Regional de Educação, nas escolas e complementados posteriormente com dados de materiais educativos como folder e cartilhas, além de informações de artigos.

A *UFOPA* atuou como colaboradora do projeto, seja de maneira direta ou indireta, e este foi cadastrado como projeto de pesquisa desta Universidade. As contribuições estão relacionadas com apoio para a pesquisadora realizar treinamentos ou cursos, como o “Curso Internacional de Análise de dados Qualitativas” realizado em novembro de 2018 na Escola Nacional de Saúde Pública no Rio de Janeiro e foi custeado pela instituição: passagens e hospedagens. Além do apoio em e outras atividades, como na fase inicial de coleta de dados para o artigo 1 em escolas de Santarém em que a pesquisadora fez uso de alguns equipamentos da instituição, como: aparelho de GPS; câmera fotográfica; autorização para o uso do ônibus, carro, micro-ônibus ou Van da instituição; permissão de acesso as viagens no barco escola da Instituição o ABARÉ que realiza viagens para comunidades indígenas; além de fornecer espaço físico para reuniões com a equipe; uso da biblioteca; sala de informática, entre outros. O uso de equipamentos diversos da instituição, bem como dos meios de transporte, permitiu que a pesquisadora antes da pandemia conhecesse as comunidades indígenas, quilombolas e entendesse a distribuição desses estudantes dentro do território e

pudesse compreender um pouco mais sobre a diversidade cultural que estes estudantes vivenciam.

Além da contribuição da UFOPA, a pesquisadora recebeu bolsa de doutorado da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)* e com esse apoio financeiro foi possível custear os deslocamentos para a participação em atividades regulares e complementares que deram suporte para pesquisa, como as desenvolvidas em Teresina no Piauí, atividades no Rio de Janeiro, participação em Congressos Nacionais e Internacionais, como o 5º Congresso Nacional em Medicinal Tropical em que a pesquisadora participou em abril de 2019 em Lisboa- Portugal e apresentou trabalhos na modalidade oral, um deste com relação direta com a tese, entre outras ações que ocorreram em diversas localidades de Santarém, como a coleta de dados em escolas da Zona Urbana, Rural e do Planalto de Santarém para a estruturação do artigo 1 da tese.

Vale destacar que em outubro 2018, a pesquisadora recebeu auxílio do *Instituto Oswaldo Cruz (IOC)* para a preparação do trabalho de campo com aquisição de materiais, elaboração de questionário e deslocamento para as escolas. Esse auxílio permitiu o deslocamento até algumas localidades rurais e do planalto onde se encontra a maior concentração de estudantes indígenas e quilombolas e contribuiu para ter uma noção melhor sobre a distribuição e caracterização dos grupos estudados dentro do território, além da logística para o estudo.

Também destaca-se que ao longo do curso de Doutorado desde maio de 2017 até a atualidade, a pesquisadora recebe suporte da *Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)*, seja através da participação em atividades regulares com o apoio dos docentes e de suas orientadoras para a estruturação da tese, ou através da participação em atividades complementares como cursos, treinamentos e congressos, além de apoio financeiro para atividades como a qualificação que aconteceu na Escola Nacional de Saúde Pública no Rio de Janeiro e a pesquisadora teve suas passagens custeadas pela *Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)*.

E para finalizar esse aspecto de exequibilidade da pesquisa, destaca-se que a pesquisadora foi contemplada em chamada interna da ENSP para a produção de uma cartilha educativa sobre sexualidade para ser entregue para jovens da cidade de Santarém e será descrita mais detalhadamente no item 7.1: Contribuições.



## 5.5. ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Como a pesquisa iria inicialmente aplicar questionários e entrevistas com estudantes indígenas, quilombolas e tradicionais, da rede municipal e estadual de Santarém, do 5<sup>a</sup> ao 9<sup>a</sup> ano do ensino Fundamental e do 1<sup>o</sup> ao 3<sup>o</sup> anos do ensino médio, a pesquisa foi cadastrada na Plataforma Brasil e seguiu as recomendações desse banco para atingir as recomendações da Resolução CNS Nº 466/2012, que dispõe sobre a pesquisa envolvendo seres humanos que são: autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade e da resolução 510/2016 utilizada em pesquisas qualitativas.

Também foi solicitado a autorização da Secretaria Regional e Municipal de Educação de Santarém – Pa (Apêndice 11 e 12) e o estudo foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de acordo com o previsto na Resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde e na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que avalia os aspectos éticos das pesquisas que envolvem seres humanos no Brasil em áreas temáticas especiais como população indígena, seguindo recomendação da RES/CNS No.304/2000, no seu item III/2, qualquer pesquisa envolvendo a pessoa do índio ou a sua comunidade deve ter a concordância da comunidade alvo da pesquisa, estudo aprovado pelo parecer de número 3.825.414 (Anexo 1).

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 6.1. UM PEDACINHO DO NORTE: CARACTERIZAÇÃO

Nesse capítulo será apresentado a **caracterização das escolas de ensino fundamental e médio na rede pública de ensino de Santarém/Pará quanto a distribuição territorial, quantitativos de alunos e diversidade sociocultural**. Para isso, será discutido perspectivas socioculturais através de um recorte de caráter educacional por meio das escolas e alunos em uma cidade no Oeste do Pará da Amazônia brasileira. Requerendo assim, adentrar em um território geograficamente formado por Zonas Urbanas, Rural e Planalto, que não estão fisicamente tão afastadas entre si, porém, apresentam enormes disparidades para acesso a serviços básicos, como saúde e educação; rede de transporte estabelecidas por vias terrestres e fluviais; dificuldade para acesso a telefonia móvel e de internet; além da escassez de oportunidades de emprego e renda que permeiam esse contexto santareno e ainda remete a necessidade de reconhecimento de uma cidade amazônica formada por uma ampla diversidade sociocultural, representada por populações indígenas, quilombolas e ribeirinhas, que por vezes são invisibilizadas quanto as suas potencialidades.

Dessa forma, no intuito de contribuir para gerar maior expressividade para grupos sociais que estão inseridos dentro de escolas do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino brasileiro, em particular da cidade de Santarém- Pará, como indígenas e quilombolas e diversas vezes não estão representados nesses espaços educacionais, seja durante as aulas, nos livros didáticos ou nos eventos festivos, será construído e apresentado um conjunto de reflexões sobre a diversidade sociocultural no ambiente escolar, a partir da realidade da cidade de Santarém.

O primeiro aspecto de análise que merece destaque é o quantitativo de escolas de ensino Fundamental e Médio da cidade de Santarém, que segundo os dados catalogados e organizados pela pesquisadora, coletados através da Secretaria Municipal de Educação SEMED (2019) e da Secretaria Regional de Educação SEDUC (2019), Santarém possui 285 escolas municipais e estaduais, sendo 203 de ensino fundamental do 6º ao 9º ano, 36 de ensino médio do 1º ao 3º ano e 46 para o ensino médio modular. *Conforme o quadro 4.*

Quadro 4: Escolas do ensino Fundamental Médio por ensino e grupo

	<b>Tradicional</b>	<b>Indígena</b>	<b>Quilombola</b>	<b>Total</b>
<b>Fundamental</b>	164	32	7	<b>203</b>
<b>Médio</b>	36	46		<b>82</b>
<b>Total Geral</b>	200	78	7	<b>285</b>

**Fonte:** Construído pela autora com dados da Secretaria Municipal de Educação – SEMED (2019) e Secretaria estadual de Educação -SEDUC (2019).

Vale destacar que as escolas para alunos indígenas e quilombolas do ensino médio, estão cadastrados como escolas de ensino modular e estas têm suas aulas realizadas em 46 escolas municipais de Santarém. Assim, essas 46 escolas modulares não são escolas novas, mas foram contabilizadas em decorrência da necessidade de conhecer o número de escolas por localidades. Dessa forma, optou-se por incluir as escolas de ensino modular porque os estudantes indígenas e quilombolas do ensino médio de Santarém são relevantes para responder o objetivo do estudo, assim, estes serão contabilizados no número de alunos de Santarém, ainda que não estejam cadastrados como alunos regulares e sim como estudantes do ensino modular (SEMED, 2019; SEDUC, 2019).

É importante ressaltar, que em Santarém o número de escolas indígenas e quilombolas de ensino fundamental e médio, contando com as escolas de ensino modular, é um quantitativo de 85 escolas com alunos indígenas e quilombolas, sendo 39 regulares do ensino fundamental e 46 modulares com ensino médio indígena. Sendo 7 localizadas em comunidades quilombolas e 78 em território indígena. Conforme o *quadro 5*.

Quadro 5: Escolas Indígenas e Quilombolas por Zona e Ensino

	<b>Área</b>	<b>Fund. Indígena</b>	<b>Fund. Quilombola</b>	<b>Total Fund.</b>	<b>Médio Indígena</b>	<b>Total</b>
<b>Zona Rural</b>	Arapiuns	17			10	27
	Arapixuna				4	4
	Lago grande				9	9
	Tapajós	10			4	14
	Várzea		3		13	16
	<b>Total</b>					
<b>Zona Planalto</b>	Planalto				6	6
	Curuá- Una	4	4			8
	Santarém-	1				1

	Cuiabá					
	<b>Total</b>					<b>15</b>
	<b>Total Geral</b>	32	7	<b>39</b>	<b>46</b>	<b>85</b>

**Fonte:** Construído pela autora com dados da Secretaria Municipal de Educação – SEMED (2019) e Secretaria estadual de Educação - SEDUC (2019).

A termo de informação, segundo a SEDUC (2019), a principal justificativa para que os alunos indígenas e quilombolas do ensino médio, frequentem turmas modulares, é o pequeno número de alunos por comunidade, associado ao diverso quantitativo de comunidades que se concentram em áreas bem distante da região central de Santarém, dificultando o ensino regular.

Foram excluídas desse quantitativo de 285 escolas, as de ensino médio técnico, as de educação especial, o centro de educação de jovens e adultos, por não estarem correlacionadas com o objetivo do estudo, além da exclusão das escolas desativadas. Essas 285 escolas de Santarém estão distribuídas em três áreas: Zona Urbana: formada por: área Norte, área Central, área Leste, área Oeste e área Sul; Zona Rural: composta por Várzea, Tapajós, Lago Grande, Arapixuna e Arapiuns e Zona Planalto: compreendendo Curuá-una, Santarém-Cuiabá e Eixo Forte. Ao compreender essa divisão territorial foi possível entender que a distribuição das escolas indígenas e quilombolas estão concentradas na zona rural na área de Arapiuns, Várzea e Tapajós e no Planalto na área de Curuá-Una (SEDUC, 2019; SEMED, 2019).

Assim, ao aproximar o olhar para as escolas da rede pública de ensino de Santarém, encontrou-se uma composição heterogênea, representada pela a presença de estudantes Indígenas e Quilombolas e merece relevância o formato de ensino ofertado aos estudantes indígenas do ensino médio da rede pública de Santarém, através do ensino modular.

O ensino indígena no Brasil, em 2009, passou por modificações em função do governo federal, através do decreto de nº 6.861 que criou os Territórios Etnoeducacionais – TEEs que reconhecem as identidades étnicas dos povos indígenas, refletindo em mais autonomia nos processos escolares, através das alianças entre educação e território, além de fomentar um protagonismo escolar indígena. Em 30 de outubro de 2013, o Ministério da Educação, instituiu o Programa Nacional dos Territórios Etnoeducacionais – PNTEE, com a publicação da Portaria nº 1.062 (BRASIL, 2009; 2012; 2013). Esses dois marcos legais a termo de regulamentação e medidas formais a serem consideradas no processo de educação de indígenas, implicaram na necessidade governamental através das secretarias de educação, em pensar a forma como seria realizada a educação de estudantes indígenas no Brasil. Entretanto,

oito anos após a instalação desses instrumentos de legalização e instrução do ensino de estudantes indígenas no Brasil, pouco se avançou quanto à autonomia para um ensino com reconhecimento de culturas, singularidades e potencialidades (BERGAMASCHI & SOUSA, 2015).

Os decretos acima mencionados, são instrumentos direcionadores para o ensino de estudantes indígenas no Brasil, que orientam quanto à necessidade do respeito às relações interculturais, para efetivar a educação de qualidade dentro das comunidades indígenas, com base em uma estrutura curricular e calendário apropriado para esses estudantes, com formato pedagógico que reconhece os processos próprios de ensino e aprendizagem, garantindo às novas gerações a manutenção dos saberes e valores tradicionais indígenas (GARCIA, 2011). Entretanto, na contramão a essas premissas, em Santarém, os estudantes indígenas do ensino médio de diversas comunidades, são reunidos em 46 escolas de ensino municipal, para terem acesso ao ensino médio em formato modular.

E o que desperta a atenção nesse agrupamento de estudantes, é que apesar de não estarmos falando de escolas em territórios indígenas e sim de estudantes provenientes de comunidades indígenas, que por falta de educação escolar na própria comunidade, frequentam o ensino em escolas municipais que foram adaptadas para essa necessidade. Sendo, portanto, importante considerar o que esse formato de ensino pode implicar, como possíveis perdas de raízes sociais, históricas, étnicas, linguísticas, de valores e práticas culturais, uma vez que estas escolas em comunidades indígenas, funcionam da mesma forma que as escolas urbanas e muitas vezes, acabam por desconsiderar os processos próprios de aprendizagem e os sistemas educacionais específicos de cada povo (URQUIZA, 2013).

Dessa forma, prover um maior empoderamento dos estudantes indígenas para redefinir sua participação nos modelos educacionais já existentes, é uma necessidade para legitimar e oficializar o direito a autonomia dos estudantes indígenas em serem protagonistas do processo de ensino aprendizagem. Valorizando a riquíssima diversidade sociocultural presente nessas comunidades e colocando-os como autores do aprendizado, em que a educação estará sendo construída com eles e não para eles, mediante: o diagnóstico do território, com descrição dos estudantes que o compõe, levantando os aspectos culturais e linguísticas; reconhecendo as demandas educacionais; realizando o planejamento de ações e a descrição das atribuições de responsabilidades de cada participante, incluindo a localização das escolas, à formação e contratação de professores indígenas e de outros profissionais da educação, à produção de material didático apropriados e uma alimentação escolar adequada e de qualidade (BANIWA, 2010). Uma vez, que o desenvolvimento e estruturação da educação do ensino fundamental e

médio para estudantes indígenas no Brasil ainda é um processo que caminha a passos lentificados.

Entretanto, acredita-se que a promoção dessa educação, ainda que de forma tímida, atingiu novas perspectivas em função da implantação do programa nacional de formação de professores indígenas, "Saberes Indígenas na Escola" (SOUSA, 2013). Assim, ainda que a dinâmica atual de educação de estudantes indígenas, se encontre distante de um formato que supra as necessidades desses estudantes e não tenha encontrado modos próprios de se fazer a educação escolar, de acordo com as especificidades de cada povo e afim de desvincular a educação indígena de uma educação escolar, que por muitos anos foi "civilizatória" e repleta de tutela do Estado, é possível identificar os primeiros avanços, que devem ser contínuos para instituir um sistema de educação que não esteja estruturado com base nas nossas próprias práticas e sim no reconhecimento dos que de fato irão vivenciar esse modelo, os estudantes indígenas (GARCIA, 2011).

Nessa perspectiva, é importante refletir quanto a abordagem da diversidade sociocultural na rede de ensino fundamental e médio de escolas brasileiras, de modo a torná-la inclusiva para estudantes indígenas. Já que por diversas vezes o senso comum da população geral, o que inclui os diversos grupos de estudantes escolares, por vezes é limitado pela falta de abordagem da diversidade cultural em sala de aula, aproximando estudantes da ideia contida no imaginário que o índio vive somente em suas aldeias, comunidades e terras indígenas e não se encontra dentro das escolas e outros diversos espaços sociais, acarretando em estereótipos e representações generalizantes e imprecisas sobre estes povos e dificultando a representatividade desses estudantes nos espaços escolares, além de entraves para a construção das identidades indígenas através de diversos instrumentos educacionais como livro didático e materiais educativos de apoio ao processo ensino-aprendizagem, em que estes grupos não são mencionados ou são tratados de forma caricata, podendo contribuir com o aumento dos preconceitos sobre os saberes e a realidade sociocultural dos povos indígenas (LEAL & CALDERONI, 2015).

Assim, vale mencionar o estudo realizado por Leal e Silva (2020), que apontou o quanto ao processo de construção de conhecimento sobre as populações indígenas no âmbito do ensino da educação básica brasileira necessita das escolas uma abordagem curricular multidisciplinar, aliada a fundamentação científica de qualidade, associada a uma visão crítica e reflexiva acerca dos problemas sociais enfrentados pelos grupos indígenas ao longo da história de formação do Estado brasileiro, para estimular o debate entre os estudantes sobre à cultura e à identidade, como formas de compreensão das relações de poder e práticas

excludentes na sociedade e não simplesmente como cumprimento de um aspecto curricular através da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Logo, é preciso mais do que esforço para se afastar do estereótipo equivocado de que entender a diversidade étnica ou cultural de um grupo populacional é admirar como algo exótico. Uma vez que essa perspectiva de naturalização de que o que é “comum” é “certo” e o que não se encaixa nesse universo, usa-se a expressão preconceituosa: “não é ruim, é diferente, é exótico”, silencia as diferenças culturais que trazem consigo anos de histórias, lutas, representações e carrega a construção da identidade de um povo e/ou etnia (BHABHA, 1998). Por isso, a educação básica, em seu conjunto ideológico e representativo de sua estrutura curricular, precisa ser apoiada na desconstrução e desnaturalização de estereótipos arraigados no pensamento coletivo (GRAÚNA, 2011).

Imbricados nessas reflexões, talvez o leitor esteja se perguntando quanto aos aspectos legais que garantem que esses temas sejam abordados nas escolas, o que se tem assegurado? A LDB apresenta em seu “§ 4º que o ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia” (LDB, 2017, p. 20). Outra grande mudança importante dentro da LDB para a inclusão da temática indígena - culturas e histórias - na educação básica, foi a promulgação da Lei n. 11.645, de 2008, que estabeleceu, no art. 26-A da LDB, o seguinte: Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. Entretanto, Gutierrez (2013), aponta que o distanciamento entre os aspectos legais com à prática de valorização dos povos indígenas no currículo da educação, evidencia uma sociedade pouco atenta aos interesses de determinados grupos sociais e que deslegitima os direitos desses grupos.

Por isso, ainda que esses suportes legais tenham resultado na inclusão da temática indígena nos currículos escolares da educação básica no Brasil, em decorrência de reivindicações de grupos de movimentos indígenas, quilombolas e negros, para forçar a sociedade a entender a história desses grupos no Brasil, para compreender a própria história, o processo de construção da sociedade e o papel que esses grupos sociais empenharam na construção da nação que temos hoje, a diversidade social no Brasil sempre será sentida de uma forma diferente pelos atores envolvidos. Os negros e os indígenas, provavelmente ao lerem esses capítulos em livros da educação básica que retratam os papéis desenvolvidos na sociedade, sentirão dor, tristeza, frustração e sensação de exploração, diante de processos históricos de marginalização e preconceito com relação a suas culturas e identidades (SOUZA, 2013).

Logo, diante das variadas reflexões que a temática desperta, vale acrescentar mais alguns achados levantados pela pesquisadora em relação a esse recorte, quanto a presença de estudantes indígenas e quilombolas na rede pública de ensino de Santarém. Esses achados referem-se à localização das escolas na cidade de Santarém, considerando a distribuição dessas, nas três localidades: Zona Urbana, com 58 escolas; Zona Rural, com 176 escolas e Zona Planalto, com 51 escolas. *Conforme o quadro 6.*

Quadro 6: Distribuição de escolas por Zona, Ensino e Grupo

		Fundamental				Médio				Total
	Localidade	Trad.	Ind.	Quil.	Tota l	Trad.	Ind.	Quil.	Tota l	
<b>Zona Urbana</b>	Norte	6			6	14			14	
	Central	5			5	4			4	
	Leste	9			9	4			4	
	Oeste	4			4	2			2	
	Sul	6			6	4			4	
<b>Total da Zona Urbana</b>		<b>30</b>			<b>30</b>	28			<b>28</b>	<b>58</b>
<b>Zona Rural</b>	Arapiums	26	17		43		10		10	
	Arapixuna	7			7		4		4	
	Lago grande	38			38	1	9		10	
	Tapajós	10	10		20		4		4	
	Várzea	24		3	27		13		13	
<b>Total da Zona Rural</b>		<b>105</b>	<b>27</b>	<b>3</b>	<b>135</b>	1	<b>40</b>		<b>41</b>	<b>176</b>
<b>Zona Planalto</b>	Curuá- Una	21	4	4	29	7	6		13	
	Santarém- Cuiabá	3			3					
	Eixo Forte	5	1		6					
	Várzea									
<b>Total Zona Planalto</b>		<b>29</b>	<b>5</b>	<b>4</b>	<b>38</b>	<b>7</b>	<b>6</b>		<b>13</b>	<b>51</b>
<b>Total Geral</b>		<b>164</b>	<b>32</b>	<b>7</b>	<b>203</b>	<b>36</b>	<b>46</b>		<b>82</b>	<b>285</b>

**Fonte:** Construído pela autora com dados da Secretaria Municipal de Educação – SEMED (2019) e Secretaria estadual de Educação - SEDUC (2019).

O que chama atenção nesses dados, é o quantitativo de escolas na zona rural de Santarém, de 176 escolas, que é quase três vezes o número de escolas da Zona Urbana, de 58



escolas. É claro que esse número de escolas na zona Rural, sofre interferência das 46 escolas modulares do ensino médio para indígenas, já que 40 destas estão em zona rural, mas, ainda assim o número de escolas em área rural é extremamente representativo, principalmente ao considerar as características de uma localidade rural e as possíveis interferências que estas podem ter no processo de aprendizagem. Por outro lado, o grande número de escolas na Zona rural, não reflete em grande número de estudantes nas áreas rurais, uma vez que a quantidade de estudantes da zona urbana é de 25.641 e na zona Rural de 8.263 estudantes, considerando o total de estudantes nas três zonas: Urbana, Rural e Planalto de 39.395, conforme os quadros 7 e 8 que descrevem respectivamente, o total de estudantes nas zonas: urbana, rural e planalto, por ensino e a distribuição de estudantes por zona.

No quadro 7, com base nos dados da SEMED (2019); SEDUC (2019), no ano de 2019 foram matriculados 39.395 estudantes. Sendo 25.098 estudantes do 6º ao 9º do ensino fundamental de escolas municipais e estaduais e 14.297 estudantes do 1º ao 3º do ensino médio regular e modular indígena das 285 escolas de Santarém, nas três zonas de Santarém: Urbana, Rural e Planalto. *Conforme o quadro 7.*

Quadro 7: Número de alunos do ensino Fundamental e Médio por Zona

	<b>Urbana</b>	<b>Rural</b>	<b>Planalto</b>	<b>Total</b>
<b>Fundamental</b>	15.056	6.144	3.898	<b>25.098</b>
<b>Médio</b>	10.585	2.119	1.593	<b>14.297</b>
<b>Total Geral</b>	25.641	8.263	5.491	<b>39.395</b>

**Fonte:** Construído pela autora com dados da Secretaria Municipal de Educação – SEMED (2019) e Secretaria estadual de Educação - SEDUC (2019).

Já o quadro 8, contém a distribuição de estudantes por Zona, Ensino e Grupo. E deste quadro, destaca-se o número de estudantes da zona urbana de 25.641, da zona rural 8.263 e da zona planalto de 5.491.

Quadro 8: Distribuição de alunos por Zona, Ensino e Grupo

		<b>Fundamental</b>			<b>Médio</b>		
		<b>Localidade</b>	<b>Tradicional</b>	<b>Indígena</b>	<b>Quilombola</b>	<b>Trad.</b>	
<b>Zona Urbana</b>	Norte	4.989			7.148		<b>12.137</b>
	Central	2.403			1.095		<b>3.498</b>
	Leste	2.494			461		<b>2.955</b>
	Oeste	2.896			795		<b>3.691</b>

	Sul	2.274			1.086		<b>3.360</b>
	Total						<b>25.641</b>
<b>Zona Rural</b>	Arapiguins	1.154	352			355	<b>1.861</b>
	Tapajós	577	318			168	<b>1.063</b>
	Várzea	814		186		325	<b>1.325</b>
	Lago Grande	2331			685	379	<b>3395</b>
	Arapixuna	412				207	<b>619</b>
	Total						<b>8.263</b>
<b>Zona Planalto</b>	Curuá- Una	3.300	434	164	1.288	305	<b>5.491</b>
<b>Total</b>		<b>23.644</b>	<b>1.104</b>	<b>350</b>	<b>12.558</b>	<b>1.739</b>	<b><u>39.395</u></b>

**Fonte:** Construído pela autora com dados da Secretaria Municipal de Educação – SEMED (2019) e Secretaria estadual de Educação - SEDUC (2019).

Após analisar esses dados sobre o número de escolas na zona Rural de Santarém, fica evidente que a área rural de Santarém em termo territorial é muito maior que a área urbana, permitindo refletir não apenas sobre a distância geográfica em que essas escolas se encontram uma das outras e das separações impostas por vias intrafegáveis ou longos rios. Mas, sobre a representatividade que as escolas têm nesses espaços rurais para esses jovens estudantes, como fonte de acesso à informação, a materiais educativos, como porta de entrada para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária que incentive o respeito à diversidade e oportunize um amplo diálogo, considerando as diferentes realidades dos espaços urbanos e rurais, nas práxis diárias de suas ações educativas. Diante disso, fica mais fácil entender porque as escolas foram escolhidas como cenário de entendimento da sexualidade e das questões de pesquisa e Novaes et al., (2006) apontam que no Brasil se vivenciam múltiplas juventudes, porque a condição social de ser jovem se apoia e se fortalece nas diferentes maneiras de se viver, sendo resultado de construções históricas e sociais de identidades, posições e vivências.

Diante destes dois universos entre a vida estudantil do jovem da área urbana e o jovem da área rural, é importante pensar o que separa estas duas juventudes. O jovem da área rural de Santarém vivencia a educação em escolas com condições precárias de infraestrutura; com acesso limitado à internet, seja na escola ou no ambiente domiciliar; algumas vezes, enfrenta um grande deslocamento, por meio de barcos, a pé, de ônibus ou até carroça para chegar até as escolas; convive com o trabalho em roças e plantações, dividindo o tempo entre as funções na família, representada pelo trabalho na roça com a escola; tem como espaços principais de

socializações, as festividades religiosas, os eventos culturais que ocorrem nas comunidades e o encontro para banhos de igarapé ou rio e possuem menos oportunidades de acesso ao mercado de trabalho formal. Que estes jovens estudantes rurais, convivem com mais vulnerabilidades sociais, individuais e estruturais, é notório, conforme encontrado nos estudos de Novaes et al. (2006); Brumer, (2007); Castro et al., (2013), entretanto é importante ressaltar uma outra perspectiva do jovem estudante rural, não o resumindo em fragilidades, mas, visibilizando potencialidades de seu modo de viver quando comparado aos estudantes de áreas urbanas, como a proximidade com a família, o fortalecimento das relações na comunidade, a alimentação com produtos naturais, fortalecendo um espaço saudável para viver e estimulando o desejo destes em ocuparem espaços geridos pelos pais (TROIAN & BREITENBACH, 2018).

Entretanto, é preciso considerar os possíveis impactos que esse ciclo de iniquidades produz nesses espaços e na vida desses jovens, e o mais comum é processo de migração como alternativa por qualificação, acesso ao mercado de trabalho, autonomia e melhores condições de viver, deixando muitas vezes essas famílias com menos mão de obra para o trabalho rural (CASTRO et al., 2013). Em Santarém, esse processo de saída dos estudantes do espaço rural, se inicia quando estes entram no ensino médio, já que as escolas de ensino médio nas áreas rurais ficam nas maiores comunidades e é vivenciado tanto por estudantes tradicionais, quanto por estudantes indígenas e quilombolas que precisam lidar com diferenças linguísticas e culturais em outras comunidades e este processo de saída para estudar e é fortalecido com a entrada no ensino superior, já que as universidades públicas e privadas estão concentrada nas áreas urbanas da cidade.

Dentro da própria área urbana da cidade de Santarém que é mais estruturada, existe diferença entre as cinco zonas que a compõe: Norte, Central, Leste, Oeste e Sul em que a Zona Norte, concentra o maior número de ruas e avenidas asfaltadas, melhor conexão de internet, as melhores escolas da rede privada e o maior número de estudantes da rede pública 25.641. Dessa forma, é possível mensurar que se entre as próprias zonas se considera diferenças, é impossível passar despercebido as múltiplas relações heterogêneas entre ambiente urbano e rural. Porém, esse paralelo entre o espaço urbano e rural tem fomentado relações de inferioridade e desvalorização cultural para quem vive no campo, sem considerar por outrora os diversos benefícios, como tranquilidade, segurança e qualidade de vida (MAGNO et al., 2011).

Assim, é preciso reconhecer que nem todo jovem estudante da área rural quer sair da sua comunidade e nem todo estudante do campo deseja permanecer nesse espaço, (BREITENBACH & CORAZZA, 2019). Os estudos conduzidos no Brasil por Castro (2009) e

no Chile por Dirven (2002), apontaram que os jovens convivem com essa dualidade entre viver no campo ou na área urbana e a resposta envolve uma variedade de aspectos que se modificam com o momento em que estão vivendo, conforme aponta Redin & Silveira (2012), seja pela busca de autonomia, de reconhecimento, de construção de identidades sociais, por aversão a própria cultura, pela necessidade de vivenciar novas experiências, pelo esgotamento dos recursos humanos nas famílias ou pela atração pelos centros urbanos por questões de lazer ou na esperança e busca por melhores condições de vida.

Aliado a essa variedade de aspectos, o estudo de Troian e Breitenbach (2018), em pesquisa realizada sobre jovens e juventudes rurais no Brasil, trouxeram como achado que existe uma limitação de ações para a valorização da juventude rural, a fim de proporcionar melhores condições para permanência no ambiente rural.

Assim, diante de diversas reflexões sobre a caracterização da comunidade escolar do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino de Santarém, fica bem evidente a sua composição estruturada por uma vasta diversidade sociocultural que precisa ser reconhecida por sua potência em sua organização social, na sua luta e resistência pelo território, pelo reconhecimento de suas identidades e na condição básica para a produção da vida por meio de valores e experiências através dos saberes que são produzidos na prática do dia a dia dessas comunidades, indígenas, rurais e quilombolas.

Ao longo do texto, bastante foi falado sobre os estudantes indígenas e rurais, entretanto, pouco foi abordado sobre os estudantes *quilombolas*. Essa etapa da discussão será iniciada com a explicação da origem dessa denominação quilombola. Esta se origina da resistência de populações escravizadas pela colonização do branco, que tratava esse grupo com subalternidade, preconceito, estigma, crueldade e desprezo a sua cultura e costumes, assim, os grupos escravizados que escapavam das senzalas se refugiavam nas matas, construindo coletivamente locais protegidos, os chamados quilombos. Por isso, a essa população que tem sua raiz histórica como descendente de escravos refugiados, é chamada de quilombola e vive em áreas tituladas que foram conquistadas com luta para ter um espaço que pudesse ser usado para moradia e a manutenção dos seus costumes e cultura (PEREIRA NEVES et al., 2015).

Em Santarém, foi identificado pela pesquisadora, de acordo com os dados da SEDUC e da SEMED (2019), o quantitativo de 350 estudantes quilombolas, estes estudantes estão cadastrados 186 na zona rural e 164 na zona planalto. Conforme o *quadro 9*.

Quadro 9: Distribuição de alunos por Zona e Grupo

	<b>Urbana</b>	<b>Rural</b>	<b>Planalto</b>	<b>Total</b>
<b>Tradicionais</b>	25.641	5.973	4.588	36.202
<b>Indígenas</b>	0	2104	739	2.843
<b>Quilombolas</b>	0	186	164	<b>350</b>
<b>Total</b>	25.641	8.263	5.491	39.395

**Fonte:** Construído pela autora com dados da Secretaria Municipal de Educação – SEMED (2019) e Secretaria estadual de Educação - SEDUC (2019).

Entretanto, Santarém não possui apenas territórios quilombolas nas zonas rurais e de planalto, na zona urbana de Santarém, encontra-se o quilombo do Maicá. Mas, em 2019, período da coleta de dados do estudo, esta área ainda não tinha sido concedida a titulação aos moradores como área quilombola, assim, a escola que fica nessa área e os estudantes da localidade, não foram identificados como quilombolas. Esse processo de perda cultural acontece em diversas áreas de Santarém, em função da não legalização desses territórios pela Justiça Federal e pela Prefeitura. E para situar melhor o leitor sobre uma localidade quilombola, será apresentado uma breve caracterização da área quilombola do Maicá, por ser o único quilombo urbano de Santarém e por ser uma localidade em que a pesquisadora esteve inserida por 2 anos, como docente de ensino superior da Universidade Federal do Oeste do Pará.

A comunidade quilombola do Maicá, é formada por famílias que se deslocaram para essa área devido à erosão na localidade Arapemã, que desencadeou o processo de terras caídas (processo natural de erosão de áreas próximo a rio), o que inviabilizou suas moradias nessa área rural e levou ao quilombamento no Maicá. O Maicá é um quilombo urbano que fica a aproximadamente 20 minutos de carro da área central de Santarém, porém sofre com problemas corriqueiro de comunidades rurais amazônicas, como a falta de: saneamento básico; de água encanada; de transporte público; de vias pavimentadas (já que as ruas do quilombo são de areia de praia); de iluminação pública; de coleta de lixo regular e de acesso a serviços básicos na comunidade, como posto de saúde e escola, já que a escola em que os estudantes tem acesso fica na comunidade próxima. Essa comunidade quilombola, enfrenta todos esses problemas, sociais, estruturais e econômicos e ainda convive com o preconceito para manifestação da sua cultura e suas crenças.

Foto 1: Comunidade quilombola Maicá



Fonte: Foto da aluna da UFOPA Mayara Duarte, 2019.

Foto 2: Abastecimento de água na Comunidade Maicá.



Fonte: Foto da aluna da UFOPA Mayara Duarte, 2019.

Assim, pode-se compreender que Santarém vivencia diversas juventudes, por que está mergulhada em múltiplos cenários sociais. E para desenvolver uma educação comprometida com a democracia e os direitos e deveres dos diversos jovens que compõem esses espaços, como estudantes tradicionais, indígenas, quilombolas, de áreas rurais e urbanas, será preciso envolvê-los para discutir de forma crítica, reflexiva, contínua e dinâmica sobre os entraves para a acessibilidade a educação, permitindo ouvir e ser ouvido pelos atores do processo, reconhecendo e sendo reconhecido que não existe uma escola única, e tão pouco um modelo único de educação e sim uma escola que responderá aos anseios dos estudantes que a formam, quando está identificando a diversidade de saberes e culturas que a compõe (ARROYO, 2015). Dessa forma, Sacristan, 2013, p. 10, aponta que: “A escola sem conteúdos culturais é uma ficção, uma proposta vazia, irreal e irresponsável... O conteúdo cultural é a condição lógica do ensino e o currículo é a estrutura dessa cultura”.

Sendo necessário por tanto, se desvincular do ilusório imaginário de que a escola com conteúdo comuns, será capaz de igualar as diferenças sociais e na verdade reconhecer que este é um caminho para deslegitimar as desigualdades sociais, econômicas e estruturais, já que não é possível fazer a mesma educação, se não temos as mesmas condições de igualdade entre os

diversos estudantes que compõe o Brasil. E a diversidade sociocultural tão abordada nesse capítulo, que aparece nas legislações que embasam a estruturação de livros e a forma de condução do ensino, precisa ultrapassar o plano teórico para alcançar o reconhecimento como um componente formador da compreensão da sociedade, e não como um mero conteúdo, uma vez que de maneira descontextualizada, pouco ajudará os atores envolvidos a se conhecer, a saber sobre sua história e como usar esse conteúdo de forma útil em sua vida (LEAL & SILVA, 2020).

## 6.2. VULNERABILIDADES

Nesse capítulo, será apresentado as **principais vulnerabilidades dos jovens no contexto sociocultural da região Norte no que diz respeito a sua sexualidade, com base na revisão da literatura**, conforme os procedimentos de seleção descritos na metodologia.

Em síntese, o que foi evidenciado ao buscar os artigos para RIL, foi a escassez de publicações que abordassem o contexto da região Norte do Brasil sobre o tema. Uma vez que, durante semanas foi feito diversos cruzamentos de descritores nos bancos de dados: SCopus – Elsevier e BVS e foram lidos **481 artigos**, sendo 357 resultantes de busca na Scopus e 124 na BVS e destes 481 artigos, após a leitura, permaneceram no estudo **11 artigos** que abordam o contexto das vulnerabilidades, entretanto não apontam vulnerabilidades relacionado a sexualidade e sim as Infecções Sexualmente Transmissíveis e destes 11 artigos, apenas um artigo aborda o tema na região Norte do Brasil, os demais 10 artigos abordam a vulnerabilidade sexual nas regiões Nordeste, Sudeste e Centro Oeste. As etapas de identificação desses artigos serão descritas abaixo, por base de dados.

Ao usar a combinação dos descritores em saúde: “vulnerabilidade sexual”, “Adolescente”, “Sexualidade” na SCOPUS ELSEVIER, foi encontrado 357 arquivos, após o uso do filtro: acesso aberto, permaneceu 172 artigos; ao filtrar pelo tipo: artigo, restaram 162; após a leitura dos títulos, ficaram 118; ao realizar a leitura do resumo para identificar os que tinham relação com o tema ficaram 44; após a leitura completa destes 44 artigos ficaram 4 artigos relevante ao estudo, conforme descrito na *tabela 1*.

Tabela 1- Síntese dos artigos disponibilizados na SCOPUS

<b>Crítérios</b>	<b>Número</b>
Identificados com os descritores	357
Acesso aberto	172
Artigos	162
Leitura do título permaneceu	118
Relação com o tema	44
Relevantes ao estudo	4

Fonte: Estruturado pela autora (2021), com base em dados da SCOPUS – Elsevier

Na base de dados BVS, ao usar os descritores: “Sexualidade”, vulnerabilidade sexual” e ‘Adolescente”, foram encontrados 124 materiais. Ao filtrar por materiais de acesso aberto, ficaram 112; ao selecionar somente artigos, restaram 110; ao realizar a leitura dos títulos, ficaram 77 artigos; ao proceder a leitura dos resumos ficaram 52 artigos e após a leitura completa, foram selecionados 7 artigos que são relevantes para o estudo, conforme consta na tabela 2. Totalizando 11 artigos na revisão.

Tabela 2- Síntese dos artigos disponibilizados na BVS

<b>Crítérios</b>	<b>Número</b>
Identificados com os descritores	124
Acesso aberto	112
Artigos	110
Leitura do título permaneceu	77
Relação com o tema	52
Relevantes ao estudo	7

Fonte: Estruturado pela autora (2021), com base em dados da BVS

Dessa forma, após o uso dos critérios de inclusão e a leitura de cada artigo científico a fim de verificar a sua adequação com as questões que nortearam a presente investigação, foram obtidos um total de 11 artigos indexado nas bases SciELO, BDENF e LILACS que foram usados nesse estudo. A extração dos dados dos 11 artigos científicos selecionados foi executada por meio da ficha catalográfica descrita na metodologia, de acordo com as variáveis: Identificação, Qualis, Ano, Revista, Base e Local do estudo.

Dos 11 artigos selecionados na área temática deste estudo, todos foram publicados entre os anos de 2007 a 2021, distribuídas da seguinte forma: no ano de 2007 (1), 2010 (1), 2013 (1), 2015 (2), 2019 (1), 2020 (3), 2021 (2); quanto a indexação ao banco de dados, (4) estavam no SciELO, (4) no LILACS e BDENF, (1) BDENF e (2) LILACS. Outro achado relevante foi a limitação de estudos na região Norte, o único artigo encontrado da região



Norte foi realizado no estado do Amapá; enquanto que na região Nordeste foram realizados 5 estudos, sendo 4 em Fortaleza e 1 na Paraíba; seguidos de 4 estudos na região sudeste, sendo 3 no Rio de Janeiro e 1 em São Paulo e por fim, 1 artigo e no Centro Oeste em Brasília, conforme sintetiza a tabela 3.

Tabela 3- Perfil das publicações selecionadas para o estudo.

<b>Ident.</b>	<b>Qualis</b>	<b>Ano</b>	<b>Revista</b>	<b>Base</b>	<b>Local estudo</b>
A1	B1	2015	Rev. de Enferm. UERJ	LILACS BDENF	e Rio de Janeiro
A2	B1	2019	Rev. Bras Enferm. - REBEN	SCIELO	Fortaleza, Ceará
A3	B4	2015	Rev. Elet. de Humanidades do Curso de Ciênc. Sociais da UNIFAP - PRACS	SCIELO	Amapá
A4	B1	2010	Saude soc.	SCIELO	Rio de Janeiro
A5	B2	2020	Ciencia y Enfermeria	LILACS BDENF	Brasil Central
A6	B1	2020	Esc. Anna Nery Rev. Enferm	SCIELO	Fortaleza, Ceará
A7	B1	2021	Rev. Escola Ana Nery	LILACS BDENF	Fortaleza, Ceará
A8	B1	2020	Ciência e Saúde coletiva	BDENF	SP - Botucatu
A9	B4	2021	Cogitare	LILACS	Paraíba
A10	B1	2013	Physis (Rio J.)	LILACS	Rio de Janeiro
A11	B1	2007	Esc. Anna Nery Rev. Enferm	LILACS BDENF	Fortaleza, Ceará

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O primeiro aspecto a ser destacado ao analisar a tabela 3, é a limitação de publicações sobre o tema na região Norte, mesmo usando diversas combinações de descritores em mais de um banco de dados, a fim de localizar o maior número de artigos, o resultado encontrado com relação a região Norte foi extremamente limitado, apenas uma publicação.

Logo, para identificar as principais vulnerabilidades dos jovens no contexto sociocultural da região Norte quanto a sua sexualidade, será considerado os estudos não apenas estruturados na região Norte, mas, também, os estudos desenvolvidos em outras regiões do Brasil, como: Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste que abordam a temática. E os achados dessas regiões serão utilizados como base para se aproximar da compreensão da realidade do Norte do País, usando como referência para discussão os aspectos e

características locais já identificados e conhecidos pela pesquisadora, durante a caracterização das escolas de Santarém para responder o objetivo um do estudo, quanto a diversidade sociocultural representado através das populações indígenas, quilombolas e rurais e será utilizado também a observação participante da pesquisadora durante contato com as escolas e os estudantes indígenas, quilombolas, rurais e urbanos, durante a estruturação de campo de pesquisa, aplicação do piloto de pesquisa e como docente da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), em que realiza atividades constante nessas escolas e comunidades, por serem campo de estágio do Bacharelado em Saúde Coletiva no eixo de educação em saúde.

Talvez, o leitor diante desses entraves encontrados pela pesquisadora, esteja se perguntando: “Se é pertinente a manutenção da pergunta de pesquisa”? Enquanto pesquisadora, ao não encontrar os achados da região Norte em que a pesquisa se propunha, compreende-se que fica evidente um alerta para a fragilidade da caracterização e do conhecimento sobre a região Norte, esta que guarda tantas representações e identidades únicas, sendo necessário estudos para a compreensão dessas carências e para gerar visibilidade para tais necessidades.

Estes achados de diferenças de produções entre as regiões brasileiras, já foi apontado pelo estudo desenvolvido por Sidone, Haddad & Mena-Chalco (2016), que aborda “A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e das redes de colaboração científica”, desenvolvido entre 1992 e 2009 em pesquisa composta por mais de um milhão de pesquisadores e sete milhões de publicações científicas registradas na Plataforma Lattes, e identificou que são observadas diferenças acentuadas entre as distribuições regionais da produção em cada área do conhecimento e no Brasil, se verifica enorme heterogeneidade das atividades de pesquisa científica, com concentração das publicações e dos pesquisadores na região Sudeste, com destaque às capitais dos estados, como exemplo, São Paulo que concentra cerca de 20% da produção brasileira (ROYAL SOCIETY, 2011).

O que justifica essa maior produção na região sudeste, é a maior concentração de universidades e institutos de pesquisas com maior experiência em pesquisas, além da disparidade da concentração de recursos para a realização e publicação de pesquisas e a diferença do quantitativo de recursos humanos entre as regiões (SUZIGAN & ALBUQUERQUE, 2011). Entre as regiões brasileiras, a região Nordeste vem ganhando destaque nas produções de pesquisas, incentivado pelas políticas de desenvolvimento científico e tecnológico pelas agências de fomento e financiamento como CAPES e CNPQ. Em contrapartida, as regiões Centro-Oeste e Norte tiveram trajetórias de decréscimo nos triênios recentes (CHIARINI et al., 2014). Dessa forma, os achados encontrados no estudo são convergentes com as publicações de referência, já que as predominâncias de estudos

encontrados estão na região Nordeste com cinco publicações, seguida pelo Sudeste com quatro publicações e com o mesmo número de publicações se encontra a região Norte e o Centro-oeste com uma publicação cada.

As justificativas apresentadas Suzigan & Albuquerque (2011), quanto a quantidade de Universidades em uma dada região ou estado, como um fator que interfere diretamente na disponibilidade de mão de obra qualificada e no quantitativo de produções científicas, condiz com as características encontradas na cidade de Santarém no estado do Pará, na região Norte do Brasil, que possui somente duas Universidades públicas, a Universidade do Estado do Pará e a Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e são instituições de ensino superior novas, quando comparadas com o histórico de Universidades públicas de excelência em ensino e pesquisa no país como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que tem 100 anos de trajetória acadêmica. A UFOPA, por outro lado, foi criada em 5 de novembro de 2009 pela Lei nº 12.085, por desmembramento da Universidade Federal do Pará - UFPA e da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, é uma instituição com pouco mais de uma década de atuação.

Outro aspecto que talvez o leitor esteja se questionando é a quantidade de artigos selecionados (11 artigos) que atendem à questão de pesquisa, sendo que provavelmente deve está recorrendo a memória e lembrando que são bem comuns pesquisas realizadas com jovens e adolescentes sobre prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). E a resposta a esta questão se encontra exatamente nesse ponto. Existe uma variedade de estudos sobre IST, por exemplo só na base BVS ao buscar por Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), nomenclatura antiga de identificação, encontra-se 33.561 e na SciELO se encontra 429 publicações. Entretanto, ao considerar as questões pesquisadas que são as vulnerabilidades dos jovens quanto a sexualidade, as publicações são escassas, porque no geral tem bastante estudos sobre a ótica das DST, porém tem poucas publicações na perspectiva da sexualidade e no levantamento das vulnerabilidades.

Assim, voltando para os resultados que dizem respeito as vulnerabilidades dos jovens quanto a sexualidade, vale destacar que foi considerado a vulnerabilidade na perspectiva individual, social e programática, conforme discutido ao longo do texto e propostos por vários autores como: Ayres et al., (2003; 2006); Camargo et al., (2010); Meyer et al., (2006); Kowarick (2009) e Sevalho (2018) em que a vulnerabilidade individual, é reconhecida através aspectos biológicos, cognitivos e atitudes dos indivíduos; a vulnerabilidade social, inclui os fatores sociais, culturais e econômicos e a vulnerabilidade programática, faz menção aos recursos que são necessários para proteção e qualidade de vida dos indivíduos. Dessa forma, os resultados serão apresentados na *Tabela 4* em forma de síntese interpretativa das principais

vulnerabilidades encontradas nos artigos e discutidos em categorias temáticas baseado no conhecimento teórico da vulnerabilidade individual, social e programática.

Tabela 4- Principais vulnerabilidades

ID	Vulnerabilidades	Local
A1	Violência no namoro; Baixa auto estima com o corpo; Dificuldade de empoderamento; Submissão, subjugação e privação;	Rio de Janeiro
A2	Moradia; Condições sociais, ambientais e financeiras desfavoráveis; Renda familiar de até dois salários mínimos; Não se sentem vulneráveis, não se sentem expostos às situações de risco. Sexo masculino, com idades entre 11 e 14 anos, com até 11 anos de estudo;	Fortaleza, Ceará
A3	Dificuldades para usar preservativo; Baixa escolaridade, conhecimentos e informação sobre IST deficientes; Fatores culturais; Falta de orientações;	Amapá
A4	Discriminação racial cotidiana as mulheres; Autoimagem negativa das mulheres; Pobreza; Violência de gênero; Dificuldade de acesso aos serviços de saúde;	Rio de Janeiro
A5	Sentimento de invulnerabilidade às IST/HIV/AIDS; Subalternidade de gênero; Desigualdades de poder nas relações; Construções culturais estereotipadas de dominação; Dificuldade de orientação pela rede social: pais, escolas e serviços;	Brasil Central
A6	Renda familiar menos de um salário mínimo; Baixa adaptação psicossocial;	Fortaleza, Ceará
A7	Não reconhecimento das mulheres a vulnerabilidade as IST em relacionamentos estáveis;	Fortaleza, Ceará
A8	Início precoce da atividade sexual; Falta do uso do preservativo; Vulnerabilidade individual: nunca ter realizado exame sorológico.	Estudo bibliográfico
A9	Vulnerabilidade programática: infraestrutura das unidades de saúde.	Estudo bibliográfico
A10	Discriminação racial; Condutas discriminatórias; Dificuldade de acesso aos serviços de saúde; Atendimento de baixa qualidade;	Rio de Janeiro

A11	Submissão feminina aos desejos masculinos; Preconceitos; Relações desiguais de gênero;	Fortaleza, Ceará
-----	--	------------------

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

Ao esmiuçar as vulnerabilidades apontadas pelos autores, foi possível identificar que apesar das expressões ou descrições diferenciadas, ocorre uma recorrência de achados pelos pesquisadores. Esses aspectos foram organizados e distribuídos em um quadro, considerando as vulnerabilidades categorizadas em: Individual, social e programática, descritos abaixo e sintetizados no quadro 10.

- **Vulnerabilidades individual:** Diversos tipos de violência nos relacionamentos; problemas com Autoimagem; Baixa autoestima; desconhecimento da diversidade sociocultural nos ambientes escolares; dificuldade de comunicação entre a rede de jovens, professores e pais; vergonha dos jovens para conversar sobre sexualidade; início precoce da atividade sexual; resistência ou falta de conhecimento quanto ao uso do preservativo; sentimento de invulnerabilidade às IST; desconhecimento sobre o que é a sexualidade; Falta de conhecimento sobre prevenção as IST; orientação sexual e não reconhecimento individual ou Invisibilidade;

- **Vulnerabilidades social:** preconceito e discriminação em função de gênero; imagem negativa das mulheres; orientação sexual e etnia; dificuldades de ordem econômica; preconceito de ordem religiosa ou cultural; moradias inadequadas; renda familiar insuficiente; Construções culturais estereotipadas; subjugação, submissão e privação feminina; desigualdades de poder nas relações; submissão feminina aos desejos masculinos; Baixa escolaridade e pobreza;

- **Vulnerabilidades programática:** estrutura educacional insuficiente; rede de serviços de saúde insatisfatórias; dificuldade de acesso a serviços essenciais como escolas e serviços de saúde; precariedade da rede de transporte; reduzido acesso à rede de internet; recursos humanos do ambiente educacional despreparados; equipamentos de uso educacional como livros e materiais educativos descontextualizados e com abordagens genéricas; atendimento de baixa qualidade nos serviços de saúde; abordagem da sexualidade reduzida a um contexto biológico; invisibilidade de Indígenas e quilombolas na rede de educação. Conforme sintetizado no *quadro 10*.

Quadro 10: Síntese das vulnerabilidades individual, social e programática

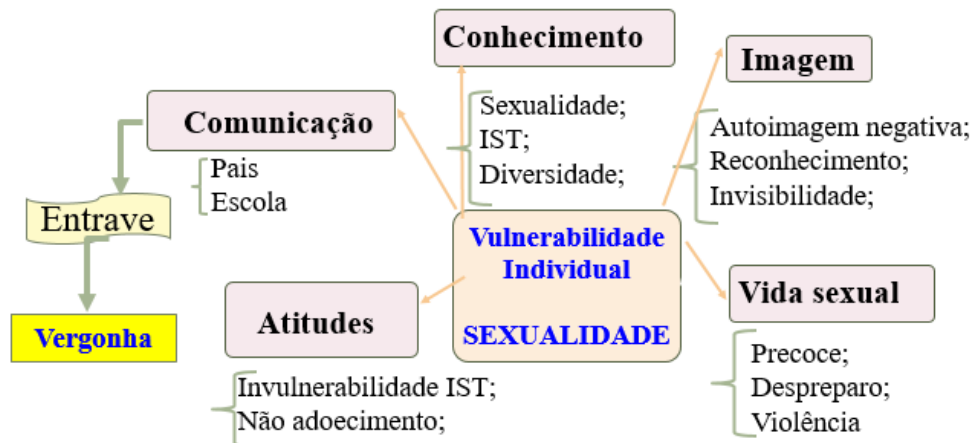
Vulnerabilidade Individual	Vulnerabilidade Social	Vulnerabilidade Programática
Problemas com autoimagem e baixa autoestima;	Moradias inadequadas;	Barreiras para o acesso à internet;
Orientação sexual;	Renda familiar insuficiente;	Rede de transporte deficiente;
Falta de representatividade ou Invisibilidade;	Pobreza;	Infraestrutura precária das escolas;
Sentimento de invulnerabilidade às IST ou de não adoecimento;	Baixa escolaridade;	Despreparo da rede educacional;
Vergonha dos jovens para conversar sobre a sexualidade;	Preconceito e discriminação por raça e etnia;	Materiais educativos inapropriados;
Dificuldade de comunicação entre a rede: jovens, professores e pais;	Construções culturais estereotipadas;	Livros didáticos generalistas;
Início precoce da atividade sexual;	Questões de ordem religiosa ou cultural;	Abordagem inadequada da sexualidade - Currículos;
Diversos tipos de violência nos relacionamentos;	Preconceito por gênero;	Invisibilidade de indígenas e quilombolas – Políticas públicas;
Desconhecimento da diversidade sociocultural nos ambientes escolares;	Subjugação e privação feminina;	Dificuldade de acesso aos serviços de saúde e educação;
Desconhecimento sobre o que é a sexualidade;	Desigualdades de poder nas relações;	Atendimento de baixa qualidade nos serviços de saúde;
Falta de conhecimento sobre prevenção as IST;	Submissão feminina aos desejos masculinos;	
Resistência e/ou falta de conhecimento ao uso do preservativo;	Preconceito por orientação sexual;	

**Fonte:** Estruturado pela autora, através de dados da RIL, 2021.

É importante destacar que essa separação das vulnerabilidades em três categorias, foi mais uma ferramenta de organização para ajudar a nortear a escrita, uma vez que se entende que é extremamente difícil separar uma vulnerabilidade da outra, conforme aponta Meyer et al., (2006), abordando que as vulnerabilidades acabam sendo interligadas e contendo limites imprecisos dentro de uma teia de fatores em que um ponto interfere na capacidade de desenvolvimento do outro. Dessa forma, a termo de procedimento metodológico, a discussão será iniciada pela **vulnerabilidade individual**. Mas, em função da relação estreita entre as temáticas, em vários momentos os assuntos estarão interligados independente de categoria.

Ao fazer uma leitura mais atenta sobre os achados encontrados na vulnerabilidade individual, foi possível se aproximar da ideia que essas vulnerabilidades se relacionam em cinco aspectos, aqui identificados, como: **Imagem, Atitude, Comunicação, Conhecimento e Vida sexual**. Conforme a *figura 5*.

Figura 5 - Grupos de relações das vulnerabilidades individual.



Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

Para iniciar a reflexão sobre a sexualidade apoiada nos achados da vulnerabilidade individual, as discussões terão como ponto de partida o aspecto intitulado de Imagem, porém vale mencionar que esses aspectos não serão mencionados no texto de forma linear, isolados e na ordem que foram caracterizados, irão ser abordados de acordo com os temas correlatos, uma vez que a caracterização foi usada para organizar os achados encontrados.

O termo **Imagem**, foi assim caracterizado por representar os aspectos que norteiam como o jovem se ver frente a sociedade e as implicações que a percepção pessoal de si, interfere em sua sexualidade. O estudo de Penna et al., (2015), realizado com 10 adolescentes em situação de acolhimento em duas unidades do município do Rio de Janeiro, identificou a baixa autoestima como fator de vulnerabilidade, uma vez que as autoras encontraram que, a forma negativa ou depreciativa que as adolescentes se enxergam, gera uma ideia distorcida, que estas não são dignas de viver e expressar a sua sexualidade, seu amor e sua felicidade.

O estudo de Meyer (2007), traz importantes reflexões sobre a sexualidade, com interpretações que merecem destaque sobre as percepções estabelecidas entre a ligação necessária de sexo e amor como aspectos que não podem ser vividos de forma separada e nem por todas as pessoas. Já que causa estranheza o sexo vivido pelo que foge ao naturalizado ou independentemente de características particulares, como ser magro ou gordo; através de relações homossexuais ou heterossexual; com muita ou pouca frequência de relações, seja por homens ou mulheres. A autoimagem que cada indivíduo estrutura ao longo da vida e a imagem que é criada pelo outro, interfere diretamente na forma de expressão da sexualidade.

Esse imaginário de que a sexualidade é pura e simplesmente sexo, atrelado a visão romantizada de que para se viver essa sexualidade, precisa-se viver o amor, nutre a ideia que esse amor será alcançado com padrões sociais estabelecidos, com um belo corpo, uma ampla

casa e um grande poder aquisitivo, fomentando a lógica que ao não se enquadrar nesse padrão, se constrói uma autoimagem negativa que desqualifica o indivíduo de expressar a sua sexualidade (MEYER, 2007). Essas distorções históricas da concepção de sexualidade, permite entender o caráter associado as mulheres que escolhem viver amplamente sua sexualidade, dando espaço ao desejo, ao erotismo, ao prazer e não simplesmente como um elemento reprodutivo, estas são taxadas e identificadas de forma estereotipadas como “vadias”, reforçando na sociedade a imagem que existe dois universos associado ao sexo, um que pode ser vivido pelas mulheres “direitas” e outro que não pode. Todas essas imagens que são criadas e nutridas no entrelaço da cultura, interfere na forma como homens e mulheres enxergam e vivenciam a sua sexualidade (MUCHEMBLED, 2007).

Por outro lado, deve ser mencionado que a partir da segunda metade do século XX, no mundo ocidental os movimentos sociais, impulsionados pelos avanços de âmbito tecnológico, científico e político, deram mais visibilidade a outros aspectos da sexualidade, estimulando uma perspectiva de liberdade com corpo, de autonomia feminina pelo uso de anticoncepcional oral, de naturalidade quanto aos desejos e de entendimento que existem uma ampla diversidade cultural e sexual na sociedade e isso não implica que o outro seja visto como errado, anormal ou que seja fomentado uma imagem depreciativa (LOURO, 1999). Ainda que se tenha caminhado nesse cenário do reconhecimento da diversidade sexual, vale destacar que por muitos anos as relações homossexuais estavam condicionadas à acontecerem de forma proibida, escondida, já que a prática homossexual era identificada como doença até os anos 1980 no século XX, sendo classificada inclusive no Código Internacional de Doenças (CID) e mesmo após a retirada do CID, ainda continua sendo um grande desafio para o indivíduo se reconhecer, se ver e definir sua imagem para sociedade como homossexual, por que associado a essa definição se encontra a imagem descarada ou velada do preconceito, discriminação e estigmas (MEYER, 2007).

É inegável que a autoimagem e a imagem que o outro faz do próximo, são resultados de um processo de construção social histórico e interfere na forma de viver a sexualidade. E, sem dúvida, as mulheres sentem uma carga muito maior quanto a importância que a sua imagem representa para a sociedade, do que os homens. Isso se deve ao fato, do que espaços ocupados hoje pelas mulheres, seja na política, na educação, na saúde, como chefe de famílias, como empreendedoras, como professoras, como cientistas, entre outros, foram conquistados em anos de história, para que elas pudessem se desvincular da imagem única de mães, esposas e donas de casa e pudessem ocupar espaços representativos (WEEKS, 1999). Assim, as mulheres por muito tempo precisaram reconstruir sua imagem e provar a sua necessidade, capacidade, dignidade, inteligência e respeito e ainda hoje as mulheres vivem



esse dilema e ainda convivem com o conflito de desempenhar múltiplos papéis, como o excesso de serviços domésticos, a responsabilidade sobre os filhos como tarefa feminina, diferenças salariais para as mesmas funções, ainda que possuam um grau de escolaridade maior do que o dos homens e ainda vivenciam diariamente com a cobrança de ter a imagem que é esperada para uma mulher, não apenas a termo físico, mas, de forma comportamental, como por exemplo, quanto aos desejos sexuais que devem ser comedidos e a responsabilidade materna que é sempre cobrada de forma desproporcional a paterna (LOYOLA, 2003).

Apoiado nessas reflexões de comportamentos que de forma silenciada são esperados para cada grupo, vale mencionar outros grupos, como por exemplo os indígenas, que já se tem no ideário popular uma imagem de como são no geral e essa imagem faz referência ao uso de pinturas corporais, colares, vestimentas específicas e adereço na cabeça. Entretanto, essa imagem simplória acaba desconsiderando a história e a cultura de um povo assim como o intenso processo de conquistas que os indígenas também avançaram na busca de espaços e de representatividade na sociedade, ainda que em ritmo e proporções diferenciadas, diversas etnias ocupam os mais variados espaços na sociedade, como médicos, advogados, biólogos, professores, artistas e a limitação a uma imagem reduzida, estimula preconceitos e dificulta que esses grupos sejam inseridos e reconhecidos como integrantes da sociedade que podem viver e se expressar das mais variadas formas, seja em cargos, profissões, na orientação sexual ou na sexualidade.

Dessa forma, a importância da discussão da diversidade cultural na sociedade é extremamente relevante, já que o Brasil é formado por diferentes etnias, como indígenas e quilombolas que tem sua imagem e sua autoimagem construída entre as relações vivenciadas nos diferentes espaços sociais, entre eles a escola. Sendo notório serem vistos sem caricaturas e preconceitos em um país formado por um recorte múltiplo e heterogêneo com rostos e costumes, sendo natural a vivência da sexualidade de maneira singular por conta de códigos e valores simbólicos. Assim, vale dar destaque a um pedaço do Brasil, especificamente, o estado do Pará, com visibilidade para Santarém que apesar da realidade dos achados descritos serem de âmbitos locais, refletem a diversidade encontrada no Brasil, mas, que ainda é pouca explorada e abordada.

O Estado do Pará apresenta uma das maiores diversidades étnicas do país, com mais de 55 etnias, aproximadamente 60 mil indígenas e ocupam mais de 25% do território paraense, distribuídos em torno de 77 terras indígenas, em 52 municípios. Em Santarém encontra-se as etnias: Arapiuns, Arara vermelha, Borari, Kumaruara, Jaraqui, Maytapu, Munduruku, Munduruku cara-preta, Tapajó, Tupaiú, Tupinambá, Apiaká, Tapuya, Sateré Mawé e estas etnias vivem em comunidades em 52 municípios paraense; próximas das

idades, em seus territórios, mas, rodeados por agronegócios que geram dificuldade para agricultura de subsistência; em seus territórios em áreas mais afastados dos centros urbanos, mas, enfrentando os interesses de madeireiros e hidrelétricas; e em terras isoladas (FEPIPA, 2016).

Vale mencionar que o conceito de etnia considerado no texto se baseia nas concepções mencionadas por Santos et al., (2010), que se refere ao reconhecimento ou pertencimento a um dado grupo, compreendido por fatores culturais, como a nacionalidade, afiliação tribal, aparência física, compartilhamento de território, religião, língua e as tradições. Enquanto que a raça é entendida por fatores que engloba características fenotípicas, como a cor da pele. No Brasil, os povos indígenas constituem uma identidade racial, já que o IBGE (2010) considera como raça: branco, preto, pardo, indígena ou amarelo. Entretanto, em razão das diferentes características socioculturais, os grupos são definidos por etnia.

Assim, fica evidente considerar que homens, mulheres, indígenas e quilombolas, sofrem impactos diferentes em sua sexualidade em função da raça, da etnia, da forma que se veem e são vistos na sociedade e conseqüentemente como se posicionam (MEYER, 2007). Expressando sua sexualidade com atitudes e práticas que podem os colocar em uma posição de vulnerabilidade, conforme aponta Ayres et al., (2003), fomentada por um contexto que ultrapassa as questões do âmbito do **conhecimento**, de não saber o que é a sexualidade, as formas de prevenção durante uma relação sexual, as possibilidades de contaminação por IST, a gravidez indesejada pelo sexo desprotegido e alcançam a perspectiva de que a compreensão da sexualidade é um exercício de construção coletiva que será expressado de diferentes modos, em variados momentos e formas, considerando a cultura, a etnia, a raça, a diversidade sexual, a necessidade da discussão em variados ambientes; como nas escolas, para além do contexto do PCN; nas famílias, abarcando dúvidas e a realidade; ultrapassando a barreira de sexo como perigo, doença, culpa e proibição, para se aproximar da ideia de que o sexo é apenas um dos aspectos naturais da sexualidade e com autorização ou não dos pais, será vivido e o que precisa ser pensado, é como esses jovens irão vivenciar a sexualidade (LOURO,1997); (DELOR & HUBERT, 2000).

Dessa forma, não se trata apenas da vulnerabilidade individual que interfere na vivência da sexualidade saudável e sim conjunto de **vulnerabilidades sociais e programática** (Conforme figura 6 e 7).

Figura 6 - Grupos de relações das vulnerabilidades social.



Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

Figura 7 – Grupos de relações das vulnerabilidades programática.



Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

Como mencionado no estudo realizado por Taquette (2010), com 816 adolescentes de favelas da cidade do Rio de Janeiro que evidenciou que a discriminação racial é um processo sofrido cotidianamente e implica na construção da autoimagem negativa e aliada as condições sociais de pobreza e renda, ao ciclo vicioso da violência de gênero e os múltiplos entraves programáticos para o acesso aos serviços de saúde e educação, ampliam o contexto das vulnerabilidades para múltiplas dimensões. Nesse mesmo caminho, o estudo de Souza (2020), realizado com 417 adolescentes de um assentamento em Brasília, evidenciou que ocorre uma subalternidade do gênero feminino em relação ao masculino nas relações e essa situação

muitas vezes é negada e/ou naturalizada pelas mulheres com base na ideia pré-concebida que esse comportamento deve ser entendido como comum e próprio do homem.

Convergente com esses achados, o estudo de Costa et al., (2020), realizado com 287 estudantes da periferia de Fortaleza, identificou que adolescentes com baixos níveis socioeconômicos, que vivem com menos de um salário mínimo, estão sujeitos a serem mais suscetíveis às vulnerabilidades às IST. Reforçando a dimensão que o nível de escolaridade, a raça, a etnia, as condições socioeconômicas e as questões de gênero, podem gerar interferências na **vida sexual** de jovens, implicando no início precoce da vida sexual (CARMO & GUIZARDI, 2018). Ratificando essa perspectiva, o estudo realizado por Gonçalves et al., (2015), em Pelotas, no Rio Grande do Sul, com 4.325 adolescentes, identificou o início da prática sexual maior entre os jovens com baixa escolaridade e baixo nível socioeconômico e com mães de baixa escolaridade e que tiveram filhos durante a adolescência.

Associado a esses aspectos de vulnerabilidades sociais e programáticas, soma-se as características de cunho individual da prática sexual precoce, como uma forma para a busca de identidade, de compreensão da experiência, de curiosidade, da necessidade de outros sentimentos de prazer e da sensação de não adoecimento, independente da forma que se escolha viver (SILVA & CARVALHO, 2016). Ainda com todo o avanço científico que demonstra de forma categórica através de diversas evidências sobre a possibilidade de contaminação por uma IST mediante uma relação sexual sem proteção, o estudo realizado por Souza et al., (2020), apontou como **atitudes** dos jovens pesquisados, o relato de sensação de não adoecimento e o sentimento de invulnerabilidade as IST. Assim como o estudo de Costa et al., (2020) que aborda o comportamento dos jovens de manterem relação sexual sem proteção é justificado pelo pensamento de não se sentirem vulneráveis.

Diante de tantas reflexões e estudos apresentados, começa a imergir questionamentos de quais caminhos podem iniciar um processo que leve a repensar a sexualidade? Talvez, o ponto de partida seja entender que os indivíduos são diferentes, seja por conta da cultura, da orientação sexual, da raça, da etnia, das condições sociais e econômicas, pelos entraves nos serviços de saúde e educação, por incontáveis aspectos. Mas, a necessidade emergencial que deve causar inquietação é que encontrar novas perspectivas que possam reconstruir esse cenário, precisará passar por uma educação participativa e integradora, para além dos portões das escolas, em que a educação se amplie ao ponto de ocupar um espaço de construção da cidadania dos estudantes dentro do seu limite de escola e fora dele, sendo um campo para a reflexão e formação do pensamento crítico sobre as diversas realidades, identidades, gênero,

permitindo ultrapassar o universo da prescrição de como ser e viver, para alcançar a comunicação, o entendimento do que é a sexualidade (LOURO, 1997).

Logo, para a abordagem da sexualidade no espaço escolar ultrapassar a barreira da ação pontual, da atividade educativa, de um tema a ser abordado, para um tema a ser construído ao longo do ensino fundamental e médio, de forma multidisciplinar, será necessário ações coletivas, interdisciplinares com apoio da história para trazer o cenário da diversidade sexual presente ao longo das civilizações, das diferenças de gênero vivenciadas pela mulher; por meio da biologia para refletir sobre as formas de cuidado e higiene do corpo, do avanço das formas de prevenção; com o apoio da geografia apresentando regiões, países e continentes abordando a diversidade cultural e relações de poder, entre outros (GARCIA et al., 2013). Colocando para o entendimento da sexualidade, o requisito de se desvincular da visão de risco, de prática individual, para o entendimento de uma ótica que considera um conjunto de aspectos coletivos, como a cultura, a realidade dos envolvidos, as relações de gênero, raça, etnia, o acesso às informações, as possibilidades de compreensão e de incorporação no dia a dia, considerando que o indivíduo vive diferentes realidades e desigualdades (TAQUETTE & MEIRELLES, 2013), sendo frágil criar um modelo padrão para ensinar a sexualidade sem incorporar a gama de aspectos envolvidos, de ordens individuais, sociais, programáticas e até mesmo político (MEYER, 2007).

De modo geral, é importante destacar que os aspectos amplamente discutidos ao longo do texto que surgiram de uma abordagem da **vulnerabilidade individual**, através da exploração de temas como: raça, etnia, diferença de gênero e diversidade sexual, estão intimamente relacionados com a **vulnerabilidade social** em decorrência da correlação com aspectos como moradia, renda, escolaridade, cultura, preconceito, estigma e discriminação que estão presentes cotidianamente no universo de negros, indígenas, quilombolas, homossexuais, bissexuais, transexuais e mulheres, por meio de falas em tom de brincadeira, de julgamentos, de tratamento desigual, de homofobia, racismo, de assédio sexual e assim fomentam descaso e silenciamento oportuno (TORRES et al., 2007).

A desigualdade na sociedade se materializa de múltiplas formas, sendo um processo que sofre interferência da cultura através das manifestações por costumes e hábitos, algumas vezes entendidos como naturais em função da repetição. Na desigualdade de gênero, por exemplo, coloca nas mulheres a função da prevenção na relação sexual, como a única responsável por realizar os exames preventivos, além dos cuidados com os filhos como um atributo necessariamente feminino. Enquanto aos homens, fica naturalizado o papel de questionar a parceira quando grávida, porque não estava usando o anticoncepcional, retirando dos homens a responsabilidade de prevenção. Nesse sentido, os estudos de Andrade et al.,

(2020), aponta que nunca ter realizado exame sorológico aumenta a chance em quase três vezes de contaminação por IST e ainda associado a um imaginário, de que ser um bom pai é “ajudar” com os cuidados do filho e não uma função inerente a paternidade, a cultura expressada através de costumes, crenças e valores, pode interferir nas atitudes e ações, fazendo com que homens e mulheres vivam a sexualidade de forma diferente (AMORAS et al., 2015).

O estudo conduzido por Torres et al., (2007), realizado com jovens de Fortaleza no Ceará, evidenciou que os adolescentes do sexo masculino se colocaram com necessidade de sentirem livres para expressarem seus desejos sexuais, de possuírem autonomia frente as mulheres quanto ao comando da relação conjugal e as adolescentes femininas, descreveram ações de submissão feminina aos desejos masculinos como naturais e comuns. Associado a isso, o estudo de Moura et al., (2021), também realizado em Fortaleza no Ceará com mulheres, teve como evidência que as mulheres acreditam não serem vulneráveis as IST se estiverem em uma relação estável e que o risco de infecção está associado a quem tem vários parceiros, apontando que essas mulheres desconsideram situações de vulnerabilidades em relações sexuais sem proteção em relacionamentos estáveis. Assim, desestruturar essa teia de fragilidades requer o fortalecimento de ações em âmbito **social e programático**, através de processos educativos plurais, com estímulo a problematização, a desconstrução de crenças preconceituosas, com valorização das singularidades culturais e da comunicação efetiva entre os atores envolvidos: pais, jovens, escola, serviços de atenção à saúde e espaços sociais diversos, como igrejas, centros recreativos, clubes, em entre outros.

E, quanto ao cenário local, em Santarém, a **vulnerabilidade social e programática** se apresenta de múltiplas formas, sendo destacado no contraste entre três realidades: a vivida na zona central que acompanha a orientação dos eixos das rodovias Santarém-Curuá-Una, Cuiabá-Santarém e Avenida Fernando Guilhon, a vivenciada nas zonas periféricas não planejadas que ficam um pouco mais distante dessa área de asfaltamento e a realidade das comunidades tradicionais, ribeirinhos, quilombolas, indígenas e rurais.

A zona central se estabelece com grandes supermercados; avenidas pavimentadas; bom acesso à rede de internet; rede de transporte razoável para as necessidades de deslocamento; coleta de lixo periódica; iluminação pública; acesso a rede de serviços, como de saúde nos níveis de atenção - primária, secundária e terciária, de educação com ensino fundamental, médio e superior; policiamento, cartórios, além de melhores moradias e oportunidades de emprego, entre outros. De outro lado, a uns 15 minutos da região central Santarém; encontra-se os bairros periféricos que vivem com infraestrutura limitada; ruas de areia ou piçarra; pouca ou inexistente iluminação pública; águas servidas sendo jogada

diretamente na rua; sem coleta regular de lixo, implicando comumente na queima do lixo doméstico; transporte coletivo circulando apenas nas principais ruas; acesso à internet extremamente limitado e precário; péssimo sinal de telefonia móvel; educação estruturada até o ensino fundamental ou médio; serviços de saúde limitados a rede básica por meio de Unidades Básicas de saúde ou estratégias Saúde da Família; moradias desestruturadas; violência e limitadas opções de emprego. E por fim, as localidades mais afastadas, caracterizadas por zona rural ou planalto, em que se encontra a maior parte das comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas, vivenciam as mesmas dificuldades de bairros periféricos, porém, tem esses problemas intensificados por deslocamentos por via fluvial, estradas intrafegáveis, serviços de saúde fluvial (Abaré), longas distâncias, moradias algumas vezes precárias e a convivência com o cultivo da soja, a partir dos anos 2000, além de outros agronegócios e madeireiras (GOMES, et al., 2017).

Foto 3: Navio da saúde - Abaré



Foto: Aluna da UFOPA Fernanda Fernandes, 2019.

Nesse sentido, se aproximando das implicações da vulnerabilidade programática na sexualidade de jovens, o estudo realizado por França et al., (2021), conduzido em 52 Unidades Básicas de Saúde de Campina Grande na Paraíba, no intuito de compreender a interferência dos aspectos estruturais quanto a atenção à saúde, destacou média vulnerabilidade programática as unidades de saúde com relação à infraestrutura, com 55,3% em relação à atenção às IST. Dessa forma, considerando os diversos aspectos de ordem individual, social e programático, é importante considerar que existem barreiras multifatoriais que interferem na sexualidade, seja as ligadas a capacidade de entendimento da informação; seja pelo meio em que o indivíduo está inserido e as possibilidades de enfrentar entraves de

aspectos sociais, culturais ou econômicos; ou seja pela fragilidade de atuação dos serviços diversos, como no campo da saúde e da educação.

Nesse contexto, Santarém como diversas cidades tradicionais ribeirinhas na Amazônia, vive uma realidade multifacetada, pela riqueza da sua biodiversidade e cultura em cenários contraditórios de infraestrutura e rede de serviços (VICENTINI, 2004). Se caracteriza pela dualidade da expansão do centro urbano as margens das rodovias com uma rede de serviços estruturada para uma pequena parte dos moradores, enquanto outra parte, vive uma realidade limitada por diversas iniquidades e exclusões (PEREIRA, 2004). Aliado a isso, soma-se um contexto de uma área que passou por sucessivas colonizações, que possui diversos modos de viver, mas, convive com o estranhamento e desqualificação de população tradicionais como indígenas e quilombolas, necessitando visibilizar esse cenário, para compreender os processos particulares de aprender e interpretar de estudantes que vivem uma realidade amazônica e que necessitam reconhecer suas identidades.

É importante destacar que mesmo Santarém vivenciando um processo histórico de transformações, impulsionados desde a exploração da borracha entre 1850 e 1910, passando pela comercialização da juta entre 1920 e 1960, com a exploração do ouro entre 1950 e 1970 e posteriormente com a soja nos anos 2000 (COSTA, 2012), muitas comunidades ainda possuem dinâmicas e modos de vida adaptados à natureza da região, ainda que sejam cada vez menos frequentes. Dessa forma, o protagonismo tão esperado de indivíduos, jovens, dentro de uma sociedade, de uma cidade, está intimamente relacionado com o fortalecimento de ações de reconhecimento e valorização da história daquela comunidade, refletindo em uma sociedade mais representada e autônoma frente ao seu território, capaz de promover e firmar posicionamentos para enfrentamentos de preconceitos, estigmas, discriminações que impedem o auto reconhecimento e a vivência conforme o seu modo de vida, permitindo espaços para governança local, para cobrar políticas públicas, melhores condições sociais e estruturais, para uma vida plural, em sua intensidade em diversos aspectos, como na sexualidade (GOMES et al., 2017).

### 6.3. MATERIAIS EDUCATIVOS

Nesse capítulo iremos discutir a **sexualidade e a diversidade sociocultural nos materiais educativos**. E ao analisar as cartilhas, folder e álbum seriado sobre sexualidade, buscou-se uma aproximação com os discursos contidos nesses materiais, no intuito de compreender os significados atribuídos a sexualidade em diferentes contextos socioculturais, através do uso da linguagem escrita, de imagens, desenhos e das possíveis interpretações desses materiais, seja os oficiais, estruturados por instituições ou os elaborados por



integrantes da sociedade civil como professores e profissionais da saúde e as possíveis implicações no entendimento e vivência da sexualidade de jovens brasileiros, em especial de estudantes em contexto de vulnerabilidades individuais, sociais e programáticas.

As observações empíricas enquanto docente da Universidade Federal do Oeste do Pará em atividades de ensino, pesquisa e extensão com estudantes Santarenos, indicavam que existe uma interpretação dos jovens de que sexualidade se resume a sexo e a revisão da literatura sobre estudos realizados com jovens sobre sexualidade também apontava essa redução conceitual. Dessa forma, se debruçar nesse universo de entendimento dos materiais educativos que abordam a sexualidade foi uma ferramenta para compreender efetivamente como esse tema vem sendo abordado.

Foram analisados 25 materiais educativos de âmbito nacional, sendo 20 cartilhas, 1 álbum seriado, 1 folheto e 3 folders. Estas publicações estavam disponíveis em formato PDF, através de buscas online por acesso aberto; foram publicadas nos últimos 15 anos, entre 2006 e 2020; a maioria apresentaram como público, jovens e adolescentes (12 materiais de 25) e os demais públicos identificados como: homens (3/25), mulheres (2/25), comunidade escolar (3/25), profissionais da saúde (2/25) e a comunidade em geral (4/25), apareceram praticamente na mesma proporção, vale destacar que alguns materiais possuem mais de um público. Quanto à organização desses materiais, foram organizadas ou coordenadas por instituições oficiais, como Ministério da saúde, Universidades e Secretarias de Saúde e por representantes da sociedade civil ou organizada, como profissionais especializados na área da saúde e da educação e Organização Não Governamental (ONG).

Os materiais analisados foram publicados nas cinco regiões brasileiras, com o maior número de publicações na região sudeste, com 12 materiais, sendo 11 em São Paulo e 1 no Rio de Janeiro; o Nordeste teve 5 publicações, sendo 2 na Bahia e 1 em cada um dos estados: Pernambuco, Ceará e Piauí; o Sul, 4 publicações, sendo 2 em Santa Catarina e 2 no Rio Grande do Sul; O centro-oeste teve 3 publicações em Brasília e a região Norte, teve apenas 1 publicação na capital Belém. Conforme sintetizado no *quadro 11*.

Quadro 11: Identificação dos materiais educativos

Nº	Título	Tipo	Local	Ano	Instituição / Autor (es)	Público
1	Educação sexualidade em na adolescência.	Cartilha	Rio Grande do Sul	2017	Núcleo de Estudos Sobre Famílias e Instituições Educacionais e Sociais – NEFIES - UFRGS	Comunidade escolar
2	Entendendo a diversidade sexual.	Cartilha	Bahia	2018	Defensoria Pública do Estado da Bahia - Sena, A.; Sousa, G.; Brito, M.	População em geral
3	Adolescência e Saúde.	Cartilha	Rio Grande do Sul	2018	Comissão de Saúde e Meio Ambiente	Jovens
4	Doenças Sexualmente Transmissíveis	Cartilha	Santa Catarina	2006	Secretaria de Estado de Santa Catarina	Adolescentes
5	Álbum Seriado das IST.	Álbum seriado	Brasília	2016	Vigilância em Saúde - MS	Profissionais de saúde
6	Cuidando delas: Saúde da mulher.	Cartilha	São Paulo	2015	BARONG - ONG	Mulheres
7	Cuidando deles: Saúde sexual e reprodutiva do homem.	Cartilha	São Paulo	2015	BARONG - ONG	Homens
8	Infecções Sexualmente Transmissíveis	Cartilha	Teresina - PI	2020	CHAVES, A. F de C. P et al. UFPI	Jovens
9	Vamos falar sobre sexualidade.	Cartilha	São Paulo	2013	Escola de Enfermagem USP	Adolescentes escolares
10	Para ficar numa boa e sem sustos.	Cartilha	São Paulo	2011	Grupo de trabalho e pesquisa em orientação sexual - GTPOS	Jovens
11	Primeira infância e gravidez na adolescência.	Cartilha	Fortaleza CE	2013	Rede Nacional da Primeira Infância EISENSTEIN, E et al., (Col.)	Adolescentes
12	Cuidando deles: A saúde do homem.	Cartilha	São Paulo	2015	BARONG - ONG	Homens
13	Menina Esperta sabe seus direitos.	Cartilha	Belém - PA	2007	Movimento República de Emaús	Adolescentes
14	Psicologia, Sexualidades e Identidade de Gênero: Guia de referências técnicas e teóricas.	Cartilha	Salvador Bahia	2018	Grupo de Trabalho Psicologia, Sexualidades e Identidades de Gênero (GTPSIG) do Conselho Regional de Psicologia 3ª Região – Bahia.	Psicólogas/os, estudantes e sociedade.
15	E aí, garota?	Cartilha	São Paulo	2020	BARONG - ONG	Garotas
16	Prevenção combinada	Folder	Brasília	2017	UNESCO - MS	Jovens
17	Em Pernambuco, a cada 6 horas 1 pessoa se infecta com HIV. Não precisa ser você.	Folder	Pernambuco	[s.d]	Secretaria de Saúde de Pernambuco	Jovens
18	Sexualidade & Adolescência.	Folder	Santa Catarina	2015	Secretaria de Santa Catarina	Jovens
19	DST/AIDS na mira.	Folheto	São Paulo	2014	Ministério da Saúde Ministério do Exército	População em geral

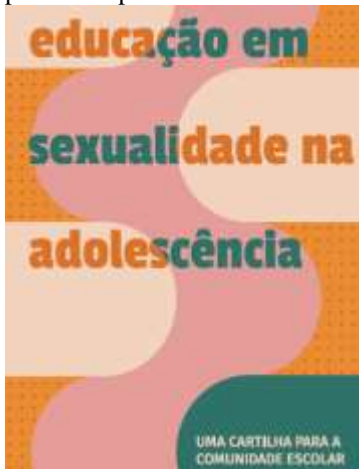
20	Adolescentes, AIDS e Sexualidade: um bicho de sete cabeças?	Cartilha	São Paulo	[s.d]	Grupo de incentivo à vida - MS	Adolescentes
21	Diversidade sexual e a cidadania LGBT.	Cartilha	São Paulo	2014	Governo do Estado de SP. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania.	Jovens
22	Sexualidade e deficiência Intelectual.	Cartilha	São Paulo	2013	Fernanda Sodelli	Jovens
23	Jovem não é careta.	Cartilha	São Paulo	2008	SERRA, G. C.; OLIVEIRA, A. G. DE.; FERREIRA, A. A.; HILÁRIO, D. SMS- SP	Jovens
24	Tudo dentro.	Cartilha	RJ	2010	Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS - ABIA Juan Carlos Raxach	População geral Homens
25	Cartilha do GTPCEGDS - “Em defesa dos direitos das mulheres, dos indígenas, das/os negras/os, e das/os LGBT”.	Cartilha	Brasília	2016	Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN SANTANA, G. C. DE S.; SANTOS, J. R. Q. DOS.; MACHADO, L. M. M.	População em geral

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

Após esse compilado de informações dos 25 materiais educativos, trazendo uma apresentação mais geral, os resultados serão apresentados por meio de uma breve identificação de cada material, procedida da apresentação completa em quadros individuais, com informações de cada material, com identificação e caracterização do ponto de vista das dimensões organizacional, conceitual e contextual e posteriormente será discutido o compilado de informações dos 25 materiais com base nessas três dimensões e seus eixos orientadores, como detalhado na metodologia. Dessa forma, a apresentação dos resultados foi iniciada pelo material educativo (ME 1) e seguida com os demais materiais analisados, até o (ME 25).

O (ME 1), é uma cartilha de 20 páginas, de 2017, elaborada por uma instituição da área da educação, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), especificamente o Núcleo de Estudos Sobre Famílias e Instituições Educacionais e Sociais (NEFIES), de autoria de Furlanetto (2017), estruturada para a comunidade escolar, identificada por pais, professores e alunos e tem como objetivo, esclarecer a comunidade escolar questões relacionadas a sexualidade na adolescência. Conforme o *quadro 12*.


Quadro 12: “ME 1”: Educação em sexualidade

<p>Figura 8 - Capa da cartilha produzida pelo NEFIES.</p>  <p>Fonte: Site NEFIES</p>	<b>Identificação</b>	
	<b>Título</b>	<b>Educação em sexualidade na adolescência.</b>
	<b>Autores</b>	FURLANETTO, M. F.
	<b>Instituição</b>	Núcleo de Estudos Sobre Famílias e Instituições Educacionais e Sociais – NEFIES - UFRGS
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2017
	<b>Local</b>	Porto Alegre
	<b>Estado</b>	Rio Grande do Sul
	<b>Região</b>	Sul
	<b>Nº de Pág.</b>	20 páginas
	<b>Online</b>	<a href="http://www.ufrgs.br/nefies/wp-content/uploads/2020/07/03_cartilha_final_vOnline-4.pdf">www.ufrgs.br/nefies/wp-content/uploads/2020/07/03_cartilha_final_vOnline-4.pdf</a>
<b>Público</b>	Comunidade escolar. Porém, mas voltado a orientação de professores e pais;	
<b>Objetivo</b>	Esclarecer a comunidade escolar: pais, professores e alunos, questões relacionadas a sexualidade na adolescência;	
<b>Dimensão organizacional</b>		
<b>Linguagem</b>	Explicativa, com pouco uso de termos técnicos, apropriada ao público que se destina, com enunciados que reforçam a ideia que existe múltiplos fatores que interligados a sexualidade;	
<b>Formato</b>	Cartilha organizada em formato de guia para orientação de pais e docentes para abordagem da sexualidade na escola e em casa. Contém conceitos e orientações quanto a perguntas apropriadas para ser feita para os jovens sobre o tema e perguntas que não deveriam ser feitas.	
<b>Recursos visuais</b>	Contém 11 ilustrações: Desenho de duas jovens, sendo uma branca e outra negra, apontando a diversidade; esboço do corpo humano para abordar a puberdade; seringa e preservativo masculino, identificando comportamento de riscos; livro aberto para representar a escola, três bonequinhos identificando a família; sinal de wi-Fi para enfatizar os links que contém informações sobre o tema e dois rapazes, sendo um pardo e outro negro que utiliza óculos e tem cabelo enrolado.	
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>		
<b>Puberdade</b>	Mudanças relacionadas ao sexo feminino e masculino e caracterização de puberdade e adolescência.	
<b>Diversidade Sexual</b>	Conceitual: Gênero e identidade de gênero;	
<b>Prevenção e orientação</b>	Comportamentos sexuais de risco: uso de álcool, cigarro e relação sexual desprotegida; desinformação; influência de pares; falta de diálogo com os pais; importância da educação sexual; responsabilidade dos pais e das escolas na educação sexual; conceituação do que é sexualidade; desafios da educação sexual nas escolas e nas famílias e estratégias que favorecem o diálogo sobre sexualidade com adolescentes;	
<b>Cultura</b>	Construções sociais de gênero: papéis esperados para homens e mulheres.	
<b>Cidadania</b>	Respeito à diversidade; a abordagem da sexualidade assegurada nos PCN; a função do conselho tutelar; denúncias frente maus-tratos e violência e serviços de apoio como CRAS, CREAS, CRAI, CRVV, SPC, DECA; links de ONGS de apoio como: PROMUNDO e SOMOS.	
<b>Dimensão Contextual</b>		
<b>Potencialidades</b>	Sugere formas para trabalhar o tema nas escolas, identifica locais para busca de atendimento, traz sugestões de sites, livros e considera as questões de gênero.	
<b>Fragilidades</b>	Aponta quais os assuntos devem ser abordados, porém não aborda a maioria dos temas, como: Privacidade, métodos contraceptivos, higiene, comunicação empática, prazer, etnia e raça, cultura, inclusão, relacionamentos saudáveis, violência, consentimento, preconceito e discriminação, autoconhecimento corporal, etc.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 2), é uma cartilha com 28 páginas, de 2018, elaborada por uma instituição da área do direito, a Defensoria Pública do estado da Bahia, de autoria de SENA; SOUZA; BRITO, (2018), estruturada para a comunidade geral e tem como objetivo, esclarecer sobre a diversidade sexual, o que é, os termos usados e o que não deve ser utilizado. Conforme o quadro 13.

Quadro 13: “ME 2”: Entendo a diversidade sexual


<p>Figura 9 - Capa da cartilha Entendo a diversidade sexual.</p>  <p>Fonte: Site Defensoria da BA.</p>	Identificação	
	<b>Título</b>	Entendo a diversidade sexual.
	<b>Autores</b>	SENA, A.; SOUSA, G.; BRITO, M.
	<b>Instituição</b>	Defensoria pública do estado da Bahia
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2018
	<b>Local</b>	Salvador
	<b>Estado</b>	Bahia
	<b>Região</b>	Nordeste
	<b>Nº de Pág.</b>	28
	<b>Online</b>	<a href="https://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2019/01/cartilha_diversidade-sexual.pdf">https://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2019/01/cartilha_diversidade-sexual.pdf</a>
	<b>Público</b>	População em geral
	<b>Objetivo</b>	Orientar a respeito da diversidade sexual e explicar sobre os termos usados pela comunidade (LGBTTT)
Dimensão organizacional		
<b>Linguagem</b>	Explicativa, apropriada ao público que se destina, com enunciados claros, diretos e sintetizados a ponto de explicar o conteúdo em poucas frases. Algumas informações são destacadas pela expressão em uma caixa “Fique sabendo”.	
<b>Formato</b>	Cartilha com 28 páginas, com letras com um bom tamanho para leitura, com texto bem distribuído que estimula o interesse em continuar utilizando o material.	
<b>Recursos visuais</b>	Contém 9 ilustrações e 7 imagens, estas complementam o texto e destacam a informação a ser passada. A diversidade sexual é expressada por meio de diversas figuras como: na capa que contém uma foto de um rapaz pardo, com o cabelo nas laterais raspado; no meio da cartilha que tem uma foto de duas jovens, sendo uma branca e outra negra; possui ilustrações de um cérebro, para falar de identidade de gênero; de um coração, para falar de orientação sexual; símbolo de masculino e feminino, para falar de sexo biológico; de uma pessoa, para explicar expressão de gênero; de um escudo composto com o símbolo masculino e feminino, entre outros.	
Dimensão Conceitual - Sexualidade		
<b>Puberdade</b>	[Sem abordagem]	
<b>Diversidade Sexual</b>	Aborda o que é: Identidade de gênero: Transgênero, transexual, travesti; orientação sexual: heterossexual, homossexual e bissexual; sexo biológico; expressão de gênero; traz várias terminologias, como: assexual, andrógino, cisgênero, entre outros.	
<b>Prevenção e orientação</b>	Conceitua sexualidade, orienta termos que não devem ser utilizados como homossexualismo e opção sexual;	
<b>Cultura</b>	Aborda que os conceitos de masculino e feminino são noções construídas socialmente.	
<b>Cidadania</b>	Aponta que a homossexualidade não é considerada como patologia pela Organização Mundial da Saúde – OMS; traz endereços de atendimento da Defensoria pública no estado da Bahia.	
Dimensão Contextual		
<b>Potencialidades</b>	Contextualiza o impacto do preconceito na vida de travesti, associado a estigmas, gerando dificuldades para conseguir emprego, o que acaba levando a trabalhar como profissionais do sexo;	

<b>Fragilidades</b>	O material não produz interações com o leitor, poderia conter perguntas para ajudar quem está lendo a se questionar sobre o conteúdo que está sendo abordado, bem como traz poucas reflexões sobre preconceitos, estigmas e discriminações que estes grupos sofrem na sociedade e não aborda a diversidade cultural.
---------------------	--

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 3), é uma cartilha de 2018, contém 100 páginas por se tratar de uma versão ampliada da cartilha sobre drogas. Foi elaborada pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, por meio da Comissão de Saúde e Meio Ambiente, estruturada para jovens e tem como objetivo, abordar os quatro principais riscos à saúde dos adolescentes e formas de prevenção: Violência, consumo de drogas, IST e transtornos mentais. Conforme o *quadro 14*.

Quadro 14: “ME 3”: Adolescência e Saúde

<p>Figura 10 - Capa da cartilha: Adolescência e saúde</p>  <p>Fonte: Site da Assembleia Legislativa do RS.</p>	<b>Identificação</b>	
	<b>Título</b>	Adolescência e Saúde.
	<b>Autores</b>	Comissão de Saúde e Meio Ambiente;
	<b>Instituição</b>	Assembleia Legislativa;
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2018
	<b>Local</b>	Porto Alegre
	<b>Estado</b>	Rio Grande do Sul
	<b>Região</b>	Sul
	<b>Nº de Pág.</b>	100
<b>Online</b>	<a href="http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp_m505/CSMA/2018%20-%20Adolesc%20e%20Sa%C3%BAde%20-%20Cartilha.pdf">http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp_m505/CSMA/2018%20-%20Adolesc%20e%20Sa%C3%BAde%20-%20Cartilha.pdf</a>	
<b>Público</b>	Jovens	
<b>Objetivo</b>	Abordar os quatro principais riscos à saúde dos adolescentes e formas de prevenção: Violência, consumo de drogas, IST e transtornos mentais.	
<b>Dimensão organizacional</b>		
<b>Linguagem</b>	Técnica e com enunciados generalistas.	
<b>Formato</b>	Foi definido com uma cartilha, porém pela tecnicidade se assemelha mais a um guia ou um livro, o formato utilizado na distribuição do texto não é convidativo pela extensão do material e a organização escolhida, deixando o material pouco atrativo.	
<b>Recursos visuais</b>	Material com 47 imagens e figuras, distribuídas ao longo do texto que servem para reforçar as informações descritas, mas não são ilustrações que despertam amplo interesse.	
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>		
<b>Puberdade</b>	[Sem abordagem]	
<b>Diversidade Sexual</b>	[Sem abordagem]	
<b>Prevenção e orientação</b>	Saúde dos jovens e adolescentes com a prevenção dos tipos de violência; consumo de drogas; DST; gravidez; transtornos alimentares: Bulimia, anorexia, desnutrição e obesidade; transtornos de personalidade, psicóticos, de humor, de ansiedade; alimentação saudável e prática de atividades físicas;	
<b>Cultura</b>	[Sem abordagem]	
<b>Cidadania</b>	Aborda tipos de violência, direitos e deveres dos adolescentes por meio da CF, aponta endereços de serviços de apoio como: Secretaria Estadual de Saúde; Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social, Trabalho, Justiça e Direitos Humanos; Centro de Valorização da Vida (CVV), entre outros.	

	Orienta quanto questões trabalhista e explica sobre projetos como: jovem aprendiz.
Dimensão Contextual	
<b>Potencialidades</b>	Variedade de conteúdos;
<b>Fragilidades</b>	Material com linguagem muito técnica e pouco convidativo por ser muito longo e com bastante texto, se propõe a abordar os principais agravos que acometem jovens, definidos neste como: violência, consumo de drogas, IST e transtornos mentais. Porém, não aborda temas fundamentais como: puberdade e diversidade sexual. O conteúdo é abordado sem estimular reflexões, questionamentos uma vez que contém poucas perguntas e traz as informações sem considerar particularidades e diversidades socioculturais.

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 4) é uma cartilha de 2006, com 25 páginas, estruturada pela Secretaria de Estado de Santa Catarina, por meio do Departamento de Vigilância Epidemiológica - DIVE, de autoria de Veloso, E., voltada para profissionais de saúde e a população em geral e tem como objetivo, educar e informar de maneira simples, mais de forma objetiva, visando socializar as informações e contribuindo sobre a maneira para melhorar a prevenção e a qualidade da atenção das DSTs, por meio da capacitação dos profissionais de saúde para a assistência adequada aos portadores de DSTs. Conforme o *quadro 15*.

Quadro 15: “ME 4”: DST

<p>Figura 11 - Capa da cartilha: DST</p>  <p>Fonte: Site da DIVE</p>	Identificação	
	<b>Título</b>	Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST
	<b>Autores</b>	VELOSO, E.
	<b>Instituição</b>	Secretaria de Estado de Santa Catarina Departamento de Vigilância Epidemiológica - DIVE
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2006
	<b>Local</b>	Florianópolis
	<b>Estado</b>	Santa Catarina
	<b>Região</b>	Sul
	<b>Nº de Pág.</b>	25
	<b>Online</b>	<a href="https://www.dive.sc.gov.br/conteudos/publicacoes/manuais_cartilhas/Cartilha_de_DST.pdf">https://www.dive.sc.gov.br/conteudos/publicacoes/manuais_cartilhas/Cartilha_de_DST.pdf</a>
	<b>Público</b>	Profissionais de saúde e a população em geral
	<b>Objetivo</b>	Educar e informar de maneira simples, mais de forma objetiva, visando socializar as informações e contribuindo sobremaneira para melhorar a prevenção e a qualidade da atenção das DSTs, por meio da capacitação dos profissionais de saúde para a assistência adequada aos portadores de DSTs.
Dimensão organizacional		
<b>Linguagem</b>	Explicativa, mas, ainda usa termos técnicos como: período de incubação; possui enunciados incisivos: “Tudo que você precisa saber sobre as Doenças Transmitidas pelo sexo”, que tentam convencer o leitor e tratam o conteúdo descrito como inquestionável.	
<b>Formato</b>	Cartilha com 25 páginas, com letras em um tamanho bom para leitura, o texto encontra-se distribuído como em uma página de livro, intercalando texto e figuras. Esse formato acaba não sendo convidativo ou estimulante para continuar usando o material.	
<b>Recursos visuais</b>	Material com 26 figuras, distribuídas ao longo do texto que servem para reforçar as informações descritas, algumas são caracterizadas em uma	

	perspectiva engraçada quando se referem aos órgãos masculinos e femininos, entretanto acabaram caracterizando órgãos sexuais masculinos e femininos em formato de caricatura que pouco contribuiu para abordagem do assunto.
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>	
<b>Puberdade</b>	Corpo feminino e corpo masculino; corrimento uretral e vaginal: gonorreia, candidíase, Doença Inflamatória Pélvica (DIP), Tricomoníase; feridas genitais: sífilis, herpes, cancro mole, linfogranuloma Venéreo, Condiloma acuminado; AIDS. Prazer
<b>Diversidade Sexual</b>	[Sem abordagem]
<b>Prevenção e orientação</b>	Como se prevenir das DST; como utilizar o preservativo masculino e feminino; Testes;
<b>Cultura</b>	[Sem abordagem]
<b>Cidadania</b>	[Sem abordagem]
<b>Dimensão Contextual</b>	
<b>Potencialidades</b>	Descreve detalhadamente as IST.
<b>Fragilidades</b>	Usa a expressão DST ao invés de IST, caracterizando todos os indivíduos contaminados como doentes; O conteúdo é apresentado sem estimular reflexões e questionamentos e com pouco poder provocador sobre o impacto dessas infecções na sociedade e na vida de jovens; Material focalizado nas IST, não fazendo referência a outros temas correlatos importantes que atinge a dimensão das infecções como a orientação sexual e a diversidade sexual.

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 5), é uma cartilha, de 2016, com 60 páginas, estruturada por uma instituição Governamental na área da saúde, especificamente pelo Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais e pela Secretaria de Vigilância em Saúde e Comitê Técnico de (IST) do Ministério da Saúde (MS), organizada por BENZAKEN, A. S et al., voltada para profissionais de saúde com o objetivo de apoiar na prevenção, diagnóstico e tratamento das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) no âmbito do local de trabalho. Conforme o *quadro 16*.

Quadro 16: “ME 5”: Álbum Seriado das IST

<p>Figura 12 - Capa do Álbum Seriado das IST.</p>  <p>Fonte: Site do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais</p>	<b>Identificação</b>	
	<b>Título</b>	Álbum Seriado das IST.
	<b>Autores</b>	BENZAKEN, A. S et al., (Org.)
	<b>Instituição</b>	Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais - Secretaria de Vigilância em Saúde e Comitê Técnico de (IST) - MS
	<b>Tipo</b>	Álbum seriado
	<b>Ano</b>	2016
	<b>Local</b>	Brasília
	<b>Estado</b>	DF
	<b>Região</b>	Centro-Oeste
	<b>Nº de Pág.</b>	60
<b>Online</b>	<a href="http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/album-seriado-das-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-ist">http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/album-seriado-das-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-ist</a>	
<b>Público</b>	Profissionais de saúde	
<b>Objetivo</b>	Foi elaborado para apoiar na prevenção, diagnóstico e tratamento das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) no âmbito de seu local de trabalho.	
<b>Dimensão organizacional</b>		
<b>Linguagem</b>	Explicativa, como uma linguagem em tom de conversa, visando favorecer o vínculo entre o profissional e o usuário, contém orientações de como conduzir cada conversa, o que estimular o usuário a observar em cada figura	




	e foto, orienta as ações a serem realizadas pelos profissionais de saúde durante atendimento, provoca um estímulo a leitura pelo uso de uma linguagem com interrogações e questionamentos.
<b>Formato</b>	Álbum seriado com 60 páginas, com pouco texto, as informações bem distribuídas, com uma letra apropriada para leitura, com contraste de cores entre as figuras os textos, um material que estimula a leitura e o uso.
<b>Recursos visuais</b>	Possui 29 ilustrações que aparecem no cotidiano, apresentadas bem coloridas e convidativas e convidam para observar o próprio corpo. Destaque para a figura de um jovem indígena, junto com outros jovens. Possui 25 fotos sobre IST, alguma causam medo por apresentarem órgãos sexuais destruídos por IST.
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>	
<b>Puberdade</b>	Tópicos abordados: Falando sobre IST, como identificar uma IST, Manifestações clínicas das IST, Como é uma IST, Sífilis, Herpes Genital, Cancro Mole (Cancroide), Linfocarcinoma Venéreo (LGV), Donovanose, Gonorreia e Clamídia, Tricomoníase, HPV (Papilomavírus Humano): Condiloma Acuminado, HIV/aids Hepatite B e Hepatite C, higiene corporal, contaminação por hepatites por tatuagens e kit de manicure e fala de relacionamentos saudáveis.
<b>Diversidade Sexual</b>	O texto explica que o sexo pode ser vivido de várias maneiras, fala do acolhimento sem discriminação e preconceito, das relações homoafetivas, de vulnerabilidades, da contaminação independente de religião estado civil, dos tipos de relações sexuais como anal e vaginal. O material aborda o termo “parceria sexual” e “parcerias sexuais”, a primeira forma de uso permite a interpretação que não necessariamente a relação sexual entre parceiros precisa ser heterossexual e o segundo uso, permite a compreensão que nem sempre um indivíduo terá apenas um ou uma parceira sexual.
<b>Prevenção e orientação</b>	Camisinha masculina e feminina: como usar, testes rápidos, autonomia da mulher com o uso da camisinha feminina, vacinação e realização do exame preventivo. Explica o que é diversidade, sexualidade
<b>Cultura</b>	Aborda que o preconceito causa doenças; da necessidade de respeito a diferente credos e religião e traz a presença de um indígena em uma das figuras para bordar a diversidade sociocultural.
<b>Cidadania</b>	Autonomia feminina. Combate ao estigma, ao preconceito e a discriminação pois estes limitam as possibilidades de acesso aos serviços de saúde.
<b>Dimensão Contextual</b>	
<b>Potencialidades</b>	Atende o objetivo de orientar os profissionais, traz os tópicos identificados como conversas, material muito convidativo, muito bem ilustrado e destaca a importância do diálogo para compreensão do tema.
<b>Fragilidades</b>	Falta figura de casais homossexuais, não aborda temas como desejo, prazer, autonomia feminina, questões de gênero e direitos. Ainda contém uma abordagem focalizada em aspectos patológicos e na ocorrência da doença, pouco contextualizando sobre outros assuntos como a diversidade sexual e suas implicações. Algumas figuras causam mais medo por conta dos órgãos sexuais destruídos pelas infecções do que orientação sobre o tema.

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 6), é uma cartilha, de 2015, com um formato bem curto com 5 páginas, estruturada por uma Organização Não Governamental (ONG), BARONG, que desenvolve ações no campo da educação, da saúde sexual e reprodutiva, e desenvolveu essa cartilha para mulheres, com o objetivo de orientar sobre cuidados básicos com a saúde feminina. Conforme o quadro 17.


Quadro 17: “ME 6”: Cuidando delas

<p>Figura 13 - Capa da cartilha: Cuidando delas: a saúde da mulher.</p>  <p>Fonte: Site BARONG</p>	<b>Identificação</b>	
	<b>Título</b>	Cuidando delas: a saúde da mulher.
	<b>Autores</b>	[s.a]
	<b>Instituição</b>	Barong - ONG
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2015
	<b>Local</b>	São Paulo
	<b>Estado</b>	São Paulo
	<b>Região</b>	Sudeste
	<b>Nº de Pág.</b>	5
<b>Online</b>	<a href="http://barong.org.br/materiais-educativos">http://barong.org.br/materiais-educativos</a>	
<b>Público</b>	Mulheres	
<b>Objetivo</b>	Orientar mulheres sobre cuidados básicos com a saúde feminina.	
<b>Dimensão organizacional</b>		
<b>Linguagem</b>	Linguagem explicativa, com escrita bem acessível, estimula a reflexão por meio de enunciados interrogativos, como: “que horas a gente se cuida?”	
<b>Formato</b>	Cartilha com 5 páginas, com frases curtas, com letras em tamanho bom e estimula a leitura por possuir um texto bem distribuído e um formato bem convidativo por sintético e direto.	
<b>Recursos visuais</b>	Possui 30 ilustrações que se relacionam e complementam o texto.	
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>		
<b>Puberdade</b>	Aborda hábitos saudáveis e boa alimentação, interferência dos hormônios no funcionamento do corpo feminino, anatomia feminina, mudança corporal após os 45 anos, cuidados de higiene, câncer de mama, necessidade de sono e repouso.	
<b>Diversidade Sexual</b>	[Sem abordagem]	
<b>Prevenção e orientação</b>	Aborda a profilaxia Pós-exposição – PEP; Formas de testagem; formas de prevenção de IST, HPV, Hepatite B e C, vacinação; prevenção de IST por perfuro cortantes; prevenção do câncer de mama e uso preservativo feminino.	
<b>Cultura</b>	Desmistifica o papel da necessidade da mulher ter múltiplas funções, se colocar em segundo plano, que que a sua vida fique na mão do parceiro, destacando a autonomia feminina.	
<b>Cidadania</b>	Aponta locais de atendimento como o Centro de Testagem e Aconselhamento – CTA e direitos, como: o de acesso ao preservativo, a consulta e exames.	
<b>Dimensão Contextual</b>		
<b>Potencialidades</b>	Linguagem simples, acessível, com conteúdo direto e sintetizado.	
<b>Fragilidades</b>	Falta figura que expresse diferentes tipos de relações sexuais, não aborda temas como desejo, prazer e o material reforça a necessidade do cuidado da saúde da mulher, mas, não aponta a necessidade de cuidado que deve ser despertado no homem, no parceiro, ou parceiros (as).	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 7), é uma cartilha, de 2015, com 32 páginas, estruturada por uma Organização Não Governamental (ONG), BARONG, que desenvolve ações no campo da educação, da saúde sexual e reprodutiva, e desenvolveu essa cartilha para homens, com o objetivo de servir como um guia para homens, quanto à saúde sexual, reprodutiva e outros cuidados. Conforme o quadro 18.


Quadro 18: “ME 7”: Cuidando deles

<p>Figura 14 - Capa da cartilha: Cuidando deles: Saúde sexual e reprodutiva do homem</p>  <p>Fonte: Site BARONG</p>	<b>Identificação</b>	
	<b>Título</b>	Cuidando deles: Saúde sexual e reprodutiva do homem
	<b>Autores</b>	[s.a]
	<b>Instituição</b>	Barong - ONG
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2015
	<b>Local</b>	São Paulo
	<b>Estado</b>	São Paulo
	<b>Região</b>	Sudeste
	<b>Nº de Pág.</b>	32
<b>Online</b>	<a href="http://barong.org.br/materiais-educativos">http://barong.org.br/materiais-educativos</a>	
<b>Público</b>	Homens	
<b>Objetivo</b>	Servir como um guia para homens, quanto à saúde sexual, reprodutiva e outros cuidados.	
<b>Dimensão organizacional</b>		
<b>Linguagem</b>	Linguagem explicativa, simples e direta, com escrita bem acessível, estimula a reflexão por meio de enunciados interrogativos, como: “ você sabe perder?”.	
<b>Formato</b>	Cartilha com 32 páginas, com pouco texto, informações bem distribuídas, com uma letra apropriada para leitura, com contraste de cores entre as figuras e os textos que estimula a leitura.	
<b>Recursos visuais</b>	Possui 12 ilustrações que se relacionam e complementam o texto.	
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>		
<b>Puberdade</b>	O texto traz a anatomia masculina, função dos órgãos sexuais e reprodutivos, problemas sexuais masculinos, sexo, reprodução no Homem, desempenho sexual, principais problemas para transar, hábitos de higiene, câncer de próstata, problemas de Fígado, atitudes de risco, vaidade, alimentação, uso de drogas, obesidade, qualidade de vida e saúde mental.	
<b>Diversidade Sexual</b>	[Sem abordagem]	
<b>Prevenção e orientação</b>	Como evitar o HIV, como reconhecer DST, uso da Camisinha, prevenção do uso de drogas, demonstra métodos contraceptivos masculinos e femininos, caracterizando o planejamento familiar como uma responsabilidade do casal e não exclusiva da mulher;	
<b>Cultura</b>	Traz alguns bordões para reflexão, como: “Homem não chora”, Pra Quê Bancar o Machão?, aborda atitudes de risco, como: não reconhecer problemas de saúde física ou mental, violência para provar masculinidade, explana que homens também tem problemas para transar, alerta para a responsabilidade do homem na paternidade, automedicação, estimula o reconhecimento de doenças mentais, como depressão, ansiedade, merece destaque o alerta que a recusa de uma mulher para uma relação deve ser respeitada, necessidade de ensinar limites e cuidados aos homens para não se exporem a situações de risco, ensinar a perder e que vaidade não é exclusividade feminina.	
<b>Cidadania</b>	Aborda o planejamento familiar, a paternidade consciente, responsabilidades legais como a garantia da pensão alimentícia a mulher grávida, participação do homem durante a gravidez, o papel de pai, tipos de violência, abuso sexual de menor de idade, violência sexual, necessidade de limites físicos para ações dos homens, aprender a perder; indica serviços de saúde e centro de referências de saúde do homem e direitos de acesso ao preservativo, a consulta e exames.	
<b>Dimensão Contextual</b>		
<b>Potencialidades</b>	Linguagem simples, acessível, com conteúdo direto e sintetizado e estimula reflexões por meio de enunciado interrogativos.	
<b>Fragilidades</b>	Falta figura que expresse diferentes tipos de relações sexuais, poderia ter mais figuras ou imagens.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 8), é uma cartilha, de 2020, com 25 páginas, estruturada para o público jovem, por uma Organização na área da educação, a universidade Federal do Piauí, com o objetivo de informar sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis. Conforme o *quadro 19*.


Quadro 19: “ME 8”: IST

<p>Figura 15 - Capa da cartilha: Infecções Sexualmente Transmissíveis</p>  <p>Fonte: Site da UFPI</p>	Identificação	
	<b>Título</b>	Infecções Sexualmente Transmissíveis
	<b>Autores</b>	CHAVES, A. F de C. P et al.,
	<b>Instituição</b>	Universidade Federal do Piauí - UFPI
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2020
	<b>Local</b>	Teresina
	<b>Estado</b>	Piauí
	<b>Região</b>	Nordeste
	<b>Nº de Pág.</b>	25
	<b>Online</b>	<a href="https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/prex/publicacoes-da-extensao/Cartilha_Infeccoes_Sexualmente_Transmissiveis_IST_compressed20200610132403.pdf">https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/prex/publicacoes-da-extensao/Cartilha_Infeccoes_Sexualmente_Transmissiveis_IST_compressed20200610132403.pdf</a>
	<b>Público</b>	Jovens
<b>Objetivo</b>	Informar sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis.	
Dimensão organizacional		
<b>Linguagem</b>	Explicativa que ajuda na compreensão do conteúdo; Enunciados com conteúdo mais biológicos;	
<b>Formato</b>	Cartilha com 25 páginas, bem colorida, facilita a leitura, organizado por tipo de IST, com letras que ajudam a compreensão do material e tem um formato que se assemelha a um livro.	
<b>Recursos visuais</b>	Possui 35 ilustrações que complementam o texto e exemplificam o conteúdo abordado.	
Dimensão Conceitual - Sexualidade		
<b>Puberdade</b>	Que são IST'S, HIV/Aids, sífilis, hepatites b e c, HPV, vírus herpes simples (HSV), Tricomoníase, candidíase e gardnerella.	
<b>Diversidade Sexual</b>	[Sem abordagem]	
<b>Prevenção e orientação</b>	Formas de prevenção das IST, vacinação, PrEP e PEP.	
<b>Cultura</b>	É interessante que a masturbação é trazida com naturalidade e como uma prática a ser realizada entre parceiros, sem risco de contaminação pelo HIV, mas, não alerta para o risco de outras IST.	
<b>Cidadania</b>	Aponta o CTA para a realização de exames e a disponibilidade de postos para atendimento gratuito.	
Dimensão Contextual		
<b>Potencialidades</b>	Linguagem acessível e compreensível de modo geral e aborda diversas IST.	
<b>Fragilidades</b>	Falta figura que expresse diferentes tipos de relações sexuais, poderia ter mais figuras ou imagens, material bem tecnicista, focado nas orientações sobre as IST. O texto poderia ser mais resumido e abordados de forma a provocar mais reflexões por meio de interrogações, por exemplo.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 9), é uma cartilha, de 2013, com 27 páginas, estruturada para adolescentes escolares, por uma instituição da área de educação, a escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, com o objetivo de promover a saúde sexual e reprodutiva na adolescência. Conforme o *quadro 20*.


Quadro 20: “ME 9”: Vamos falar sobre sexualidade?

<p>Figura 16 - Capa da cartilha: Vamos falar sobre sexualidade?</p>  <p>Fonte: Site da USP</p>	<b>Identificação</b>	
	<b>Título</b>	Vamos falar sobre sexualidade?
	<b>Autores</b>	HOGA, L. A. K. (Coord.)
	<b>Instituição</b>	Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo - USP
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2013
	<b>Local</b>	São Paulo
	<b>Estado</b>	São Paulo
	<b>Região</b>	Sudeste
	<b>Nº de Pág.</b>	27
<b>Online</b>	<a href="http://www.ee.usp.br/cartilhas/cartilha_sexualidade.pdf">http://www.ee.usp.br/cartilhas/cartilha_sexualidade.pdf</a>	
<b>Público</b>	Adolescentes escolares	
<b>Objetivo</b>	Promover a saúde sexual e reprodutiva na adolescência.	
<b>Dimensão organizacional</b>		
<b>Linguagem</b>	Explicativa, acessível, apropriada ao público, com estímulo para o uso do material.	
<b>Formato</b>	Cartilha bem completa com 27 páginas, convidativa, texto bem distribuído e de fácil compreensão, visualmente bonito, traz uma série de assuntos introdutórios antes de começar a falar sobre as IST.	
<b>Recursos visuais</b>	Contém 45 figuras que exemplificam e complementam o conteúdo textual. Destaque para as figuras de adolescentes brancas e negras, fazendo referência a diversidade sociocultural.	
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>		
<b>Puberdade</b>	Mudanças no corpo de meninas e meninos, menstruação, anatomia feminina e masculina, como se usa absorvente interno, problemas de saúde masculino, como fimose, higiene masculina e feminina, preliminares, orgasmo masculino e feminino, ejaculação precoce, gravidez e aborto;	
<b>Diversidade Sexual</b>	Orientação sexual: heterossexuais e homossexuais;	
<b>Prevenção e orientação</b>	Métodos anticoncepcionais, Prevenção de IST e vacinação;	
<b>Cultura</b>	Aborda a questão de gênero reforçando que homens e mulheres têm direito a uma vida sexual saudável e que existe questões culturais e religiosa que podem interferir na escolha sexual de cada um.	
<b>Cidadania</b>	Reforça a necessidade de apoio do pai durante a gravidez.	
<b>Dimensão Contextual</b>		
<b>Potencialidades</b>	Material bem ilustrado e com linguagem de fácil compreensão.	
<b>Fragilidades</b>	Falta de abordagem da autonomia feminina quanto ao uso de preservativos, não traz locais para buscar atendimento, ou sites para acesso a informações, não menciona o papel do homem durante a gravidez, não foi dialogado sobre o tema de violência sexual e legislações pertinentes. O texto poderia ser mais resumido, provocar mais reflexões e estimular contextualizações sobre diversos aspectos que compreendem a temática, como: papéis de homens e mulheres na sociedade, além de estimular indagações por meio de enunciados interrogativos	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 10), é uma cartilha, de 2011, com 24 páginas, estruturada para jovens, pelo Grupo de trabalho e pesquisa em orientação sexual - GTPOS, com o objetivo de informar os adolescentes sobre os métodos de anticoncepção. Conforme o *quadro 21*.


Quadro 21: “ME 10”: Para ficar numa boa e sem sustos

<p>Figura 17 - Capa da cartilha: Para ficar numa boa e sem sustos.</p>  <p>Fonte: Site da BARONG</p>	Identificação	
	<b>Título</b>	Para ficar numa boa e sem sustos.
	<b>Autores</b>	[s.a.]
	<b>Instituição</b>	Grupo de trabalho e pesquisa em orientação sexual - GTPOS
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2011
	<b>Local</b>	São Paulo
	<b>Estado</b>	São Paulo
	<b>Região</b>	Sudeste
	<b>Nº de Pág.</b>	24
	<b>Online</b>	<a href="http://barong.org.br/publicacoes/cartilha-contracep%C3%A7%C3%A3o-adolescentes_[adolescentes-barong].pdf">http://barong.org.br/publicacoes/cartilha-contracep%C3%A7%C3%A3o-adolescentes_[adolescentes-barong].pdf</a>
<b>Público</b>	Jovens	
<b>Objetivo</b>	Informar os adolescentes sobre os métodos de anticoncepção.	
Dimensão organizacional		
<b>Linguagem</b>	Explicativa, com textos diretos com diálogos que simulam uma conversa por meio de balões e apresentação de duas ilustrações de jovens. A cor da letra com as imagens não facilitou a leitura.	
<b>Formato</b>	Cartilha com 24 páginas, com bastante figuras, com textos curtos apresentados no formato de uma conversa e com bastante interlocuções.	
<b>Recursos visuais</b>	32 ilustrações que reforçam o conteúdo abordado, porém são apresentadas mais como desenhos domésticos.	
Dimensão Conceitual - Sexualidade		
<b>Puberdade</b>	Ciclo menstrual, gravidez e Prevenção das DST.	
<b>Diversidade Sexual</b>	[Sem abordagem]	
<b>Prevenção e orientação</b>	Prevenção de DST: uso do preservativo masculino e feminino, métodos de anticoncepção, diafragma, Dispositivo Intra Uterino (DIU), anticoncepcionais (oral, injetável, adesivo), métodos naturais (tabelinha, temperatura e muco) e método comportamental.	
<b>Cultura</b>	O material aborda o mito associado ao coito interrompido;	
<b>Cidadania</b>	Paternidade responsável e locais para buscar métodos de anticoncepção.	
Dimensão Contextual		
<b>Potencialidades</b>	Textos curtos, contém perguntas que estimula questionamentos e reflexões.	
<b>Fragilidades</b>	Material focado nos métodos de anticoncepção, não abordando temas, como: autonomia feminina no uso de preservativos, o papel do homem durante a gravidez, violência sexual, legislações pertinentes e o texto já inicia falando de preservativo, não tem uma introdução ao tema.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 11), é uma cartilha, de 2013, com 18 páginas, estruturada para adolescentes, pela Rede Nacional da Primeira Infância - RNPI que é uma articulação nacional de organizações da sociedade civil, do governo, do setor privado, de outras redes e de organizações multilaterais que atuam, direta ou indiretamente, pela promoção e garantia dos direitos da Primeira Infância, na colaboração de EISENSTEIN, E et al., com o objetivo de orientar cuidados e direcionamentos relacionados a gravidez na adolescência e cuidados necessários na primeira infância. Conforme o *quadro 22*.

Quadro 22: “ME 11”: Primeira Infância e gravidez na adolescência

<p>Figura 18 - Capa da cartilha: Primeira Infância e gravidez na adolescência.</p>  <p>Fonte: Site Rede Nacional da Primeira Infância</p>	<b>Identificação</b>	
	<b>Título</b>	Primeira Infância e gravidez na adolescência.
	<b>Autores</b>	EISENSTEIN, E et al., (Col.)
	<b>Instituição</b>	Rede Nacional da Primeira Infância - RNPI Secretaria Executiva do Instituto da Infância - IFAN
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2013
	<b>Local</b>	Fortaleza
	<b>Estado</b>	Ceará
	<b>Região</b>	Nordeste
	<b>Nº de Pág.</b>	18
	<b>Online</b>	<a href="http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2015/01/Cartilha-Gravidez-Adol-FINAL-HD.pdf">http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2015/01/Cartilha-Gravidez-Adol-FINAL-HD.pdf</a>
<b>Público</b>	Adolescentes	
<b>Objetivo</b>	Orientar cuidados e direcionamentos relacionados a gravidez na adolescência e cuidados necessários na primeira infância.	
<b>Dimensão organizacional</b>		
<b>Linguagem</b>	Técnica, com conteúdo bem informativo e fundamentado, mas, com texto bem longos com pouco estímulo à reflexão pela falta de questionamentos e da interação.	
<b>Formato</b>	Cartilha com 18 páginas que lembra um livro, contém textos bem escritos, mas, que poderiam ser distribuídos com destaque em balões ou em diagramas e com um formato mais sintetizado.	
<b>Recursos visuais</b>	Contém 12 figuras que se relacionam com assuntos abordados nos materiais, mas acabam tendo pouco destaque em função do excesso de texto.	
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>		
<b>Puberdade</b>	Gravidez na adolescência como problema de saúde pública; Violência sexual e gravidez na adolescência em menores de 15 anos; Importância do atendimento e cuidados diferenciados; Aspectos físicos e emocionais; Parto; Acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil; O que os serviços podem oferecer; Saúde; Educação e Assistência social (proteção).	
<b>Diversidade Sexual</b>	[Sem abordagem]	
<b>Prevenção e orientação</b>	Aborda os impactos da gravidez na adolescência, como: aborto, mortalidade infantil, prematuridade e baixo peso ao nascer e a importância do acompanhamento nutricional durante a gestação das adolescentes;	
<b>Cultura</b>	[Sem abordagem]	
<b>Cidadania</b>	A cartilha aborda violência sexual, estupro, legislações, aponta programas governamentais que podem ser usados como suporte como: Programa Saúde na Escola (PSE), Brasil Carinhoso e Rede Cegonha. Indica materiais como: caderneta de saúde da adolescente e do adolescente e apostila: Mãe e Pai – Casal na adolescência e agora?	
<b>Dimensão Contextual</b>		
<b>Potencialidades</b>	Fala do ciclo de desigualdade social frente a gravidez não planejada, da evasão escolar e da necessidade de acolhimento ao adolescente, considerando a gestação não planejada associada a múltiplos aspectos e não somente ao ato sexual desprotegido. É interessante a consideração entre as diferentes regiões brasileiras para que seja formado um panorama sobre o assunto.	
<b>Fragilidades</b>	Uma cartilha que tem o enfoque a gravidez ainda coloca a mulher como única nas orientações e reponsabilidades gravídicas e maternas, sem destaque ao papel do homem durante a gravidez. Considerando ser um material desenvolvido para adolescentes, tem uma linguagem muito técnica que não facilita o aprendizado e se assemelha mais a um livro do que uma cartilha em função do excesso de texto. Existe um amplo destaque das problemáticas associadas a gravidez na adolescência, mas, não mencionam pontos favoráveis associados a maternidade.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 12), é uma cartilha, de 2013, com 20 páginas, estruturada por uma organização não governamental que desenvolve ações para promover a educação e a saúde sexual e reprodutiva entre a população em geral, que foi estruturada com o objetivo de orientar homens sobre o uso de preservativos, locais de atendimento e prevenção das IST. Conforme o *quadro* 23.

Quadro 23: “ME 12”: Cuidando deles: A saúde do homem


<p>Figura 19 - Capa da cartilha: Cuidando deles: A saúde do homem</p>  <p>Fonte: Site da BARONG</p>	Identificação	
	<b>Título</b>	Cuidando deles: A saúde do homem
	<b>Autores</b>	[s.a]
	<b>Instituição</b>	BARONG - ONG
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2015
	<b>Local</b>	São Paulo
	<b>Estado</b>	São Paulo
	<b>Região</b>	Sudeste
	<b>Nº de Pág.</b>	20
<b>Online</b>	<a href="http://barong.org.br/wp-content/uploads/2020/04/CARTILHA-HOMEM.pdf">http://barong.org.br/wp-content/uploads/2020/04/CARTILHA-HOMEM.pdf</a>	
<b>Público</b>	Homens	
<b>Objetivo</b>	Orientar homens sobre o uso de preservativos, locais de atendimento e prevenção das IST.	
Dimensão organizacional		
<b>Linguagem</b>	Linguagem explicativa, com escrita bem acessível, com enunciados bem diretos e sintetizados.	
<b>Formato</b>	Cartilha com 20 páginas, com textos curtos e bem distribuídos.	
<b>Recursos visuais</b>	Ilustrações simples, mas que complementam o texto.	
Dimensão Conceitual - Sexualidade		
<b>Puberdade</b>	Anatomia masculina, locais de atendimento para cuidados de saúde, métodos de prevenção de IST, tipos de relações sexuais, cuidado da próstata, Profilaxia Pós Exposição (PEP), uso de drogas e hábitos saudáveis. É abordado funções de órgãos masculino, o uso do preservativo masculino, quais os cuidados frente as IST,	
<b>Diversidade Sexual</b>	Aborda os diferentes tipos de relações sexuais como anal, oral.	
<b>Prevenção e orientação</b>	Orienta quanto ao acesso gratuito ao preservativo nos serviços de saúde e a importância do uso do preservativo para a prevenção de IST e gravidez indesejada. Aborda as vacinas para prevenção do HPV e Hepatite B, a possibilidade de uso de profilaxia pós exposição (PEP), a disponibilidade de exames para hepatite, sífilis e HIV e o reconhecimento de dependência química	
<b>Cultura</b>	Os métodos de barreira abordam a prevenção das IST, mas, não abordam a prevenção da gravidez, reforçando questões culturais que atrelam a responsabilidade da prevenção da gravidez a mulher.	
<b>Cidadania</b>	Identifica serviços de referência como Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Posto de Atendimento ao Trabalhador PATE, postos de saúde e o disque saúde pelo 136.	
Dimensão Contextual		
<b>Potencialidades</b>	Atende a finalidade de orientar homens sobre conteúdos diversos que atingem a saúde masculina.	
<b>Fragilidades</b>	Não é abordado temas correlatos importantes, como: a paternidade consciente, as vacinas para prevenção das IST e violência sexual.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.



O (ME 13), é uma cartilha de 2007, com 15 páginas, estruturada por uma organização não governamental, a República de Emaús, que atua na garantia dos direitos de crianças e adolescentes e estruturou a cartilha para o público de adolescentes com o objetivo de informar meninas adolescentes sobre cidadania e direitos sexuais, é a única cartilha da região Norte do Brasil. Conforme o *quadro 24*.

Quadro 24: “ME 13”: Menina Esperta sabe seus direitos


<p>Figura 20 - Capa da cartilha: Menina esperta sabe seus direitos</p>  <p>Fonte: Site do Movimento de Emaús</p>	<b>Identificação</b>	
	<b>Título</b>	Menina Esperta sabe seus direitos
	<b>Autores</b>	[s.a]
	<b>Instituição</b>	Movimento República de Emaús
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2007
	<b>Local</b>	Belém
	<b>Estado</b>	Pará
	<b>Região</b>	Norte
	<b>Nº de Pág.</b>	15
	<b>Online</b>	<a href="http://www.movimentodeemaus.org/data/material/cartilha-menina-esperta-pdf.pdf">http://www.movimentodeemaus.org/data/material/cartilha-menina-esperta-pdf.pdf</a>
<b>Público</b>	Adolescentes	
<b>Objetivo</b>	Informar meninas adolescentes sobre cidadania e direitos sexuais.	
<b>Dimensão organizacional</b>		
<b>Linguagem</b>	Explicativa, com enunciados interrogativos que simulam uma conversa e aproximam do leitor.	
<b>Formato</b>	Cartilha com 15 páginas, textos curtos e serve também como se fosse um caderno de anotações. As letras possuem um bom tamanho para leitura e o formato de distribuição do texto são de destaque para as informações.	
<b>Recursos visuais</b>	Contém 8 desenhos que destacam o público do material com ilustrações de adolescentes com características diferentes, como jovem branca e jovem parda.	
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>		
<b>Puberdade</b>	Sexualidade sem riscos de IST;	
<b>Diversidade Sexual</b>	Orientação sexual;	
<b>Prevenção e orientação</b>	Aborda a prevenção da violência sexual e abuso.	
<b>Cultura</b>	[Sem abordagem]	
<b>Cidadania</b>	Direito à cidadania e a liberdade e direito sexuais; cita diversas instituições de apoio a mulheres como: Movimento de Promoção da Mulher – MOPROM, Grupo de Mulheres do Brasil (GMB), Movimento de Mulheres do Campos e da Cidade (MMCC), Fundação papa João XXIII (FUNPAPA), Centro de Defesa de Crianças e do Adolescente (CEDECA) entre outras.	
<b>Dimensão Contextual</b>		
<b>Potencialidades</b>	Linguagem fácil, acessível e material com informações bem resumida;	
<b>Fragilidades</b>	Em algumas partes, o contraste visual entre letras e a cor do fundo não facilita a leitura.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 14), é uma cartilha, de 2018, com 38 páginas, estruturada pelo Grupo de Trabalho Psicologia, Sexualidades e Identidades de Gênero (GTPSIG) do Conselho Regional de Psicologia (CRP) da Bahia, de autoria de Alves et al., para o público de Psicólogas/os,

estudantes e a sociedade, com o objetivo de garantir bases de formação e informação para a categoria profissional de psicólogas/os, estudantes e a sociedade. Conforme o *quadro 25*.


Quadro 25: “ME 14”: Psicologia, Sexualidades e Identidade de Gênero

<p>Figura 21 - Capa da cartilha: Psicologia, Sexualidades e Identidade de Gênero: Guia de referências técnicas e teóricas</p>  <p>Fonte: Site do Conselho Regional de Psicologia</p>	<b>Identificação</b>	
	<b>Título</b>	Psicologia, Sexualidades e Identidade de Gênero: Guia de referências técnicas e teóricas
	<b>Autores</b>	ALVES, A. A; AZEVEDO, B. G; SILVA, D. S; et al.,
	<b>Instituição</b>	Grupo de Trabalho Psicologia, Sexualidades e Identidades de Gênero (GTPSIG) do Conselho Regional de Psicologia (CRP) 3ª Região – Bahia.
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2018
	<b>Local</b>	Salvador
	<b>Estado</b>	Bahia
	<b>Região</b>	Nordeste
	<b>Nº de Pág.</b>	38
	<b>Online</b>	<a href="https://www.crp03.org.br/wp-content/uploads/2019/01/CRP03-Cartilha-Psicologia-Sexualidades-e-Identidades-de-G%C3%AAnero-1.pdf">https://www.crp03.org.br/wp-content/uploads/2019/01/CRP03-Cartilha-Psicologia-Sexualidades-e-Identidades-de-G%C3%AAnero-1.pdf</a>
	<b>Público</b>	Psicólogas/os, estudantes e sociedade.
<b>Objetivo</b>	Garantir bases de formação e informação para a categoria profissional de psicólogas/os, estudantes e sociedade.	
<b>Dimensão organizacional</b>		
<b>Linguagem</b>	Técnica, com textos organizados em parágrafos como em um livro, como poucos diagramas ou destaques.	
<b>Formato</b>	Assemelha-se a um livro com o texto disposto em parágrafos, com poucas figuras e pouco estimula a leitura.	
<b>Recursos visuais</b>	Contém uma ilustração na capa e outra na contracapa ao longo das páginas aparecem apenas detalhes de ilustrações. As figuras não ajudam reforçar conteúdo porque como são apenas detalhes nas laterais das páginas, não tem destaque frente a quantidade de conteúdo.	
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>		
<b>Puberdade</b>	Conceitua sexualidade, aborda a autonomia das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneras, travestis, transexuais para a expressão da sexualidade e traz um glossário de termos correlatos à sexualidade.	
<b>Diversidade Sexual</b>	Identidade de gênero e defende a vivência da sexualidade.	
<b>Prevenção e orientação</b>	Orienta contra a violência a LGBT a homofobia.	
<b>Cultura</b>	[Sem abordagem]	
<b>Cidadania</b>	Aborda homofobia, indicação de legislações, livros, documentários, filmes, canais no you tube e sites.	
<b>Dimensão Contextual</b>		
<b>Potencialidades</b>	Traz excelente indicações de livros, sites, mídias sociais, vídeo, documentário	
<b>Fragilidades</b>	Apesar de ser identificada com uma cartilha, assemelha-se mais a um livro por conta da linguagem mais técnica e pouco explicativa. E ainda que entre o público também esteja indicado a sociedade em geral, é um material mais fácil de ser usado por profissionais da área.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 15), é uma cartilha, de 2015, com 32 páginas, estruturada por uma ONG – BARONG que visa promover a educação e a saúde sexual e reprodutiva entre a população em geral, estruturada para garotas, com o objetivo de orientar as adolescentes sobre a saúde da mulher, em especial quanto a sexualidade e a sociedade. Conforme o *quadro 26*.


Quadro 26: “ME 15”: E aí garota?

<p>Figura 22 - Capa da cartilha: E aí garota?</p>  <p>Fonte: Site BARONG</p>	Identificação	
	<b>Título</b>	E aí garota?
	<b>Autores</b>	[s.a]
	<b>Instituição</b>	BARONG
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2015
	<b>Local</b>	São Paulo
	<b>Estado</b>	São Paulo
	<b>Região</b>	Sudeste
	<b>Nº de Pág.</b>	32
	<b>Online</b>	<a href="http://barong.org.br/wp-content/uploads/2020/04/e-ai-garota.pdf">http://barong.org.br/wp-content/uploads/2020/04/e-ai-garota.pdf</a>
<b>Público</b>	Mulheres	
<b>Objetivo</b>	Orientar adolescentes sobre a saúde da mulher, em especial quanto a sexualidade e sociedade.	
Dimensão organizacional		
<b>Linguagem</b>	Explicativa, acessível, com enunciados diretos e interrogativos que estimulam a interação e a questionamentos sobre o tema.	
<b>Formato</b>	Texto bem distribuído entre as páginas, permitindo que as letras não fiquem reduzidas para leitura e destaca várias informações, material visualmente convidativo.	
<b>Recursos visuais</b>	Contém 41 ilustrações que se incorporam ao texto e reforçam o conteúdo, as imagens não causam constrangimento e ainda expressam a diversidade cultural ao representar jovens brancas, negras e pardas na capa.	
Dimensão Conceitual - Sexualidade		
<b>Puberdade</b>	Conceitua a sexualidade, aborda desejo, prazer, múltiplas funções da mulher, fala de qualidade de vida, hormônios, sono, alimentação, ciclo menstrual, órgãos sexuais consumo de bebidas e drogas e como identificar as IST.	
<b>Diversidade Sexual</b>	[Sem abordagem]	
<b>Prevenção e orientação</b>	Métodos anticoncepcionais, prevenção das IST, testes rápidos, Profilaxia Pós Exposição (PEP), Profilaxia Pré-Exposição (PrEP), cuidados das mamas, Prevenção de violência sexual, exame Preventivo do Câncer de Colo do Útero (PCCU) e Vacinas.	
<b>Cultura</b>	Traz exemplo de frases que são usadas para descaracterizar sentimentos naturais da sexualidade, como “Desejo é algo feio”; aborda ideias equivocadas quanto ao uso de métodos contraceptivos, como a “métodos contraceptivos são abortivos”.	
<b>Cidadania</b>	Aponta locais de atendimento; orienta quanto a situações de atendimento	
Dimensão Contextual		
<b>Potencialidades</b>	Cartilha com textos curtos, linguagem simples, direta, com bom conteúdo e capacidade de informação.	
<b>Fragilidades</b>	Pouco destaque para a autonomia da mulher quanto ao uso dos métodos de anticoncepção, aborda o tema da prevenção da gravidez como uma responsabilidade feminina.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 16), é um folder, de 2017, estruturado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura- UNESCO, em parceria com o Ministério da saúde que visa orientar as pessoas que vivem com HIV e a população em geral, sobre as formas de prevenção combinada para o HIV. Conforme o *quadro 27*.


Quadro 27: “ME 16”: Prevenção Combinada

<p>Figura 23 - Capa do Folder: Prevenção combinada</p>  <p>Fonte: Site do MS</p>	<b>Identificação</b>	
	<b>Título</b>	Prevenção combinada
	<b>Autores</b>	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura- UNESCO
	<b>Instituição</b>	Ministério da saúde
	<b>Tipo</b>	Folder
	<b>Ano</b>	2017
	<b>Local</b>	Brasília
	<b>Estado</b>	Distrito Federal
	<b>Região</b>	Centro-Oeste
	<b>Nº de Pág.</b>	2
	<b>Online</b>	<a href="http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/folder-essencial-sobre-prevencao-combinada">http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/folder-essencial-sobre-prevencao-combinada</a>
<b>Público</b>	Jovens	
<b>Objetivo</b>	Orientar as pessoas que vivem com HIV e a população em geral as formas de prevenção combinada para o HIV.	
<b>Dimensão organizacional</b>		
<b>Linguagem</b>	Escrito de forma técnica e apesar de estar classificado com um material para uso da população em geral a linguagem utilizada não facilita o entendimento das informações. Os enunciados do material reforçam a ideia da autonomia para escolha, abordando que apesar de existir uma variedade de formas de prevenção deve prevalecer o respeito pelo que for decidido pelo indivíduo.	
<b>Formato</b>	Folder com informações em formato de texto, organizado em parágrafos, com fundo colorido, com destaque aos títulos nos tópicos, traz uma imagem de um diagrama.	
<b>Recursos visuais</b>	Traz uma única imagem de um diagrama e possui um fundo com palavras que se relacionam com o tema para destacar a importância destas e com uma cor mais clara.	
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>		
<b>Puberdade</b>	O folder aborda: Prevenção combinada, métodos de prevenção as IST, ao uso de drogas, populações chaves, populações prioritárias, tratamento dos portadores de HIV, tratamento de outras IST e redução de danos.	
<b>Diversidade Sexual</b>	O material fala dos tipos de relações sexuais;	
<b>Prevenção e orientação</b>	Orienta sobre: prevenção ao uso de drogas, métodos de prevenção as IST, testagem, PrEP, PEP, prevenção de transmissão vertical do HIV, Sífilis e Hepatites.	
<b>Cultura</b>	Gera indagações sobre o preconceito com os homossexuais nos serviços de saúde por conta de uso de drogas, de silicone industrial, entre outros.	
<b>Cidadania</b>	Indica o disque saúde: 136.	
<b>Dimensão Contextual</b>		
<b>Potencialidades</b>	O material aborda a possibilidade de preconceito por homossexuais nos serviços de saúde e necessidade de acolhimento independentemente de qualquer característica.	
<b>Fragilidades</b>	Poderia conter figuras para exemplificar os assuntos abordados e a linguagem ser mais simples.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 17), é um folder, estruturado para o público jovem, pela Secretaria de Saúde de Pernambuco, que aborda como tema principal as Infecções Sexualmente. Conforme o *quadro* 28.


Quadro 28: “ME 17”: IST

<p><b>Figura 24 - Capa do Folder:</b> Em Pernambuco, a cada 6 horas 1 pessoa se infecta com HIV. Não precisa ser você.</p>  <p>Fonte: Site da Secretaria de Saúde de Pernambuco</p>	<b>Identificação</b>	
	<b>Título</b>	IST - Infecções Sexualmente Transmissíveis - dicas importantes
	<b>Autores</b>	[s.a]
	<b>Instituição</b>	Secretaria de Saúde de Pernambuco
	<b>Tipo</b>	Folder
	<b>Ano</b>	[s.a]
	<b>Local</b>	Recife
	<b>Estado</b>	Pernambuco
	<b>Região</b>	Nordeste
	<b>Nº de Pág.</b>	2
	<b>Objetivo</b>	Orientar jovens e adolescentes sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis.
<b>Dimensão organizacional</b>		
<b>Linguagem</b>	Linguagem explicativa, acessível, com enunciados que reforçam uma ideia da prevenção associada ao medo ao pavor.	
<b>Formato</b>	Folder organizado com texto em parágrafos, com alguns enunciados em destaque como na parte da capa que tem um título bem chamativo com a frase: “Em Pernambuco, a cada 6h uma pessoa se infecta com HIV, não precisa ser você”. A sensação ao olhar o material é que tem muita informação e figura em pouco espaço, se torna cansativo, pouco atrativo, por que as letras acabaram ficando pequenas e com textos muito amontoados.	
<b>Recursos visuais</b>	Possui 18 figuras, entre elas algumas imagens de órgãos sexuais com feridas, secreção e verrugas. Estas imagens, causam um pouco de desconforto ou medo ao olhar o folder, levando mais a um impacto do que uma reflexão sobre o assunto.	
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>		
<b>Puberdade</b>	IST, fimose, cuidados de higiene, pré-natal, automedicação, acompanhamento ginecológico, diagnóstico precoce, tratamento precoce, redução de danos e Higiene, uso de preservativos, situações de vulnerabilidades e cuidados de saúde.	
<b>Diversidade Sexual</b>	Tipos de relações sexuais;	
<b>Prevenção e orientação</b>	Vacinas, PCCU, como usar a camisinha masculina e feminina, PEP, prevenção ao preconceito.	
<b>Cultura</b>	“Métodos de barreira evitam a gravidez e não as IST”, Discriminação e preconceito, frente aos portadores de HIV “Precisamos nos proteger do vírus, e não das pessoas”.	
<b>Cidadania</b>	Centros de Testagem e aconselhamento em AIDS (CTA).	
<b>Dimensão Contextual</b>		
<b>Potencialidades</b>	Indica locais para buscar atendimento no estado e aborda uma diversidade de temas correlatos.	
<b>Fragilidades</b>	Sobrecarga de texto, parágrafos escrito inteiro com letra maiúscula e falta referências, indicando autores e fonte das informações.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 18) é um folder de 2015, estruturado para o público jovem pela Secretaria de Saúde de Santa Catarina, por meio da Vigilância Epidemiológica, com o objetivo de orientar jovens e adolescentes sobre questões que envolvem a sexualidade, como a puberdade, prevenção de IST e gravidez. Conforme o quadro 29.


Quadro 29: “ME 18”: Sexualidade na adolescência

<p>Figura 25 - Capa do Folder: Sexualidade na adolescência.</p>  <p>Fonte: Site da Secretaria de Saúde Santa Catarina</p>	<b>Identificação</b>	
	<b>Título</b>	Sexualidade na adolescência
	<b>Autores</b>	Vigilância Epidemiológica
	<b>Instituição</b>	Secretaria de Saúde de Santa Catarina
	<b>Tipo</b>	Folder
	<b>Ano</b>	2015
	<b>Local</b>	Florianópolis
	<b>Estado</b>	Santa Catarina
	<b>Região</b>	Sul
	<b>Nº de Pág.</b>	2
	<b>Online</b>	<a href="http://www.dive.sc.gov.br/conteudos/dst_aids/campanhas/folder-sexualidade-e-adolescencia.pdf">http://www.dive.sc.gov.br/conteudos/dst_aids/campanhas/folder-sexualidade-e-adolescencia.pdf</a>
	<b>Público</b>	Jovens
	<b>Objetivo</b>	Orientar jovens e adolescentes sobre questões que envolvem a sexualidade, como a puberdade, prevenção de DST e gravidez.
<b>Dimensão organizacional</b>		
<b>Linguagem</b>	Linguagem explicativa, acessível ao público e com enunciados diretos que estimulam questionamentos por conta do uso de interrogação.	
<b>Formato</b>	Folder institucional bem didático, com textos curtos, uma boa apresentação visual que facilita a leitura com letras em tamanho adequado e boa distribuição textual.	
<b>Recursos visuais</b>	Possui 9 figuras que complementam e exemplificam o conteúdo abordado.	
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>		
<b>Puberdade</b>	Mudanças corporais, o que é a adolescência, IST, métodos de prevenção das DST e gravidez.	
<b>Diversidade Sexual</b>	Tipos de relações sexuais: anal e oral.	
<b>Prevenção e orientação</b>	Prevenção de gravidez indesejada, testes rápidos, preservativo masculino e feminino.	
<b>Cultura</b>	Temas como masturbação e desejo são mencionados de forma natural dentro do campo da sexualidade e o autor explora o aspecto que a primeira relação sexual também pode engravidar e desmistifica que “O uso do preservativo tira o prazer durante a relação sexual”.	
<b>Cidadania</b>	[Sem abordagem]	
<b>Dimensão Contextual</b>		
<b>Potencialidades</b>	Conteúdo abordado de forma bem direta, autoexplicativa e prática e ajuda na formação e questionamentos por conta dos enunciados em formato de perguntas.	
<b>Fragilidades</b>	A temática do material, é sexualidade, porém alguns tópicos importantes não foram abordados, como: mudanças corporais, violência sexual, questões de gênero, legislações, autonomia feminina, paternidade responsável, prazer e diversidade sexual. O conteúdo não é contextualizado a fim de fazer com que o leitor reflita sobre o tema.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 19), é um folheto, de 2014, estruturado para o público em geral pelo Ministério da saúde em parceria com o Ministério do Exército, com o objetivo de orientar os jovens sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis. Conforme o quadro 30.


Quadro 30: “ME 19”: DST/AIDS na mira

<p>Figura 26 - Capa da cartilha: DST/AIDS na mira</p>  <p>Fonte: Site BVS -MS</p>	<b>Identificação</b>	
	<b>Título</b>	DST/AIDS na mira
	<b>Autores</b>	Ministério do Exército
	<b>Instituição</b>	Ministério da Saúde
	<b>Tipo</b>	Folheto Informativo
	<b>Ano</b>	2014
	<b>Local</b>	São Paulo
	<b>Estado</b>	São Paulo
	<b>Região</b>	Sudeste
	<b>Nº de Pág.</b>	8
	<b>Online</b>	<a href="http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/164manual_dst_ids_mira.pdf">http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/164manual_dst_ids_mira.pdf</a>
	<b>Público</b>	População em geral
<b>Objetivo</b>	Orientar os jovens sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis.	
<b>Dimensão organizacional</b>		
<b>Linguagem</b>	Linguagem explicativa, acessível ao público, mas, com enunciados reforçando os riscos de contágio de uma IST, sem contextualização e interlocuções.	
<b>Formato</b>	Manual com 8 páginas, com formato que se assemelha a página de um livro, com textos mal distribuídos, gerando um aglomerado de informações, visualmente cansativo pelo embaraço de figuras e textos e com uma escrita carregada por ter vários trechos em caixa alta.	
<b>Recursos visuais</b>	Contém aproximadamente 43 figuras, algumas destas causam um pouco de desconforto por apresentarem órgãos sexuais com feridas, bolhas, corrimento e verrugas, causando mais impacto de medo do que reflexão.	
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>		
<b>Puberdade</b>	O que são as DST; O que é a AIDS e o que causa, como ataca o organismo, por que causa tanto dano, assim pega, assim não pega; desinfecção de seringas; DST que causam feridas, verrugas e corrimentos; o que fazer em caso de suspeita de DST, complicações, orientações sobre várias DST, como: Sífilis, herpes genital, uretrites, gonorreia, candidíase, Tricomoníase, condiloma acuminado e diferencia sinais na mulher e no homem.	
<b>Diversidade Sexual</b>	Tipos de relação sexual: anal, oral;	
<b>Prevenção e orientação</b>	Uso do preservativo e testes	
<b>Cultura</b>	O material aborda o hábito de compartilhamento de seringas entre usuários de drogas e orienta sobre a desinfecção de seringas.	
<b>Cidadania</b>	Endereços e telefones de CTA nos Brasil por estados e disque saúde.	
<b>Dimensão Contextual</b>		
<b>Potencialidades</b>	Aponta os endereços dos CTA.	
<b>Fragilidades</b>	Parte do texto escrito com letras maiúsculas, pouca abordagem das questões de sexualidade, focado na temática das IST, uma aparência cansativa, não desperta o interesse para leitura e as IST sendo caracterizadas ainda como DST.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 20), é uma cartilha, de 2014, estruturado pelo Grupo de incentivo à vida, com apoio do Ministério da Saúde, com o objetivo de orientar adolescentes que vivem com Aids sobre Sexualidade. Conforme o quadro 31.

Quadro 31: “ME 20”: Adolescentes, Aids e Sexualidade


<p>Figura 27 - Capa da cartilha: Adolescentes, Aids e Sexualidade. Um bicho de sete cabeças?</p>  <p>Fonte: Site BVS -MS</p>	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Identificação</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td><b>Título</b></td> <td>Adolescentes, Aids e Sexualidade. Um bicho de sete cabeças?</td> </tr> <tr> <td><b>Autores</b></td> <td>Grupo de incentivo à vida</td> </tr> <tr> <td><b>Instituição</b></td> <td>MS</td> </tr> <tr> <td><b>Tipo</b></td> <td>Cartilha</td> </tr> <tr> <td><b>Ano</b></td> <td>[s.d]</td> </tr> <tr> <td><b>Local</b></td> <td>São Paulo</td> </tr> <tr> <td><b>Estado</b></td> <td>São Paulo</td> </tr> <tr> <td><b>Região</b></td> <td>Sudeste</td> </tr> <tr> <td><b>Nº de Pág.</b></td> <td>12</td> </tr> <tr> <td><b>Online</b></td> <td><a href="http://www.giv.org.br/Publica%C3%A7%C3%B5es/Adolescentes-Aids-e-Sexualidade-Um-Bicho-de-7-Cabe%C3%A7as.pdf">http://www.giv.org.br/Publica%C3%A7%C3%B5es/Adolescentes-Aids-e-Sexualidade-Um-Bicho-de-7-Cabe%C3%A7as.pdf</a></td> </tr> <tr> <td><b>Público</b></td> <td>Adolescentes</td> </tr> <tr> <td><b>Objetivo</b></td> <td>Orientar adolescentes que vivem com Aids sobre Sexualidade.</td> </tr> </tbody> </table>	Identificação		<b>Título</b>	Adolescentes, Aids e Sexualidade. Um bicho de sete cabeças?	<b>Autores</b>	Grupo de incentivo à vida	<b>Instituição</b>	MS	<b>Tipo</b>	Cartilha	<b>Ano</b>	[s.d]	<b>Local</b>	São Paulo	<b>Estado</b>	São Paulo	<b>Região</b>	Sudeste	<b>Nº de Pág.</b>	12	<b>Online</b>	<a href="http://www.giv.org.br/Publica%C3%A7%C3%B5es/Adolescentes-Aids-e-Sexualidade-Um-Bicho-de-7-Cabe%C3%A7as.pdf">http://www.giv.org.br/Publica%C3%A7%C3%B5es/Adolescentes-Aids-e-Sexualidade-Um-Bicho-de-7-Cabe%C3%A7as.pdf</a>	<b>Público</b>	Adolescentes	<b>Objetivo</b>	Orientar adolescentes que vivem com Aids sobre Sexualidade.
Identificação																											
<b>Título</b>	Adolescentes, Aids e Sexualidade. Um bicho de sete cabeças?																										
<b>Autores</b>	Grupo de incentivo à vida																										
<b>Instituição</b>	MS																										
<b>Tipo</b>	Cartilha																										
<b>Ano</b>	[s.d]																										
<b>Local</b>	São Paulo																										
<b>Estado</b>	São Paulo																										
<b>Região</b>	Sudeste																										
<b>Nº de Pág.</b>	12																										
<b>Online</b>	<a href="http://www.giv.org.br/Publica%C3%A7%C3%B5es/Adolescentes-Aids-e-Sexualidade-Um-Bicho-de-7-Cabe%C3%A7as.pdf">http://www.giv.org.br/Publica%C3%A7%C3%B5es/Adolescentes-Aids-e-Sexualidade-Um-Bicho-de-7-Cabe%C3%A7as.pdf</a>																										
<b>Público</b>	Adolescentes																										
<b>Objetivo</b>	Orientar adolescentes que vivem com Aids sobre Sexualidade.																										
<b>Dimensão organizacional</b>																											
<b>Linguagem</b>	Linguagem explicativa, com enunciados que promovem reflexões por que as frases são estruturadas como perguntas e como conversa, se tornando bem apropriado ao público.																										
<b>Formato</b>	Cartilha com texto distribuídos próximo as figuras de forma contínua e com letras pequenas que não facilitam a leitura.																										
<b>Recursos visuais</b>	13 ilustrações que usam várias cores e deixam o material com bastante destaques visual, entretanto, a maioria não se correlaciona com o texto e não complementa o conteúdo e como algumas ilustrações são bem fortes em vários momentos atrapalham a leitura.																										
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>																											
<b>Puberdade</b>	A sexualidade sendo abordada como algo prazeroso e com direito de escolhas, como ter ou não filhos; vida sexual da pessoa com Aids; maternidade e Aids, adoecimento e autonomia.																										
<b>Diversidade Sexual</b>	[Sem abordagem]																										
<b>Prevenção e orientação</b>	Uso do preservativo;																										
<b>Cultura</b>	A cartilha destaca a questão que algumas pessoas acreditarem que a "AIDS é coisa do outro, que nunca vai chegar perto delas"; preconceito com as pessoas com HIV; morte e rejeição,																										
<b>Cidadania</b>	Acesso ao preservativo; acesso aos serviços de saúde; direito sexual e reprodutivo.																										
<b>Dimensão Contextual</b>																											
<b>Potencialidades</b>	A sexualidade sendo abordada como algo prazeroso e com direito de escolhas;																										
<b>Fragilidades</b>	Apesar do material ter bastante figuras, as cores de contraste do fundo com as letras do texto, em algumas páginas dificultam a leitura e a visibilidade e vários trechos ainda possuem muito texto, o que deixa o material um pouco poluído visualmente. Alguns temas importantes relacionado a sexualidade não foram abordados, como: violência sexual e relações sexuais homossexuais.																										

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 21), é uma cartilha, de 2014, estruturado pelo Governo do Estado de SP, Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania e Coordenação de Políticas para a diversidade sexual, com o objetivo de promover os Direitos Humanos e fortalecer a cidadania da população LGBT, desfazendo mitos e crenças. Conforme o *quadro 32*



Quadro 32: “ME 21”: Diversidade sexual e a cidadania LGBT

<p>Figura 28 - Capa da cartilha: Diversidade sexual e a cidadania LGBT de sete cabeças?</p>  <p>Fonte: Governo do Estado de SP</p>	<b>Identificação</b>	
	<b>Título</b>	Diversidade sexual e a cidadania LGBT
	<b>Autores</b>	Barros, A. F. (org.)
	<b>Instituição</b>	Governo do Estado de SP. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania. Coordenação de Políticas para a diversidade sexual.
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2014
	<b>Local</b>	São Paulo
	<b>Estado</b>	São Paulo
	<b>Região</b>	Sudeste
	<b>Nº de Pág.</b>	45
	<b>Online</b>	<a href="http://www.recursoshumanos.sp.gov.br/lgbt/cartilha_diversidade.pdf">http://www.recursoshumanos.sp.gov.br/lgbt/cartilha_diversidade.pdf</a>
<b>Público</b>	Jovens	
<b>Objetivo</b>	Promover os Direitos Humanos e fortalecer a cidadania da população LGBT, desfazendo mitos e crenças.	
<b>Dimensão organizacional</b>		
<b>Linguagem</b>	Explicativa, apropriada ao público e com enunciados que ajudam a refletir através de uma comunicação simples, direta e em tom de diálogo.	
<b>Formato</b>	Organizada em parágrafos, intercalados com poucas figuras. O tamanho da letra e o contraste de fundo ajudam a leitura, mas, poderia conter mais diagramas para sintetizar a informação.	
<b>Recursos visuais</b>	4 figuras que ajudam a evidenciar e complementar o conteúdo abordado.	
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>		
<b>Puberdade</b>	Conceito de diversidade sexual, de homofobia, de identidade de gênero, união estável, de discriminação, entre outros.	
<b>Diversidade Sexual</b>	Sexo biológico, orientação sexual, gênero, identidade de gênero, homofobia e transfobia.	
<b>Prevenção e orientação</b>	Quanto a preconceito e discriminação.	
<b>Cultura</b>	Aponta as necessidades da população de LGBT, desfazendo mitos e crenças sobre diversidade sexual.	
<b>Cidadania</b>	Direitos, principais marcos legais, legislações e endereços de serviços.	
<b>Dimensão Contextual</b>		
<b>Potencialidades</b>	Linguagem acessível e autoexplicativa, conteúdo bem rico e produz interações por meio de interlocuções interrogativas.	
<b>Fragilidades</b>	Excesso de texto e pouca contextualização.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 22), é uma cartilha de 2013, de autoria de Sodelli, F., estruturado pela Federação das APAES do Estado de São Paulo - FEAPAES, com o objetivo de orientar sobre as etapas do desenvolvimento do ser humano, enfatizando a necessidade de oferecer orientação e diálogo, nas diferentes fases da vida das pessoas em geral e das pessoas com deficiência intelectual. Conforme o *quadro 33*.


Quadro 33: “ME 22”: Sexualidade e deficiência Intelectual

<p>Figura 29 - Capa da cartilha: Sexualidade e deficiência Intelectual</p>  <p>Fonte: FEAPAES - SP</p>	<b>Identificação</b>	
	<b>Título</b>	Sexualidade e deficiência Intelectual
	<b>Autores</b>	Fernanda Sodelli
	<b>Instituição</b>	Federação das APAES do Estado de São Paulo - FEAPAES
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2013
	<b>Local</b>	São Paulo
	<b>Estado</b>	São Paulo
	<b>Região</b>	Sudeste
	<b>Nº de Pág.</b>	82
<b>Online</b>	<a href="http://feapaesp.org.br/material_download/321_Cartilha%20-%20Sexualidade.pdf">http://feapaesp.org.br/material_download/321_Cartilha%20-%20Sexualidade.pdf</a>	
<b>Público</b>	Pessoas com deficiência e a população em geral	
<b>Objetivo</b>	Orientar sobre as etapas do desenvolvimento do ser humano, enfatizando a necessidade de oferecer orientação e diálogo, nas diferentes fases da vida da pessoa com deficiência intelectual.	
<b>Dimensão organizacional</b>		
<b>Linguagem</b>	Explicativa, acessível ao público que se destina, direta, com enunciados que simula uma conversa por meio de perguntas e interlocuções e facilita a compreensão do tema com diálogos simples.	
<b>Formato</b>	Material organizado intercalando texto e figuras, com letras em um bom tamanho para leitura e um fundo com bom contraste com a cor da letra.	
<b>Recursos visuais</b>	Os 27 desenhos lembram ilustrações feita com lápis de cor e provocam uma sensação de familiaridade e ajudam a complementar o assunto abordado.	
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>		
<b>Puberdade</b>	Conceitua Sexualidade, Sexo; aborda o desenvolvimento da sexualidade; sexualidade e pessoas com deficiência; mudanças corporais; importância dos relacionamentos, da autonomia, independência, autoestima, desejo; masturbação e mitos.	
<b>Diversidade Sexual</b>	Relação sexual oral, anal e relações homossexuais. O material aborda que as pessoas são diferentes, como as pessoas que tem alguma deficiência.	
<b>Prevenção e orientação</b>	Orienta a necessidade de respeitar as diferenças, mas igualar valores e mostrar que tanto meninas quanto meninos podem e devem ter autonomia e valor. Desmitifica a ideia de que a sexualidade é um problema; aborda a necessidade de reconhecer possíveis abusos e a importância do diálogo.	
<b>Cultura</b>	Aborda a diferença estabelecida na criação entre homens e mulheres: “Temos a tendência de colocar mais limites nas meninas e estimular os meninos e deixá-los fazer o que tem vontade”. Importância dos grupos sociais no desenvolvimento da sexualidade; reforça a ideia que pessoas com deficiência também possuem o desenvolvimento da sexualidade.	
<b>Cidadania</b>	Orienta na importância de respeitar o espaço e o desejo do outro; a função da escola na vida das crianças e jovens.	
<b>Dimensão Contextual</b>		
<b>Potencialidades</b>	O material é autoexplicativo, promove interações por meio dos diálogos interrogativos, é apropriado ao público que se destina, gera reflexões, contextualiza o conteúdo abordado de forma bem leve por meio de trechos de relatos de jovens.	
<b>Fragilidades</b>	Poderia mencionar que além das pessoas serem diferentes por conta da deficiência, existem indivíduos identificados outros grupos de indivíduos, como: indígenas, quilombolas, entre outros. Em algumas partes do material tem uma concentração de texto que poderia ser alocada em diagramas para facilitar a leitura.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 23), é uma cartilha, de 2008, de autoria de SERRA, et al., estruturado pela Secretaria Municipal de Saúde SMS- SP, com o objetivo de trabalhar através da prevenção aos pares, temas complexo e áridos como cidadania, violência, drogas e sexualidade. Conforme o *quadro 34*.

Quadro 34: “ME 23”: Jovem não é careta

<p>Figura 30 - Capa da cartilha: Jovem não é careta</p>  <p>Fonte: SMS de SP</p>	<b>Identificação</b>	
	<b>Título</b>	Jovem não é careta
	<b>Autores</b>	SERRA, G. C.; OLIVEIRA, A. G. DE.; FERREIRA, A. A.; HILÁRIO, D.
	<b>Instituição</b>	Secretaria Municipal de Saúde SMS- SP
	<b>Tipo</b>	Cartilha
	<b>Ano</b>	2008
	<b>Local</b>	São Paulo
	<b>Estado</b>	São Paulo
	<b>Região</b>	Sudeste
	<b>Nº de Pág.</b>	25
	<b>Online</b>	<a href="https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/popnegra/Cartilha_JovemNaoECareta.pdf">https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/popnegra/Cartilha_JovemNaoECareta.pdf</a>
	<b>Público</b>	Jovens
<b>Objetivo</b>	Trabalhar através da prevenção aos Pares, temas complexo e áridos como cidadania, violência, drogas e sexualidade.	
<b>Dimensão organizacional</b>		
<b>Linguagem</b>	Explicativa, apropriada ao público por ter uma linguagem simples e enunciados diretos em tom de conversa	
<b>Formato</b>	Assemelha-se a um caderno que intercala anotações, ilustrações, dúvidas e conversas. Letras com um bom tamanho, com texto bem distribuído entre as figuras e com estímulo à leitura por uma estruturação bem distribuída entre texto e ilustrações.	
<b>Recursos visuais</b>	Contém aproximadamente 47 ilustrações que lembram desenhos feitos à mão e ajudam a complementar e reforçar conteúdo apresentado. Alguns diagramas possuem o fundo com uma cor um pouco forte com o contraste da cor da letra.	
<b>Dimensão Conceitual - Sexualidade</b>		
<b>Puberdade</b>	Os caminhos da Identidade, questão de gênero, relações étnicas raciais, sexualidade, autoestima, DST/ Aids, gravidez, métodos anticoncepcionais, drogas, direitos humanos e violência.	
<b>Diversidade Sexual</b>	Aborda a relação étnico-racial e questões de gênero.	
<b>Prevenção e orientação</b>	O lazer como uma ferramenta de socialização e de construção social, métodos anticoncepcionais.	
<b>Cultura</b>	Discute os papéis de gênero na sociedade.	
<b>Cidadania</b>	Aborda a necessidade da identidade, o conceito de cidadania, telefones de disque drogas, função do conselho tutelar e do ECA, direitos humanos e violência.	
<b>Dimensão Contextual</b>		
<b>Potencialidades</b>	Material apropriado ao público, autoexplicativo, promove interações por meio de perguntas, contextualiza o conteúdo por abordar situações do cotidiano e reforça as questões de diversidade sociocultural ao abordar etnia.	
<b>Fragilidades</b>	Em algumas partes da cartilha existe um excesso de texto que poderia ser suavizado por uma síntese de conteúdo ou por diagramas.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 24), é uma cartilha, de 2008, de autoria de RAXACH, J. C, estruturado pela Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS – ABIA, com o objetivo de informar homens

que fazem Sexo com Homens (HSH), sobre o que são, quais são e o que é preciso fazer para evitar as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e o vírus do Imuno Deficiência Humana (HIV). Conforme o *quadro 35*.


Quadro 35: “ME 24”: Tudo dentro

<p>Figura 31 - Capa da cartilha: Tudo dentro</p>  <p>Fonte: SMS de SP</p>	Identificação	
	<b>Título</b>	Tudo dentro
	<b>Autores</b>	Juan Carlos Raxach
	<b>Instituição</b>	Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS – ABIA
	<b>Tipo</b>	Cartilha – 2ª edição
	<b>Ano</b>	2008
	<b>Local</b>	Rio de Janeiro
	<b>Estado</b>	Rio de Janeiro
	<b>Região</b>	Sudeste
	<b>Nº de Pág.</b>	24
	<b>Online</b>	<a href="http://abiאים.org.br/categoria/acervo-abia/cartilhas-pt-br">http://abiאים.org.br/categoria/acervo-abia/cartilhas-pt-br</a>
	<b>Público</b>	População geral Homens
<b>Objetivo</b>	Informar homens que fazem Sexo com Homens (HSH), sobre o que são, quais são e o que é preciso fazer para evitar as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV).	
Dimensão organizacional		
<b>Linguagem</b>	Explicativa, apropriada ao público por ter uma linguagem simples e enunciados interrogativos que destacam o conteúdo abordado.	
<b>Formato</b>	Intercala texto e figuras e possui o formato de um pequeno livro.	
<b>Recursos visuais</b>	Contém aproximadamente 7 ilustrações que ajudam a complementar e reforçar conteúdo apresentado.	
Dimensão Conceitual - Sexualidade		
<b>Puberdade</b>	O que são DST, sintomas, diagnóstico, tratamento, serviços de saúde, higiene, automedicação e direitos.	
<b>Diversidade Sexual</b>	Das relações sexuais entre homens.	
<b>Prevenção e orientação</b>	Fala do direito à prevenção e o diagnóstico.	
<b>Cultura</b>	Aborda que as DST não são castigo e tão poucas doenças que só se manifestam em homens que fazem sexo com homens.	
<b>Cidadania</b>	Fala do direito ao tratamento e aos serviços de saúde.	
Dimensão Contextual		
<b>Potencialidades</b>	Aborda sobre sexualidade e saúde sexual numa linguagem simples e acessível e provoca reflexões sobre os impactos das IST.	
<b>Fragilidades</b>	Poucas figuras, algumas partes com excesso de texto e a letra escolhida em alguns trechos tem uma leitura mais difícil.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

O (ME 25), é uma cartilha, de 2008, de autoria de Santana; Santos; Machado, estruturado pela Grupo de Trabalho Política de Classe para as questões etnicorraciais, de Gênero e Diversidade Sexual do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN, com o objetivo de contribuir com o debate e com o combate às violências lgbtfóbicas, machistas, racistas e etnicistas ao interior do ambiente acadêmica, mas não somente. Conforme o *quadro 36*.

Quadro 36: “ME 25”: Cartilha do GTPCEGDS

<p>Figura 32 - Capa da cartilha: GTPCEGDS</p>  <p>Fonte: GTPCEGDS</p>	Identificação	
	<b>Título</b>	Cartilha do GTPCEGDS - “Em defesa dos direitos das mulheres, dos indígenas, das/os negras/os, e das/os LGBT”.
	<b>Autores</b>	SANTANA, G. C. DE S.; SANTOS, J. R. Q. DOS.; MACHADO, L. M. M.
	<b>Instituição</b>	Grupo de Trabalho Política de Classe para as questões Etnicorraciais, de Gênero e Diversidade Sexual. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN
	<b>Tipo</b>	CARTILHA
	<b>Ano</b>	2016
	<b>Local</b>	Brasília
	<b>Estado</b>	Distrito Federal
	<b>Região</b>	Centro-Oeste
	<b>Nº de Pág.</b>	52
	<b>Online</b>	<a href="http://portal.andes.org.br/imprensa/documentos/imp-doc-346583622.pdf">http://portal.andes.org.br/imprensa/documentos/imp-doc-346583622.pdf</a>
	<b>Público</b>	População em geral
<b>Objetivo</b>	Contribuir com o debate e com o combate às violências lgbtfóbicas, machistas, racistas e etnicistas ao interior do ambiente acadêmica, mas não somente.	
Dimensão organizacional		
<b>Linguagem</b>	Material com linguagem técnica, com uma escrita mais direcionada para adultos ou profissionais, apesar de ser descrito como destinado ao público geral, com enunciado que lembra a escrita de um livro.	
<b>Formato</b>	Com 52 páginas, com um formato que não estimula a leitura, pelo excesso de texto sem uma diagramação que facilite a síntese da informação.	
<b>Recursos visuais</b>	Sem figuras ou imagens que retratassem a síntese dos conteúdos abordados.	
Dimensão Conceitual - Sexualidade		
<b>Puberdade</b>	História dos Movimentos Sociais: Feminismo, Lgbt, Patriarcado, Machismo e Feminicídio; O que é LGBT fobia? E Solidariedade entre as mulheres.	
<b>Diversidade Sexual</b>	A luta contra o Racismo, como combater?; A questão Indígena, como combater a discriminação aos Povos Indígenas?; Identidade de gênero; Práticas sexuais lésbicas; Do Movimento Homossexual ao LGBT;	
<b>Prevenção e orientação</b>	Orienta sobre as questões de racismo, homofobia, Feminicídio e preconceito.	
<b>Cultura</b>	“Mito da democracia racial com o claro objetivo de silenciar as denúncias contra o racismo existente na sociedade brasileira”. “Indígenas – vistos como primitivos”.	
<b>Cidadania</b>	Assédio sexual, feminicídio, violência contra mulher, LGBTfobia e direitos;	
Dimensão Contextual		
<b>Potencialidades</b>	Estimula a reflexão e a contextualização em função de abordar temas de grande impacto e ainda poucos discutidos com a diversidade sociocultural.	
<b>Fragilidades</b>	Material técnico, com linguagem direcionada para adultos ou profissionais, sem figuras ou imagens que retratassem a síntese dos conteúdos abordados.	

Fonte: Estruturado pela autora, 2021

A partir da apresentação dos resultados encontrados, este serão discutidos ao longo do texto, nas três dimensões já mencionadas: Organizacional, conceitual e contextual.

#### a) Dimensão organizacional

Quanto a dimensão organizacional desses materiais será discutida e apresentada características com base em três aspectos: *Linguagem, Formato e Recursos visuais*.

No que diz respeito a **Linguagem**, a grande maioria dos ME possui uma *linguagem explicativa* e tenta se dirigir ao público a que se destina, usando como estratégia o estabelecimento de um diálogo que se assemelha a uma conversa com o leitor, como nos ME 13, ME 20 e ME 22 e essa forma de escrita estabelece uma aproximação, um vínculo, com o público alvo, como no ME 5, o que favorece a continuidade da leitura e a sensação de familiaridade com o que se está lendo. Entretanto, alguns materiais, como os ME 3, ME 5, ME 11, ME 14 e ME 15, possuem uma *linguagem técnica*, mesmo esses materiais possuindo como público: jovens, adolescentes ou escolares, ao ler esses materiais encontra-se termos que dificultam o entendimento da população em geral e são mais acessíveis e compreensíveis dentro de um universo restrito de profissionais da saúde, por exemplo.

No que se refere a linguagem desses materiais ser *apropriada ao público* que se destina, foi identificada que parte desses materiais contém uma linguagem acessível, como os ME 6, ME 7, ME 12, ME 18 e possuem uma boa capacidade de síntese da informação e trazem o conteúdo de maneira bem clara e direta, como o ME 21. Por outro lado, alguns materiais possuem um excesso de termos técnicos ou terminologias, como o ME 4 que traz termos como: “período de incubação”, possuem textos bem longos, como o ME 11 e ME 14 e uma escrita semelhante à de um livro de ensino das séries fundamentais, como ME 25, o que dificulta o uso do material.

Quanto aos *enunciados* presente implicitamente nesses materiais, foi possível perceber que boa parte desses materiais estimula a reflexão do leitor por meio de frases interrogativas e questionamentos, como os ME 5, ME 6, ME 7, ME 10 e ME 15, como na frase presente no M<sup>o</sup>6: “Que horas a gente se cuida? ”, outros materiais também usam como estratégia para destacar alguma informação, uma caixa de diálogo, com frases como: “Você sabia que...?” Ou “Fique sabendo”, como no ME 2. Por outro lado, alguns materiais ainda reforçam a perspectiva da sexualidade voltada para aspectos biológicos, como no M8 e ME 19, dando grande ênfase aos riscos de contágio de uma IST e não mencionando múltiplos fatores que interferem na sexualidade, como apontado no ME 1. Outro aspecto observado, se refere ao uso de enunciados incisivos, como no ME 4 que trazem a informação como verdade absoluta, “Tudo que você precisa saber sobre as Doenças Transmitidas pelo sexo” ou uma abordagem do tema de maneira genérica, como se existisse um padrão a ser seguido, como no ME 3 e ainda, alguns materiais trazem a prevenção associada ao medo, como o ME 17. Esses resultados encontram-se sintetizados no quadro 38, apêndice 1.

Ao pensar na importância da linguagem para o processo de aprendizado, buscou-se referenciais teóricos que justifiquem sua relevância. Desta forma, destaca-se a linguagem não apenas como um agrupamento de palavras utilizadas para expressar uma determinada

informação, mas, como um elemento essencial que sofre interferência de aspectos sociocognitivos e se relacionam com a escrita e funcionam como um instrumento de aprendizagem, sendo capaz de interferir na forma de pensar e na formação de ideias, na medida que o conteúdo se reformula e gera concepções particulares baseado na perspectiva individual, na cultura e nas experiências imbricadas no cotidiano de cada indivíduo. Assim, o conteúdo escrito é capaz de auxiliar na construção de conceitos, de identidades, na formação do pensamento crítico e reflexivo. Entretanto, a forma como é apresentado, precisa ser acessível, com representações utilizadas por uma determinada comunidade para ser significativo para quem se destina (CARVALHO & BARBEIRO, 2013).

No cenário dos materiais educativos, a comunicação estabelecida, deve ponderar não uma relação de verticalidade entre o escritor e o receptor, mas o processo de construção de ideias de forma dinâmica e horizontal. Uma vez que o emissor, precisa considerar para a efetivação da comunicação, de quem receberá a mensagem, o que se quer dizer com aquela mensagem, que instrumentos devem ser utilizados para entregar a informação e o que será usado como recurso para assegurar que a comunicação será estabelecida de forma eficiente (MOREIRA; NOBREGA; SILVA, 2003).

Destacando que o formato como o material é produzido e as interlocuções estabelecidas, são instrumentos de interação e troca de conhecimentos, visibilizando a essencialidade de considerar o modo de viver e o saber dos envolvidos em um contexto de aprendizado participativo, no qual quem ensina e quem aprende fazem parte do processo educativo e as oportunidades de construção de conhecimento, são criadas com a participação de ambos os sujeitos (REBERTE; HOGA; GOMES, 2012).

Dessa forma, é importante salientar que o material educativo para ser próximo da necessidade de quem utilizará necessita considerar múltiplos aspectos, como uma linguagem apropriada ao público e um formato que considere o objetivo a que se destina o material. Assim, o emprego de uma linguagem genérica e universal provavelmente não responderá demandas particulares e não alcançará os envolvidos e nem aprofundará diálogos. Evidenciando a necessidade que os recursos educativos desagreguem de uma estrutura tecnicista, de reprodução de ideias ou que visam a mudanças de hábitos e comportamentos para refletir em uma construção compartilhada de conhecimentos que respeita a autonomia dos sujeitos (MONTEIRO; VARGAS; CRUZ, 2006).

No que diz respeito ao **formato** dos materiais, quanto ao tamanho desses, a maior parte possui entre 20 e 32 páginas (11/25 materiais analisados), outra parte possuem menos de 20 páginas (9/25) e o restante varia entre 40, 50, 60, 80 e até 100 páginas como o ME 3 que é uma cartilha ampliada. E antes de realizar a revisão da literatura e sem tanta clareza da

caracterização do que é um material educativo, acreditava-se de forma equivocada que existia um limite de páginas, de tamanho, para ser considerado um material educativo, entretanto após a compreensão do conceito, ficou evidente que a caracterização de material educativo está associada a capacidade de ser autoexplicativo, de poder ser usado para entendimento de um determinado tema, sem a dependência de explicações e ainda implicar em reflexões e na possibilidade de ser utilizado no contexto do dia a dia (MONTEIRO & VARGAS, 2006).

Quanto à organização desses materiais, no que se refere à *disposição do texto*, alguns utilizaram o formato de um guia, como o ME 3, trazendo as informações de maneira mais técnica e associado a extensão do material se torna cansativo para leitura; outros materiais se assemelham a um manual, como o ME 19 e apesar de possuir um tamanho pequeno quanto a extensão, o conteúdo e as figuras ficam muito apertadas na área do material e acabam sobrecarregando o espaço, deixando o material visualmente pouco atrativo e cansativo para leitura pelo excesso de texto com letras maiúsculas e pelo embaraço entre texto e figuras. Esses resultados encontram-se sintetizados no quadro 39, apêndice 2.

Outro aspecto a ser considerado quanto o formato desses materiais é se esses *estimulam a leitura* quanto a apresentação utilizada, e foi identificado vários materiais com o *tamanho das letras* muito pequenas, o que dificulta a leitura, como o ME 20, com excesso de texto, sem uma diagramação que facilite a síntese da informação, deixando uma série de conteúdos perdidos e resultando em um material visualmente não tão atrativo, como o ME 11, ME 17 e o ME 25. Em contrapartida, outros materiais estavam mais atrativos visualmente como o ME 6, ME 9, ME 15, ME 23, com estímulo à leitura por uma estruturação bem distribuída entre texto e ilustrações, com conteúdo mais sintetizados e esquematizados, como o ME 12, ME 23, por possuírem um bom contraste visual entre o fundo e a cor da letra, como o ME 7 e o ME 5 e por usarem uma letra com um bom tamanho para a leitura como o ME 2, ME 8 e ME 22. Esses resultados encontram-se sintetizados no quadro 39, apêndice 2.

Os aspectos estruturais e de apresentação dos materiais educativos (ME), como folder, folheto, álbum seriado e cartilhas, funcionam como ferramentas para estratégia educacional e precisam conter mais do que informações e ilustrações, uma vez que a forma como o conteúdo é apresentado interfere no interesse do receptor em usar ou não o material (MASSARA, et al., 2016). Conteúdo extensos, pouco sintetizados e visualmente cansativos, despertam menor interesse para leitura, do que aqueles que tem o potencial de resumir as informações e organizá-las de forma mais convidativa por meio de diagramas, balões explicativos ou caixas de destaques. A estruturação visual dos ME é uma característica potencializadora na medida que é utilizada para convidar o leitor a explorar o conteúdo e



transformando em um recurso importante na construção do conhecimento (PAIVA & VARGAS, 2017).

Logo, para a construção dos ME, é preciso considerar como evidência que a comunicação a ser estabelecida, dependerá das estratégias adotadas para informar e mobilizar o público a quem se destina, ao ponto de que os indivíduos se identifique com esses impressos, seja visualmente, ou pelo conteúdo, implicando em um processo de significação social (ARAÚJO & CARDOSO, 2007). Por outro lado, a estruturação de materiais, corriqueiramente assume o contexto de orientar práticas e condutas, de mostrar certo e errado, de alterar costumes, de reproduzir informação, enquanto que a preocupação deveria ser quanto ao potencial que esses ME possuem de serem aplicáveis e significativo na vida dos envolvidos (KELLY-SANTOS; MONTEIRO; ROZEMBERG, 2009b).

Quanto aos **recursos visuais**, quase todos os materiais possuíam figuras ou ilustrações, porém, somente um material não continha nenhuma figura, o ME 25. No que se refere a quantidade de figuras, variava desde a presença de uma única figura como no ME 16, até a presença de 47 ilustrações como no ME 3 e o ME 23. Outro aspecto que merece destaque, é que a maioria das figuras usadas nesses materiais complementavam o conteúdo abordado e foram utilizadas para reforçar alguma informação, destacar o conteúdo, ou refletir momentos do cotidiano como no ME 5, ME 6, ME 7, ME 8, ME 9, ME 10, ME 12, ME 18, ME 21, ME 22, ME 23 e ME 24. Esses resultados encontram-se sintetizados no quadro 40, apêndice 3.

Foi possível perceber que algumas figuras retratavam a temática da diversidade sociocultural. Como no ME 1, que continha o desenho de duas jovens, sendo uma branca e outra negra e dois rapazes, sendo um pardo e outro negro que utilizava óculos e tem cabelo enrolado; no ME 2, em que a capa contém uma foto de um rapaz pardo, com o cabelo nas laterais raspado e no meio da cartilha tem uma foto de duas jovens, sendo uma branca e outra negra; no ME 5 que tem um jovem indígena, junto com outros jovens e no ME 9, ME 13 e ME 15 que trazem adolescentes brancas e negras, fazendo referência a diversidade sociocultural. Por outro lado, alguns materiais trouxeram figuras que causaram um pouco de repulsa, como o ME 5 que possui 25 fotos sobre IST e algumas apresentam órgãos sexuais destruídos por IST; bem como o ME 17 e ME 19 que possui figuras de órgãos sexuais com feridas, secreção e verrugas que causam um pouco de desconforto e ao olhar o material e levam mais a um impacto de aversão, do que uma reflexão sobre o assunto. É importante destacar que alguns materiais continham figuras que não despertavam o interesse de ler o material, como ME 3, ou caracterizaram os órgãos sexuais masculinos e femininos em formato de caricaturas distorcidas que pouco contribuiriam para abordagem do assunto, como

o ME 4 e algumas ilustrações não complementavam o conteúdo abordado, como o ME 14 e o ME 20. Esses resultados encontram-se sintetizados no quadro 40, apêndice 3.

O recurso visual na produção dos ME pode estimular a leitura, complementar o texto, enfatizar conteúdos, sintetizar informações e exemplificar a temática (MONTEIRO; VARGAS; REBELLO, 2006). Entretanto, a utilização em grande escala de imagens, ou uso de forma inapropriada, pelo excesso de cores, ou ilustrações de baixa qualidade, ou caricaturas que distorcem o conteúdo, ou causam medo e constrangimento, acaba por interferir de forma negativa na construção do conhecimento e na capacidade de aprendizagem crítica e reflexiva (MASSARA, et al., 2016).

Por fim, é importante destacar que a identificação desses materiais educativos como apropriados ao público a qual se destinam, requer uma construção através não só de bases metodológicas sólidas, estratégias de validação e referenciais teóricas adequados, precisa considerar a participação efetiva da comunidade a quem se destina para que possam ser representativos das necessidades dessa população (LEMOS & VERISSIMO, 2020). Por isso que a reprodução de materiais em massas, acabam se tornando em produtos genéricos, que não consideram aspectos socioculturais e regionais, sem representatividade para os grupos e muitas vezes não aplicáveis ao contexto dessas comunidades (VARGAS & SIQUEIRA, 1999)

Nesse sentido, de representatividade e identificação que esses materiais podem produzir, destaca-se em especial o impacto desses no que se refere a sexualidade de jovens em contexto de desigualdades, vulnerabilidades e diversidade sociocultural que é caso de Santarém. E surge diversos questionamentos no sentido de compreender, como universos com demandas tão particulares, mas, que estão disseminadas em diversas regiões do Brasil, não aparecem contempladas nesses instrumentos educativos, seja através da linguagem que considere esse público, ou seja através de imagens e ilustrações que coloque entre os jovens, os jovens indígenas. E ao analisar os 25 materiais educativos do estudo, das cinco regiões brasileiras, apenas um faz referência aos estudantes indígenas, sendo que no Brasil são registrados 817.963 mil indígenas, de 305 diferentes etnias, com 274 línguas indígenas (IBGE, 2010).

## **b) Dimensão Conceitual**

Na dimensão **conceitual**, serão discutidos cinco aspectos: Puberdade, Diversidade Sexual, Prevenção e orientação, Cultura e Cidadania. A discussão terá como ponto de partida a categoria identificada como puberdade.

A *puberdade* foi analisada considerando as alterações do ponto de vista fisiológico e psicológico. Quanto ao aspecto fisiológico, identificou de forma recorrente temas como:

conceito de sexualidade, alterações hormonais, anatomia masculina e feminina, reprodução, métodos anticoncepcionais, gravidez, mudanças corporais relacionadas ao sexo feminino e masculino, IST e higiene corporal. Dos 25 materiais analisados, a grande maioria (21/25) abordaram esses temas. Por outro lado, outros temas foram mencionados poucas vezes, como: desempenho sexual, principais problemas para manter relação sexual, problemas sexuais masculinos, menstruação, absorvente interno, gravidez na adolescência, pré-natal, parto, acompanhamento ginecológico, câncer de próstata, alimentação, uso de drogas, automedicação, hábitos saudáveis, boa alimentação, câncer de mama e necessidade de sono e repouso. Entretanto, alguns assuntos só foram mencionados em único material, como: sexualidade em pessoas com deficiência, no ME 22; Solidariedade entre as mulheres, no ME 25, problemas no fígado, no ME 7 e múltiplas funções da mulher, no ME 15.

Já no que se refere aos aspectos Psicológicos, a minoria dos materiais (4/25) abordou assuntos como: vaidade, desejo, prazer, orgasmo, relacionamentos saudáveis, autonomia, autoestima, atitudes de risco e saúde mental, como os ME 7, ME 9, ME 15 e ME 20. Esses resultados encontram-se sintetizados no quadro 41, apêndice 4.

O estudo realizado por Nogueira; Modenna; Schall (2009), apontou que os materiais educativos ainda são produzidos de cima para baixo, colocando o receptor como passivo e como um reproduzidor de conteúdo e ainda existe uma prevalência da temática de IST/AIDS e uma supervalorização da abordagem biomédica em supressão de uma abordagem mais ampliada da sexualidade. Assim, os resultados encontrados no estudo quanto ao conteúdo dos materiais educativos sobre sexualidade são condizentes com as pesquisas já realizadas por Monteiro & Vargas (2006); Kelly-Santos, (2009a), uma vez que o estudo evidenciou que existe um predomínio de conteúdo de aspectos de âmbito biológico, com pouca dimensão para as questões sociais e psicológicas.

E o que chama atenção nessa supervalorização de aspectos fisiológicos, é a gama de conteúdos importantes que não são discutidos e são silenciados e julgados cotidianamente como de menor importância social, reforçando barreiras e preconceitos. E essa lacuna de abordagem nos ME reforça a fragilidade de problematização, no sentido de reforçar o protagonismo de escolhas, já que os conceitos ainda são apresentados com construções textuais mais incisivas, reforçando a lógica de que o material deve ser disciplinador.

No que se refere a *Diversidade Sexual*, boa parte dos materiais não abordam a temática (9/25); já alguns temas são abordados em único material, como os assuntos: Autonomia sexual no ME 13, Relação sexual entre jovens deficientes no ME 22 e “Parcerias Sexuais”, que refere que nem sempre um indivíduo terá apenas um ou uma parceira sexual, abordado no ME 5. Entretanto, outros temas são discutidos com mais frequência como:

Gênero e identidade de gênero que aparecem nos ME 1, ME 23, ME 2, ME 14, ME 21, ME 25; orientação sexual no ME 2, ME 5, ME9, ME 12, ME 13, ME 24; sexo biológico e expressão de gênero no ME 2, ME 21 e tipos de relações sexuais, abordado no ME 3, ME 16, ME 17, ME 18, ME 19, ME 22 e ME 25. Esses resultados encontram-se sintetizados no quadro 42, apêndice 5.

A diversidade sexual tem conquistado espaço em diversos cenários da sociedade, em decorrência principalmente da pressão dos movimentos sociais ligados às temáticas LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros), em busca de minimamente amparar direitos iguais no campo da identidade de gênero e da orientação sexual. Porém, muito ainda deve ser conquistado e assegurado para que a expressão da sexualidade e da identidade de gênero de um indivíduo, não seja palco para disseminação, de violência e preconceitos, já que se trata de questões de caráter individual, que não cabe ser julgada e discriminada e sim respeitada. Por outro lado, o que se encontra ao longo dos anos, são indivíduos LGBTTT enfrentando cotidianamente situações vexatórias, de violência e de estigmas, implicando em abandono escolar, desestruturação familiar, menores oportunidades de emprego e um amplo universo de desigualdade (CARVALHO; MIRANDA; PACHECO, 2015).

É essencial que campos de alcance coletivo, como a escola que aparece interligada a várias representações sociais, como crianças, jovens, pais, gestores e professores, assuma um papel de construção popular de conhecimento, através de ideias amparadas pela cidadania, por reconhecimento de diferenças e para entendimento que uma sociedade mais justa e equânime, reconhece os desiguais e os ampara, para garantir que possuam acesso aos múltiplos espaços da sociedade. Por outro lado, ainda temos esses espaços potentes de discussão e reflexão sendo subutilizados, desperdiçados ou ainda sendo usados para reforçar ideias que mascaram preconceito e grupos, por meio de uso de materiais pouco representativos e por assuntos que são silenciados para não ultrapassar a zona do conforto e da naturalização do normal (FERREIRA et al., 2013).

E ao pensar nos ME analisados no estudo, é surpreendente identificar que boa parte desses materiais não abordam a temática da diversidade sexual ou os que abordam são extremamente superficiais, sem espaços para reflexões e construções e alguns acabam sendo uma cópia de outros materiais e assim questiona-se, como é possível esperar um amplo avanço na discussão da temática se em contrapartida a oferta de materiais é uma mera descrição de conceitos, dentro de uma zona de segurança, parecendo mais uma tentativa de cumprimento de parâmetros estabelecidos em diretrizes curriculares, do que uma real tentativa de introdução de reflexões de temas que são emergentes na sociedade.

E ao pensar em regiões que tem menos publicações sobre o assunto, seja quanto a artigos ou no que se refere a ME, como a região Norte, em que o estudo encontrou apenas um material (Me 13) dessa região e que este só aborda um tema correlato a diversidade sexual que se refere a “Orientação sexual”; fica evidente a fragilidade de estruturar uma rede colaborativa para a discussão e compressão do tema. Essa fragilidade na abordagem da temática, se expande aos Livros Didático (LD) usados nas escolas de ensino Fundamental e Médio de Santarém da rede Municipal e Estadual. Foi o que apontou o estudo realizado por Reis, Cruz e Vargas, (2021) através de pesquisa realizada entre fevereiro e abril de 2019, em Livros Didáticos (LD) de Ciências do 6º ao 9º ano, voltado ao EF, e o LD de Biologia do 1º ao 3º ano, livro voltado ao EM da rede municipal e estadual de Santarém/PA, usado por 39.325 estudantes matriculados em 285 escolas municipais e estaduais, distribuídas entre áreas urbanas, rurais, indígenas e quilombolas de Santarém, em que foi analisado a principal coleção de LD utilizado por esses estudantes e identificou que a temática da diversidade sexual não é abordada em nenhum dos LD utilizados na rede municipal e estadual de ensino.

No que diz respeito a *Prevenção e orientação*, alguns temas são recorrentes em quase todos os materiais, como: a prevenção de IST e método preventivos e anticoncepcionais e aparecem nos ME: 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19 e 20. Entretanto, outros temas aparecem de forma menos frequente, como: vacinação, tratamento PReP e PEP, prevenção de HPV, Preventivo do Câncer de Colo do Útero (PCCU), consumo de álcool e drogas, alimentação saudável e prática de atividade físicas. E alguns assuntos, aparecem de forma pontual, especificamente em um material ou no máximo em dois, como: Uso de termos equivocados ou preconceituosos, como: homossexualismo no ME 2, tipos de violência no ME 3, planejamento familiar como uma responsabilidade do casal e não exclusiva da mulher no ME 7, aborto e mortalidade infantil no ME 11, dependência química no ME 12, discriminação e preconceito no ME 21 e ME 25, autonomia feminina no ME 22, lazer como uma ferramenta de socialização e de construção social no ME 23 e o direito a prevenção e diagnóstico no ME 24. Esses resultados encontram-se sintetizados no quadro 43, apêndice 6.

O que ficou perceptível na análise do tema prevenção e orientação nesses ME é a supervalorização de alguns assuntos e a inexpressividade de outros, além de um caráter fortemente disciplinador, uma preocupação excessiva em dizer o que é certo e errado, a conduta a ser adotada, uma tensão para a modificação de hábitos e costumes, há desconsideração do conhecimento do público envolvido, bem como do seu potencial de autonomia de escolhas e a dimensão limitada para provocar reflexões. Implicando na reflexão que, enquanto a dicotomia de certo e errado ocupar mais espaço do que as discussões entre pares, para a construção crítica e reflexiva sobre o impacto de não falar sobre sexualidade e

diversidade sexual, em uma sociedade em que crianças e adolescentes sofrem violência diariamente, LGBTTTT são assassinados diante de intolerância e homofobia, a educação sexual continuará na posição de tema complementar e os impactos são estampados diariamente em forma de homofobia, violência de gênero e abuso sexual.

Essa característica de prevenção concentrada em aspectos biomédicos já foi identificada em diversos estudos (Kempfer et al., 2012; Theobald et al., 2012). E a revisão sistemática conduzida por Furlanetto (2018) sobre a “Educação sexual em escolas brasileiras” apontou que existe um predomínio de temas relacionado unicamente com a prevenção de IST e gravidez.

Por isso, a sensação ao ler esses materiais, é que existe uma cortina invisível de assuntos que não devem ser discutidos, ou quando abordados, adotam o campo da descrição e da superficialidade, nutrindo a ideia equivocada que esses conteúdos não devem ser trabalhados com os jovens. E logo, faz surgir a reflexão: Se a temática da diversidade sexual, sociocultural, da sexualidade, não é abordada com ampla dimensão nos ME, ultrapassando as questões sobre IST e anticoncepção e também não tem destaque no espaço sociofamiliar, em que momento esses conteúdos serão trabalhados? Talvez a ideia preliminar, seja que os conteúdos estarão contemplados nos livros Didáticos (LD), já que são temas a serem trabalhados no ensino fundamental e médio segundo as orientações dos PCN.

Entretanto, ao voltar o olhar para a dimensão local da cidade de Santarém, quanto a abordagem estabelecida nos LD, foi encontrada a mesma característica, uma abordagem focalizada a prevenção e orientação, direcionando o conteúdo da sexualidade ao campo biomédico, ainda que se trate de cenários com uma ampla diversidade sócio cultural com a presença de estudantes indígenas, quilombolas, rurais e ribeirinhos, que reforçam a necessidade de ampliar as discussões sobre prevenção de preconceito, discriminação em contexto de vulnerabilidades, para contribuir com a autoestima e a identificação desses grupos quanto ao reconhecimento social (REIS; CRUZ; VARGAS, 2021). Nesse sentido, o estudo conduzido por Neto & Cerqueira-Santos (2012), sobre “Comportamento Sexual e Autoestima em Adolescentes”, sugere correlações que quanto maior a autoestima, mais tardiamente tende a iniciar a vida sexual e que os altos índices de autoestima apontam influência positiva em aspectos de proteção.

No tocante à *Cultura*, foram identificados durante a análise três aspectos: Questões de gênero; preconceito e discriminação e Mitos. No que se refere as questões de gênero, foi identificado nos ME: papéis esperados para homens e mulheres, como no ME 1, ME 9, ME 22, ME 23; noções construídas socialmente: masculino e feminino, no ME 2; autonomia feminina, no ME 6 e ME 7 e desmistificação da necessidade de a mulher ter múltiplas funções

e se colocar em segundo plano, no ME 6. Quanto as questões de preconceito e discriminação, foi abordado: preconceitos nos serviços de saúde com populações LGBTTT, no ME 16 e ME 21; discriminação e preconceito, frente aos portadores de HIV, no ME 17 e ME 20; necessidade de respeito a diferentes credos e religião, no ME 5 e silenciamento de denúncias contra o racismo, no ME 25. E por fim, no que se refere aos mitos, foi abordado a masturbação, no ME 8 e ME 18; coito interrompido, no ME 10; desejo, no ME 15; uso do preservativo e prazer, no ME 18; DST x castigo, no ME 24 e a necessidade de ensinar limites aos homens, no ME 7. Destaca-se que alguns materiais não abordaram nenhum desses temas, como os ME 3, 4, 11 e 14. E aponta-se como algo a ser repensado: por que ainda aparece nos ME a prevenção da gravidez, como uma atribuição feminina? Como apontado no ME 12. Esses resultados encontram-se sintetizados no quadro 44, apêndice 7.

A Sexualidade e a cultura se relacionam a partir do entendimento, que a sexualidade humana é socialmente construída através de interações do homem com seu espaço de inserção, o qual imerge a cultura e os significados que está representa para cada indivíduo. Dessa forma, a sexualidade e o comportamento sexual, são estruturados através da influência de múltiplos aspectos da vida de cada pessoa (PARKER, 2000). Partindo dessa perspectiva do entrelaço de sexualidade e cultura, merece destaque o estudo de Couto Junior; Oswald; Pocahy (2018), que trouxe reflexões sobre a reprodução de estigmas e preconceitos sociais no espaço escolar, chamando atenção para a necessidade de intervenções no que se refere a educação em sexualidade nos ambientes escolares que normalizam comportamentos considerados como brincadeiras ou naturalizados como comuns, e que na verdade escondem diversos preconceitos, seja relacionado a aparência; a orientação sexual; as relações de poder ou de gênero; a religiosidade ou a etnia; desconsiderando as identidades dos sujeitos e os colocando em uma posição de inferioridade em que a sua inserção social está condicionada a um universo de julgamentos do seu modo de existir.

Dessa forma, a educação em sexualidade pode ser entendida como toda e qualquer experiência em ambientes sociais, experimentada pelo indivíduo ao longo da sua existência, que lhe ofereça condições de posicionar-se na esfera social da sexualidade (UNESCO, 2014). Assim, a educação em sexualidade se encontra em diversos espaços de socialização, como na família, escola, igreja, pares, trabalho, mídia, porém, ainda ocorre de maneira pontual e sem considerar a diversidade de cenários e olhares. Apesar dos avanços ao longo dos anos com implementação de políticas para combate ao preconceito e discriminação a LGBTTT, negros e a garantia da abordagem de gênero e diversidade sexual na escola, muito ainda é preciso caminhar para a garantia da vida e da dignidade para esses grupos que enfrentam um constante processo de exclusão e não aceitação social (CASTRO, 2019). Sendo assim, é

importante destacar que a sexualidade está sendo considerada através da interculturalidade, reconhecendo os laços sociais povoados por relações de poder, que são potencializadas pelas diferenças existente entre os grupos culturais e sociais (CANDAU, 2014).

Nessa perspectiva, em contextos regionais repletos de diversidade sociocultural, como na cidade de Santarém, as relações de poder e de preconceito acabam tomando uma extensão muito ampla, escancarando estereótipos, discriminação e apagando identidades, principalmente com populações indígenas, implicando na fragilidade para auto identificação em que diversos nortistas se considerem pardos e não se reconhecem como indígenas. Ainda que os grupos indígenas possuam assegurado seu direito de acesso à educação, isso não garante uma inclusão nesses espaços, já que a comunidade escolar - professores, alunos e gestores, ainda desconhecem as etnias e sua cultura, reforçando estereótipos e revelando a violência institucional. Esse quadro é tão evidente para os estudantes indígenas de Santarém, que diante de tantas ocorrências de preconceito no âmbito escolar na cidade de Santarém, o Ministério Público Federal de Santarém, em 2019, solicitou a 5ª Unidade Regional de Educação (URE), a confecção de um instrumento a ser usado por educadores das escolas da rede pública urbana de Santarém/PA, para conscientizar e combater qualquer forma de discriminação contra estudantes indígenas (HARAYAMA et al., 2021).

No que se refere a *cidadania* foram identificados durante a análise três aspectos correlacionados ao assunto: redes de apoio, informações e direitos.

As redes de apoio fazem referência aos serviços de natureza interdisciplinar que são indicado nos materiais, como instituições de referência, como: Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), Centro de Referência no atendimento Infanto-juvenil (CRAI), Centro de Referência as Vítimas de Violência (CRVV), Serviço de Proteção à Criança (SPC), Departamento Estadual da Criança e do Adolescente – (DECA); ONGS de apoio como: PROMUNDO e SOMOS, identificado no ME 1; Conselho tutelar, no ME 23; Defensoria pública, no ME 2; Secretaria Estadual de Saúde, Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social, Trabalho, Justiça e Direitos Humanos; Centro de Valorização da Vida (CVV), no ME 3; Centro de Testagem e Aconselhamento – CTA, no ME 6, 8, 17, 19; Posto de Atendimento ao Trabalhador PATE, no ME 12; Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), no ME 12; Movimento de Promoção da Mulher (MOPROM), Grupo de Mulheres do Brasil (GMB), Movimento de Mulheres do Campos e da Cidade (MMCC), Fundação papa João XXIII (FUNPAPA), Centro de Defesa de Crianças e do Adolescente (CEDECA), no ME 13 e Disque saúde, 136 no ME 12 e 16..



Quanto as informações referentes à cidadania, mais frequentes nesses materiais, se relaciona a: desmistificação da homossexualidade como doença, no ME 2; responsabilidade paterna, no ME 9 e 10; violência e assédio sexual, no ME 1, 3, 7, 11, 25 e indicações de livros, documentários, filmes, canais no You tube e sites, no ME 14 e ECA, no ME 23.

E por fim, quanto aos direitos apontado nesses materiais foi identificado: Questões trabalhista, no ME 3; direitos e deveres dos adolescentes por meio da Constituição Federal (CF) e jovem aprendiz, no ME 3; acesso ao preservativo, consulta e exames, no ME 6, 7, 10, 20, 24 e pensão alimentícia a mulher grávida, no ME 7. Resultados sintetizados no quadro 45, apêndice 8.

As redes de apoio intersetorial apresentadas através dos serviços de referência nesses materiais, destacam além do caráter informativo, o papel social ao explicar a função de cada instituição, aproximando o conteúdo trabalhado com as necessidades prática desses jovens, mostrando que se o jovem precisar de acesso ao preservativo, ele pode recorrer aos serviços de saúde; se sofrer algum tipo de violência tem uma rede de instituições que ele pode buscar, fazendo com que os materiais reforcem o estabelecimento de vínculo com os envolvidos e publicizem a teia interdisciplinar de instituições de diversas áreas, como: saúde, educação, assistência social, proteção, que amparam crianças e jovens.

Possibilitar aos jovens a educação sexual adequada, é uma ferramenta essencial para a autonomia, defesa e reconhecimento da situação de violência e abuso sexual. A violência sexual entre crianças e jovens é um problema disseminado no mundo e segundo Stoltenborgh et al., (2011), o abuso é relatado por um, a cada oito jovens em todo o mundo. Infelizmente, no Brasil a realidade não é diferente e a violência sexual ocupa o segundo maior tipo de violência entre indivíduos na faixa etária dos 10 aos 14 anos, estando atrás apenas da violência física. Grupos marcados por preconceitos e discriminação, precariedade de moradia, escassez econômica, desestruturação familiar, estão mais vulneráveis a situação de violência sexual, sendo necessário fortalecer redes de identificação dos casos de violência. E a escola é um elemento fundamental, seja pelo processo educativo, ou pelo reconhecimento e denúncia nas redes de apoio (FONTES; CONCEICAO; MACHADO, 2017).

Os jovens ocupam uma importante instância de articulação popular, uma vez que divulgam e compartilham experiências entre seus pares de forma bem rápida e ágil, apoiados pelo avanço tecnológico da internet que ajuda a disseminar ideias e questões cotidianas que repercutem o seu universo. As lideranças juvenis vêm ganhando representatividade e espaço em movimentos populares, cobrando necessidades e reconhecendo a cidadania como um elo com direito e deveres, que serve de alicerce para estruturar uma sociedade mais justa que reflita os dilemas atuais (CALIMAN, 2020). Dessa forma, é extremamente relevante que os

ME abordem questões de cidadania, amparados pelo ECA e pela CF, a fim de garantir, saúde, educação, assistência social, lazer e a vida humana com dignidade. Mas, por outro lado implique no reconhecimento de deveres e penalidades para cada ato, colocando o jovem no papel de responsável e o retirando-o do estigma de imaturo e inconsequente.

No contexto amazônico da cidade de Santarém, as desigualdades socioeconômicas ainda fomentam muros que dificultam o protagonismo juvenil, em que de um lado, encontra-se espaços urbanos munidos de uma rede de serviços na área da saúde, da educação, da assistência social, do lazer e da proteção; com infraestrutura, acesso à internet, transporte, iluminação pública e segurança; e do outro lado, territórios rurais, ribeirinhos, quilombolas e indígenas, que ainda sofrem com problemas do século passado, como a dificuldade de iluminação pública, a intrafegabilidade de vias, a precariedade da rede de internet e a deficiência estrutural e de acesso à rede de serviços de saúde e educação, entre outros, acrescidos ainda, de problemas que também são convergente com o cenário urbano, como a ineficiência da rede de esgoto. O que se coloca como emergente nessa discussão, a necessidade de despertar a articulação de grupos tão divergentes, imersos em realidades tão diversas, para ocupar o mesmo espaço, de forma a entender seu papel social, reconhecendo desigualdades e valorizando a cultura e à identidade como laço para o acolhimento.

### **c) Dimensão contextual**

Quanto a dimensão contextual dos ME, foi verificado as *potencialidades e fragilidades* dos ME. No que se refere as potencialidades, foi buscado se conseguiam ser autoexplicativo, geravam reflexões, produziam interações, contextualizavam o conteúdo, abordavam questões relacionadas a diversidade sociocultural e atendiam o objetivo que se propunham. E no que diz respeito as fragilidades, foi verificado se os materiais faziam uso de uma linguagem genérica, prescritiva, possuíam um discurso vertical, biológico, sem interações e não cumpriam o objetivo proposto.

Entre as diversas *potencialidades* encontradas, algumas merecem destaque, como no ME 2, em que foi contextualizado o impacto do preconceito e estigmas na vida de travesti, acarretando em dificuldades para conseguir emprego e exclusão do mercado de trabalho, levando-as muitas vezes a trabalhar como profissionais do sexo. A abordagem realizada nesse material, despertou a atenção para a questão de que piadinhas que causam dor e desconforto, não são brincadeiras e rotulam indivíduos, impactando na sua autoestima, gerando danos sociais e psicológicos, além de fomentar a homofobia e o estigma. Também merece destaque, o ME 16, que aborda o preconceito sofrido por homossexuais em diversos cenários, entre eles,

os serviços de saúde, implicando em protelamento pela busca de atendimento e automedicação.

Outro material que apresenta uma contextualização bem interessante, é o ME 11, este aborda o ciclo da desigualdade social frente a gravidez não planejada, que pode acarretar, muitas das vezes, em evasão escolar, demonstrando a necessidade de acolhimento ao adolescente, considerando que a gestação não planejada se associa a múltiplos aspectos de riscos e não somente ao potencial de contaminação pelo ato sexual desprotegido, com destaque para uma interessante consideração entre as diferenças existente nas regiões brasileiras, com um o universo heterogêneo que compõem o Brasil.

Vale mencionar, a abordagem utilizada no ME 20, quanto a sexualidade, sendo caracterizada como prazerosa, com direito de escolhas e desmistificando o imaginário da simplificação de que sexualidade se resume a sexo. Outro aspecto de destaque, foi a caracterização da diversidade sociocultural, nos ME 23 e 25, que chamam a atenção para a composição da sociedade brasileira com diversas etnias que precisam ser identificadas e integradas na sociedade.

Quanto a estruturação dos ME, parte destes foram identificados como autoexplicativo, como os ME 18, 21, 22 e 23; com linguagem simples, como os ME 8, 9, 13, 21 e 24; com potencial para provocar reflexões e interações, como os ME 2, 11, 16, 20, 23 e 25 e atendiam o objetivo a que se propunham, como os ME 1, 5 e 12. Estes resultados encontram-se descritos detalhadamente no quadro 46, apêndice 9.

Por outro lado, no que se refere as *fragilidades* encontradas nesses ME, as principais se concentram no fato de que os materiais acabam sendo mais descritivos e conceituais, implicando mais em uma preocupação em apresentar os conteúdos, do que provocar reflexões sobre os temas abordados, como o ME 2, 3, 4 e 21 que não produz interações com o leitor e não contém perguntas para ajudar quem está lendo a se questionar sobre o conteúdo que está sendo abordado. Outro aspecto que precisa ser mencionado, é que ao analisar os materiais das cinco regiões brasileiras, a grande maioria não aborda a diversidade sociocultural existente no Brasil, inclusive o ME da região Norte. Bem como a temática da diversidade sexual, não é abordada em diversos materiais, como no ME 3, 4, 5, 18 e 20. E alguns materiais, como o ME 11, 12 e 18 isentam a responsabilidade paterna durante a gravidez.

No que se refere a linguagem desses materiais, foi identificado boa parte com uma linguagem muito técnica e pouco convidativa por ser muito longo e com bastante texto, como o ME 3, 11, 14, 16, 23 e 25. E com um caráter fortemente biomédico, concentrando o tema da sexualidade na prevenção das IST, como no ME 4, 8 e 19; ou nos métodos de anticoncepção, como no ME 10; ou na gravidez, como no ME 11 e não abordando conteúdos correlatos

relevantes, como: desejo, prazer, saúde masculina, como os ME 6 e 9 que não abordam esses temas.

Vele mencionar, que alguns materiais ainda pouco potencializam a autonomia feminina, no sentido de reforçar o poder de escolhas das mulheres, de ter ou não filhos, de direito sobre o corpo, como os ME 5, 9, 10, 15 e 18. E para finalizar, destaca-se a fragilidade de recursos visuais de alguns materiais, estruturados sem figuras, ou com imagens que causam desconforto, ou ausência de figuras que se relacionem com o tema, como nos ME 5, 7 e 8. Estes resultados encontram-se descritos detalhadamente no quadro 47, apêndice 10.

Assim, ao analisar esses materiais educativos, não se buscava encontrar um modelo que pudesse ser identificado com ideal ou que respondesse todas as necessidades e anseios do tema, até porque acredita-se que esse modelo não existe. Foi traçado como objetivo, compreender como a sexualidade é abordada nesses materiais e se são consideradas as questões relacionadas a diversidade sexual e sociocultural. Essas inquietações ganharam força após o trabalho de campo da pesquisadora em 2019 na cidade de Santarém, ao analisar os LD usados por aproximadamente 40 mil estudantes do ensino fundamental e médio da rede municipal e estadual, em que foi identificado que a abordagem da sexualidade nos LD possui um caráter fortemente biomédico, tecnicista e desconsidera as questões da diversidade sexual e sociocultural e essas indagações ganharam ainda mais impacto ao realizar a revisão da literatura no intuito de encontrar estudos sobre os materiais educativos e foi identificado que nenhum estudo era da região Norte, apontando para a necessidade de aprofundar a abordagem da temática com os aspectos particulares da região Norte do Brasil, aliado a questão que os ME analisados, possuem fragilidades quanto a contextualização dos conteúdos, em que se tem temas bem conceituados, mas, que ainda impactam pouco na capacidade de gerar interpretação crítica e reflexiva sobre sua importância, deixando a maioria desses ME no campo da descrição e da caracterização.

#### 6.4. POTENCIALIDADES E BARREIRAS

Nesse capítulo, será sintetizado as principais potencialidades e possíveis barreiras aos jovens da região Norte do Brasil, em especial de Santarém, quanto a sexualidade, considerando a diversidade sexual e sociocultural. Para isso, será usado as análises e discussões estabelecidas nos capítulos 4, 5 e 6 que abordaram respectivamente: A distribuição territorial, quantitativos de alunos e diversidade sociocultural em Santarém; principais vulnerabilidades dos jovens no contexto sociocultural da região Norte e A sexualidade nos

materiais educativos, considerando a diversidade sociocultural. E diante desses achados, foi traçado reflexões sobre a realidade Nortista, de forma singular de Santarém, como uma cidade que convive com a polaridade de um cenário de desigualdades socioeconômicas em contrapartida com uma riquíssima diversidade sociocultural e inevitavelmente, estender o olhar para a realidade de outras regiões brasileiras.

A fim de não tornar o texto cansativo e considerando que essas potencialidades e barreiras foram apresentadas e descritas ao longo do texto nos três capítulos (4, 5 e 6), nesse capítulo, será usado como estratégia, condensar os achados e sintetizar as informações em um quadro (37), para apresentar os principais aspectos que se referem as potencialidades e barreiras.

Quanto a *distribuição territorial, quantitativos de alunos e diversidade sociocultural em Santarém*, o que foi encontrado de potencialidades e barreiras?

O estudo apontou que geograficamente a cidade é delimitada por zonas, identificadas como Urbanas, Rural e Planalto, estas zonas, não estão fisicamente tão afastadas entre si, porém, apresentam enormes disparidades para acesso a serviços básicos, como: saúde e educação; rede de transporte estabelecidas por vias terrestres e fluviais; dificuldade para acesso a telefonia móvel e de internet, além da escassez de oportunidades de emprego e renda que permeiam esse contexto santareno e ainda remete a necessidade de reconhecimento de uma cidade amazônica formada na dualidade das desigualdades socioeconômicas com a potencialidade da diversidade cultural, representada por populações indígenas, quilombolas e ribeirinhas, que por vezes são esquecidas, quanto a sua identidade e saber cultural.

No que se refere a educação de estudantes indígenas e quilombolas, quanto ao ensino médio, este é ofertado por meio do ensino modular, e quanto a localização territorial dessas escolas, de 86 escolas com estudantes indígenas e quilombolas, 70 escolas se encontram na zona Rural, descortinando a problemática do acesso até essas comunidades que se localizam em áreas ribeirinhas, separadas por rios em que o acesso a algumas dessas escolas só ocorre por meio fluvial. Por outro lado, é importante destacar que muitas dessas comunidades indígenas e quilombolas que residem nessas áreas, preservam formas tradicionais de cultura e modo de vida.

Quanto ao quantitativo total de escolas ao longo das zonas, identificou-se: 58 escolas como urbanas; 176 escolas como rurais e 51 escolas no planalto. Entre estas, destaca-se o número de escolas na zona rural de Santarém (176 escolas), que é quase três vezes o número de escolas da Zona Urbana, colocando a área rural com extrema representatividade para a caracterização do cenário educacional Santareno, principalmente ao considerar as características de uma localidade rural e as possíveis interferências que estas podem ter no

processo de aprendizagem. Por outro lado, o grande número de escolas na Zona rural, não reflete no grande número de estudantes nas áreas rurais, uma vez que a quantidade de estudantes da zona urbana é de 25.641 estudantes e na zona Rural de 8.263 estudantes, do total de 39.395 estudantes nas três zonas, apontando a grande extensão territorial da zona rural e a menor densidade populacional.

O estudo aponta para a representatividade que as escolas têm nos espaços rurais para os jovens estudantes, como fonte de acesso à informação, a materiais educativos, como porta de entrada para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária que incentive o respeito à diversidade e oportunize um amplo diálogo considerando as diferentes realidades dos espaços urbanos e rurais nas práxis diárias de suas ações.

Diante de diversas reflexões sobre a caracterização de Santarém, fica bem evidente a sua composição estruturada por uma vasta diversidade cultural que precisa ser reconhecida por sua potência em sua organização social, na sua luta e resistência pelo território, pelo reconhecimento de suas identidades e na condição básica para a produção da vida por meio de valores e experiências através dos saberes que são produzidos na prática do dia a dia dessas comunidades indígenas, rurais e quilombolas.

No que se refere as *vulnerabilidades dos jovens* no contexto sociocultural da região Norte no que diz respeito a sua sexualidade, com base na revisão da literatura, a primeira barreira identificada foi o limitado número de estudos relacionado ao tema, uma vez que após a leitura dos artigos foi identificado apenas 96 materiais e ao realizar uma análise mais minuciosa, permaneceram no estudo apenas 11 artigos. Destacando que ao considerar as questões pesquisadas que são as vulnerabilidades dos jovens quanto a sexualidade, as publicações são escassas, porque no geral tem bastante estudos sobre a ótica das IST, porém, tem poucas publicações na perspectiva da sexualidade e no levantamento das vulnerabilidades.

A segunda barreira é que desses 11 artigos apenas um é da região Norte e não é uma publicação referente ao estado do Pará e sim ao estado do Amapá. Por outro lado, na região Nordeste foram realizados 5 estudos, seguidos de 4 estudos na região sudeste, e por fim, 1 artigo e no Centro Oeste. Ao delimitar o objetivo da pesquisa, partiu-se da ideia que os resultados encontrados nos artigos iriam facilmente abordar o tema, porque já se nutria a ideia que o tema pesquisado seria encontrado nos referenciais teóricos, assim, ao não encontrar na literatura os achados do estado do Pará, evidenciou um alerta para a fragilidade de estudos sobre a região Norte, em especial Santarém, que guarda tantas representações e identidades únicas, sendo necessário a manutenção da pesquisa para a compreensão dessas carências e para gerar visibilidade para tais necessidades.

As barreiras relacionadas especificamente a sexualidade dos jovens, foram identificadas através das vulnerabilidades individual, social e programática. Na vulnerabilidade individual foram identificados cinco aspectos que foram apontados como: Imagem, Atitude, Comunicação, Conhecimento e Vida sexual. Na vulnerabilidade Social, foi identificado: Pobreza, baixa escolaridade, orientação sexual, gênero, cultura, etnia, raça, estereótipos, preconceito e discriminação, moradia e renda e na vulnerabilidade programática, foi apontado: Livros didáticos, materiais educativos, acesso a serviços de saúde, políticas públicas, currículo escolar, rede de telefonia, formação dos professores, deficiência de transportes, acesso à internet e infraestrutura escolar.

Por outro lado, a pesquisa apontou como potencialidade que a discussão do tema da sexualidade na medida que é compreendida considerando a diversidade sociocultural, reconhecendo as diferentes etnias, como indígenas e quilombolas, as coloca como essencial para a formação da imagem e autoimagem as relações vivenciadas nos diferentes espaços sociais, entre eles a escola, destacando a importância desses grupos serem vistos sem caricaturas e preconceitos, permitindo-os a expressão de sua cultura, com rostos e costumes, sendo natural a vivência da sexualidade de maneira singular por conta de códigos e valores simbólicos, dando destaque a um pedaço do Brasil, que precisa ser explorada e abordada.

Assim, o estudo aponta que a desestruturação dessa teia de barreiras individuais, sociais e programáticas, requer o fortalecimento de processos educativos plurais, que ultrapassam o limite escolar, com estímulo a problematização, a desconstrução de crenças preconceituosas, com valorização das singularidades culturais e da comunicação efetiva entre os atores envolvidos: pais, jovens, escola, serviços de atenção à saúde, igrejas, centro comunitários, associações de moradores e a sociedade em geral.

Do ponto de vista dos *materiais educativos*, serão elencadas barreiras e potencialidades com base na: 1. Estrutura dos materiais, considerando a Linguagem, Formato e Recursos visuais; 2. Conceitos, considerando: Puberdade, Diversidade Sexual, Prevenção e orientação, Cultura e Cidadania e 3. Contextualização da temática.

Considerando a estrutura dos materiais, como barreiras alguns ME possuem uma linguagem técnica ou com excesso de terminologias; reforçam a perspectiva da sexualidade voltada para aspectos biológicos; possuem enunciados incisivos que trazem a informação como verdade absoluta; abordam o tema de maneira genérica, como se existisse um padrão a ser seguido; possuem textos muito longos, como um manual ou guia; possuem uma diagramação inadequada, causando embaraço entre texto e figuras; tem um tamanho das letras pequenas, o que dificulta a leitura; visualmente não são atrativos, pela falta de imagens ou por

imagens inadequadas; a maioria das imagens não representam a diversidade sociocultural e algumas imagens causam impacto e/ou medo.

Por outro lado, como potencialidades a grande maioria do ME possui uma linguagem explicativa e tenta se dirigir ao público a que se destina, usando como estratégia o estabelecimento de um diálogo que se assemelha a uma conversa com o leitor; estimula a reflexão do leitor por meio de frases interrogativas e questionamentos; destaca algumas informações por uso de caixa de diálogo e quase todos os materiais possuíam figuras ou ilustrações e as ilustrações são usadas para complementar ou exemplificar o conteúdo.

No que diz respeito aos conceitos usados nos materiais, como barreiras destaca-se: o domínio de conteúdo de aspectos de âmbito biológico, com pouca dimensão para as questões sociais e psicológicas; prevenção estritamente relacionada a IST e anticoncepção; temas abordados de forma pontual, como: tipos de violência, desejo, prazer, autonomia feminina, orgasmo, diversidade sociocultural e paternidade responsável. Por outro lado, foi encontrado várias potencialidades, como: a abordagem ainda que tímida em alguns materiais quanto as questões de gênero; preconceitos nos serviços de saúde com populações LGBTTT; discriminação e preconceito, frente aos portadores de HIV; silenciamento de denúncias contra o racismo; abordagem de dúvidas sobre: coito interrompido e masturbação; redes intersetorial de apoio; direitos e deveres: Eca e CF e violência sexual.

E por fim, no que se refere a contextualização dos temas, merece destaque como barreiras: materiais bem descritivos e conceituais, implicando mais em uma preocupação em apresentar os conteúdos; ME com fragilidade de problematização; reduzido potencial para provocar reflexões sobre os temas abordados; pouco estímulo a autonomia feminina e material educativo com caráter disciplinador. E como potencialidades destaca-se: a abordagem de alguns temas, como: o impacto do preconceito e estigmas na vida de travesti e a reflexão gerada sobre a desigualdade social frente a gravidez não planejada.

Não se pretende com esse capítulo esgotar a abordagem das potencialidades e barreiras encontradas pelos jovens para a expressão da sexualidade, já que estas foram apresentadas mais detalhadamente ao longo do texto, mas, aqui, destaca-se alguns aspectos para direcionamento de ideias e merece atenção a supervalorização que é dada nos ME quanto aos aspectos fisiológicos em detrimento de uma gama de conteúdos importantes que não são discutidos e são silenciados e julgados cotidianamente como de menor importância social, reforçando barreiras e preconceitos e a lógica equivocada de que o material educativo deve ser disciplinador. Dessa forma, imbricados em tantas reflexões, é importante destacar o protagonismo juvenil como um potente eixo motriz na sociedade e desarticular do imaginário os jovens como sujeitos unicamente vulneráveis e incapazes e encorajá-los a ocupar espaços



sociais em campos políticos, econômicos, educacionais, culturais, em cenários múltiplos, sendo representados e tendo suas identidades reconhecidas por composições que reflitam a miscigenação brasileira. As informações aqui descritas, encontra-se condensadas no *quadro* 37.

Quadro 37: Potencialidades e Barreiras

	<b>POTENCIALIDADES</b>	<b>BARREIRAS</b>
<b>ESPAÇO - SANTARÉM</b>	Diversidade sociocultural, representada por populações indígenas, quilombolas e ribeirinhas;	Disparidades entre as zonas, para acesso a serviços básicos, como: Internet, telefonia, transporte, saúde, educação, emprego;
	Número de famílias indígenas e quilombolas residindo em comunidades rurais, preservando hábitos culturais;	Ensino médio para alunos indígenas e quilombolas no formato modular;
	Segurança e qualidade de vida nos espaços rurais;	Quantitativos de escolas para alunos indígenas e quilombolas (85/285);
	Preservação e valorização de hábitos e costumes nos espaços rurais;	Acesso as escolas indígenas e quilombolas, concentradas na área rural e planalto;
	Representatividade de estudantes indígenas e quilombolas em diversos cenários;	Número total de escolas na zona rural (176/285);
	Diferentes Juventudes;	Diferentes Juventudes entre ambiente urbano x rural; indígenas e quilombolas x tradicionais;
	Representatividade das escolas nos espaços rurais;	Desigualdade socioeconômica comparando com outras regiões brasileiras;
<b>LITERATURA</b>	Variedade de estudos nas regiões brasileiras;	Pequeno número de publicações sobre o tema;
	Maior número de estudos na região Sudeste e Nordeste;	Escassez de artigos da região Norte, do estado do Pará e de Santarém sobre a temática;
	Visibilidade para necessidade de abordar a temática e descortinar a realidade local;	Desconhecimento do tema partir da realidade local;
	Vivência da sexualidade de maneira singular por conta de códigos e valores simbólicos a partir do contexto de inserção;	Múltiplas vulnerabilidades individuais;
	Sexualidade compreendida entrelaçada na diversidade sociocultural a partir da realidade local;	Vulnerabilidade Social;
	Processos particulares de aprender e interpretar;	Vulnerabilidade programática;
<b>MATERIAIS</b>	Maioria dos ME possuem uma linguagem explicativa e acessível;	Linguagem técnica do ME;
	Boa parte desses materiais estimula a reflexão do leitor;	Tamanho das letras muito pequenas, o que dificulta a leitura;
	Destaque de alguma informação por uso de caixa de diálogo;	Enunciados incisivos que trazem a informação como verdade absoluta;
	Quase todos os materiais possuíam figuras ou ilustrações;	Tamanho extenso dos materiais como um manual ou guia.
	As ilustrações são usadas para complementar ou exemplificar o conteúdo;	Diagramação inadequada dos materiais, causando embaraço entre texto e figuras.
	Acesso das populações LGTBTTT nos serviços de saúde;	Visualmente não são atrativos, pela falta de imagens ou por imagens inadequadas;
	Destaque para o tema da discriminação e preconceito, frente aos portadores de HIV;	Maioria das imagens não representam a diversidade sociocultural;

Destaque para o silenciamento de denúncias contra o racismo;	Imagens que causam impacto e medo;
Abordagem de dúvidas sobre: Coito interrompido e masturbação;	Sexualidade voltada para aspectos estritamente biológicos;
Indicação das redes intersetorial de apoio;	Desconsideração da diversidade sociocultural na maioria dos materiais;
Direitos e deveres: Eca e CF;	Prevenção estritamente relacionada a IST e anticoncepção;
Abordagem da temática da Violência sexual;	ME descritivos e conceituais, implicando mais em uma preocupação em apresentar os conteúdos;
Protagonismo juvenil;	Fragilidade de problematização dos conteúdos;
Redes de comunicação entre os pares;	Reduzido potencial para provocar reflexões sobre os temas abordados;
Impacto do preconceito e estigmas na vida de travesti;	Pouco estímulo a autonomia feminina;
Desigualdade social frente a gravidez não planejada;	Material educativo com caráter disciplinador.

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

## **7. CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA PARA O CAMPO: CARTILHA**

Ao longo da análise dos resultados, ficou evidente a necessidade de contribuir com o campo pesquisado, a cidade de Santarém, em função das barreiras encontradas pela pesquisadora quanto a sexualidade dos jovens santarenos, seja em decorrência dos Livros Didáticos, pela carência de produções científicas sobre o tema que abordem a realidade local, pela falta de representatividade de populações indígenas, quilombolas, ribeirinhas e de áreas rurais nos materiais dessas localidades ou pela abordagem reduzida da sexualidade.

Diante dessas questões, em novembro de 2020, foi enviada uma proposta para participar da chamada interna da Escola Nacional de Saúde Pública, intitulada: “Saúde pública em diálogo com a sociedade”, com a perspectiva da elaboração de uma cartilha educativa, para jovens de Santarém sobre sexualidade, contemplando aspectos relacionados a diversidade sociocultural dessa cidade. A proposta foi aprovada com recurso financeiro de apoio para a produção do projeto gráfico, revisão textual, ilustrações e impressões.

A proposta desse material educativo, foi estruturar uma cartilha, para provocar reflexões no campo da sexualidade, pautada naquilo que é significativo para os jovens, sem uma intencionalidade em reforçar os padrões de saúde definidos pelas instâncias governamentais projetados em mudanças comportamentais. Assim, a cartilha foi planejada em parceria com jovens, representantes indígenas, quilombolas e de áreas rurais de Santarém, no sentido de levantar conteúdos que sejam relevantes para esses jovens. E foi formulada de forma participativa, a fim de ofertar um material que possa agrupar além de aspectos biológicos e conceituais, mas, que agregue também questões sociais e culturais, contextualizadas com base na perspectiva dos atores envolvidos, como integrantes de um grupo que vive diferentes juventudes, buscando integrar os valores, costumes, e aspectos sociais que são responsáveis por condutas e práticas específicas.

Assim, após o levantamento dos conteúdos a serem abordados, foi estruturado os diálogos que irão apresentar estes conteúdos, através de uma linguagem simples e acessível. Após essa etapa, foi identificado as ilustrações e desenhos que irão exemplificar a temática e complementar as explicações. O material se encontra na fase de estruturação do projeto gráfico e finalização da criação de ilustrações. Ainda precisa ser contextualizado e revisado, para que se tenha um material que atenda a proposta de auxiliar no entendimento da sexualidade, buscando contribuir para que os sujeitos se reconheçam neste material, compreendendo a sexualidade entremeada nas particularidades locais, sociais e culturais. Após finalizado, o ME será impresso e entregue para jovens em escolas e em espaços sociais, no intuito de reduzir vulnerabilidades e ampliar o diálogo sobre a sexualidade.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção e finalização da tese, diante de uma pandemia, foi um desafio inimaginável. Previa-se uma série de dificuldades no estudo, por se tratar de uma pesquisa que envolve comunidades indígenas e quilombolas, como, a delimitação de um campo tão extenso territorialmente, o acesso até as comunidades, as autorizações das Secretarias Municipais e Estadual de educação, do CEP e da CONEP. Mas, tudo isso foi contornado e obteve-se entre tantas idas e vindas as autorizações necessárias. Entretanto, não era possível imaginar, que no início do trabalho de campo, em fevereiro de 2019, a pandemia de Covid 19, iria virar o mundo de avesso, implicando no fechamento de todas as escolas de Santarém e impossibilitando também, o acesso até as comunidades indígenas e quilombolas.

Inicialmente, nutria-se o imaginário que a pandemia seria um momento passageiro e por isso, resolveu-se caminhar em outros aspectos do estudo, aguardando o retorno das escolas e a liberação para acesso até as comunidades indígenas e quilombolas. Entretanto, avançaram-se 6 meses desde o início da coleta de dados e as escolas continuavam fechadas. Assim, mesmo com outras prioridades, diante de tantas perdas, luto e o agravamento mundial da pandemia, a decisão viável, foi mudar o público da pesquisa, para professores, já que estes continuavam indo para as escolas, para gravação de aulas on-line. E no meio desse cenário, o projeto foi adequado para a nova proposta. Entretanto, mais uma vez, não foi possível seu prosseguimento em decorrência do fechamento total das escolas, em que nem mesmo os professores adentravam esses espaços.

E diante de tantas incertezas, juntou-se forças e reestruturou-se a pesquisa para a busca de materiais educativos e de uma ampla revisão da literatura sobre o tema, sendo necessário abrir mão de parte do projeto anterior, ainda que tenha sido desenhado e planejado com várias mãos e caminhava com grande entusiasmo para compreensão da realidade local, para compreender que a proposta atual complementava a anterior e que aspectos importantes do campo de pesquisa, como a caracterização local e dos jovens, já havia sido feito antes da pandemia, durante a coleta de dados para o artigo 1.

Com a nova proposta de pesquisa, o que causou bastante surpresa ao realizar tanto a revisão da literatura, como em específico a busca para responder as questões que se refere a vulnerabilidade dos jovens, foi a escassez de materiais sobre o tema e o número limitado de publicações da região Norte e nenhuma publicação do estado do Pará. Ainda com o uso de diversas estratégias para encontrar esses materiais, como busca de materiais em âmbito nacional e internacional, combinação de diversos descritores, ampliação de idiomas, o número de publicações encontradas, foi reduzido.

Essa fragilidade de publicações, despertou a tenção para um campo ainda não tão explorado, a sexualidade de jovens em áreas de diversidade sociocultural e vulnerabilidades individuais, sociais e programáticas, porque existe publicado um número muito grande de estudos do ponto de vista das IST, mas, ao direcionar o olhar para a sexualidade, a quantidade de publicações é reduzida e quando encontrado, a grande maioria associa a sexualidade a prevenção de IST e de gravidez.

No que se refere a busca por materiais educativos sobre sexualidade, de forma inicial parecia ser uma tarefa acessível e sem complicações, entretanto após a busca em sites das secretarias de educação e saúde do estado do Pará e a solicitação nesses órgãos por esses materiais e não obtendo retorno, ficou claro que não seria fácil obter esses ME. Dessa forma, foi realizado o contato por aplicativo de mensagens com alguns professores das escolas públicas de Santarém e na informalidade da comunicação, foi percebido que estes docentes, entendem a sexualidade como sexo e faziam indicação de materiais relacionados reprodução humana ou a prevenção de IST e que apesar de indicarem esses materiais, esbarrava na questão que estes encontravam-se dentro das escolas que estavam fechadas e que não estavam na internet, assim ficou evidente também, que existe um distanciamento entre o que é produzido para as atividades educativas e o que é publicado na internet.

Diante desses entraves, foi realizado buscas on-line em sites de acesso aberto, até para poder entender, o que os jovens iriam encontrar disponível na internet se buscassem por materiais educativos sobre sexualidade e foi encontrado 123 materiais, porém ao fazer a leitura desses, identificou-se que apenas 25 materiais abordavam a sexualidade ou temas, correlatos e destes apenas 1 era da região Norte. E no meio das reflexões proporcionada pela pesquisa, foi possível entender que o resultado encontrado é convergente coma revisão da literatura realizada para o referencial teórico sobre os materiais educativos, que também identificou apenas um artigo sobre o tema na região Norte.

Assim, talvez o leitor esteja se perguntando, **o que de fato a pesquisa revelou** quanto ao espaço de inserção desses jovens? O foi encontrado na Literatura sobre as vulnerabilidades que acometem os jovens? E como a sexualidade é abordada nos materiais educativos?

O estudo apontou que a cidade de Santarém vive a polaridade da desigualdade socioeconômica em universos distintos, representados pelas zonas: Urbanas, Rural e Planalto, com enormes disparidades para acesso a serviços básicos, como: saúde e educação; rede de transporte estabelecidas por vias terrestres e fluviais; dificuldade para acesso a telefonia móvel e de internet, além da escassez de oportunidades de emprego e renda e em contrapartida, a cidade é formada por uma rica diversidade cultural com populações

indígenas, quilombolas e ribeirinhas, mas, que coabitam com vulnerabilidades individuais, sociais e programáticas.

No que se refere a educação dos estudantes indígenas e quilombolas, os dados que mais despertaram a atenção se referem: ao ensino médio, que é ofertado por meio do ensino modular; quanto a localização territorial dessas escolas, que de 86 escolas com estudantes indígenas e quilombolas, 70 escolas se encontram na zona Rural e quanto ao quantitativo total de escolas ao longo das zonas, de 285 escolas, 176 escolas são rurais, que é quase três vezes o número de escolas da Zona Urbana. Por outro lado, o grande número de escolas na Zona rural, não reflete no grande número de estudantes nas áreas rurais, uma vez que a quantidade de estudantes da zona urbana é de 25.641 estudantes e na zona Rural de 8.263 estudantes, apontando a grande extensão territorial da zona rural e a menor densidade populacional.

Quanto a vulnerabilidade dos jovens, foram identificados os três grupos de vulnerabilidades: individual, social e programática. Na vulnerabilidade individual foram identificados cinco aspectos recorrentes que são apontados como: Imagem, Atitude, Comunicação, Conhecimento e Vida sexual. Na vulnerabilidade Social, foi identificado: Pobreza, escolaridade, orientação sexual, gênero, cultura, etnia, raça, estereótipos, preconceito, discriminação, moradia e renda e na vulnerabilidade programática, foi apontado: livros didáticos, materiais educativos, acesso a serviços de saúde, políticas públicas, currículo escolar, rede de telefonia, formação dos professores, deficiência de transportes, acesso à internet e infraestrutura escolar.

Com relação a análise dos materiais educativos, foi avaliado e discutido a estrutura, os conceitos trabalhados e a contextualização. Com relação a estrutura dos materiais, alguns ME possuem uma linguagem técnica ou com excesso de terminologias; reforçam a perspectiva da sexualidade voltada para aspectos biológicos; possuem enunciados incisivos; abordam o tema de maneira genérica; possuem textos muito longos; possuem uma diagramação inadequada; tem tamanho das letras pequenas; visualmente não são atrativos; a maioria das imagens não representam a diversidade sociocultural e algumas imagens causam impacto e/ou medo. Por outro lado, a grande maioria do ME possui uma linguagem explicativa e tenta se dirigir ao público a que se destina, usando como estratégia o estabelecimento de um diálogo que se assemelha a uma conversa; estimula a reflexão por meio de frases interrogativas e questionamentos e quase todos os materiais possuíam figuras ou ilustrações.

No que diz respeito aos conceitos usados nos materiais, destaca-se: o predomínio de conteúdo de aspectos de âmbito biológico, com pouca dimensão para as questões sociais e psicológicas; prevenção estritamente relacionada a IST e anticoncepção; temas abordados de forma pontual, como: tipos de violência, desejo, prazer, autonomia feminina, orgasmo,

diversidade sociocultural e paternidade responsável. Por outro lado, foi encontrado vários aspectos favoráveis, como: a abordagem ainda que tímida em alguns materiais quanto as questões de gênero; preconceitos nos serviços de saúde com populações LGBTTT; discriminação e preconceito, frente aos portadores de HIV; silenciamento de denúncias contra o racismo; abordagem de dúvidas sobre: coito interrompido e masturbação; redes intersetorial de apoio; direitos e deveres: Eca e CF e violência sexual.

E por fim, no que se refere a contextualização dos temas, merece destaque como barreiras: materiais bem descritivos e conceituais, implicando mais em uma preocupação em apresentar os conteúdos; reduzido potencial para provocar reflexões sobre os temas abordados; pouco estímulo a autonomia feminina e material educativo com caráter disciplinador. Por outro lado, como potencialidade, alguns ME abordaram alguns temas importante, como: o impacto do preconceito e estigmas na vida de travesti e a reflexão sobre a desigualdade social frente a gravidez não planejada.

O estudo não pretendeu esgotar a abordagem do tema da sexualidade e das discussões da diversidade sociocultural e das vulnerabilidades individuais social e programáticas. Mas, se propunha a compreender o tema através do olhar da realidade local. E ao longo do processo de desenvolvimento da tese, diante da exaustão da pesquisa, surgiu o questionamento, qual o sentido da pesquisa? E essa inquietação provocou indagações enquanto meu papel de pesquisadora frente a sociedade. E ao analisar os resultados preliminares da tese e identificar uma diversidade de fragilidades quanto aos materiais educativos e Livros Didáticos usados por jovens estudantes da rede de ensino municipal e estadual de Santarém- PA, para abordar a temática da sexualidade a cada momento ficou evidente a necessidade de concluir a tese e em contrapartida poder de alguma forma devolver a sociedade e ao grupo pesquisado uma contribuição.

Assim, imergida nas questões analisadas e na realidade local, surgiu a demanda do desenvolvimento da cartilha educativa sobre sexualidade, para os jovens de Santarém, para ser entregue nas escolas de ensino fundamental e médio e na comunidade. E apesar da consciência de que o material educativo é incapaz de responder todas as lacunas com relação ao tema, acredita-se que este seja um ponto de partida para novas indagações, para servir de apoio para os jovens estudantes, bem como para colaborar na prática docente sobre o assunto, diante de um cenário político de incertezas no campo de ações de sexualidade no âmbito escolar, não podendo perder momentos oportunos, sendo um caminho para reforçar as relações entre os jovens e o ambiente escolar, facilitando a receptividade do tema nesses espaços e fazendo com que a temática estudada possa cruzar a barreira da pesquisa e seja incorporada na realidade da sociedade.

E quais as possibilidades que estudo ajudou a construir?

O estudo possibilitou o início de uma parceria entre a Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), através de seus docentes, com as escolas municipais e estaduais de ensino fundamental e médio de Santarém, no intuito de estimular o desenvolvimento contínuo de ações no campo da sexualidade, com base no conhecimento do panorama local, a fim de estruturar estratégias que possam contribuir para a qualificação permanente de docentes, além de ações que permitam a abordagem da temática com os jovens ao longo do ano, nas diferentes séries, com os diferentes grupos, valorizando aspectos culturais e sociais presentes nesses territórios. Essa parceria, ainda inicial, pode ser uma forma para estreitar laços entre a Universidade e as escolas, vislumbrando que a Universidade possa atuar de maneira permanente nessas escolas, com programações a serem desenvolvidas ao longo do ano, com conteúdo apropriados para cada série, estruturadas em parceria com a escola e a família e fomentando que jovens sejam educadores populares do tema, estimulando o protagonismo juvenil e a disseminação do conhecimento estruturado na universidade em seu âmbito extramuro.

Essa parceria surgiu durante a coleta de dados em Livros Didáticos nas escolas de ensino Fundamental e Médio, da Zona Urbana, Rural e Planalto, do ensino Tradicional, indígena e quilombola das escolas públicas municipais e estaduais de Santarém, em que a pesquisadora recebeu inúmeros convites para a realização de atividades educativas e firmou parceria com as escolas através da UFOPA com apoio dos acadêmicos e da coordenação do Curso de Bacharelado em Saúde Coletiva que irão desenvolver um dos eixos de estágio de saúde coletiva nessas escolas, através de ações a serem desenvolvidas a curto, médio e longo prazo. Através da realização de atividades de educação em saúde, assim, foi iniciada uma agenda de ações a serem incorporadas e desenvolvidas de maneira permanente nas escolas.

Os passos futuros resultados da tese é apresentação da *cartilha educativa* que foi estruturada em parceria com os jovens, diante da caracterização do cenário estudantil Santareno, do levantamento dos materiais educativos disponíveis sobre o tema e da revisão da literatura, para as Secretarias Municipais e Estaduais de educação, para que possa ser usado com um material de apoio na abordagem do tema da sexualidade nas escolas de Santarém.

Vale ressaltar, que no intuito de disseminar as informações obtidas o resultado final do estudo será publicado no formato de artigos a fim de difundir as informações geradas, contribuir para a redução das vulnerabilidades associadas aos jovens, fortalecer ações no campo da sexualidade e gerar visibilidade para as questões da diversidade sociocultural no contexto das escolas da região Norte do Brasil.



É possível acreditar com base no estudo, que o contexto histórico, socioeconômico e cultural interfere no entendimento de como os jovens compreendem e vivenciam a sua sexualidade. Assim, acredita-se que a análise do tema da sexualidade, considerando a diversidade sociocultural, no contexto dos materiais educativos voltados para alunos do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino de Santarém/PA, pôde ser um subsídio para fortalecer tecnologias leves, leves-duras e duras, como o vínculo, acolhimento, além dos equipamentos sociais, na elaboração de intervenções e materiais que possam ser apropriados para tal público, considerando o espaço particular que residem. Dessa forma, entende-se que o estudo pode ser usado para subsidiar a (re) formulação de políticas públicas, de modo a fazer com que os jovens se sintam parte integrante dessas políticas, visando uma educação inclusiva e com reconhecimento das diversidades socioculturais.

A presente investigação representou um importante avanço para um maior entendimento desse grupo social, marcado por estar localizado em grandes áreas geográficas, com situações sociais e culturais singulares pela composição de uma população formada por quilombolas, ribeirinhos e indígenas, com moradias algumas vezes afastadas, em área rurais, de difícil acesso à escola e a rede de internet e serviços de saúde, o que pode favorecer a diversas vulnerabilidades.

Enquanto pesquisadora, moradora da cidade de Santarém, sempre conduzi esse estudo com o intuito fundamental de conhecer e refletir sobre as demandas locais, na perspectiva de ultrapassar as barreiras teóricas do conteúdo e gerar aproximação com a realidade em que estou inserida. E com o término da pesquisa, saio desse processo olhando a cidade de Santarém de outra forma, reconhecendo-a com um lugar rico em cultura, história e conhecimentos tradicionais que precisam ser compartilhados, valorizados e introduzidos nos espaços sociais e que o jovem tem um potencial extraordinário de transformação e de inserção em espaços múltiplos. Assim, apesar da consciência de que o estudo é incapaz de responder todas as lacunas com relação ao tema, acredita-se que este seja um ponto de partida para novas leituras e indagações, que se permita questionar o processo de ensino aprendizagem de jovens, para uma sexualidade saudável, além de provocar reflexões sobre o papel dos pais, da escola, dos espaços diversos e da sociedade, nesse processo de construção, para impulsionar o entendimento da relevância dos materiais educativos, dos livros didáticos e de políticas tão generalistas em um contexto tão particular, dentro de um país com diversos “Brasis” e diferentes juventudes.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A; KNOBEL, M. Adolescência normal – Um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: **Artes Médicas**, 2009.
- ABREU, L. D. P. et al. Abordagem educativa utilizando os Círculos de Cultura de Paulo Freire: experiência de acadêmicos de enfermagem no “Grupo Adolescer”. **Adolesc. Saúde**, Rio de Janeiro, 10(4), 66-70, 2013.
- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO; Brasil, 426p, 2004.
- ALMEIDA, S. A. **Orientação sexual nas escolas: seria possível se não incomodasse?** 2009. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- ALTMANN, H. Sobre a Educação Sexual como um Problema Escolar. **Linhas**, v. 7 n. 1, 2006.
- \_\_\_\_\_. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-educacional. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n.46; p.287-310; 2007.
- \_\_\_\_\_. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.
- ALVES, C. M.; BRANDÃO, E. R. Vulnerabilidade no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 14, n 02, Rio de Janeiro, Mar/Abr, 2009.
- ALVES, A. A.; AZEVEDO, B. G.; SILVA, D. S.; et al., **Psicologia, Sexualidades e Identidade de Gênero**: Guia de referências técnicas e teóricas. Cartilha. Salvador, Bahia, 2018.
- AMARANTE, P.; COSTA, A. M. **Diversidade Cultural e Saúde** /. Rio de Janeiro: CEBES. 2012.
- AMORAS, B. C.; CAMPOS. A. R.; BESERRA. E. P. Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Pracs**. Macapá. 2015.
- AMORIM, N. R.; ROSITO, M. M. B.; FREIRE, D. K.: da vulnerabilidade à autonomia. **Contrapontos**. 2007; 7(3):615-27.
- ANDRADE, J. et al. Vulnerabilidade de mulheres que fazem sexo com mulheres às infecções sexualmente transmissíveis. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 25, n. 10, p. 3809-3819, Oct. 2020 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232020001003809&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020001003809&lng=en&nrm=iso)>. Access on 26 Apr. 2021. Epub Sep 28, 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.03522019>.

ARAÚJO, I. **Materiais educativos e produção de sentidos na intervenção social**. In: Monteiro, S.S., Vargas, E.P. Educação, Comunicação e Tecnologia Educacional: interfaces com o campo da saúde. Editora Fiocruz, 2006. p. 49-70.

ARAÚJO, T. M. E.; MONTEIRO, C. F. de S.; MESQUITA, G. V; ALVES, E. L. M.; CARVALHO, K. M; MONTEIRO, R. M. Fatores de risco para infecção por HIV em adolescentes. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 12, n.2, p. 242-72012, abr/jun, 2012.

ARROYO, M. G. Os Movimentos Sociais e a construção de outros currículos. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 55, pág. 47-68, março de 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602015000100047&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602015000100047&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 18 de abril de 2021. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.39832> .

ASSUMPCÃO, J. F. B. **Adolescência Normal e Patológica**. São Paulo: Lemos Editorial, 2012.

AYRES, J. R. C. M. Práticas educativas e prevenção de HIV/Aids: lições aprendidas e desafios atuais. **Interface** (Botucatu). 2002; 6(11):11-24.

AYRES, J. R. C. M.; FRANÇA, J. I; CALAZANS, G. J.; SALETTI, F. H. C. **O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios**. In: CZERESNIA, D; FREITAS, C. M, organizadores. Promoção da saúde – conceitos, desafios, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003. p. 117-38.

AYRES, J. R. C. M; CALAZANS, G. J.; SALETTI, F. H.; FRANÇA, J. I. **Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde**. In: CAMPOS, G. W. S; BONFIM, J. R. A; MINAYO, M. C. S; AKERMAN, M; DRUMON, J. M; CARVALHO, Y. M. Organizadores. Tratado de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2006. p. 375-417.

BANIWA, G. S. L. **Territórios etnoeducacionais: um novo paradigma na política educacional brasileira**. Comunicação apresentada na Conferência Nacional de Educação – CONAE, 2010. Brasília: CINEP. 2010.

BARONG – Organização Não Governamental - ONG. **E aí garota?** Cartilha. São Paulo. 2015.

\_\_\_\_\_. Organização Não Governamental - ONG. **Cuidando deles: A saúde do homem**. Cartilha. São Paulo. 2015.

\_\_\_\_\_. Organização Não Governamental - ONG. **Cuidando delas: a saúde da mulher**. Cartilha. São Paulo. 2015.

\_\_\_\_\_. Organização Não Governamental -ONG. **Cuidando deles: Saúde sexual e reprodutiva do homem**. Cartilha. São Paulo. 2015.

BARROS, A. F. (org.). **Diversidade sexual e a cidadania LGB**. Cartilha. Governo do Estado de SP. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania. Coordenação de Políticas para a diversidade sexual. São Paulo. 2014.

BENZAKEN, A. S et al., (Org.). **Álbum Seriado das IST**. Álbum seriado. Secretaria de Estado de Santa Catarina. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais - Secretaria de Vigilância em Saúde e Comitê Técnico de (IST) – MS. Brasília, 2016.

BERGAMASCHI, M. A.; SOUSA, F. B. Territórios etnoeducacionais: ressitando a educação escolar indígena no Brasil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 26, n. 2, pág. 143-161, agosto de 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072015000200143&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072015000200143&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 16 de abril de 2021. <https://doi.org/10.1590/0103-7307201507709>.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. Interrogando a identidade. p.70-104. Comentário: Sabine Mabordi (UBC - University of British Columbia).

BONFIM, C. R. S. **Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas: contradições, limites e possibilidades** (Tese de Doutorado). Campinas, SP. 2009.

BARBOSA, M. M. **As narrativas das identidades regionais na Amazônia paraense** (PDF). São Paulo: Pontifica Universidade Católica. 242 páginas. 2010.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: Câmara dos Deputados. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm). Acesso em: 02 abril. 2021.

\_\_\_\_\_. **Decreto Presidencial nº 6.861, de 27 de maio de 2009**. Dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, define sua organização em Territórios Etnoeducacionais e dá outras providências. Brasília, DF. 2009.

\_\_\_\_\_. IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo demográfico: Projeção populacional. Brasília, 2010. [Internet]. [acesso 20 abril 2021]. Disponível em: [www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/censo2000\\_populacao.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/censo2000_populacao.pdf)

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica (2012)**. Resolução nº 5, aprovada em 22 de junho de 2012. Brasil: Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. 2012.

\_\_\_\_\_. **Portaria 1062, de 30 de outubro de 2013**. Institui o Programa Nacional dos Territórios Etnoeducacionais – PNTEE. Brasil: Ministério da Educação e Cultura. 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério do Exército. **DST/AIDS na mira**. Folheto informativo. Ministério da Saúde. São Paulo. 2014.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da criança e do adolescente:** Lei federal nº 13.257, de 8 de março de 2016. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2016.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CP Nº 2, de 22 de dezembro de 2017.** Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Disponível em: Acesso em: fev. 2019.

BREITENBACH, R.; CORAZZA, G. (2019). Formação profissional e a relação com a sucessão geracional entre jovens rurais, Brasil. **Revista Latino americana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud, 17(2), 1-34. doi:10.11600/1692715x.17212

BRUMER, A. (2007). **A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade.** En M. J. Carneiro, & E. G. de Castro, Juventude Rural em Perspectiva (pp. 35-52). Rio de Janeiro: Maual X.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas sobre a Teoria da Ação.** Oeiras: Celta Editora. 2001.

BUGLIONE, S. (Org.). **Reprodução e sexualidade: uma questão de justiça.** Porto Alegre: Themis Safe, 2002.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI, F. A. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis** .2007; 17(1):77-93.

BUSSAB, W. DE O. Grupo de Estudos em População, Sexualidade e Aids. Plano amostral da Pesquisa Nacional sobre Comportamento Sexual e Percepções sobre HIV/Aids, 2005. **Rev. Saúde Publica.** 2008;42(Supl 1):12-20.

CALAZANS, G. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para reflexão. In: ABRAMO, H.W. BRANCO, P. M, organizadores. **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania; 2005. p.215-41.

CALIMAN, G. et al. Youth leadership and global citizenship: alternatives for peacebuilding in Brazilian public schools. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro , v. 28, n. 108, p. 672-694, set. 2020 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362020000300672&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362020000300672&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 15 maio 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40362020002802047>.

CAMARGO, B. V.; GIACOMOZZI, A. I.; WACHELKE, J. F. R.; AGUIAR, A de. Vulnerabilidade de adolescentes afrodescendentes e brancos em relação ao HIV/Aids. **Estud. psicol.** (Campinas), v.27, n.3, p. 343-354, set, 2010.

CAMPOS, R. Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis. **Sociologia, Problemas e Práticas.** 2010.

CANDAU, V. M. **Educação intercultural: entre afirmações e desafios.** In.: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Org.). Currículos, disciplinas escolares e culturas. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 23-41.

CARMO, M. E.; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cad. Saúde Pública**. 2018;34(3): 00101417. doi: 10.1590/0102-311x00101417 [ Links ]

CARNEIRO, R. F; SILVA, N. C.; ALVES, T. A.; ALBUQUERQUE, D. O.; BRITO, D. C, OLIVEIRA, L. L. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. **Sanare** [Internet]. 2015.

CARVALHO, J. A. B.; BARBEIRO, L. F. Reproduzir ou construir conhecimento? Funções da escrita no contexto escolar português. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , v. 18, n. 54, p. 609-628, Sept. 2013 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782013000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782013000300006&lng=en&nrm=iso)>. Access on 11 May 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782013000300006>.

CARVALHO, M. A. P.; ACIOLI, S.; STOTZ, E. **O processo de construção compartilhada do conhecimento – uma experiência de investigação científica do ponto de vista popular**. In: VASCONCELOS, E. M, organizador. A saúde nas palavras e nos gestos – reflexões da Rede de Educação popular e Saúde. São Paulo: Hucitec; 2001. p. 101-14.

CARVALHO, M. A.; MIRANDA, L. A. DE.; PACHECO, L. M. B. Diversidade sexual na escola: documentos legais e comunidade escolar – uma análise. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 2, p. 112-131, maio/ago. 2015.

CASTRO, E. G. DE. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latino americana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 7(1), 179-208. 2009.

CASTRO, A. M. G.; ABRAMOVAY, M., SILVA, L. B. **Juventude e sexualidade**. São Paulo: UNESCO, 2011.

CASTRO, A. M. G.; LIMA, S. M. V., SARMENTO, E. P. DE M., & VIEIRA, L. F. (2013). **Juventude rural, agricultura familiar e políticas de acesso a terra no Brasil**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário. 2013.

CASTRO, J. N. de. **Identidade e gênero em cenas do cinema: um estudo sobre o ensino de Educação Física e a construção dos corpos no contexto escolar**. 2019. 260 f. Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde) - Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

CHIARINI, T. et al. Spatial distribution of scientific activities: An exploratory analysis of Brazil, 2000-10. **Science and Public Policy**, v.41, n.5, p.625-640, 2014.

CHAVES, A. F de C. P et al., **Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Cartilha. Universidade Federal do Piauí - UFPI – Teresina, Piauí, 2020.

CICCO, R. R. de. **Potencialidades e limites do ensino das Doenças Sexualmente Transmissíveis: um estudo qualitativo na perspectiva socioantropológica**. Orientadora: Eliane Vargas. 2012. Dissertação. (Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde) - Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012.

COLI A. S. **Conceito de adolescência**. In E Marcondes. *Pediatria básica*. Savier, São

Paulo. 2015.

COMISSÃO DE SAÚDE E MEIO AMBIENTE. **Adolescência e Saúde**. Cartilha. Assembleia Legislativa. Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

COSCRATO, G.; BUENO, S. M. V. Concepção de enfermeiros de uma rede pública de saúde sobre Educação para a Saúde. **Rev Esc Enferm USP**. 2013; 47(3):714-21.

COSTA, A. C. P. de J.; LINS, A. G.; ARAÚJO, M. F. M. de.; ARAÚJO, T. M. de.; GUBERT, F. do A.; VIEIRA, N. F. C. Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV, em imperatriz – maranhão. **Revista Gaúcha Enfermagem**. Porto Alegre, n.3, v. 34, p. 179-186, Abril/agro, 2013.

COSTA, F. A. **Elementos para uma economia política da Amazônia**. Belém, NAEA. 2012.

COSTA, M. I. F. da et al. Adolescentes em situação de pobreza: resiliência e vulnerabilidades às infecções sexualmente transmissíveis. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília , v. 73, supl. 4, e20190242, 2020 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672020001600174&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672020001600174&lng=en&nrm=iso)>. Access on 24 Apr. 2021. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0242>.

COUTO JUNIOR, D. R.; M. L. M. B. OSWALD.; F. A. POCAHY – **Gênero, Sexualidade e juventude(s)**. Civitas, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 124-137, jan.-abr. 2018.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Artmed. 2007, p. 43-63.

CUNHA, C. de F.; LIMA, N. L.de. **A escuta de adolescentes na escola: a sexualidade como um sintoma escolar**. Estilos da Clínica, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 508-517, 2013.

DANTAS, L.A.; ANDRADE, L.D.F.; LIMA, G.M.B.; SARAIVA, A.M. O desabrochar das flores: opiniões de adolescentes grávidas sobre planejamento familiar. **Cogitare enfermagem**. 2013; 18(3):502-8.

DELOR, F.; HUBERT, M. Revisiting the concept of "vulnerability". **Social Science & Medicine**, n. 50, 2000.

DCNE/BRASIL, MEC – Secretaria do Estado de Educação do Pará – **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino**. Brasília: Ministério da Educação, 2016.

DIAS, F.L.A.; SILVA, K.L.; VIEIRA, N.F.C.; PINHEIRO, P.N.C; MAIA, C.C. Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. **Rev Enferm UERJ** [Internet]. 2010.

DICENSO, G. G.; GRIFFITH, A. W. Interventions to reduce unintended pregnancies among adolescents: systematic review of randomized controlled trials. **BMJ**; n. 324, p.1426-1430, 2002.

DIRVEN, M. **Las prácticas de herencia de tierras agrícolas: ¿una razón más para el éxodo de la juventud?** Santiago de Chile: Cepal. 2002.

DOUTOR, C. **Um olhar sociológico sobre os conceitos de juventude e de práticas culturais: perspectivas e reflexões.** Última década [On line] 2016.

FACCHINI, R. Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. São Paulo: Garamond, 2005.

\_\_\_\_\_. **Múltiplas identidades, diferentes enquadramentos e visibilidades: um olhar para os 40 anos do movimento LGBT.** In: GREEN, J.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Org). História do Movimento LGBT no Brasil. São Paulo: Alameda, 2018.

\_\_\_\_\_. **Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90.** São Paulo: Garamond, 2005.

FEPIPA. Federação dos Povos Indígenas do Pará, 2016.

FERREIRA, I. L. **Projeto de lei da Câmara nº 867, de 2015.** Inclui, entre as diretrizes e bases da educação nacional, o “Programa Escola sem Partido”. Disponível em: Acesso em: jan. 2019.

FERREIRA, A. G. N. et al. Métodos e materiais educativos utilizados por enfermeiros para prevenção das doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: revisão integrativa. **Rev. enferm.** UFPE on line, Recife, v. 7, n. 5, p. 4554-62, jun., 2013.

FERREIRA, B. de O.; BONAN, C. Abrindo os armários do acesso e da qualidade: uma revisão integrativa sobre assistência à saúde das populações LGBTT. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 25, n. 5, p. 1765-1778, May 2020 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232020000501765&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020000501765&lng=en&nrm=iso)>. access on 15 Apr. 2021. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.34492019>.

FEITO L. **Vulnerabilidad. An Sist Sanit Navar.** 2007; 30Supl3:7-22

FIGUEIRA, M. C S.; LEITE, T. M. C.; SILVA, E. M S. Educação em saúde no trabalho de enfermeiras em Santarém do Pará. **Rev Bras Enferm**, Brasília 2012 mai-jun; 65(3): 414-9.

FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.) **Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns.** Londrina: UEL, 2010.

FONTES, L.F. C.; CONCEICAO, O. C.; MACHADO, S. Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 22, n. 9, p. 2919-2928, Sept. 2017 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232017002902919&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002902919&lng=en&nrm=iso)>. Access on 15 May 2021. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.11042017>.

FRANÇA, I. S. X. de. Vulnerabilidade programática às IST/AIDS na atenção primária à saúde: um habitus permeado pela violência simbólica. **Cogitare enferm.** Campina Grande, PB. 2021.



FREIRE P. **Pedagogia da autonomia** – saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra; 1996.

FREITAS, C. M. (Org.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. 2. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

FURLANETTO, M. F. **Educação em sexualidade na adolescência**. Cartilha. Núcleo de Estudos Sobre Famílias e Instituições Educacionais e Sociais – NEFIES - UFRGS. Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FURLANETTO, M. F et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , v. 48, n. 168, p. 550-571, jun. 2018 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742018000200550&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742018000200550&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 04 maio 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/198053145084>.

FURLANI, J. (Org.). **Educação Sexual na Escola: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito as diferenças**. Florianópolis: UDESC (Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina), 2008.

GALLAND, O. A **iniciação sexual dos jovens**. As interações afetivo-sexuais: entre iniciações e idealizações. IN: CASTRO, G.M.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. Juventudes e sexualidade. Brasília: UNESCO Brasil, 2013.

GARCIA, T. A. **A política brasileira de educação intercultural e a construção dos territórios etnoeducacionais**. In Anais da IX Reunião de Antropologia do Mercosul. Curitiba, PR. 2011.

GARCIA, G. S. et al., A look at the factors of vulnerability of adolescents to HIV/AIDS. **Jornal bras Doenças Sex Transm**. 2013.

GAZZINELLI, M. F.; GAZZINELLI, A.; REIS, D. C. dos.; PENNA, C. M. de M. Educação em saúde: conhecimentos, representações sociais e experiências da doença. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n.1, p.200-206, 2005.

GAZZINELLI, M. F.; REIS, D. C.; MARQUES, R. (Org.). **Educação em saúde: teoria, método e imaginação**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

GEERTZ, G. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GIOVANELLA, L. et al (org) **Políticas e Sistema de Saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.

GOLDFARB, E.S.; LIEBERMAN, L.D. Three Decades of Research: The Case for Comprehensive Sex Education. **J Adolesc Health**. 2021 Jan;68(1):13-27. doi: 10.1016/j.jadohealth.2020.07.036. Epub 2020 Oct 12. PMID: 33059958.

GOMES, R. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, M.C. de S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 79-108.

GOMES, T. do V. et al. Santarém (PA): um caso de espaço metropolitano sob múltiplas determinações. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 19, n. 40, p. 891-918, dez. 2017. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-99962017000300891&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-99962017000300891&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 25 abr. 2021. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2017-4009>.

GONÇALVES, H.; MACHADO, E. C.; SOARES, A. L. G.; CAMARGO-FIGUEIRA, F. A.; SEERIG, L. M.; MESENBURG, M. A. et al. Sexual initiation among adolescents (10 to 14 years old) and health behaviors. **Rev Bras Epidemiol.** 2015;18(1):1-18. doi: 10.1590/1980-5497201500010003 [ Links ]

GRAÚNA, G. Educação, literatura e direitos humanos: visões indígenas da lei 11.645/08. **Educação & Linguagem**, v. 14, n. 23/24, p. 231-260, 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/article/view/2918>. Acesso em: 5 fev. 2021.

GRUPO DE INCENTIVO À VIDA. **Adolescentes, Aids e Sexualidade**. Um bicho de sete cabeças? Cartilha. São Paulo.

GRUPO DE TRABALHO E PESQUISA EM ORIENTAÇÃO SEXUAL. **Para ficar numa boa e sem sustos**. Cartilha. São Paulo, 2011.

GUIMARÃES, A. M. D. N.; VIEIRA, M. J.; PALMEIRA, J. A. Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 3, p. 293-298, 2003.

GUTIERREZ, J. P. **Os direitos dos povos indígenas**. In: URQUIZA, A. H. A. (org.). Culturas e história dos povos indígenas em Mato Grosso do Sul. Campo Grande: UFMS, 2013, p. 281-304. [38742020000300051&lng=en&nrm=iso](https://doi.org/10.11606/issn.2316-901x.v1i77p51-69). Access on 16 Apr. 2021. Epub Dec 14, 2020. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901x.v1i77p51-69>.

HAESER, L. M.; BÜCHELE, F.; BRZOSOWSKI, F. S. Considerações sobre a autonomia e a promoção à saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 605-620, 2012.

HARAYAMA, R. M. et al. Interinstitucionalidade e intersetorialidade na produção da cartilha de combate ao racismo e a discriminação contra estudantes indígenas nas escolas públicas de Santarém/Pa: vivências, formação e proposições. **Cadernos da Pedagogia**, ISSN 1982-4440. Dossiê. v. 15, n. 31, p. 44-52, Jan-Abr/2021.

HARTMANN, J.M.; CESAR, J.A. Conhecimento de preservativo masculino entre adolescentes: estudo de base populacional no semiárido nordestino, Brasil. **Caderno saúde pública**. 2013; 29(11):2297-2306.

HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; BOZON, M.; KNAUTH, D. R, organizadores. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Garamond/Editora Fiocruz; 2006. 536 pp.

HOGA, L. A. K. (Coord.) **Vamos falar sobre sexualidade?** Cartilha. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – USP - São Paulo, 2013.

KAPLÚN, G. Material Educativo: a experiência do aprendizado. **Comunicação & Educação**. V. 27, maio/ago, 2003, p. 46-60.

KEMPFER, S. S.; FRAGA, S. M. N.; MAFRA, T. J.; HOFFMAN, A. C. da S.; LAZZARI, D. D. Contracepção na adolescência: uma questão de autocuidado. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 2702-2711, 2012.

KELLY-SANTOS, A. **A palavra & as coisas: produção e recepção de materiais educativos**. Orientadora: Simone Souza Monteiro. 2009a. Tese. (Doutorado em ciências na área de saúde pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, 2009. <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2009000400017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009000400017&lng=en&nrm=iso)>. Access on 03 May 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009000400017>.

KELLY-SANTOS, A.; MONTEIRO, S.; ROZEMBERG, B. Significados e usos de materiais educativos sobre hanseníase segundo profissionais de saúde pública do Município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 857-867, Apr. 2009b. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2009000400017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009000400017&lng=en&nrm=iso)>. Access on 03 May 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009000400017>.

KELLY-SANTOS, A.; MONTEIRO, S. S.; RIBEIRO, A. P. G. Acervo de materiais educativos sobre hanseníase: um dispositivo da memória e das práticas comunicativas. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 14, n. 32, p. 37-51, Mar. 2010. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-)

KOWARICK L. **Viver em risco – sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil**. São Paulo: Editora 34; 2009.

LARAIA, R. B. **Cultura, um conceito antropológico**. 24.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Atualizada até março de 2017. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: [http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf). Acesso em: 2 abril. 2021.

LEAL, S. P.; CALDERONI, V. A. O. **A (quase) ausência de conhecimentos sobre os povos indígenas em um dos livros didáticos de sociologia da rede estadual de ensino de MS**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, 12., Anais... Organização de Carla Fabiana Costa Calarge e Antonio Hilario Aguilera Urquiza. Campo Grande: UCDB, 2015, p. 475-491. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/0B1K9blGsFl\\_YejZTTHphZWVEQ2c/view](https://drive.google.com/file/d/0B1K9blGsFl_YejZTTHphZWVEQ2c/view). Acesso: 5 Abril. 2021.

LEAL, S. P.; SILVA, W. G. DA. Educação, currículo e diferenças: uma análise dos povos indígenas na educação escolar do Mato Grosso do Sul, Brasil. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo, n. 77, p. 51-69, Dec. 2020. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0020-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-)

LEMO, R. A.; VERISSIMO, M. de L. Ó. R. Estratégias metodológicas para elaboração de material educativo: em foco a promoção do desenvolvimento de prematuros. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 505-518, Feb. 2020. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-)

81232020000200505&lng=en&nrm=iso>. Access on 12 May 2021. Epub Feb 03, 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020252.04052018>.

LEVINE, D. M.; BERENSON, M. L.; STEPHAN, D. **Basic Business Statistics: Concepts and Aplicatios**, 6. ed., Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 1996.

LIMA, H. A. M. **Medicina, Sexualidade e Natalidade**. São Paulo, Editora: BYK, 2012.

LOYOLA, M. A. Sexualidade e medicina: a revolução do século XX. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, jul./ago. 2003.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MACEDO, R. M. S. **O Jovem e seu Mundo: Escola e Família**. IN: Oliveira, B. O.; BOSSA, N. A. Avaliação Psicopedagógica do Adolescente. Cap. VII. 7. ed. Editora Vozes. Petrópolis, 2013.

MACHADO, M. F. A. S. et al. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS; uma revisão conceitual. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 335-342, 2007.

MAGNO, L.; DOULA, S. M.; PINTO, N. M. DE A. Todo mundo conhece a gente agora: cultura e identidade de jovens rurais em Minas Gerais (Brasil). **Revista Latino americana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 1(9), 305-319. 2011.

MALTA, E. C.; MARTINS, M. R.; ALMEIDA, M.F. Avaliação do conhecimento dos adolescentes sobre infecções sexualmente transmissíveis. **Rev Enferm UFPE**, 2013.

MANO, S. **Ambiente virtual como facilitador do diálogo sobre sexualidade entre adolescentes**: desenvolvimento e avaliação de um multimídia educativo. 2008. 300f. Tese (Doutorado) – Instituto Oswaldo Cruz, Ensino de Biociências e Saúde, Rio de Janeiro, 2008.

MANO, S. M. F.; GOUVEIA, F. C.; SCHALL, V. T. "Amor e sexo: mitos, verdades e fantasias": jovens avaliam potencial de material multimídia educativo em saúde. **Ciênc. educ.** (Bauru), Bauru, v. 15, n. 3, pág. 647-658, 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132009000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132009000300012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 08 de abril de 2021. <https://doi.org/10.1590/S1516-73132009000300012> .

MARGULIS, M. **Juventude uma aproximación conceptual**. In: SOLUM DONAS BURAK(org.). Adolescencia y Juventud en América Latina. Cartago: Libro Universitario Regional. 2001.

MASSARA, C. L. et al. Caracterização de materiais educativos impressos sobre esquistossomose, utilizados para educação em saúde em áreas endêmicas no Brasil. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília , v. 25, n. 3, p. 575-584, set. 2016 . Disponível em <[http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-)

49742016000300575&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 maio 2021. <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742016000300013>.

MATURANA, H. **O que se observa depende do observador**. In: THOMPSON, W.I (Org). *Gaia: uma teoria do conhecimento*. São Paulo: Gaia, 1990. p. 61-76.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**. Nº5/6. São Paulo: ANPED. 1997.

MEYER, D. E. E.; MELLO, D. F.; VALADÃO, M. M; AYRES, J. R. C. M. “Você aprende. A gente ensina?” Interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. **Cad Saude Publica**. 2006.

MEYER, D. E. E.; KLEIN, C.; ANDRADE, S. dos S. **Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: oferta educativa**. Educ. rev. Belo Horizonte, n. 46, pág. 219-239, dezembro de 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982007000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000200009&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 21 de abril de 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982007000200009> .

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Técnicas que fazem uso da palavra, do olhar e da empatia: Pesquisa qualitativa em ação**. 1ª Ed. Portugal. Ludomedia, 2019.

MOHR, A. Análise do conteúdo de “saúde” em livros didáticos. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 6, n. 2, p. 89-106, 2000.

MOREIRA, M. de F.; NOBREGA, M. M. L. da; SILVA, M. I. T. da. Comunicação escrita: contribuição para a elaboração de material educativo em saúde. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 56, n. 2, p. 184-188, Apr. 2003 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672003000200015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672003000200015&lng=en&nrm=iso)>. Access on 11 May 2021. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672003000200015>.

MONTEIRO, S.; VARGAS, E. P.; REBELLO, S. M. **Educação, prevenção e drogas: resultados e desdobramentos da avaliação de um jogo educativo**. Educ. Soc., Campinas, vol. 24, n. 83, p. 659-678, agosto 2003.

MONTEIRO, S.; VARGAS, E. P.; CRUZ, M. M. **Desenvolvimento e Uso de Tecnologias Educacionais no Contexto da Aids e da Saúde Reprodutiva: Reflexões e Perspectivas**. In: MONTEIRO, S.; VARGAS, E. (Orgs.). Educação, comunicação e tecnologia educacional: interfaces com o campo da saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. 252p.

MONTEIRO, S.; VARGAS, E. P. Organizadoras. **Educação, Comunicação e Tecnologia Educacional: interfaces com o campo da saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.

MONTEIRO, S.; CECCHETTO, F; VARGAS, E. Sexual diversity and vulnerability to AIDS: The role of sexual identity and gender in the perception of risk by young people. **Sex Res Soc Policy** (2010) 7: 270.

MONTEIRO, S.; VILLELA, W. V.; KNAUTH, D. Discrimination, stigma, and AIDS: a review of academic literature produced in Brazil (2005-2010). **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 170-176, 2012.

MONTEIRO, E. M. L. M.; VIEIRA, N. F. C. Educação em saúde a partir de círculos de cultura. **Rev. Brasileira de Enfermagem**, Brasília, 63(3), 397- 403, maio/jun. 2010.

MOURA, S. L. O. et al . Percepção de mulheres quanto à sua vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro , v. 25, n. 1, e20190325, 2021 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452021000100217&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452021000100217&lng=en&nrm=iso)>. Access on 26 Apr. 2021. Epub Sep 23, 2020. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2019-0325>.

MOVIMENTO REPÚBLICA DE EMAÚS. **Menina Esperta sabe seus direitos**. Cartilha. Belém, Pará, 2007.

MUCHEMBLED, R. **O orgasmo e o ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

NETO, O. C. M.; CERQUEIRA-SANTOS, E. Comportamento Sexual e Autoestima em Adolescentes. **Contextos Clínicos**, vol. 5, n. 2, julho-dezembro 2012.

NOGUEIRA, M.; MODENA, C.; SCHALL, V. Materiais educativos impressos sobre saúde sexual e reprodutiva utilizados na atenção básica em Belo Horizonte, MG: caracterização e algumas considerações. **RECIIS**. V. 3, 2009, p. 169-179.

NOGUEIRA, M. J. et al. Criação compartilhada de um jogo: um instrumento para o diálogo sobre sexualidade desenvolvido com adolescentes. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru , v. 17, n. 4, p. 941-956, 2011 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-3132011000400011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-3132011000400011&lng=en&nrm=iso)>. Access on 11 Apr. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1516-73132011000400011>.

NOVAES, R. C. R., CARA, D. T., SILVA, D. M. DA, & PAPA, F. DE C. (2006). **Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas**. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude.

OLIVEIRA, J. M. G. C de. **Expansão urbana e periferização de Santarém-pa**, brasil: X Coloquio Internacional de Geocrítica. Barcelona. 2008.

OLIVEIRA, K.N.S.; BEZERRA, M.A.R.; ROCHA, R.C.; SANTO, S L.R.; SARAIVA, P.V.S. Educação sexual na adolescência e juventude: abordando as implicações da sexualidade no contexto escolar. **Sonare** [Internet]. 2013.

OLIVEIRA-CAMPOS, M.; NUNES, M. L.; I, MADEIRA, F DE C.; SANTOS, M. G, BREGMANN, S. R.; Malta, D. C.; GIATTI, L.; BARRETO, S. M. Comportamento sexual em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **Rev bras epidemiol suppl**. PeNSE 2014.

OLIVEIRA, S. R. G.; WENDHAUSEN, A. L. P. (Re) significando a educação em saúde: dificuldades e possibilidades da Estratégia Saúde da Família. **Trab Educ Saude**. 2014; 12(1):129-47.

OLIVEIRA, P. C.; PIRES, L. M.; JUNQUEIRA, A. L. N.; VIEIRA, M. A. S.; MATOS M. A.; AMORIM, K. A. C. Conhecimento em saúde sexual e reprodutiva: estudo transversal com adolescentes. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. 2017.

OLIVEIRA, W. G. DE. **A historicidade do movimento LGBTQIA+: Os direitos sexuais e a discussão sobre cidadania.** VII Congresso Nacional de Educação, Maceió – Alagoas. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA- UNESCO. **Prevenção combinada.** Folder. Ministério da saúde. Brasília. 2017

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. 2003.

PAIVA, A. P. R. C. de; VARGAS, E, P. Material Educativo e seu público: um panorama a partir da literatura sobre o tema. **Revista Práxis**, v.9, n.18, 11p, dez. 2017.

PARKER, R. **Na contramão da AIDS: Sexualidade, intervenção, política.** São Paulo, Editora, 34 p. 2000.

PARKER, R.; AGGLETON, P. **Estigma, discriminação e AIDS.** Tradução: Cláudia Pinheiro, 3. Tir. Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS - ABIA, Rio de Janeiro, 2006, 45p. Coleção ABIA, Cidadania e direitos; n.1.

PEDROSA, F.; CASTRO, C. **Juventudes homossexuais e sexualidades:** comportamentos e práticas. Fortaleza: GRAB, 2008, 136p.

PELLIZZARI, A. et al. **Teoria da Aprendizagem Significativa Segundo Ausubel.** Rev. PEC, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 37-42, 2002.

PENNA, L. H. G.; RODRIGUES, R. F.; RIBEIRO, L. V.; PAES, M. V.; GUEDES, C. R. Sexualidade das adolescentes em situação de acolhimento: contexto de vulnerabilidade para DST. **Rev. Enf. UERJ.** Rio de Janeiro, 2015.

PEREIRA, J. C. M. **Importância e significado das cidades médias na Amazônia:** uma abordagem a partir de Santarém (PA). 2004. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFGA, Belém.

PEREIRA NEVES, C. E.; CAETANO, E.; DE ALMEIDA SILVA, M. A produção da vida material e imaterial em comunidades chiquitanas e quilombolas em Mato Grosso: uma nova/velha forma de existência. **Polis**, Santiago, v. 14, n. 40, p. 191-207, marzo 2015. Disponible en <[https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-65682015000100010&lng=es&nrm=iso](https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-65682015000100010&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em 18 abr. 2021. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682015000100010>

PONTES, B. S. de.; SANTOS, A. K.; MONTEIRO, S. Produção de discursos sobre a prevenção do HIV/Aids e da sífilis para gestantes em materiais educativos elaborados por instituições brasileiras (1995 - 2017). **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 24, e190559, 2020. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832020000100240&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832020000100240&lng=en&nrm=iso)>. Access on 09 Apr. 2021. Epub June 05, 2020. <https://doi.org/10.1590/interface.190559>.

PRADO, V. M. DO, RIBEIRO, A. I. M., & FAZANO, L. C. Materiais audiovisuais didáticos e educação sexual na escola: uma pesquisa nos acervos videográficos do ministério da educação e cultura e ministério da saúde do governo brasileiro. **Colloquium Humanarum**. 2011. ISSN: 1809-8207, 8(1), 35–40. Recuperado de <http://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/581>

QUARTIERO, E. T. **A diversidade sexual na escola: produção de subjetividade e políticas públicas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

RAPOSO, C. A política de atenção integral à saúde do adolescente e jovem: uma perspectiva de garantia de direito à saúde? **Revista Em Pauta**, Rio de Janeiro, 6(23), 117-138, jul. 2009.

RAXACH, J. C. **Tudo dentro**. Cartilha. Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS – ABIA. Rio de Janeiro. 2008

REBERTE, L. M.; HOGA, L. A. K.; GOMES, A. L. Z. O processo de construção de material educativo para a promoção da saúde da gestante. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 20, n. 1, p. 101-108, fev. 2012 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692012000100014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692012000100014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 11 maio 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692012000100014>.

REDE NACIONAL DA PRIMEIRA INFÂNCIA. Instituto da Infância: **Primeira Infância e gravidez na adolescência**. Cartilha. Fortaleza, Ceará, 2013.

REDIN, E.; SILVEIRA, P. R. C. DA (2012). **Juventude rural: experiências e perspectivas**. Em (Ed), Educação rural no mundo contemporâneo (pp. 175-208). Santa Maria: UFSM. 2012.

REIS, E. C. E.; CRUZ, M. M.; VARGAS, E. P.; REIS, J. P. M; COSTA, T. L. S. **Perfil de estudantes tradicionais, indígenas e quilombolas no ensino público de Santarém Pará: diferentes sujeitos e contextos na prevenção das IST**. Anais do 8º Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde. ISBN: 978-65-80968-21-3. 2019.

REIS, E. C. E.; CRUZ, M. M.; VARGAS, E. P. **Sexualidade e diversidade cultural: análise das abordagens em livros didáticos adotadas no ensino público de Santarém, Pará-Brasil**. [submetido para publicação].2021.

REZENDE, R. **Materiais educativos impressos para adolescentes gestantes com HIV/Aids: produção e apropriação de sentidos**. Rio de Janeiro. Projeto de pesquisa (especialização em Comunicação e Saúde) – Icict/Fiocruz; 2012.

RICOEUR, P. Organizador. **O justo**. São Paulo: Martins Fontes. Autonomia e vulnerabilidade; v. 2, p. 79-100. 2008.

ROYAL SOCIETY. **Knowledge, networks and nations: Global scientific collaboration in the 21st century**. London: The Royal Society, 2011. Available from: <<https://royalsociety.org/policy/projects/knowledge-networks-nations/report/>>. Cited: Maio. 14, 2021. [ Links ]



SACRISTÁN, J. G. **A função aberta da obra e seu conteúdo.** In: SACRISTÁN, J. G. (Org.). Saberes e incertezas sobre o currículo. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 9-14.

SALLAS, L. F.; QUINTANA, A. M. A sexualidade enquanto tema transversal: educadores e suas representações. **Cadernos de Educação Especial**, Santa Maria, v. 1, n. 19, p. 4-12, 2002.

SANTANA, G. C. DE S.; SANTOS, J. R. Q. DOS.; MACHADO, L. M. M. Cartilha do GTPCEGDS - “**Em defesa dos direitos das mulheres, dos indígenas, das/os negras/os, e das/os LGBT**”. Cartilha. Grupo de Trabalho Política de Classe para as questões Etnicorraciais, de Gênero e Diversidade Sexual. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN. Brasília. 2016.

SANTOS, D. J. da S. et al. Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. **Dental Press J. Orthod.**, Maringá, v. 15, n. 3, p. 121-124, June 2010. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-94512010000300015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-94512010000300015&lng=en&nrm=iso)>. Access on 22 Apr. 2021. <https://doi.org/10.1590/S2176-94512010000300015>.

SANTOS, C. A. **Os jovens, o consumo e a identidade: uma trilogia contemporânea?** O consumo de marcas de vestuário e de calçado e a construção identitária juvenil. Tese de doutoramento (Sociologia). Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. 2014.

SANTOS, E. R. L. dos.; PERES, F. **Análise de materiais educativos desenvolvidos em campanhas oficiais sobre gravidez na adolescência no Brasil:** implicações para a prática e a educação em saúde. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro. 2018.

SCHALL, V. T. Educação em saúde no contexto brasileiro: influências sócio-históricas e tendências atuais. **Educação em Foco**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-58, 2005.

SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO – **SEDUC**. 5ª Unidade Regional de Educação. Setor de Estatística. Santarém – Pará. 2019.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – **SEMED**. Prefeitura de Santarém. Setor de Estatística. Santarém – Pará. 2019.

SECRETARIA DE SAÚDE DE PERNAMBUCO. **IST - Infecções Sexualmente Transmissíveis - dicas importantes.** Folder. Recife, Pernambuco.

SERRA, G. C.; OLIVEIRA, A. G. DE.; FERREIRA, A. A.; HILÁRIO, D. **Jovem não é careta.** Cartilha. Secretaria Municipal de Saúde SMS- SP. São Paulo. 2008

SENA, A.; SOUSA, G.; BRITO, M. **Entendo a diversidade sexual.** Cartilha. Defensoria Pública do Estado da Bahia. - 1ª. ed. - Salvador: ESDEP, 2018.

SFAIR S. C.; BITTAR, M.; LOPES, R. E. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. **Saúde Soc.** São Paulo, v.24, n.2, p.620-632, 2015.

SEVALHO, G. **The concept of vulnerability and health education based on the teory laid out by Paulo Freire.** Interface (Botucatu). 2018; 22(64):177-88.

SIDONE, O. J. G.; HADDAD, E. A.; MENA-CHALCO, J. P. A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e das redes de colaboração científica. **Transinformação**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 15-32, Apr. 2016 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-37862016000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862016000100015&lng=en&nrm=iso)>. Access on 19 Apr. 2021. <https://doi.org/10.1590/2318-08892016002800002>.

SILVA, M. P.; CARVALHO, W. L. P. O estudo do tratamento da informação nos livros didáticos das séries iniciais do ensino fundamental. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 1, p. 171-184, 2005.

SILVA, D. A.; CARVALHO, F. S. Percepções de adolescentes sobre práticas de cuidado com a saúde. **Adolesc Saúde** [Internet] 2016;13(Supl. 1):64-71. Available from: [http://adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=570#](http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=570#)

SILVA, C.V.; BRETAS, J. R. S.; FERNANDES, C.N. Conhecimento de adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. **Paul. Enfem**, v.22, n. 1, p. 12-21, 2014.

SILVA, K. L.; DIAS, F. L. A.; MAIA, C. C.; PEREIRA, D. C. R.; VIEIRA, N. F. C; PINHEIRO, P. N. da C. A influência das crenças e valores culturais no comportamento sexual dos adolescentes do sexo masculino. **Revista Enfermagem**. UERJ, Rio de Janeiro-RJ, n.18, v.2, p. 247-52. abril/jun, 2014.

SILVA, D.L.; MOURA, M.E.S. AIDS - Knowledge developed by teens in the prevention of disease. **Rev Enferm UFPI** [Internet]. 2013

SODELLI, F. **Sexualidade e deficiência Intelectual**. Cartilha. Federação das APAES do Estado de São Paulo – FEAPAES. São Paulo. 2013

SONTAG, S. **Doença como metáfora**. Aids e suas metáforas. Companhia das Letras, São Paulo, 2007.

SOUSA, F. B. **Reterritorializando a Educação Escolar Indígena**: reflexões acerca dos Territórios Etnoeducacionais. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. 2013.

SOUZA, M. T. de.; SILVA, M. D. da.; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein** (São Paulo), São Paulo , v. 8, n. 1, p. 102-106, Mar. 2010 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-45082010000100102&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-45082010000100102&lng=en&nrm=iso)>. Access on 19 May 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>.

SOUZA, I. A Lei 11.645 e a educação básica. In: URQUIZA, A. H. A. (org.). Culturas e história dos povos indígenas em Mato Grosso do Sul. Campo Grande: UFMS, 2013, p. 305-331.

SOUZA, L. M. de.; MORAIS, R. L. G. L.; OLIVEIRA, J. da S. Direitos sexuais e reprodutivos: influências dos materiais educativos impressos no processo de educação em sexualidade. **Saúde debate**, Rio de Janeiro , v. 39, n. 106, p. 683-693, Sept. 2015 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-11042015000300683&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042015000300683&lng=en&nrm=iso)>. Access on 21 mar. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-11042015106000301>

SOUZA, S. O. Iniquidades de gênero e vulnerabilidade às IST/HIV/AIDS em adolescentes de assentamento urbano: um estudo exploratório. **CIENCIA y ENFERMERIA**. 2020.

STOLTENBORGH M.; VAN I. M H.; EUSER E. M.; BAKERMANS-KRANENBURG, M. J. A global perspective on child sexual abuse: meta-analysis of prevalence around the world. **Child Maltreat** 2011; 16(2):79-101.

STOTZ, E. N. A educação popular nos movimentos sociais de saúde; uma análise de experiências nas décadas de 1970 e 1980. **Trab Educ Saude**. 2005; 3(1):9-30.

SUZIGAN, W.; ALBUQUERQUE, E. The underestimated role of universities for the Brazilian system of innovation. **Brazilian Journal of Political Economy**, v.31, n.1, p.3-30, 2011.

TAQUETTE, Stella R. Interseccionalidade de gênero, classe e raça e vulnerabilidade de adolescentes negras às DST / aids. **Saude soc.**, São Paulo, v. 19, supl. 2, pág. 51-62, dezembro de 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902010000600006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902010000600006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 24 de abril de 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902010000600006> .

TAQUETTE, S. R.; MEIRELLES, Z. V. Discriminação racial e vulnerabilidade às DST / Aids: um estudo com adolescentes negras. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, pág. 129-142, 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312013000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312013000100008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 24 de abril de 2021. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312013000100008> .

TARANTOLA, D. Editorial: **reducing HIV/AIDS risk, impact and vulnerability**. Bull World Health Organ. 2000; 78(2):236-7.

THEOBALD, V. D.; NADER, S. S.; PEREIRA, D. N; GERHARDT, C. R.; FÁBERSON, J. M. A universidade inserida na comunidade: conhecimentos, atitudes e comportamentos de adolescentes de uma escola pública frente a doenças sexualmente transmissíveis. Revista **AMRIGS**, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 26-31, 2012.

TORRES, C. A.; BESERRA, E. P.; BARROSO, M. G. T. Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro , v. 11, n. 2, p. 296-302, June 2007 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452007000200017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452007000200017&lng=en&nrm=iso)>. Access on 24 Apr. 2021.

TRINDADE, S. C. C. DA. **Cidades médias na Amazônia Oriental: Das Novas Centralidades à Fragmentação do Território**. Rio de Janeiro: ANPUR/UFRJ, Novembro de 2011.

TROIAN, A.; BREITENBACH, R. (2018). Jovens e Juventudes em Estudos Rurais do Brasil. **Interações** (Campo Grande), 19(4), 789-802. <https://doi.org/10.20435/inter.v19i4.1768>

UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem**. Brasília: UNESCO, 2014.

URQUIZA, A. H. A. (org.). **Culturas e história dos povos indígenas em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: UFMS, 2013, p. 167-216.

UZIEL, A. P.; RIOS, L.F.; PARKER, R.G. **Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids**. Rio de Janeiro, Pallas, 2004, 212p.

VALLA, V. V. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Educ Real**. 1996; 21(2):177-90.

VARGAS, E.P.; SIQUEIRA, V.H.F. Sexualidade e corpo: o olhar do sujeito através das imagens em vídeo. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 2, p. 69-83, 1999.

VELOSO, E. **Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST**. Cartilha. Secretaria de Estado de Santa Catarina. Departamento de Vigilância Epidemiológica - DIVE – Florianópolis, Santa Catarina, 2006.

VENTURA, M. (Org.) **Direitos sexuais e direitos reprodutivos na perspectiva dos direitos humanos: síntese para gestores, legisladores e operadores do direito**. Rio de Janeiro: ADVOCACI, 2003.

VIANNA, T.; F, GUIMARÃES, L. B. A sexualidade em cartilhas educativas oficiais: uma análise cultural. TCC (graduação). **Repositório Institucional da UFSC** -Universidade Federal de Santa Catarina. 2008. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/132912>

VICENTINI, Y. Cidade e história na Amazônia. Curitiba: EdUFPR, 2004.

VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA. **Sexualidade na adolescência**. Folder. Secretaria de Saúde de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. 2015

VILLELA, W. V.; ARILHA, M. **Sexualidade, gênero e direitos sexuais e reprodutivos**. In: BERQUÓ, E. (Org.). **Sexo & vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil**. São Paulo:Ed. Unicamp, 2003. p. 95-150.

YÚDICE, G. **A Conveniência da Cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

WEEKS, J. **O corpo e a sexualidade**. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

## APÊNDICE A – ARTIGO 1

**Sexualidade e diversidade cultural: análise das abordagens em livros didáticos adotadas no ensino público de Santarém, Pará-Brasil.**

**Sexuality and cultural diversity: analysis of textbook approaches adopted in public education in Santarém, Pará-Brazil.**

**Sexualidad y diversidad cultural: análisis de los enfoques de libros de texto adoptados en la educación pública en Santarém, Pará-Brasil.**

Elaine Cristiny Evangelista dos Reis<sup>1</sup>; Marly Marques da Cruz<sup>2</sup>; Eliane Portes Vargas<sup>3</sup>

1. Instituto de Saúde Coletiva. Universidade Federal do Oeste do Pará. End: Rua Vera Paz, s/n - Salé, 68040-470. Santarém - PA. Brasil. Telefones: (93) 2101-4911/ (93) 98167-3387 - elaine.reis@ufopa.edu.br – orcid.org/0000-0001-9757-8308

2. Pesquisadora em Saúde Pública do Departamento de Endemias Samuel Pessoa, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro - RJ. Brasil. marly@ensp.fiocruz.br – orcid.org/0000-0002-4061-474X

3. Pesquisadora do Instituto Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. epvargas@ioc.fiocruz.br - orcid.org/0000-0002-0236-3732

**Resumo:** Neste artigo são abordados os Livros Didáticos (LD) de Ciências (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental (EF) e do LD de Biologia (1º ao 3º ano) do Ensino Médio (EM) na rede pública municipal e estadual de ensino de Santarém/Pará, que apresenta grande diversidade sociocultural, em aproximadamente 20 comunidades quilombolas e 32 terras indígenas, com cerca de 27% da população habitando na área rural. A partir de metodologia descritiva e documental, aliada às referências teóricas, selecionou-se os LD mais utilizados: “Biologia Moderna” (35,71% em escolas de EM) e o livro de ciências “Projeto Teláris” (36,58% nas de EF), aqui analisado. Os LD, compõem a Política Nacional de Educação, sendo indistintamente adotados nas diversas regiões do Brasil. Não se observa uma maior compreensão da realidade regional e das particularidades das identidades culturais restringindo a abordagem da educação sexual.

**Palavras-chave:** Educação sexual. Sexualidade. Infecções sexualmente transmissíveis.

**Abstract:** Descriptive, documentary, carried out on Science Textbooks (LD) of Sciences (6th to 9th year) of Elementary School (EF) and LD of Biology (1st to 3rd year) of High School (EM) of the municipal public network state school of Santarém- Pará. The selection of LD was the most frequently used collection, in EM 35.71% used the book “Biology Modern” and in EF 36.58% the book of Sciences “Projeto Teláris”, analyzed in this article. LDs as part of the National Education Policy are considered in a generic way for the different regions of Brazil, not observing regional particularities, such as a population distributed in 20 quilombola communities, 32 indigenous lands and 27% in rural areas, compromising cultural identities, understanding of social reality and restricting the approach to the concept of gender identity.

**Keywords:** Sexual education. Sexuality. Sexually transmitted infections.

**Resumen:** Investigación descriptiva, documental, realizada sobre los Libros de Texto de Ciencias (LD) de Ciencias (6º a 9º año) de Bachillerato (EF) y LD de Biología (1º a 3º año) de

Bachillerato (EM) de la red pública municipal y escuela estatal de Santarém- Pará La selección de LD fue la colección más utilizada, en EM un 35,71% utilizó el libro “Biología Moderna” y en EF 36,58% el libro de Ciencias “Projeto Teláris”, analizado en este artículo. Los LD como parte de la Política Nacional de Educación son considerados de manera genérica para las diferentes regiones de Brasil, sin observar particularidades regionales, como una población distribuida en 20 comunidades quilombolas, 32 tierras indígenas y 27% en áreas rurales, comprometiendo identidades culturales, comprensión de la realidad social y restringir el abordaje del concepto de identidad de género.

**Palabras llave:** Educación sexual. Sexualidad. Infecciones de transmisión sexual.

## Introdução

Este trabalho, como parte de um estudo mais amplo, objetivou conhecer como vem sendo abordada a educação sexual por meio da análise dos Livros Didáticos (LD) de Ciências e de Biologia adotados no Ensino Fundamental (EF) e Ensino Médio (EM) em escolas da rede municipal e estadual de Santarém (PA). A sexualidade compreendida como algo inerente à vida e à saúde dos indivíduos se expressa no ser humano do nascimento à morte, se relaciona ao prazer, às mudanças corporais que abarcam dimensões de gênero, não se reduzindo ao sistema reprodutivo. Nesta direção, a educação sexual visa estimular o entendimento da necessidade de respeito a si mesmo e do outro, a pluralidade de crenças, valores e expressões culturais em uma sociedade multifacetada, não deixando de incluir a prevenção de doenças como as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e a prevenção da gravidez indesejada<sup>1</sup>.

É difícil delimitar a realização de atividades dedicadas à educação para a sexualidade a uma única instância, uma vez que espaços de socialização, como família, escola, igreja, pares, trabalho e mídia integram este processo. Deste modo, a educação sexual pode ser interpretada como o resultado de vivências sociais experimentadas em âmbito individual ou coletivo no decorrer da vida e proporciona mecanismos para um posicionamento crítico quanto a sexualidade, valorizando o protagonismo do sujeito e a superação de preconceitos arraigados ao campo sociocultural<sup>2</sup>. Entretanto, quando institucionalizadas, essas ações desenvolvidas no âmbito das políticas públicas de saúde e educação apresentam-se de forma fragmentada e dissociada de um contexto social mais amplo de modo a favorecer a inclusão social com base em direitos humanos e permitir uma interpretação sem culpa e julgamentos da experiência da sexualidade.

Ao considerar esta perspectiva crítica, pode-se de todo modo considerar a validade das ações desenvolvidas na escola, a importância dos livros didáticos e da atuação docente como instâncias privilegiadas na formação integral de jovens quanto ao exercício da cidadania para promoção de mudanças sociais inclusive no campo da sexualidade. Tendo por base tais

fundamentos indicados na literatura sobre o tema, o estudo objetivou compreender a abordagem da educação sexual por meio da análise dos Livros Didáticos de Ciências e de Biologia em um contexto específico de diversidade cultural em que os livros são também usados por estudantes indígenas, quilombolas e ribeirinhos.

Este recorte e delineamento do estudo se justifica por sua relevância em agregar conhecimento acerca destes materiais como parte da realidade de ensino modelada pelas políticas públicas de educação e saúde, que não se caracterizam apenas como ferramentas para transmissão de conteúdo e informações. Encontra justificativa, também, como um campo fértil, e via de estímulo, à participação mais expressiva das escolas no processo formativo de modo a estimular o entendimento de valores e de diferenças culturais no que tange às diversidades sexuais visando favorecer o protagonismo e compreensão do desenvolvimento da sexualidade pelos diferentes grupos sociais<sup>3</sup>.

### **Contextualização do tema e pressupostos da pesquisa**

No Brasil, a educação sexual em âmbitos formais apresenta maior abertura para discussões, na década de 80, em razão de uma maior autonomia popular tendo em vista a promulgação da Constituição Federal de 1988 como um marco importante para a estruturação de cidadania e da abordagem da temática. Destacam-se também o Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/1996). A LDBEN prevê os insumos educacionais básicos em quantidade e qualidade suficientes aos alunos, levando à criação do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) brasileiro que garante a distribuição gratuita de coleções de LD aos estudantes da rede pública de ensino (1o ano do EF ao 3o ano do EM), com exceção da educação infantil. O LD é um material essencial em sala de aula, a principal fonte da preparação da aula do professor<sup>8</sup>.

Entretanto, a medida influenciou mais diretamente a temática foi a dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o EF (1997) e os PCN para o EM (1999)<sup>4</sup> ainda que os PCN tenham como destaque o foco na prevenção de doenças. Por serem norteadores da prática docente permitem aos docentes uma abertura na abordagem da educação sexual como tema transversal por meio dos LD. Nesta perspectiva temas como o da diversidade sexual e das relações de gênero foram contemplados com estímulos à discussão sobre as diferentes atribuições entre homens e mulheres na sociedade e a necessidade de uma melhor compreensão sobre o tema<sup>5</sup> em razão das inúmeras transformações sociais contemporânea. Apesar disto, nas últimas décadas as iniciativas escolares, de educação em sexualidade, têm sido realizadas pontualmente e abrigadas em campos específicos do saber, como a biologia,

silenciando questões relevantes a serem protagonizadas pelos indivíduos como o prazer e o desejo<sup>6,7</sup>.

Isto posto, pode-se supor que os LD, como parte de uma política nacional de educação, apresentem uma abordagem limitadora e com contornos universais no tratamento dos temas abordados. Uma vez idealizados visando ações de ensino no âmbito nacional, os conteúdos previstos no LD pouco consideram a dimensão da diversidade cultural e de linguagem que caracterizam as áreas de vulnerabilidades social<sup>8</sup>. Assim, o estudo teve como pressuposto considerar os limites do livro didático para contemplar todas as demandas que envolvem a educação sexual, visto que é considerado tema transversal. Em função de seus próprios objetivos, os LD voltados aos conteúdos de ciências apresentam forte ênfase na disciplina de Biologia, sendo as questões relacionadas à experiência da sexualidade consideradas como temas transversais e muitas vezes destinada ao ensino não formal em ciências.

Apesar de ser o LD um dos materiais disponibilizados como primeira ferramenta de ensino nas escolas em nível nacional, tendem a desconsiderar as diversas regiões diferenciadas do país, o que reflete uma caminhada ainda tímida sobre a necessidade de uma abordagem voltada para a pluralidade que a temática da educação sexual envolve<sup>2</sup>. Dessa forma, acredita-se que para uma maior aproximação dos estudantes com a temática da sexualidade e dos modos de prevenção à saúde sexual e reprodutiva em determinadas regiões do país, talvez seja necessário a realização de ações educativas diversificadas que incluam o uso de materiais complementares à ação pedagógica como cartilhas, folders e demais materiais educativos. Estes, beneficiando-se de uma análise crítica dos LD, podem ser elaborados de modo a facilitar a transversalidade da temática na medida em que reconhece que a abordagem generalista contida no LD não contempla uma discussão crítica sobre o assunto e não supre as demandas locais<sup>9</sup>. Na medida em que considerem no seu desenvolvimento as diferenças de linguagens e de regionalismo os materiais educativos podem propiciar a representatividade dos diferentes grupos sociais e estimular o envolvimento do assunto de forma multidisciplinar e não necessariamente disciplinar como é o caso dos conteúdos biologia predominantes no ensino de ciências, ainda que extremamente relevantes tendo em vista o negacionismo do conhecimento científico observado recentemente na sociedade brasileira e no mundo.

### **O delineamento e o contexto da pesquisa**

O estudo caracteriza-se como um estudo descritivo do tipo documental<sup>10</sup>, usando como fonte de dados os Livros Didáticos (LD) de Ciências do 6º ao 9º ano, voltado ao EF, e o LD



de Biologia 1º ao 3º ano, livro voltado ao EM da rede municipal e estadual de Santarém/PA. O levantamento foi realizado entre fevereiro e abril de 2019 de forma presencialmente pela pesquisadora, a primeira autora, ou por um dos integrantes de sua equipe, composta por discentes do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde e do Bacharelado em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Oeste do Pará, que foram treinados para tal atividade.

O estudo foi desenvolvido na cidade de Santarém/PA (localiza-se a cerca de 800 km de Manaus e Belém, duas metrópoles da Amazônia) caracterizada por baixa densidade demográfica, distribuição desigual de renda, hábitos de consumo da população e cultura diversificada associados a uma grande biodiversidade<sup>9</sup>. Populações específicas compostas por quilombolas, ribeirinhos e indígenas formam um espaço único, repleto de singularidades incluindo perfil epidemiológico e difícil acesso aos bens e serviços de educação e saúde que reúne, aproximadamente, 20 comunidades quilombolas e 32 terras indígenas, com cerca de 27% da população habitando na área rural<sup>11</sup>.

Em 2019, registrou-se na cidade 39.325 estudantes matriculados em em 285 escolas municipais e estaduais, sendo: 203 escolas do 6º ao 9º do ensino fundamental (EF), 36 do 1º ao 3º ano do ensino médio (EM) e 46 escolas do ensino médio modular. As escolas estão distribuídas entre as Zonas *Urbana*, *Rural* e *Planalto*, zonas caracterizadas por diferentes localidades: Zona Urbana (58 escolas); Zona Rural (176 escolas) e Zona Planalto com (51 escolas)<sup>12,13</sup>. O critério de identificação das mesmas para o estudo foi o de conveniência considerando a acessibilidade. Algumas, se apresentaram mais acessíveis por estrada de terra e mais próximas da região central de Santarém; outras localidades das zonas *Rurais* e *Planalto* com grandes distâncias foram excluídas por dificuldade de acesso. Portanto, os dados reunidos correspondem a localidade das Zonas *Urbana* e *Planalto*, onde foi possível encontrar escolas: Tradicionais, Indígenas e Quilombolas. Dentre estas escolas, 200 estão localizadas em comunidades tradicionais, 7 (sete) em comunidades quilombolas e 78 em território indígena<sup>12,13</sup>, conforme o Quadro 1 e 2.

Quadro 1: Distribuição de escolas do ensino Fundamental (EF) e Médio (EM) de Santarém/PA por Nível de Ensino e grupo da população, 2019.

Ensino	Tradicional	Indígena	Quilombola	Total
Fundamental	164	32	7	203
Médio	36	46	0	82
Total Geral	200	78	7	285

Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Estadual de Educação.

Quadro 2: Distribuição de alunos por Zona, Localidade e Nível de Ensino nas escolas em Santarém/PA, 2019.

	Nível de Ensino	Fundamental			Médio		Total
Zona	Localidade	Tradicionais	Indígenas	Quilombolas	Tradicional	Indígena	
Urbana	Norte	4.989			7.148		12.137
	Central	2.403			1.095		3.498
	Leste	2.494			461		2.955
	Oeste	2.896			795		3.691
	Sul	2.274			1.086		3.360
Rural	Arapiguas	1.154	352			355	1.861
	Tapajós	577	318			168	1.063
	Várzea	814		186		325	1.325
Planalto	Curuá- Uma	3.300	434	164	1.288	305	5.491
<b>Total</b>		20.901	1.104	350	11.873	1.153	35.381

Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Estadual de Educação.

A obtenção destes dados exigiu um grande esforço de sistematização visto que os registros das escolas nas secretarias não apresentavam uma organização satisfatória para acesso aos dados. Assim, foi considerado para o estudo: 46 escolas (32 do EF, 5 do EM e 9 do EF e EM), com 20.404 estudantes matriculados em 2019 nestas escolas. Dentre estas, 43 encontram-se em localidades da Zona Urbana e 3 Planalto, conforme quadro 3.

Quadro 3: Distribuição de escolas e alunos do ensino Fundamental (EF) e Médio (EM) de Santarém/PA por Zona e Região, 2019.

Zona	Região	Nº Escolas	Nº de alunos Fundamental	Nº de alunos Médio	Total
Urbana	Norte	17	4.286	4.943	9.229
	Centro	5	1.628	766	2.394
	Leste	7	1.513		1.513
	Oeste	6	2.896	294	3.190
	Sul	8	2.072	1.028	3.100
Planalto	Curuá una	3	611	367	978
<b>Total</b>	----	46	13.006	7.398	20.404

Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Estadual de Educação.

## **Caracterização e análise do material**

O levantamento dos materiais nas 46 escolas, considerando a acessibilidade, resultou em 27 escolas EF, 5 escolas só de EM e 9 escolas de EFM, totalizando 41 escolas. Nestas foram identificados 14 LD sendo 11 destes de coleções diferentes. Em 14 livros usados no EF, 13 fazem parte do PNLD (2017-2019) e apenas o livro “Ciências Naturais: Aprendendo com o cotidiano” (Ed. Moderna) usado em uma escola não faz parte do PNLD. Em 14 escolas de EM incluídas na pesquisa (5 escolas só de EM e 9 escolas de EFM), 35,7% utilizam o livro “Biologia Moderna”. Estas 14 escolas, usam 6 (seis) livros diferentes no ensino Médio, 5 (cinco) fazem parte do PNLD (2018-2020) e apenas o livro “Biologia: Ser Protagonista” (Catani, A. et al., Edição Sociedade de Maria) não faz parte do PNLD. Considerando este universo o estudo teve por base a coleção do EF que inclui 4 livros que correspondem à coleção mais usada entre o EF e o EM, o número de escolas que utilizam e o quantitativo de alunos: o livro de ciências “Projeto Teláris”, usado em 36,6% das escolas.

Após a compilação das informações dos livros de ciência e biologia e a leitura das anotações do trabalho de campo, a pesquisadora principal percebeu uma limitação na coleta de dados já que o levantamento excluiu os LD de outras disciplinas e em setembro de 2019 foi levantado nas 41 escolas do estudo as coleções de LD das disciplinas História, Geografia e Português, obrigatórias do ensino fundamental e médio, identificando-se pelo sumário a abordagem correlata ou transversal de temas relacionados à educação sexual. No entanto, a temática do estudo não foi encontrada nestes materiais em tópicos ou projetos que fizessem algum tipo de correlação ou abordagem transdisciplinar do assunto, o que gerou uma certa frustração. A decisão de retornar às escolas em busca de outros LD deu-se em função das orientações das LDBEN para abordagem transdisciplinar da educação sexual.

A análise procedeu a uma primeira descrição geral de cada livro considerando-se: título, autores, número de volumes, edição, editora, ano, presença de figuras, número de páginas. Posteriormente, uma descrição detalhada a partir da apreciação dos tópicos no sumário e do tipo de abordagem quanto às temáticas: a) sexo e gênero, b) Relação sexual, c) reprodução humana, d) gravidez e métodos contraceptivos, e) Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e f) sexualidade e cultura. Estes eixos foram discutidos em três dimensões: “organizacional”, que se refere ao modo como o conteúdo foi apresentado nos livros; “conceitual”, que diz respeito ao conteúdo encontrado nos materiais; e “contextual”, que engloba a representatividade do conteúdo, suas multidimensões abordadas e o potencial provocador de reflexão imbricado em cada material. A interpretação do conteúdo de cada livro realizada, usando como referência a LDBEN e os Parâmetros Curriculares Nacionais,

contendo: a identificação do livro, o capítulo e/ou tópico e uma síntese de como a temática da educação sexual é abordada a partir dos eixos acima elencados para a análise são apresentadas nos quadros 4 e 5.

Quadro 4: Sinopse do conteúdo encontrado no LD de Ciências do 7º ano: Ciência e vida na terra” - “O Projeto Teláris”.

Capítulo	Conteúdo
3	Os seres vivos se reproduzem...e as espécies evoluem”, no tópico “os dois tipos de reprodução”, presente da página 30 até a página 32, é abordado sobre reprodução assexuada e sexuada e nesta fala sobre espermatozoide, óvulo e fecundação, explicando através de um conteúdo bem fisiológico o processo de formação de um novo ser vivo. A linguagem usada no texto é direta, este contém figuras e aborda de forma bem suscita a temática da fecundação.
6	“Vírus, bactérias e saúde do corpo”, no tópico: “Vírus e nossa saúde”, o conteúdo encontra-se da página 73 até a página 76 e aborda a temática da AIDS. Nesse tópico é explicado a origem do nome da doença, a ação do vírus no sistema imunológico, o aparecimento de doenças oportunistas, o tempo entre a contaminação com o vírus e o aparecimento dos sinais e sintomas, o tratamento, as formas de contágio e de prevenção. O assunto é apresentado em 3 páginas e o texto contém figuras.

Fonte: Livros Didáticos das escolas municipais e estaduais de Santarém – Pará.

Quadro 5: Sinopse do conteúdo encontrado no LD do “8º ano: Nosso corpo” - Unidade 4: “Sexo e reprodução”.

Capítulo	Conteúdo
Cap.15 Tóp. 1	“Os órgãos genitais masculinos”, a obra apresenta o assunto da página 195 até a página 197, e é iniciado explicando como são chamados os gametas masculinos e femininos, os hormônios masculinos, a função dos órgãos do sistema reprodutor masculino, como: testículos, tubos seminíferos, uretra, epidídimo, glândulas seminais, prostáticas, sêmen, pênis, ereção e também aborda sobre criptorquidia, disfunção erétil, câncer e sinais e sintomas de alteração no sistema genital masculino. O texto traz imagens do gameta masculino e do sistema genital masculino e conteúdo é apresentado em 3 páginas.
Cap.15 Tóp. 2	“Os órgãos genitais femininos”, o texto encontra-se da página 198 até a página 199, são apresentados a função dos órgãos femininos, como: ovários, tuba uterina, útero, vagina, vulva, clítoris e hímen, explica-se sobre a célula-ovo, a nidação, orgasmo, menstruação, menopausa, a necessidade de ir ao ginecologista, prevenção do câncer de mama e sinais e sintomas que podem indicar alteração na sexual da mulher. O texto é apresentado em 3 páginas e contém figuras sobre o sistema genital feminino, os órgãos genitais externos da mulher e a fecundação.
Cap.15 Tóp. 3	“O ciclo menstrual”, é discutido da página 200 até a página 201, é abordado como a menstruação acontece, a frequência, a duração; a função do endométrio e dos hormônios da hipófise; a ovulação; o período fértil e a importância dos hormônios: estrógeno e progesterona. Esse conteúdo é apresentado em duas páginas incompletas e contém três figuras agrupadas sobre o ciclo menstrual, as transformações no ovário e no útero e o corpo feminino com o sistema reprodutor.
Cap.15 Tóp. 4	“A gravidez”, traz o conteúdo da página 201 até a página 206, é explicado a fisiologia do processo gravídico; o tempo até a fecundação; a importância do âmnio e da placenta; o processo de formação do embrião; o desenvolvimento do sistema nervoso; o crescimento do feto; a duração da gravidez; o nascimento; a eliminação da placenta; cuidados na gravidez e doenças durante a gravidez. O texto é abordado em 6 páginas

	incompletas e apresenta diversas figuras, como: Fases iniciais do desenvolvimento embrionário, embrião, placenta e as etapas do nascimento de uma criança.
Cap.16	“Evitando a gravidez”, a temática é abordada da página 213 até a página 218 e o texto fala sobre a camisinha, masculina e feminina, como usá-la, onde é vendida e finalidade; também traz sobre o uso de métodos anticoncepcionais hormonais; Dispositivo Intrauterino (DIU); Esterilização feminina e masculina e abstinência sexual e aborto. O texto é finalizado com uma atividade que contém questões discursivas e de múltiplas escolhas. Uma parte do exercício é individual e outra para ser feita em grupo, este é estruturado buscando a interação com disciplinas de história e geografia e estimula a busca de materiais complementares.
Cap.17	“Doenças Sexualmente Transmissíveis”, é o mais longo dos três capítulos que abordam a temática do estudo, o tema aparece das páginas 221 até a página 231. O assunto é discutido em 11 páginas, nestas contém diversas figuras, sobre os agentes causadores das doenças e além de textualmente trazer quais são os sinais e sintomas de IST; conceitos; agente causador; formas de contágio de várias IST, como: Gonorreia, Sífilis, Herpes genital, Clamídia, Condiloma acuminado, Candidíase, Hepatite B, AIDS e Tricomoníase. No final do capítulo tem um texto sobre puberdade masculina e feminina e sexo. O assunto é finalizado com um exercício contendo questões discursivas e de múltiplas escolhas.

**Fonte:** Livros Didáticos das escolas municipais e estaduais de Santarém – Pará.

No que diz respeito a “organização, conceitos e contextos” abordados nos livros de Ciências e Biologia, iremos iniciar a discussão pelo primeiro eixo de análise e prosseguiremos, consecutivamente, até o sexto eixo, conforme descrito na metodologia. Quanto a distinção entre os conceitos de “sexo e gênero”, foi identificado no decorrer do texto que a abordagem utilizada é a identificação por sexo, considerando os indivíduos como: masculino e feminino, a partir das suas características biológicas: aqueles que produzem gametas do tipo espermatozoide são identificados como machos e aqueles que produzem óvulos, fêmeas.

O gênero, que se refere a maneiras específicas de ser homem e mulher, como características físicas e de personalidade e a identificação do indivíduo frente a sociedade<sup>14</sup> não foi abordado nos livros. É interessante destacar que alguns temas ainda são abordados como responsabilidades do sexo feminino, como por exemplo no tópico “a gravidez”, em que os cuidados são atribuídos a mulher; e, no tópico “órgãos genitais feminino”, em que a necessidade de acompanhamento da saúde sexual é colocada apenas para as mulheres. O texto confere uma certa relação de desigualdade entre ser homem ou ser mulher.

A definição biológica de sexo, é ser macho ou fêmea, capaz de produzir óvulos ou espermatozoides e possuir determinados cromossomos sexuais. E, por outro lado, o gênero abrange uma categoria social envolvendo toda a cultura de uma sociedade, e vai muito além do natural e/ou biológico. O que permite inferir que a maneira de ser homem e de ser mulher é construída pela cultura e não está marcada em nossos genes, destacando que o gênero perpassa pelo sexo e sexualidade, mas, não necessariamente é decidido por eles<sup>14</sup>.

Entende-se que a discussão sobre sexualidade nos LD ainda é tímida e que pode ser dificultada pela dimensão do envolvimento com questões sociais e culturais, que podem ser interpretadas no sentido de que falar de sexualidade requer falar de intimidades, particularidades e sexo<sup>15</sup>. Esta fragilidade de contextualização e conteúdo sobre sexo e gênero encontrado nos LD, acaba sendo reforçada pelas alterações ocorridas nas diretrizes do edital que orienta a produção dos livros escolares para os anos finais do ensino fundamental: 6º ao 9º ano, publicado no dia 2 de janeiro de 2019. No site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, o novo texto reformula alguns trechos e o edital de 2019 e suprime a necessidade de que as obras tratem de saúde, sexualidade, vida familiar e social e diversidade cultural. Dessa forma, surge a inquietação de como esperar grandes mudanças nesses materiais se o próprio edital orientador da estruturação dos LD acaba retrocedendo quanto a abordagens tão importantes que já estavam asseguradas anteriormente.

No que diz respeito à “relação sexual”, foi observado que o tema é tratado mais em profundidade como um processo reprodutivo por duas pessoas de sexos opostos que ao manterem relação sexual podem gerar um descendente. Pouco foi abordado sobre prazer e sentimentos como parte da relação afetiva entre duas pessoas ou mais, de sexos opostos ou não; e não acontece um avanço no texto que estimule debates na temática da sexualidade ultrapassando as questões fisiológicas do desenvolvimento<sup>7</sup>. Nem tampouco se fala sobre direitos sexuais, reprodutivos e temas correlatos como o abuso sexual. A temática é abordada de forma distante da definição do PCN que sugere que o professor e os LD devem problematizar, levantar questionamentos e mostrar novas possibilidades, para que cada aluno reflita a seu próprio respeito, fomentando a educação sexual<sup>16</sup>.

É importante reforçar que o tópico pouco estimula o empoderamento dos jovens para o autoconhecimento e a tomada de decisão sobre o exercício (ou não) de sua sexualidade e tampouco favorece o reconhecimento do prazer, da masturbação, à identificação de assédios, abusos e violências sexuais e de gênero contra si ou contra outras pessoas, enfrentamento de todas as formas de discriminação e violência associadas à sexualidade. A leitura também permite pressupor que algumas sexualidades estão silenciadas nos livros, tais como as relações entre pessoas de mesmo sexo biológico o que pode fragilizar as discussões para estimular a promoção do entendimento de diversidade sexual.

Quanto à “reprodução humana” foi encontrado no LD uma descrição bem detalhada sobre o processo de fecundação, a partir da união dos gametas para formar o zigoto, até o nascimento do bebê. O material traz o tema usando as nomenclaturas científicas e tem como fragilidade o fato de ter pouca exploração sobre a etapa que antecede a fecundação, o ato

sexual e não é feito um paralelo com outras disciplinas e temáticas que poderiam enriquecer a discussão.

O LD coloca os gametas masculinos locomovendo-se ativamente até a tuba uterina onde irão fecundar o óvulo e pela explicação, pode-se inferir que a fecundação acontece exclusivamente em decorrência da atividade dos espermatozoides, desconsiderando que o óvulo tem um papel ativo na fecundação, selecionando dentre os espermatozoides que se aproximam, aqueles que são compatíveis com a fertilização e desenvolvimento posterior, assim como também possui meios para proteger o embrião da polispermia, que se caracteriza como uma condição letal<sup>17</sup>.

No que tange à “gravidez e métodos contraceptivos”, foi verificado que à abordagem sobre gravidez foi caracterizada como normal, não planejada, indesejada, precoce e de risco e não se fala sobre a responsabilidade pelo (a) filho (a). Mas, atribui-se cuidados durante a gravidez como específicos à mulher e o texto não menciona o papel masculino na gestação. Com relação aos métodos contraceptivos, o livro não contempla toda a diversidade de relações, como é o caso da relação homossexual. Vale ressaltar que embora a gravidez na adolescência não seja colocada com uma patologia, o texto ainda associa o uso dos métodos contraceptivos com uma forma de não engravidar ou ter uma IST e não se aborda o uso dos métodos com uma ferramenta para viver a sexualidade com responsabilidade.

Um aspecto a ser destacado e que merece ser refletido é a falta de estímulo nos livros para o diálogo em sala e a para a valorização das experiências dos alunos como ferramenta de interação que permita uma postura ativa destes no processo de aprendizagem e que o conteúdo seja significativo para ele. Duarte<sup>18</sup>, aborda na “pedagogia histórico-crítica” que o trabalho educativo parte da realidade social concreta e da vivência prática dos alunos e se insere na mediação entre esta prática social inicial e os conhecimentos científicos socializados em sala de aula. A partir desta mediação, o trabalho educativo propicia uma transformação que implica possíveis mudanças na concepção de mundo e na atuação prática dos educandos na vida social.

Quanto ao tema das “Infecções Sexualmente Transmissíveis”, foi identificado que a obra traz as infecções ainda sendo citadas como doenças e faz um amplo apanhado sobre diversas IST. O último parágrafo do texto traz a seguinte afirmação: “Nunca é demais lembrar que, por enquanto, a Aids não tem cura” (p. 227). Vale destacar o caráter de cronicidade da doença, cabendo ressaltar que esta pode levar à morte caso não haja vinculação e adesão ao tratamento. A frase como foi estruturada ao dizer que a doença não tem cura pode contribuir para o aumento do preconceito e não foi abordado o avanço das estratégias de prevenção

combinada e tratamento com antiretrovirais, que permitem um melhor prognóstico ao indivíduo e qualidade de vida.

Nas abordagens das IST, a AIDS teve um destaque maior. Pode-se inferir que este destaque seja em função da doença ser caracterizada como incurável e pelo número de óbitos associado a esta. Entretanto, não implicou em um aprofundamento sobre o agravo, pois pouco se falou sobre os desafios para a prevenção, o tratamento e para a condição de viver com AIDS. A ausência destas informações pode dificultar uma compreensão abrangente e limitar o interesse do jovem em se comprometer na prevenção deste agravo.

Foi possível perceber que o livro ainda faz uma forte abordagem biomédica sobre o tema, em função da descrição dos agentes causadores e da fisiopatologia do agravo. Neste conteúdo o LD estimulou a pesquisa extraclasse e extra livro por parte dos alunos e a interdisciplinaridade com o envolvimento da história e da geografia, a fim de construir e ampliar o conhecimento de forma coletiva e também ressalta que as informações contidas no capítulo não substituem uma consulta médica, seja para prevenção, diagnóstico ou tratamento. Esse capítulo é o que mais estimulou a transversalidade e a interrelação com outras disciplinas.

No que diz respeito a “sexualidade e cultura”, é importante considerar que a sexualidade é um tema caracterizado no campo do ensino como transversal e a indicação dos PCN é que este seja tratado ao longo de toda a Educação Básica. Na obra analisada no estudo, foram buscadas as informações referentes ao tema nos livros do 6º ao 9º ano, contudo, pouco ou quase nada foi encontrado fora do livro do 8º ano: *O nosso corpo*. Outra fragilidade é que apenas um capítulo aponta para a correlação de disciplinas, perdendo-se a oportunidade da transversalidade do tema para ser abordado por meio de projetos que incluam outras disciplinas, como Geografia, História, Matemática, Educação Física e de fomentar a discussão sobre os papéis sociais dos homens e das mulheres na sociedade. Assim, apesar da sexualidade ser transversal nos LD ainda está vinculada a biologia e os temas são abordados desvinculados de questões culturais presente no território e sem o estímulo a interação, como através de perguntas.

Outra preocupação manifestada ao ler os livros, foi o fato de não encontrar referências sobre as questões culturais, não se falar de populações presente em diversos territórios, como os indígenas, quilombolas, ribeirinhos, e não mencionar os diferentes hábitos ou dificuldades de acessibilidade dessas populações aos serviços de saúde que pode dificultar a saúde sexual e reprodutiva. A invisibilidade dessas populações nos livros repercute a falsa ideia que todos estudantes residem em áreas urbanas, estudam em escolas tradicionais o que acaba desconsiderando a dimensão do Brasil e as dificuldades geradas por conta de acesso às



escolas e a inoperância do sistema de internet em diversas comunidades da zona rural, como em Santarém.

A teoria social contemporânea tem discutido que a identidade de um indivíduo em uma sociedade perpassa em torno do sexo, da raça/etnia e da sexualidade e é compreendida a partir de uma perspectiva histórica e cultural que constituem identidades não definitivas, nem universais. Assim, entende-se que as identidades culturais são constituídas a partir das diferentes formas com que grupos sociais se reconhecem entre si<sup>19</sup>.

Pode parecer pouco relevante a menção destas populações nos LD. Entretanto, faz-se necessário considerar o lugar do LD no processo de construção das identidades sociais e culturais em permanente construção que não se constitui de um conceito único e universal. Trata-se de representação multifacetada do sujeito em termos culturais sendo que o LD ganha relevância como ferramenta na qual o jovem busca se reconhecer<sup>NN</sup>. Vale destacar que o livro didático pode ser considerado um material educativo e sua produção, como tal, tem sido pertinente em relação às várias temáticas do ensino, seja em ciências ou em saúde, sobretudo quanto aos aspectos relacionados às etapas de seu desenvolvimento. Nesses materiais têm sido apontada a necessidade de se reunir um maior conhecimento sobre o público que irá utilizar, para que sejam estruturados considerando demandas particulares<sup>NN</sup>.

Os temas abordados nos LD são pertinentes para as diversas regiões do Brasil e pode-se inferir que estas obras oportunizam o ensino nas diversas áreas do saber. Entretanto, a não expressarem particularidades e regionalismos pouco favorecem a identificação dos alunos e comprometem uma maior compreensão da realidade e da participação social tendo em vista uma visão binária das concepções de corpo e um posicionamento informativo/prescritivo das informações.

### **Considerações finais**

A análise dos LD evidenciou a necessidade, em sua organização, de superar a pouca problematização, mediante a fragilidade da transversalidade, do protagonismo de escolhas, tendo em vista a inserção dos conceitos em construções textuais assertivas e incisivas que conferem ao material um caráter disciplinador pautado em discursos hegemônicos de nossa cultura. Quanto ao conteúdo nos LD, observou-se que os temas de âmbito nacional não suprem a dimensão das questões de cultura, linguagem e da diversidade cultural e tão pouco as demandas locais que possam provocar um maior envolvimento com populações indígenas, quilombolas e ribeirinhas. Em relação à contextualização, considera-se importante conter nos LD conteúdo que estimulem reflexões sobre o direito à saúde sexual uma vez que estes apresentam pouca preocupação com a questão da saúde como direito social e pouca menção

ao Sistema Único de Saúde (SUS) como instrumento de política pública que visa propiciar a universalidade da atenção à saúde.

Uma das principais fragilidades textuais dos LD relaciona-se à ausência de tratamento do conceito de identidade de gênero como recurso de reconhecimento do direito de livre expressão das concepções de masculinidade e feminilidade disponíveis na cultura. Outra, diz respeito aos direitos sobre o próprio corpo que pode favorecer o entendimento sobre as homossexualidades. Pode-se também questionar o quanto as obras são capazes de fomentar o pensamento crítico, visto que as ilustrações não trazem nenhum tipo de referência aos diferentes grupos populacionais, de modo a valorizar questões culturais e sociais heterogêneas, de estimular as potencialidades da juventude a fim de permitir a compreensão das contradições sociais, das vulnerabilidades incluindo a compreensão dos determinantes sociais em saúde, dentro de um contexto plural que é a formação da sociedade. A valorização da diversidade cultural característica de diversos estados brasileiros, como no estado do Pará, na cidade de Santarém, deve estar refletida nos livros já que são usados também por estudantes indígenas, quilombolas.

Ao longo do texto pretendeu-se convidar o leitor a indagar se estamos caminhando para atender as demandas atuais ou ainda estamos presos em modelos biomédicos e dicotomizantes que não respondem as necessidades contemporâneas da sociedade. Reconhece-se avanços, mas, diversos desafios se colocam para os LD se tornarem instrumentos capazes de refletir nossa cultura e identidades.

Destaca-se que o estudo em questão não pretendeu esgotar a análise de LD usados neste contexto, mas trazer reflexões críticas tendo por base a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e os Parâmetros Curriculares Nacionais visando contribuir para o desenvolvimento de ações e materiais educativos complementares ao ensino.

Por fim, compreende-se que o LD não deve ser usado como ferramenta única para educação sexual mas, considerar o uso de materiais complementares como folder, cartilhas e a necessidade de reconhecer os diversos contextos de vulnerabilidades que envolvem os alunos.

## **REFERÊNCIAS**

1. Heilborn ML, Aquino EML, Bozon M, Knauth DR. O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz, Garamond, 2006.
2. Bonfim CRS. Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas: contradições, limites e possibilidades (Tese de Doutorado). Campinas, SP. 2009.

3. Oliveira, ERB. Assexualidade e medicalização na mídia televisiva norte-americana. In: VIEIRA TR. (Org). Minorias sexuais: direitos e preconceitos. Brasília: Ed. Consulex, 2012.
4. Altmann H. Educação Sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. Cadernos de Pesquisa, v.39, n.136, p.175-200, jan./abr. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742009000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742009000100009)
5. Junqueira, R. (Org.). Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: UNESCO, MEC, 2009. (Coleção educação pra todos).
6. Grösz, DM. Representações de gênero no cotidiano de professores e professoras. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília.
7. Moizés JS, Bueno SMV. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. Revista da Escola de Enfermagem – USP, 44(1); 205-12, 2010.
8. Munakata K. O livro didático e o professor: entre a ortodoxia e a apropriação. In: MONTEIRO, AM, Gasparello AM, Magalhães, M de. (Org). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. S/ed. Rio de Janeiro: FAPERI/Manad, 2007.
9. Oliveira JMGC de. Expansão urbana e periferação de Santarém-Pa, Brasil: X Colóquio Internacional de Geocrítica. Barcelona. 2008.
10. LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1991. 270 p.
11. Barbosa MM. As narrativas das identidades regionais na Amazônia paraense (PDF). São Paulo: Pontifca Universidade Católica. 242 páginas. 2010.
12. Secretaria Municipal de Educação – SEMED. Prefeitura de Santarém. Setor de Estatística. Santarém – Pará. 2019.
13. Secretaria Estadual de Educação – SEDUC. 5ª Unidade Regional de educação. Setor de Estatística. Santarém – Pará. 2019.
14. Motta FM. Gênero, sexualidade & educação. In: Sartori AJ, Britto NS. (org.) Gênero na educação: espaço para a diversidade. 3ª edição, Florianópolis: Genus, 2008.
15. Louro GL. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
16. Altmann, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpo e de gênero. Cadernos Pagu (21), 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a12.pdf>
17. Macedo E. Um discurso sobre gênero nos currículos de Ciências. Educação & Realidade. N. 32(1), p. 45-58, 2007.

18. Duarte N. A importância da concepção de mundo para a educação escolar: porque a Pedagogia Histórico-Crítica não endossa o silêncio de Wittgenstein. *Geminal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 7, n. 1, p. 8-25, jun. 2015.

19. Vieira TR. (Org.). *Minorias sexuais: direitos e preconceitos*. Brasília: Editora Consulex, 2012.

20. NN. [eliminado para efeitos da revisão por pares].

21. NN. [eliminado para efeitos da revisão por pares].

## APÊNDICE B – QUADRO SÍNTESE: LINGUAGEM

Quadro 38: Síntese dos ME - Linguagem

ME	LINGUAGEM
1	Explicativa, com pouco uso de termos técnicos, apropriada ao público que se destina, com enunciados que reforçam a ideia que existe múltiplos fatores que interligados a sexualidade;
2	Explicativa, apropriada ao público que se destina, com enunciados claros, diretos e sintetizados a ponto de explicar o conteúdo em poucas frases. Algumas informações são destacadas pela expressão em caixa “Fique sabendo”.
3	Técnica e com enunciados generalistas.
4	Explicativa, mas, ainda usa termos técnicos como: período de incubação; possui enunciados incisivos: “Tudo que você precisa saber sobre as Doenças Transmitidas pelo sexo”, que tentam convencer o leitor e tratam o conteúdo descrito como inquestionável.
5	Explicativa, como uma linguagem em tom de conversa, visando favorecer o vínculo entre o profissional e o usuário, contém orientações de como conduzir cada conversa, o que estimular o usuário a observar em cada figura e foto, orienta as ações a serem realizadas pelos profissionais de saúde durante atendimento, provoca um estímulo a leitura pelo uso de uma linguagem com interrogações e questionamentos.
6	Explicativa, com escrita bem acessível, estimula a reflexão por meio de enunciados interrogativos, como: “que horas a gente se cuida?”
7	Explicativa, com escrita bem acessível, estimula a reflexão por meio de enunciados interrogativos, como: “você sabe perder?”
8	Explicativa que ajuda na compreensão do conteúdo; Enunciados com conteúdo mais biológicos;
9	Explicativa, apropriada ao público, com estímulo para o uso do material.
10	Explicativa, com textos diretos com diálogos que simulam uma conversa por meio de balões e apresentação de duas ilustrações de jovens. A cor da letra com as imagens não facilitou a leitura.
11	Técnica, com conteúdo bem informativo e fundamentado, mas, com texto bem longos com pouco estímulo à reflexão pela falta de questionamentos e da interação.
12	Explicativa, com escrita bem acessível, com enunciados bem diretos e sintetizados.
13	Explicativa, com enunciados interrogativos que simulam uma conversa e aproximam do leitor.
14	Técnica, com textos organizados em parágrafos como em um livro, como poucos diagramas ou destaques.
15	Explicativa, acessível, com enunciados diretos e interrogativos que estimulam a interação e a questionamentos sobre o tema.
16	Técnica apesar de estar classificado com um material para uso da população em geral a linguagem utilizada não facilita o entendimento das informações. Os enunciados do material reforçam a ideia da autonomia para escolha, abordando que apesar de existir uma variedade de formas de prevenção deve prevalecer o respeito pelo que for decidido pelo indivíduo.
17	Explicativa, acessível, com enunciados que reforçam uma ideia da prevenção associada ao medo ao pavor.
18	Explicativa, acessível ao público e com enunciados diretos que estimulam questionamentos por conta do uso de interrogação.
19	Explicativa, acessível ao público, mas, com enunciados reforçando os riscos de contágio de uma IST, sem contextualização e interlocuções.
20	Explicativa, com enunciados que promovem reflexões por que as frases são estruturadas como perguntas e como conversa, se tornando bem apropriado ao público.
21	Explicativa, apropriada ao público e com enunciados que ajudam a refletir através de uma comunicação simples, direta e em tom de diálogo.

<b>22</b>	Explicativa, acessível ao público que se destina, direta, com enunciados que simula uma conversa por meio de perguntas e interlocuções e facilita a compreensão do tema com diálogos simples.
<b>23</b>	Explicativa, apropriada ao público por ter uma linguagem simples e enunciados diretos em tom de conversa.
<b>24</b>	Explicativa, apropriada ao público por ter uma linguagem simples e enunciados interrogativos que destacam o conteúdo abordado.
<b>25</b>	Técnica, com uma escrita mais direcionada para adultos ou profissionais, apesar de ser descrito como destinado ao público geral, com enunciado que lembra a escrita de um livro.

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

## APÊNDICE C - QUADRO SÍNTESE: FORMATO

Quadro 39: Síntese dos ME - Formato

<b>ME</b>	<b>FORMATO</b>
1	Cartilha organizada em formato de guia para orientação de pais e docentes para abordagem da sexualidade na escola e em casa. Contém conceitos e orientações quanto a perguntas apropriadas para ser feita para os jovens sobre o tema e perguntas que não deveriam ser feitas.
2	Cartilha com 28 páginas, com letras com um bom tamanho para leitura, com texto bem distribuído que estimula o interesse em continuar utilizando o material.
3	Foi definido com uma cartilha, porém pela tecnicidade se assemelha mais a um guia ou um livro, o formato utilizado na distribuição do texto não é convidativo pela extensão do material e a organização escolhida, deixando o material pouco atrativo.
4	Cartilha com 25 páginas, com letras em um tamanho bom para leitura, o texto encontra-se distribuído como em uma página de livro, intercalando texto e figuras. Esse formato acaba não sendo convidativo ou estimulante para continuar usando o material.
5	Álbum seriado com 60 páginas, com pouco texto, as informações bem distribuídas, com uma letra apropriada para leitura, com contraste de cores entre as figuras os textos, um material que estimula a leitura e o uso.
6	Cartilha com 5 páginas, com frases curtas, com letras em tamanho bom e estimula a leitura por possuir um texto bem distribuído e um formato bem convidativo por sintético e direto.
7	Cartilha com 32 páginas, com pouco texto, informações bem distribuídas, com uma letra apropriada para leitura, com contraste de cores entre as figuras e os textos que estimula a leitura.
8	Cartilha com 25 páginas, bem colorida, facilita a leitura, organizado por tipo de IST, com letras que ajudam a compreensão do material e tem um formato que se assemelha a um livro.
9	Cartilha bem completa com 27 páginas, material convidativo, texto bem distribuído e de fácil compreensão, visualmente bonito, traz uma série de assuntos introdutórios antes de começar a falar sobre as IST.
10	Cartilha com 24 páginas, com bastante figuras, com textos curtos apresentados no formato de uma conversa e com bastante interlocuções.
11	Cartilha com 18 páginas que lembra um livro, contém textos bem escritos, mas, que poderiam ser distribuídos com destaque em balões ou em diagramas e com um formato mais sintetizado.
12	Cartilha com 20 páginas, com textos curtos e bem distribuídos.
13	Cartilha com 15 páginas, textos curtos e serve também como se fosse um caderno de anotações. As letras possuem um bom tamanho para leitura e o formato de distribuição do texto são de destaque para as informações.
14	Assemelha-se a um livro com o texto disposto em parágrafos, com poucas figuras e pouco estimula a leitura.
15	Texto bem distribuído entre as páginas, permitindo que as letras não fiquem reduzidas para leitura e destaca várias informações, material visualmente convidativo.
16	Folder com informações em formato de texto, organizado em parágrafos, com fundo colorido, com destaque aos títulos nos tópicos, traz uma imagem de um diagrama.
17	Folder organizado com texto em parágrafos, com alguns enunciados em destaque como na parte da capa que tem um título bem chamativo com a frase: “Em Pernambuco, a cada 6h uma pessoa se infecta com HIV, não precisa ser você”. A sensação ao olhar o material é que tem muita informação e figura em pouco espaço, se

	torna cansativo, pouco atrativo, por que as letras acabaram ficando pequenas e com textos muito amontoados.
<b>18</b>	Folder institucional bem didático, com textos curtos, uma boa apresentação visual que facilita a leitura com letras em tamanho adequado e boa distribuição textual.
<b>19</b>	Manual com 8 páginas, com formato que se assemelha a página de um livro, com textos mal distribuídos, gerando um aglomerado de informações, visualmente cansativo pelo embaraço de figuras e textos e com uma escrita carregada por ter vários trechos em caixa alta.
<b>20</b>	Cartilha com texto distribuídos próximo as figuras de forma contínua e com letras pequenas que não facilitam a leitura.
<b>21</b>	Organizada em parágrafos, intercalados com poucas figuras. O tamanho da letra e o contraste de fundo ajudam a leitura, mas, poderia conter mais diagramas para sintetizar a informação.
<b>22</b>	Material organizado intercalando texto e figuras, com letras em um bom tamanho para leitura e um fundo com bom contraste com a cor da letra.
<b>23</b>	Assemelha-se a um caderno que intercala anotações, ilustrações, dúvidas e conversas. Letras com um bom tamanho, com texto bem distribuído entre as figuras e com estímulo à leitura por uma estruturação bem distribuída entre texto e ilustrações.
<b>24</b>	Intercala texto e figuras e possui o formato de um pequeno livro.
<b>25</b>	Com 52 páginas, com um formato que não estimula a leitura, pelo excesso de texto sem uma diagramação que facilite a síntese da informação.

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.



## APÊNDICE D - QUADRO SÍNTESE: RECURSOS VISUAIS

Quadro 40: Síntese dos ME- Recursos visuais

<b>ME</b>	<b>RECURSOS VISUAIS</b>
<b>1</b>	Contém 11 ilustrações: Desenho de duas jovens, sendo uma branca e outra negra, apontando a diversidade; esboço do corpo humano para abordar a puberdade; seringa e preservativo masculino, identificando comportamento de riscos; livro aberto para representar a escola, três bonequinhos identificando a família; sinal de wifi para enfatizar os links que contém informações sobre o tema e dois rapazes, sendo um pardo e outro negro que utiliza óculos e tem cabelo enrolado.
<b>2</b>	Contém 9 ilustrações e 7 imagens, estas complementam o texto e destacam a informação a ser passada. A diversidade sexual é expressada por meio de diversas figuras como: na capa que contém uma foto de um rapaz pardo, com o cabelo nas laterais raspado; no meio da cartilha que tem uma foto de duas jovens, sendo uma branca e outra negra; possui ilustrações de um cérebro, para falar de identidade de gênero; de um coração, para afalar de orientação sexual; símbolo de masculino e feminino, para falar de sexo biológico; de uma pessoa, para explicar expressão de gênero; de um escudo composto com o símbolo masculino e feminino, entre outros.
<b>3</b>	Material com 47 imagens e figuras, distribuídas ao longo do texto que servem para reforçar as informações descritas, mas não são ilustrações que despertam amplo interesse.
<b>4</b>	Material com 26 figuras, distribuídas ao longo do texto que servem para reforçar as informações descritas, algumas são caracterizadas em uma perspectiva engraçada quando se referem aos órgãos masculinos e femininos, entretanto acabaram caracterizando órgãos sexuais masculinos e femininos em formato de caricatura que pouco contribuiu para abordagem do assunto.
<b>5</b>	Possui 29 ilustrações que aparecem no cotidiano, apresentadas bem coloridas e convidativas e convidam para observar o próprio corpo. Destaque para a figura de um jovem indígena, junto com outros jovens. Possui 25 fotos sobre IST, alguma causam medo por apresentarem órgãos sexuais destruídos por IST.
<b>6</b>	Possui 30 ilustrações que se relacionam e complementam o texto.
<b>7</b>	Possui 12 ilustrações que se relacionam e complementam o texto.
<b>8</b>	Possui 35 ilustrações que complementam o texto e exemplificam o conteúdo abordado.
<b>9</b>	Contém 45 figuras que exemplificam e complementam o conteúdo textual. Destaque para as figuras de adolescentes brancas e negras, fazendo referência a diversidade sociocultural.
<b>10</b>	32 ilustrações que reforçam o conteúdo abordado, porém são apresentadas mais como desenhos domésticos.
<b>11</b>	Contém 12 figuras que se relacionam com assuntos abordados nos materiais, mas acabam tendo pouco destaque em função do excesso de texto.
<b>12</b>	Ilustrações simples, mas que complementam o texto.
<b>13</b>	Contém 8 desenhos que destacam o público do material com ilustrações de adolescentes com características diferentes, como jovem branca e jovem parda.
<b>14</b>	Contém uma ilustração na capa e outra na contracapa ao longo das páginas aparecem apenas detalhes de ilustrações. As figuras não ajudam reforçar conteúdo porque como são apenas detalhes nas laterais das páginas, não tem destaque frente a quantidade de conteúdo.
<b>15</b>	Contém 41 ilustrações que se incorporam ao texto e reforçam o conteúdo, as imagens não causam constrangimento e ainda expressam a diversidade cultural ao representar jovens brancas, negras e pardas na capa.
<b>16</b>	Traz uma única imagem de um diagrama e possui um fundo com palavras que se relacionam com o tema para destacar a importância destas e com uma cor mais clara.
<b>17</b>	Possui 18 figuras, entre elas algumas imagens de órgãos sexuais com feridas, secreção e verrugas. Estas imagens, causam um pouco de desconforto ou medo ao olhar o folder, levando mais a um impacto do que uma reflexão sobre o assunto.
<b>18</b>	Possui 9 figuras que complementam e exemplificam o conteúdo abordado.

<b>19</b>	Contém aproximadamente 43 figuras, algumas destas causam um pouco de desconforto por apresentarem órgãos sexuais com feridas, bolhas, corrimento e verrugas, causando mais impacto de medo do que reflexão.
<b>20</b>	13 ilustrações que usam várias cores e deixam o material com bastante destaques visual, entretanto, a maioria não se correlaciona com o texto e não complementa o conteúdo e como algumas ilustrações são bem fortes em vários momentos atrapalham a leitura.
<b>21</b>	4 figuras que ajudam a evidenciar e complementar o conteúdo abordado.
<b>22</b>	Os 27 desenhos lembram ilustrações feita com lápis de cor e provocam uma sensação de familiaridade e ajudam a complementar o assunto abordado.
<b>23</b>	Contém aproximadamente 47 ilustrações que lembram desenhos feitos à mão e ajudam a complementar e reforçar conteúdo apresentado. Alguns diagramas possuem o fundo com uma cor um pouco forte com o contraste da cor da letra.
<b>24</b>	Contém aproximadamente 7 ilustrações que ajudam a complementar e reforçar conteúdo apresentado.
<b>25</b>	Sem figuras ou imagens que retratassem a síntese dos conteúdos abordados.

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

## APÊNDICE E - QUADRO SÍNTESE: PUBERDADE

Quadro 41: Síntese dos ME - Puberdade

<b>ME</b>	<b>PUBERDADE</b>
<b>1</b>	Mudanças relacionadas ao sexo feminino e masculino e caracterização de puberdade e adolescência.
<b>2</b>	[Sem abordagem]
<b>3</b>	[Sem abordagem]
<b>4</b>	Corpo feminino e corpo masculino; corrimento uretral e vaginal: gonorreia, candidíase, Doença Inflamatória Pélvica (DIP), Tricomoníase; feridas genitais: sífilis, herpes, cancro mole, linfogranuloma Venéreo, Condiloma acuminado; AIDS.
<b>5</b>	Tópicos abordados: Falando sobre IST, como identificar uma IST, Manifestações clínicas das IST, como é uma IST, Sífilis, Herpes Genital, Cancro Mole (Cancroide), Linfogranuloma Venéreo (LGV), Donovanose, Gonorreia e Clamídia, Tricomoníase, HPV (Papilomavírus Humano): Condiloma Acuminado, HIV/aids Hepatite B e Hepatite C, higiene corporal, contaminação por hepatites por tatuagens e kit de manicure e fala de relacionamentos saudáveis.
<b>6</b>	Aborda hábitos saudáveis e boa alimentação, interferência dos hormônios no funcionamento do corpo feminino, anatomia feminina, mudança corporal após os 45 anos, cuidados de higiene, câncer de mama, necessidade de sono e repouso.
<b>7</b>	O texto traz a anatomia masculina, função dos órgãos sexuais e reprodutivos, problemas sexuais masculinos, sexo, reprodução no Homem, desempenho sexual, principais problemas para transar, hábitos de higiene, câncer de próstata, problemas de Fígado, atitudes de risco, vaidade, alimentação, uso de drogas, obesidade, qualidade de vida e saúde mental.
<b>8</b>	Que são IST'S, HIV/Aids, sífilis, hepatites b e c, HPV, vírus herpes simples (HSV), tricomoníase, candidíase e gardnerella
<b>9</b>	Mudanças no corpo de meninas e meninos, menstruação, anatomia feminina e masculina, como se usa absorvente interno, problemas de saúde masculino, como fimose, higiene masculina e feminina, preliminares, orgasmo masculino e feminino, ejaculação precoce, gravidez e aborto;
<b>10</b>	Ciclo menstrual, gravidez e Prevenção das DST.
<b>11</b>	Gravidez na adolescência como problema de saúde pública; Violência sexual e gravidez na adolescência em menores de 15 anos; Importância do atendimento e cuidados diferenciados; Aspectos físicos e emocionais; Parto; Acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil; O que os serviços podem oferecer; Saúde; Educação e Assistência social (proteção).
<b>12</b>	Anatomia masculina, locais de atendimento para cuidados de saúde, métodos de prevenção de IST, tipos de relações sexuais, cuidado da próstata, Profilaxia Pós Exposição (PEP), uso de drogas e hábitos saudáveis. É abordado funções de órgãos masculino, o uso do preservativo masculino, quais os cuidados frente as IST,
<b>13</b>	Sexualidade sem riscos de IST;
<b>14</b>	Conceitua sexualidade, aborda a autonomia das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneras, travestis, transexuais para a expressão da sexualidade, traz um glossário de termos correlatos à sexualidade.
<b>15</b>	Conceitua a sexualidade, aborda desejo, prazer, múltiplas funções da mulher, fala de qualidade de vida, hormônios, sono, alimentação, ciclo menstrual, órgãos sexuais, consumo de bebidas e drogas e como identificar as IST.
<b>16</b>	O folder aborda: Prevenção combinada, métodos de prevenção as IST, ao uso de drogas, populações chaves, populações prioritárias, tratamento dos portadores de HIV, tratamento de outras IST e redução de danos.
<b>17</b>	IST, fimose, cuidados de higiene, pré-natal, automedicação, acompanhamento ginecológico, diagnóstico precoce, tratamento, redução de danos e Higiene, uso de preservativos, situações de vulnerabilidades e cuidados de saúde.
<b>18</b>	Mudanças corporais, o que é a adolescência, IST, métodos de prevenção das DST e gravidez.

<b>19</b>	O que são as DST; O que é a AIDS e o que causa, como ataca o organismo, por que causa tanto dano, assim pega, assim não pega; desinfecção de seringas; DST que causam feridas, verrugas e corrimentos; o que fazer em caso de suspeita de DST, complicações, orientações sobre várias DST, como: Sífilis, herpes genital, uretrites, gonorreia, candidíase, Tricomoníase, condiloma acuminado e diferencia sinais na mulher e no homem.
<b>20</b>	A sexualidade sendo abordada como algo prazeroso e com direito de escolhas, como ter ou não filhos; vida sexual da pessoa com Aids; maternidade e Aids, adoecimento e autonomia.
<b>21</b>	Conceito de diversidade sexual, de homofobia, de identidade de gênero, união estável, de discriminação, entre outros.
<b>22</b>	Conceitua Sexualidade, Sexo; aborda o desenvolvimento da sexualidade; sexualidade e pessoas com deficiência; mudanças corporais; importância dos relacionamentos, da autonomia, independência, autoestima, desejo; masturbação e mitos.
<b>23</b>	Os caminhos da Identidade, questão de gênero, relações étnicas raciais, sexualidade, autoestima, DST/ Aids, gravidez, métodos anticoncepcionais, drogas, direitos humanos e violência.
<b>24</b>	O que são DST, sintomas, diagnóstico, tratamento, serviços de saúde, higiene, automedicação e direitos.
<b>25</b>	História dos Movimentos Sociais: Feminismo, Lgbt, Patriarcado, Machismo e Femicídio; O que é LGBT fobia? Solidariedade entre as mulheres.

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

## APÊNDICE F - QUADRO SÍNTESE: DIVERSIDADE

Quadro 42: Síntese dos ME - Diversidade Sexual

<b>ME</b>	<b>DIVERSIDADE SEXUAL</b>
1	Conceitua: Gênero e identidade de gênero;
2	Aborda o que é: Identidade de gênero: Transgênero, transexual, travesti; orientação sexual: heterossexual, homossexual e bissexual; sexo biológico; expressão de gênero; traz várias terminologias, como: assexual, andrógino, cisgênero, entre outros;
3	[Sem abordagem]
4	[Sem abordagem]
5	O texto explica que o sexo pode ser vivido de várias maneiras, fala do acolhimento sem discriminação e preconceito, das relações homoafetivas, de vulnerabilidades, da contaminação independente de religião estado civil, dos tipos de relações sexuais como anal e vaginal. O material aborda o termo “parceria sexual” e “parcerias sexuais”, a primeira forma de uso permite a interpretação que não necessariamente a relação sexual entre parceiros precisa ser heterossexual e o segundo uso, permite a compreensão que nem sempre um indivíduo terá apenas um ou uma parceira sexual;
6	[Sem abordagem]
7	[Sem abordagem]
8	[Sem abordagem]
9	Orientação sexual: heterossexual e homossexual;
10	[Sem abordagem]
11	[Sem abordagem]
12	Aborda os diferentes tipos de relações sexuais como anal, oral;
13	Orientação sexual;
14	Identidade de gênero e defende a vivência da sexualidade;
15	[Sem abordagem]
16	O material fala dos tipos de relações sexuais;
17	Tipos de relações sexuais;
18	Tipos de relações sexuais: anal, oral;
19	Tipos de relação sexual: anal, oral
20	[Sem abordagem]
21	Sexo biológico, orientação sexual, gênero, identidade de gênero, homofobia e transfobia.
22	Relação sexual oral, anal e relações homossexuais. O material aborda que as pessoas são diferentes, como as pessoas que tem alguma deficiência;
23	Aborda a relação étnico-racial e questões de gênero;
24	Das relações sexuais entre homens;
25	A luta contra o Racismo, como combater?; A questão Indígena, como combater a discriminação aos Povos Indígenas?; Identidade de gênero; Práticas sexuais lésbicas; Do Movimento Homossexual ao LGBT;

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

## APÊNDICE G - QUADRO SÍNTESE: PREVENÇÃO

Quadro 43: Síntese dos ME - Prevenção e Orientação

<b>ME</b>	<b>PREVENÇÃO E ORIENTAÇÃO</b>
1	Comportamentos sexuais de risco: uso de álcool, cigarro e relação sexual desprotegida; desinformação; influência de pares; falta de diálogo com os pais; importância da educação sexual; responsabilidade dos pais e das escolas na educação sexual; conceituação do que é sexualidade; desafios da educação sexual nas escolas e nas famílias e estratégias que favorecem o diálogo sobre sexualidade com adolescentes;
2	Conceitua sexualidade, orienta termos que não devem ser utilizados como homossexualismo e opção sexual;
3	Saúde dos jovens e adolescentes com a prevenção dos tipos de violência; consumo de drogas; DST; gravidez; transtornos alimentares: Bulimia, anorexia, desnutrição e obesidade; transtornos de personalidade, psicóticos, de humor, de ansiedade; alimentação saudável e prática de atividades físicas;
4	Como se prevenir das DST; como utilizar o preservativo masculino e feminino; Testes;
5	Camisinha masculina e feminina: como usar, testes rápidos, autonomia da mulher com o uso da camisinha feminina, vacinação e realização do exame preventivo. Explica o que é diversidade, sexualidade;
6	Aborda a profilaxia Pós-exposição – PEP; Formas de testagem; formas de prevenção de IST, HPV, Hepatite B e C, vacinação; prevenção de IST por perfuro cortantes; prevenção do câncer de mama e uso preservativo feminino;
7	Como evitar o HIV, como reconhecer DST, uso da Camisinha, prevenção do uso de drogas, demonstra métodos contraceptivos masculinos e femininos, caracterizando o planejamento familiar como uma responsabilidade do casal e não exclusiva da mulher;
8	Formas de prevenção das IST, vacinação, PrEP e PEP;
9	Métodos anticoncepcionais, Prevenção de IST e vacinação;
10	Prevenção de DST: uso do preservativo masculino e feminino, métodos de anticoncepção, diafragma, Dispositivo Intra Uterino (DIU), anticoncepcionais (oral, injetável, adesivo), método naturais (tabelinha, temperatura e muco) e método comportamental;
11	Aborda os impactos da gravidez na adolescência, como: aborto, mortalidade infantil, prematuridade e baixo peso ao nascer e a importância do acompanhamento nutricional durante a gestação das adolescentes;
12	Orienta quanto ao acesso gratuito ao preservativo nos serviços de saúde e a importância do uso do preservativo para a prevenção de IST e gravidez indesejada. Aborda as vacinas para prevenção do HPV e Hepatite B, a possibilidade de uso de profilaxia pós exposição (PEP), a disponibilidade de exames para hepatite, sífilis e HIV e o reconhecimento de dependência química;
13	Aborda a prevenção da violência sexual e abuso. Sexualidade sem riscos de IST;
14	Orienta contra a violência a LGBT a homofobia;
15	Métodos anticoncepcionais, prevenção das IST, testes rápidos, Profilaxia Pós Exposição (PEP), Profilaxia Pré-Exposição (PrEP), cuidados das mamas, Prevenção de violência sexual, exame Preventivo do Câncer de Colo do Útero (PCCU) e Vacinas;
16	Orienta sobre: prevenção ao uso de drogas, métodos de prevenção as IST, testagem, PrEP, PEP, prevenção de transmissão vertical do HIV, Sífilis e Hepatites;
17	Vacinas, PCCU, como usar a camisinha masculina e feminina, PEP, prevenção ao

	preconceito.
<b>18</b>	Prevenção de gravidez indesejada, testes rápidos, preservativo masculino e feminino;
<b>19</b>	Uso do preservativo e testes;
<b>20</b>	Uso do preservativo;
<b>21</b>	Quanto a preconceito e discriminação;
<b>22</b>	Orienta a necessidade de respeitar as diferenças, mas igualar valores e mostrar que tanto meninas quanto meninos podem e devem ter autonomia e valor. Desmitifica a ideia de que a sexualidade é um problema; aborda a necessidade de reconhecer possíveis abusos e a importância do diálogo.
<b>23</b>	O lazer como uma ferramenta de socialização e de construção social;
<b>24</b>	Fala do direito à prevenção e o diagnóstico;
<b>25</b>	Orienta sobre as questões de racismo, homofobia e preconceito;

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

## APÊNDICE H - QUADRO SÍNTESE: CULTURA

Quadro 44: Síntese dos ME - Cultura

ME	CULTURA
1	Construções sociais de gênero: papéis esperados para homens e mulheres.
2	Aborda que os conceitos de masculino e feminino são noções construídas socialmente.
3	[Sem abordagem]
4	[Sem abordagem]
5	Aborda que o preconceito causa doenças; da necessidade de respeito a diferente credos e religião e traz a presença de um indígena em uma das figuras para bordar a diversidade sociocultural.
6	Desmistifica o papel da necessidade de a mulher ter múltiplas funções, se colocar em segundo plano, que que a sua vida fique na mão do parceiro, destacando a autonomia feminina.
7	Traz alguns bordões para reflexão, como: “Homem não chora”, Pra Quê Bancar o Machão?, aborda atitudes de risco, como: não reconhecer problemas de saúde física ou mental, violência para provar masculinidade, explana que homens também tem problemas para transar, alerta para a responsabilidade do homem na paternidade, automedicação, estimula o reconhecimento de doenças mentais, como depressão, ansiedade, merece destaque o alerta que a recusa de uma mulher para uma relação deve ser respeitada, necessidade de ensinar limites e cuidados aos homens para não se exporem a situações de risco, ensinar a perder e que vaidade não é exclusividade feminina.
8	É interessante que a masturbação é trazida com naturalidade e como uma prática a ser realizada entre parceiros, sem risco de contaminação pelo HIV, mas, não alerta para o risco de outras IST.
9	Aborda a questão de gênero reforçando que homens e mulheres têm direito a uma vida sexual saudável e que existe questões culturais e religiosa que podem interferir na escolha sexual de cada um.
10	O material aborda o mito associado ao coito interrompido;
11	[Sem abordagem]
12	Os métodos de barreira abordam a prevenção das IST, mas, não abordam a prevenção da gravidez, reforçando questões culturais que atrelam a responsabilidade da prevenção da gravidez a mulher.
13	[Sem abordagem]
14	[Sem abordagem]
15	Traz exemplo de frases que são usadas para descaracterizar sentimentos naturais da sexualidade, como “Desejo é algo feio”; aborda ideias equivocadas quanto ao uso de métodos contraceptivos, como a “métodos contraceptivos são abortivos”.
16	Gera indagações sobre o preconceito com os homossexuais nos serviços de saúde por conta de uso de drogas, de silicone industrial, entre outros.
17	“Métodos de barreira evitam a gravidez e não as IST”, Discriminação e preconceito, frente aos portadores de HIV “Precisamos nos proteger do vírus, e não das pessoas”.
18	Temas como masturbação e desejo são mencionados de forma natural dentro do campo da sexualidade e o autor explora o aspecto que a primeira relação sexual também pode engravidar e desmistifica que “O uso do preservativo tira o prazer durante a relação sexual”.
19	O material aborda o hábito de compartilhamento de seringas entre usuários de drogas e orienta sobre a desinfecção de seringas.
20	A cartilha destaca a questão que algumas pessoas acreditarem que a ”AIDS é coisa do outro, que nunca vai chegar perto delas”; preconceito com as pessoas com HIV; morte e



	rejeição,
<b>21</b>	Aponta as necessidades da população de LGBT, desfazendo mitos e crenças sobre diversidade sexual.
<b>22</b>	Aborda a diferença estabelecida na criação entre homens e mulheres: “ Temos a tendência de colocar mais limites nas meninas e estimular os meninos e deixá-los fazer o que tem vontade”. Importância dos grupos sociais no desenvolvimento da sexualidade; reforça a ideia que pessoas com deficiência também possuem o desenvolvimento da sexualidade.
<b>23</b>	Discute os papéis de gênero na sociedade.
<b>24</b>	Aborda que as DST não são castigo e tão poucas doenças que só se manifestam em homens que fazem sexo com homens.
<b>25</b>	“Mito da democracia racial com o claro objetivo de silenciar as denúncias contra o racismo existente na sociedade brasileira”. “Indígenas – vistos como primitivos”.

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

## APÊNDICE I - QUADRO SÍNTESE: CIDADANIA

Quadro 45: Síntese dos ME - Cidadania

<b>ME</b>	<b>CIDADANIA</b>
1	Respeito à diversidade; a abordagem da sexualidade assegurada nos PCN; a função do conselho tutelar; denúncias frente maus-tratos e violência e serviços de apoio como CRAS, CREAS, CRAI, CRVV, SPC, DECA; links de ONGS de apoio como: PROMUNDO e SOMOS.
2	Aponta que a homossexualidade não é considerada como patologia pela Organização Mundial da Saúde – OMS; traz endereços de atendimento da Defensoria pública no estado da Bahia.
3	Aborda tipos de violência, direitos e deveres dos adolescentes por meio da CF, aponta endereços de serviços de apoio como: Secretaria Estadual de Saúde; Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social, Trabalho, Justiça e Direitos Humanos; Centro de Valorização da Vida (CVV), entre outros. Orienta quanto questões trabalhista e explica sobre projetos como: jovem aprendiz.
4	[Sem abordagem]
5	Autonomia feminina. Combate ao estigma, ao preconceito e a discriminação pois estes limitam as possibilidades de acesso aos serviços de saúde.
6	Aponta locais de atendimento como o Centro de Testagem e Aconselhamento – CTA e direitos, como: o de acesso ao preservativo, a consulta e exames.
7	Aborda o planejamento familiar, a paternidade consciente, responsabilidades legais como a garantia da pensão alimentícia a mulher grávida, participação do homem durante a gravidez, o papel de pai, tipos de violência, abuso sexual de menor de idade, violência sexual, necessidade de limites físicos para ações dos homens, aprender a perder; indica serviços de saúde e centro de referências de saúde do homem e direitos de acesso ao preservativo, a consulta e exames.
8	Aponta o CTA para a realização de exames e a disponibilidade de postos para atendimento gratuito.
9	Reforça a necessidade de apoio do pai durante a gravidez.
10	Paternidade responsável e locais para buscar métodos de anticoncepção.
11	A cartilha aborda violência sexual, estupro, legislações, aponta programas governamentais que podem ser usados como suporte como: Programa Saúde na Escola (PSE), Brasil Carinhoso e Rede Cegonha. Indica materiais como: caderneta de saúde da adolescente e do adolescente e apostila: Mãe e Pai – Casal na adolescência e agora?
12	Identifica serviços de referência como Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Posto de Atendimento ao Trabalhador PATE, postos de saúde e o disque saúde pelo 136.
13	Cita diversas instituições de apoio a mulheres como: Movimento de Promoção da Mulher – MOPROM, Grupo de Mulheres do Brasil (GMB), Movimento de Mulheres do Campos e da Cidade (MMCC), Fundação papa João XXIII (FUNPAPA), Centro de Defesa de Crianças e do Adolescente (CEDECA) entre outras.
14	Aborda homofobia, indicação de legislações, livros, documentários, filmes, canais no you tube e sites.
15	Aponta locais de atendimento; orienta quanto a situações de atendimento.
16	Indica o disque saúde: 136.
17	Centros de Testagem e aconselhamento em AIDS (CTA).
18	[Sem abordagem]
19	Endereços e telefones de CTA nos Brasil por estados e disque saúde.
20	Acesso ao preservativo; acesso aos serviços de saúde; direito sexual e reprodutivo.
21	Direitos, principais marcos legais, legislações e endereços de serviços.
22	Orienta na importância de respeitar o espaço e o desejo do outro; a função da escola na

	vida das crianças e jovens.
<b>23</b>	Aborda a necessidade da identidade, o conceito de cidadania, telefones de disque drogas, função do conselho tutelar e do ECA.
<b>24</b>	Fala do direito ao tratamento e aos serviços de saúde.
<b>25</b>	Assédio sexual, feminicídio, violência contra mulher, LGBTfobia e direitos.

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

## APÊNDICE J - QUADRO SÍNTESE: POTENCIALIDADES

Quadro 46: Síntese dos ME - Potencialidades

<b>ME</b>	<b>POTENCIALIDADES</b>
1	Sugere formas para trabalhar o tema nas escolas, identifica locais para busca de atendimento, traz sugestões de sites, livros e considera as questões de gênero.
2	Contextualiza o impacto do preconceito na vida de travesti, associado a estigmas, gerando dificuldades para conseguir emprego;
3	Aborda uma variedade de conteúdos;
4	Descreve detalhadamente as IST.
5	Atende o objetivo de orientar os profissionais, traz os tópicos identificados como conversas, material muito convidativo, muito bem ilustrado e destaca a importância do diálogo para compreensão do tema.
6	Linguagem simples, acessível, com conteúdo direto e sintetizado.
7	Linguagem simples, acessível, com conteúdo direto e sintetizado e estimula reflexões por meio de enunciado interrogativos.
8	Linguagem acessível e compreensível de modo geral e aborda diversas IST.
9	Material bem ilustrado e com linguagem de fácil compreensão.
10	Textos curtos, contém perguntas que estimula questionamentos e reflexões.
11	Fala do ciclo de desigualdade social frente a gravidez não planejada, da evasão escolar e da necessidade de acolhimento ao adolescente, considerando a gestação não planejada associada a múltiplos aspectos e não somente ao ato sexual desprotegido. É interessante a consideração entre as diferentes regiões brasileiras para que seja formado um panorama sobre o assunto.
12	Atende a finalidade de orientar homens sobre conteúdos diversos que atingem a saúde masculina.
13	Linguagem fácil, acessível e material com informações bem resumida;
14	Traz excelente indicações de livros, sites, mídias sociais, vídeo, documentário
15	Cartilha com textos curtos, linguagem simples, direta, com bom conteúdo e capacidade de informação.
16	O material aborda a possibilidade de preconceito por homossexuais nos serviços de saúde e necessidade de acolhimento independentemente de qualquer característica.
17	Indica locais para buscar atendimento no estado e aborda uma diversidade de temas correlatos.
18	Conteúdo abordado de forma bem direta, autoexplicativa e prática e ajuda na formação e questionamentos por conta dos enunciados em formato de perguntas.
19	Aponta os endereços dos CTA.
20	A sexualidade sendo abordada como algo prazeroso e com direito de escolhas;
21	Linguagem acessível e autoexplicativa, conteúdo bem rico e produz interações por meio de interlocuções interrogativas.
22	O material é autoexplicativo, promove interações por meio dos diálogos interrogativos, é apropriado ao público que se destina, gera reflexões, contextualiza o conteúdo abordado de forma bem leve por meio de trechos de relatos de jovens.
23	Material apropriado ao público, autoexplicativo, promove interações por meio de perguntas, contextualiza o conteúdo por abordar situações do cotidiano e reforça as questões de diversidade sociocultural ao abordar etnia.
24	Aborda sobre sexualidade e saúde sexual numa linguagem simples e acessível e provoca reflexões sobre os impactos das IST.
25	Estimula a reflexão e a contextualização em função de abordar temas de grande impacto e ainda poucos discutidos com a diversidade sociocultural.

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

## APÊNDICE L - QUADRO SÍNTESE: FRAGILIDADES

Quadro 47: Síntese dos ME - Fragilidades

<b>ME</b>	<b>FRAGILIDADES</b>
<b>1</b>	Aponta quais os assuntos devem ser abordados, porém não aborda a maioria dos temas, como: Privacidade, métodos contraceptivos, higiene, comunicação empática, prazer, etnia e raça, cultura, inclusão, relacionamentos saudáveis, violência, consentimento, preconceito e discriminação, autoconhecimento corporal, etc.
<b>2</b>	O material não produz interações com o leitor, poderia conter perguntas para ajudar quem está lendo a se questionar sobre o conteúdo que está sendo abordado, bem como traz poucas reflexões sobre preconceitos, estigmas e discriminações que estes grupos sofrem na sociedade e não aborda a diversidade cultural.
<b>3</b>	Material com linguagem muito técnica e pouco convidativo por ser muito longo e com bastante texto, se propõe a abordar os principais agravos que acometem jovens, definidos neste como: violência, consumo de drogas, IST e transtornos mentais. Porém, não aborda temas fundamentais como: puberdade e diversidade sexual. O conteúdo é abordado sem estimular reflexões, questionamentos uma vez que contém poucas perguntas e traz as informações sem considerar particularidades e diversidades socioculturais.
<b>4</b>	Usa a expressão DST ao invés de IST, caracterizando todos os indivíduos contaminados como doentes; O conteúdo é apresentado sem estimular reflexões e questionamentos e com pouco poder provocador sobre o impacto dessas infecções na sociedade e na vida de jovens; Material focalizado nas IST, não fazendo referência a outros temas correlatos importantes que atinge a dimensão das infecções como a orientação sexual e a diversidade sexual.
<b>5</b>	Falta figura de casais homossexuais, não aborda temas como desejo, prazer, autonomia feminina, questões de gênero e direitos. Ainda contém uma abordagem focalizada em aspectos patológicos e na ocorrência da doença, pouco contextualizando sobre outros assuntos como a diversidade sexual e suas implicações. Algumas figuras causam mais medo por conta dos órgãos sexuais destruídos pelas infecções do que orientação sobre o tema.
<b>6</b>	Falta figura que expresse diferentes tipos de relações sexuais, não aborda temas como desejo, prazer e o material reforça a necessidade do cuidado da saúde da mulher, mas, não aponta a necessidade de cuidado que deve ser despertado no homem, no parceiro, ou parceiros (as).
<b>7</b>	Falta figura que expresse diferentes tipos de relações sexuais, poderia ter mais figuras ou imagens.
<b>8</b>	Falta figura que expresse diferentes tipos de relações sexuais, poderia ter mais figuras ou imagens, material bem tecnicista, focado nas orientações sobre as IST. O texto poderia ser mais resumido e abordados de forma a provocar mais reflexões por meio de interrogações, por exemplo.
<b>9</b>	Falta de abordagem da autonomia feminina quanto ao uso de preservativos, não traz locais para buscar atendimento, ou sites para acesso a informações, não menciona o papel do homem durante a gravidez, não foi dialogado sobre o tema de violência sexual e legislações pertinentes. O texto poderia ser mais resumido, provocar mais reflexões e estimular contextualizações sobre diversos aspectos que compreendem a temática, como: papéis de homens e mulheres na sociedade, além de estimular indagações por meio de enunciados interrogativos
<b>10</b>	Material focado nos métodos de anticoncepção, não abordando temas, como: autonomia feminina no uso de preservativos, o papel do homem durante a gravidez, violência sexual, legislações pertinentes e o texto já inicia falando de preservativo, não tem uma

	introdução ao tema.
<b>11</b>	Uma cartilha que tem o enfoque a gravidez ainda coloca a mulher como única nas orientações e responsabilidades gravídicas e maternas, sem destaque ao papel do homem durante a gravidez. Considerando ser um material desenvolvido para adolescentes, tem uma linguagem muito técnica que não facilita o aprendizado e se assemelha mais a um livro do que uma cartilha em função do excesso de texto. Existe um amplo destaque das problemáticas associadas a gravidez na adolescência, mas, não mencionam pontos favoráveis associados a maternidade.
<b>12</b>	Não é abordado temas correlatos importantes, como: a paternidade consciente, as vacinas para prevenção das IST e violência sexual.
<b>13</b>	Em algumas partes, o contraste visual entre letras e a cor do fundo não facilita a leitura.
<b>14</b>	Apesar de ser identificada com uma cartilha, assemelha-se mais a um livro por conta da linguagem mais técnica e pouco explicativa. E ainda que entre o público também esteja indicado a sociedade em geral, é um material mais fácil de ser usado por profissionais da área.
<b>15</b>	Pouco destaque para a autonomia da mulher quanto ao uso dos métodos de anticoncepção, aborda o tema da prevenção da gravidez como uma responsabilidade feminina.
<b>16</b>	Poderia conter figuras para exemplificar os assuntos abordados e a linguagem ser mais simples.
<b>17</b>	Sobrecarga de texto, parágrafos escrito inteiro com letra maiúscula e falta referências, indicando autores e fonte das informações.
<b>18</b>	A temática do material, é sexualidade, porém alguns tópicos importantes não foram abordados, como: mudanças corporais, violência sexual, questões de gênero, legislações, autonomia feminina, paternidade responsável, prazer e diversidade sexual. O conteúdo não é contextualizado a fim de fazer com que o leitor reflita sobre o tema.
<b>19</b>	Parte do texto escrito com letras maiúsculas, pouca abordagem das questões de sexualidade, focado na temática das IST, uma aparência cansativa, não desperta o interesse para leitura e as IST sendo caracterizadas ainda como DST.
<b>20</b>	Apesar do material ter bastante figuras, as cores de contraste do fundo com as letras do texto, em algumas páginas dificultam a leitura e a visibilidade e vários trechos ainda possuem muito texto, o que deixa o material um pouco poluído visualmente. Alguns temas importantes relacionado a sexualidade não foram abordados, como: violência sexual e relações sexuais homossexuais.
<b>21</b>	Excesso de texto e pouca contextualização.
<b>22</b>	Poderia mencionar que além das pessoas serem diferentes por conta da deficiência, existem indivíduos identificados outros grupos de indivíduos, como: indígenas, quilombolas, entre outros. Em algumas partes do material tem uma concentração de texto que poderia ser alocada em diagramas para facilitar a leitura.
<b>23</b>	Em algumas partes da cartilha existe um excesso de texto que poderia ser suavizado por uma síntese de conteúdo ou por diagramas.
<b>24</b>	Poucas figuras, algumas partes com excesso de texto e a letra escolhida em alguns trechos tem uma leitura mais difícil.
<b>25</b>	Material técnico, com linguagem direcionada para adultos ou profissionais, sem figuras ou imagens que retratassem a síntese dos conteúdos abordados.

Fonte: Estruturado pela autora, 2021.

## APÊNDICE M – QUADRO RESULTADOS DA RIL SOBRE OS ME

Quadro 48: Resultados da RIL sobre os ME

1	<b>Objetivo</b>	Analisar a influência dos materiais educativos impressos na aprendizagem e promoção da saúde sexual e reprodutiva.
	<b>Resultados</b>	Evidenciou-se que quando os materiais educativos impressos estão associados à comunicação horizontal entre profissionais e usuários (as) e metodologias mais diversificadas, respeitando as especificidades do público-alvo, é possível alcançar aprendizagem e autonomia.
2	<b>Objetivo</b>	Avaliar o aplicativo multimídia «Amor e sexo: mitos, verdades e fantasias», desenvolvido pelo Museu da Vida, COC/Fiocruz, através de 36 alunos do Ensino Médio de escolas públicas do Rio de Janeiro.
	<b>Resultados</b>	O aplicativo é um espaço de interlocução entre os jovens, permitindo troca anônima de dúvidas e ideias, e alimentando um banco de dados que permite aos professores e pesquisadores conhecerem melhor o pensamento dos adolescentes.
3	<b>Objetivo</b>	Analisar 14 materiais sobre prevenção das IST/Aids voltados para gestantes, produzidos entre 1995-2017, no Brasil.
	<b>Resultados</b>	Os materiais reiteram a testagem no pré-natal como responsabilidade da mulher. São escassas as informações sobre uso do preservativo na gestação, o papel do parceiro na prevenção e a perspectiva da integralidade no cuidado à saúde. Concluiu que, na comunicação para mulheres, é necessário contemplar os fatores socioculturais (classe social, cor/raça e normas de gênero) que condicionam a vulnerabilidade ao HIV/Aids e sífilis.
4	<b>Objetivo do estudo</b>	Analisar os sentidos sobre sexualidade e Aids produzidos por um grupo de adolescentes de uma Escola da Rede Estadual de Ensino Médio no Rio de Janeiro.
	<b>Resultados do estudo</b>	Encontrou-se a replicação de um discurso unilinear, predominantemente voltado à prescrição e à promoção da saúde por meio do uso do preservativo masculino. Pode-se considerar, a partir das concepções dos jovens, o surgimento de uma nova Aids, compreendida, a partir da oferta de antirretrovirais, como doença crônica.
5	<b>Objetivo do estudo</b>	Realizar um levantamento sobre vídeos educativos junto aos ministérios da Educação e Cultura e da Saúde do Governo Federal brasileiro com o intuito de confeccionar uma lista contendo títulos de materiais que poderiam subsidiar a ação pedagógica.
	<b>Resultados do estudo</b>	Os resultados aferidos demonstram uma tímida iniciativa governamental para a confecção desses materiais, mesmo a sexualidade se configurando como um tema transversal a ser incluído no currículo escolar.
6	<b>Objetivo do estudo</b>	Identificar métodos e materiais instrucionais utilizados pelos enfermeiros nas intervenções educativas com adolescentes para prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids.
	<b>Resultados do estudo</b>	As intervenções educativas apresentaram características de inovação, criatividade e respeito à realidade dos adolescentes. E os materiais usados são: Recursos escritos, auditivos, visuais e modelos para demonstrações
7	<b>Objetivo do</b>	Este trabalho descreve o processo de desenvolvimento de um Jogo Educativo,

	<b>estudo</b>	desenvolvido, de forma compartilhada, com adolescentes da Vila Cafezal, comunidade em uma área de favelas de Belo Horizonte.
	<b>Resultados do estudo</b>	O processo desenvolvido auxiliou os jovens na construção de conhecimento, no diálogo e compreensão sobre atitudes de cada gênero.
<b>8</b>	<b>Objetivo do estudo</b>	Identificar de que forma a sexualidade é tratada nos materiais educativos e quais informações elas contêm. Qual o teor e a importância das imagens ilustradas? E se as cartilhas instituem um padrão de normalidade para as identidades sexuais, ou se diferentes formas de se vivenciar os desejos corporais estão representadas nas mesmas.
	<b>Resultados do estudo</b>	Merece destaque sobre como a sexualidade é vista e discutida nas cartilhas, ainda com cunho predominantemente arraigado ao campo biológico, das orientações prescritivas e da associação do assunto com imagens que causam medo e repulsa, abordando as DST em praticamente todas as ilustrações em fases terminais das doenças, passando a pior manifestação que a doença pode alcançar.
<b>9</b>	<b>Objetivo do estudo</b>	Identificar nos programas escolares de educação sexual esforços além da gravidez e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.
	<b>Resultados do estudo</b>	Incluem a valorização da diversidade sexual, namoro e prevenção da violência pelo parceiro íntimo, desenvolvimento de relacionamentos saudáveis, prevenção do abuso sexual infantil, melhor aprendizagem social / emocional e maior alfabetização midiática. Suporta evidências substanciais que a Educação sexual começando na escola primária, que é andaime e de maior duração, bem como educação LGBTQ inclusiva em todo o currículo escolar é uma abordagem de justiça social para sexualidade.
<b>10</b>	<b>Objetivo do estudo</b>	Analisar os materiais educativos impressos utilizados pela Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Belo Horizonte (BH) sobre temas ligados à saúde sexual e reprodutiva.
	<b>Resultados do estudo</b>	Destaca-se que os materiais são produzidos de forma vertical, tratando o público alvo como algo estanque e homogêneo, prevalecendo a temática DST/AIDS. Na maioria, prevalece a abordagem da dimensão do corpo biomédico em detrimento de uma abordagem mais ampla da sexualidade.
<b>11</b>	<b>Objetivo do estudo</b>	Apresentar algumas reflexões sobre o que tem sido produzido de conhecimento acerca dos materiais educativos visando uma maior compreensão das análises presentes na literatura nacional sobre o tema.
	<b>Resultados do estudo</b>	Na caracterização conjunta dos artigos levantados aponta-se as diversidades de materiais analisados e as predominâncias da temática da saúde.
<b>12</b>	<b>Objetivo do estudo</b>	Analisar materiais sobre a gravidez na adolescência produzidos por órgãos governamentais brasileiros.
	<b>Resultados do estudo</b>	Apesar do esforço de adequar forma e linguagem dos materiais à realidade da audiência, a escolha por mídias tradicionais e a pouca articulação com as diferentes mídias presentes no cotidiano dos adolescentes limitam o alcance desses materiais e sua função de promover hábitos de saúde reprodutiva mais saudáveis.



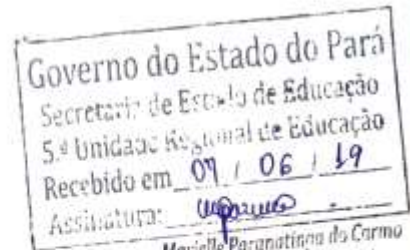


## APÊNDICE N – AUTORIZAÇÃO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA

**Apresentação de Projeto de Pesquisa – Isco / UFOPA**  
Coordenadora do projeto Elaine Cristiny Evangelista dos Reis  
Portaria nº 256, de 06 de dezembro de 2018



Marielle Paranaíba do Carmo  
Assist. Adm. Mac. Sup. 1954  
5ª URE/ADMIN. REGIONAL

Ilmo Coordenador(a) ou responsável da 5ª Unidade Regional de Educação de Santarém  
Av. Curua-Una, 1041 – Urumari – Santarém – PA CEP: 68010-000

**Assunto: Realização de pesquisa com estudantes**

### SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Senhor(a) Coordenador (a),

#### 1. Apresentação do estudo:

Gostaria de apresentar o projeto de pesquisa do Instituto de Saúde Coletiva (ISCO) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) que corresponde a uma pesquisa de Doutorado e tem como título: **Concepções sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis, Prevenção e Vulnerabilidades entre estudantes da rede pública de ensino de Santarém-Pa**, tem como autora a doutoranda **Elaine Cristiny Evangelista dos Reis**, aluna do curso de Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), e está cadastrado como projeto de pesquisa do ISCO da UFOPA, da qual a docente integra o quadro de servidores da instituição.

#### 2. Objetivos do projeto:

1. Compreender as concepções sobre Infecção Sexualmente Transmissível e possíveis relações com as práticas preventivas e vulnerabilidades entre estudantes da rede pública de ensino de Santarém-PA.
2. Descrever o perfil de estudantes do ensino fundamental e médio segundo características sócio-demográficas, cultural, econômica e sua distribuição territorial;
3. Caracterizar as diferentes dimensões de vulnerabilidades dos estudantes com as práticas preventivas das Infecção Sexualmente Transmissíveis;
4. Analisar as concepções dos estudantes sobre IST e práticas preventivas considerando o perfil levantado e as dimensões de vulnerabilidade;
5. Identificar os principais facilitadores e barreiras à informação dos estudantes sobre IST e prevenção, a partir dos materiais e estratégias adotadas na escola e na família;

#### 3. Programação da pesquisa:

A pesquisa está programada para ser realizada em 51 escolas de Santarém, na Zona Urbana, Rural e Planalto, entre escolas de ensino Fundamental do 6º ao 9º ano e do ensino Médio do 1º ao 3º ano da rede Municipal e Estadual, com 615 jovens. A participação desses jovens consiste em responder um questionário e/ou uma entrevista mediante a autorização dos pais ou responsáveis, através da assinatura do Termo de Assentimento Livre e esclarecido. Dessa forma, o jovem só poderá participar do estudo se os pais autorizarem a participação, conforme a resolução 466/2012 que trata de ética em pesquisa com seres humanos.

#### 4. Justificativa do estudo:

É importante destacar que estudos realizados por instituições sérias como a FIOCRUZ e a UFOPA, são essenciais para compreender diversas problemáticas que afetam grupos específicos, como os jovens que estão vulneráveis as Infecções Sexualmente Transmissíveis e diante dos resultados poder pensar ações e direcionar políticas de forma que sejam apropriadas para a localidade e o público em questão.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA

**5. Divulgação dos resultados:**

Os resultados do estudo serão publicados no formato de artigo e revistas de cunho científico e visa contribuir com a qualidade de vida dos jovens de Santarém. Todos os dados obtidos serão fornecidos as escolas participantes bem como a Secretaria Municipal e Estadual de Educação e Santarém, resguardando a identificação dos jovens envolvidos em todas as fases do estudo, conforme orientação ética da resolução 466/2012.

**6. Disposições finais:**

O projeto completo está sendo entregue junto essa solicitação e dessa forma, declaro para os devidos fins e feitos legais que, objetivando atender as exigências para obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos e como representante legal dessa secretaria, tomei conhecimento do projeto de pesquisa "Concepções sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis, prevenção e vulnerabilidades entre estudantes da rede pública de ensino de Santarém-Pa". De autoria de **Elaine Cristiny Evangelista dos Reis**, aluna regularmente matriculada no Curso de Doutorado em Saúde Pública, da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marly Marques Cruz (FIOCRUZ) e co-orientação da Prof. Dr.<sup>a</sup> Eliane Portes Vargas (FIOCRUZ), assim, **autorizo a execução do projeto**, ressalvando que a pesquisa só poderá ser iniciada após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Desde já agradecemos o atendimento e nos colocamos a disposição para maiores esclarecimentos, parcerias, informações ou colaborações.

Santarém, 07 de junho de 2019.

Atenciosamente,

Elaine C. E. dos Reis  
Docente da UFOPA / ISCO  
Siape: 1769119

*Elaine C. E. dos Reis*  
**Elaine Cristiny Evangelista dos Reis**

Docente do ISCO / UFOPA  
Vice coordenadora do curso de Saúde Coletiva do ISCO / UFOPA  
Doutoranda do curso de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ

Contato pessoal da coordenadora do projeto: (91) 98167-3387  
E-mail: elaine@ufpa.br


**Assinatura e carimbo do responsável**

Francisco de Assis do Nascimento Costa  
Diretor da 3ª URE  
Port. nº 000600/2019 de 07/03/2019  
Mat. 5772281-2

Unidade Amazônia – Av. Mendonça Furtado, 2.946 – 2º andar A, sala 204  
68040-050 – Santarém – PA – Telefone: (93) 2101-6766  
Correio eletrônico: adm.isco@ufopa.edu.br



## APÊNDICE O – AUTORIZAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO




**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA**

**Apresentação de Projeto de Pesquisa – Isco / UFOPA**  
Coordenadora do projeto: Elaine Cristiny Evangelista dos Reis  
Portaria nº 256, de 06 de dezembro de 2018

**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**  
Protocolo nº 4825  
PROTOCOLADO EM 07/06/19  
LIVROS nº 15 FOLHAS 32  
*Jandira*  
Educação

Ilmo. Coordenador(a) ou responsável da Secretaria Municipal de Educação de Santarém  
Av. Dr. Anysio Chaves – Aeroporto Velho, 712 – CEP: 68030-290 – Santarém - Pará

**Assunto: Realização de pesquisa com estudantes do 6º ao 9º ano**



**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA**

Senhor(a) Coordenador (a),

**1. Apresentação do estudo:**  
Gostaria de apresentar o projeto de pesquisa do Instituto de Saúde Coletiva (ISCO) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) que corresponde a uma pesquisa de Doutorado e tem como título: **Concepções sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis, Prevenção e Vulnerabilidades entre estudantes da rede pública de ensino de Santarém-PA**, tem como autora a doutoranda Elaine Cristiny Evangelista dos Reis, aluna do curso de Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), e está cadastrado como projeto de pesquisa do ISCO da UFOPA, da qual a docente integra o quadro de servidores da instituição.

**2. Objetivos do projeto:**

1. Compreender as concepções sobre Infecção Sexualmente Transmissível e possíveis relações com as práticas preventivas e vulnerabilidades entre estudantes da rede pública de ensino de Santarém-PA.
2. Descrever o perfil de estudantes do ensino fundamental e médio segundo características sócio-demográficas, cultural, econômica e sua distribuição territorial;
3. Caracterizar as diferentes dimensões de vulnerabilidades dos estudantes com as práticas preventivas das Infecção Sexualmente Transmissíveis;
4. Analisar as concepções dos estudantes sobre IST e práticas preventivas considerando o perfil levantado e as dimensões de vulnerabilidade;
5. Identificar os principais facilitadores e barreiras à informação dos estudantes sobre IST e prevenção, a partir dos materiais e estratégias adotadas na escola e na família;

**3. Programação da pesquisa:**  
A pesquisa está programada para ser realizada em 51 escolas de Santarém, na Zona Urbana, Rural e Planalto, entre escolas de ensino Fundamental do 6º ao 9º ano e do ensino Médio do 1º ao 3º ano da rede Municipal e Estadual, com 615 jovens. A participação desses jovens consiste em responder um questionário e/ou uma entrevista mediante a autorização dos pais ou responsáveis, através da assinatura do Termo de Assentimento Livre e esclarecido. Dessa forma, o jovem só poderá participar do estudo se os pais autorizarem a participação, conforme a resolução 466/2012 que trata de ética em pesquisa com seres humanos.

**4. Justificativa do estudo:**  
É importante destacar que estudos realizados por instituições sérias como a FIOCRUZ e a UFOPA, são essenciais para compreender diversas problemáticas que afetam grupos específicos, como os jovens que estão vulneráveis as Infecções Sexualmente Transmissíveis e diante dos resultados poder pensar ações e direcionar políticas de forma que sejam apropriadas para a localidade e o público em questão.

Unidade Amazônia – Av. Mendonça Furtado, 2.946 – 2º andar A, sala 204  
68040-050 – Santarém – PA – Telefone: (93) 2301-6766  
Correio eletrônico: adm.isco@ufopa.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA

#### 5. Divulgação dos resultados:

Os resultados do estudo serão publicados no formato de artigo e revistas de cunho científico e visa contribuir com a qualidade de vida dos jovens de Santarém. Todos os dados obtidos serão fornecidos as escolas participantes, bem como a Secretaria Municipal e Estadual de Educação de Santarém, resguardando a identificação dos jovens envolvidos em todas as fases do estudo, a orientação ética da resolução 466/2012.

#### 6. Disposições finais:

O projeto completo está sendo entregue junto essa solicitação e dessa forma, declaro para os devidos fins e feitos legais que, objetivando atender as exigências para obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos e como representante legal dessa secretaria, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: **"Concepções sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis, prevenção e vulnerabilidades entre estudantes da rede pública de ensino de Santarém-Pa"**. De autoria de **Elaine Cristiny Evangelista dos Reis**, aluna regularmente matriculada no Curso de Doutorado em Saúde Pública, da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marly Marques Cruz (FIOCRUZ) e co-orientação da Prof. Dr.<sup>a</sup> Eliane Portes Vargas (FIOCRUZ), assim, **autorizo a execução do projeto**, ressaltando que a pesquisa só poderá ser iniciada após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Desde já agradecemos o atendimento e nos colocamos a disposição para maiores esclarecimentos, parcerias, informações ou colaborações.

Santarém, 07 de junho de 2019.

Atenciosamente,

*Elaine C. E. dos Reis*  
Docente da UFOPA / ISCO  
Siapa: 1763119

*Elaine C. E. dos Reis*  
**Elaine Cristiny Evangelista dos Reis**

Docente do ISCO / UFOPA

Vice coordenadora do curso de Saúde Coletiva do ISCO / UFOPA  
Doutoranda do curso de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ

Contato pessoal da coordenadora do projeto: (91) 98167-3387

E-mail: elaine@ufpa.br

*Marcos Moura Gentil*  
**Marcos Moura Gentil**  
Assessoria para Assuntos  
Educação - SEMED

**Assinatura e carimbo do responsável pela Secretaria Municipal de Educação**

## ANEXO 1 –AUTORIZAÇÃO CEP – CONEP

COMISSÃO NACIONAL DE  
ÉTICA EM PESQUISA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Concepções sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis, Prevenção e Vulnerabilidades entre estudantes da rede pública de ensino de Santarém - PA.

**Pesquisador:** ELAINE CRISTINY EVANGELISTA DOS REIS

**Área Temática:** Estudos com populações indígenas;

**Versão:** 7

**CAAE:** 15934719.9.0000.5240

**Instituição Proponente:** Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### Considerações Finais a critério da CONEP:

Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte

**CEP:** 70.719-040

**UF:** DF

**Município:** BRASILIA

**Telefone:** (61)3315-5877

**E-mail:** conep@saude.gov.br